"Uma fantasia original com ótimos personagens, complexidade emocional e um universo fantástico que eu nunca havia previsto."

VICTORIA AVEYARD,
autora de ***A rainha vermelha***



MAGÔNIA

MARIA DAHVANA HEADLEY

Galera

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MARIA DAHVANA HEADLEY

MAGÔNIA

Tradução
Alda Lima

1ª edição

Galera
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H343m

Headley, Maria Dahvana

Magônia [recurso eletrônico] / Maria Dahvana Headley ; tradução Alda Lima. - 1. ed. - : Galera, 2016.

recurso digital

Tradução de: Magonia

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Star Books Digital

ISBN 978-85-01-10843-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Alda. II. Título.

16-36611

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

Magonia

Copyright © 2015 by Maria Dahvana Headley

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10843-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



PARA CHINA

{{{{ &,&,& }}}}

PRÓLOGO

Inspiro. Expiro. O céu está cheio de nuvens. Uma corda desce do alto, do céu até a Terra. Vejo o rosto de uma mulher a me encarar, e, à nossa volta, centenas e centenas de pássaros. A revoada flui como água, subindo pelos ares, preta e dourada e vermelha, e tudo está seguro e frio, iluminado pelas estrelas e pela lua.

Sou pequena em comparação àquilo, e não estou no chão.

Sei que todo mundo sonha estar voando, mas este não é um sonho de estar voando. É um sonho de estar flutuando, e o oceano não é feito de água, e sim de vento.

Chamo isso de sonho, mas parece mais real que minha vida.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Agradecimentos

CAPÍTULO 1

{AZA}

Minha história é feita de hospitais.

É isso que conto às pessoas quando estou com vontade de ser uma combinação de engraçada com estressante, o que acontece em boa parte do tempo.

É mais fácil já ter uma frase pronta do que ser forçada a conversar com alguém cuja expressão no rosto exibe "falsa gentileza", "falsa preocupação" ou "falso interesse". Meu método preferido é o seguinte: fazer uma piada, ensaiar uma cara parte humilde, parte bizarra, e sair da conversa em cinco segundos contados.

Aza: "Não há nada de muito errado comigo. Não se preocupe. Apenas tenho um histórico de hospitais."

Pessoa em questão: "Er. Hum. Ah. Sinto muito por isso. Ou, espere, que *bom*. Acabou de dizer que não há nada de muito errado com você! Que bom!"

Aza (cara ficando mais bizarra): "É incrivelmente gentil da sua parte perguntar."

Entrelinha: Não é. Deixe para lá.

As pessoas geralmente não perguntam mais nada depois disso. A maioria é educada. Meus pais e minha família nem tanto, mas pessoas aleatórias? A

professora substituta que se pergunta porque estou tossindo tanto que tenho que sair da sala, e depois ir à enfermaria, e então fazer uma agradável ligação para a emergência, chamando uma ambulância para me levar de volta ao meu lar de linóleo branco?

Esse tipo de gente tipicamente não quer me lembrar de coisas que sem dúvida já sei. Que sei mesmo. Não seja idiota. E não pense que *eu* sou idiota.

Isso não é como em, tipo, *Adoráveis Mulheres*. Beth e sua personalidade boazinha e inválida me fizeram ter vontade de vomitar. Como as pessoas acham que ela não está morrendo. Como ela evidentemente estava. Naquele tipo de história, no instante em que alguém resolve te enrolar com cobertores e você sem querer sorri fracamente, você está morta.

Por isso não tento sorrir fracamente, mesmo que esteja me sentindo fraca, o que às vezes secreta ou não secretamente estou. Não quero me transformar numa inválida catastrófica enrolada-em-um-cobertor.

Bang, bang, está morta. Feche os olhos e vá para a cama.

Observação: inválida. Quem foi que inventou essa palavra e a fez ser a mesma coisa que não válida? Essa pessoa era péssima.

Então, certo, a questão da morte vem à tona com frequência na minha presença. Adultos não querem falar sobre ela. Sério, não é como se *eu* quisesse falar sobre o assunto também. Mas as outras pessoas da minha idade querem.

MORTE MORTE MORTE, todo mundo pensa, como se estivéssemos em nossos carros, passando devagar por acidentes em uma estrada o dia todo. Ficam repugnantemente fascinadas.

Alguns de nós, os que estão de fato morrendo, talvez se sintam menos fascinados que os outros. Talvez, preferiam não estar presos num lugar onde as pessoas estão sempre falando de coisas relacionadas à morte de celebridades, seja de qual tipo for: a overdose, o acidente de carro, o colapso misterioso...

As pessoas da minha idade gostam de chorar e especular dramaticamente sobre como pessoas da nossa idade podem morrer. Escute alguém que sabe do que está falando. Escute a pessoa cujo papel foi, durante anos, ser *A Garota Que*

Eu Conhecia Bem E Que Morreu Um Dia.

Não que eu já tenha morrido. Ainda estou cem por cento por aqui. Motivo pelo qual toda a morbidez artística/gótica é um saco.

Os adultos gostam de falar em morte muito menos do que as pessoas da minha idade. A morte é o Papai Noel do mundo adulto. Só que um Papai Noel ao contrário. O cara que leva os presentes embora, com seu grande saco por cima do ombro, subindo de volta pela chaminé, carregando tudo da vida de uma pessoa e saindo em disparada do telhado com suas oito renas. Com o trenó pesado das lembranças e taças de vinho e panelas e potes e suéteres e queijos quentes e lenços de papel e mensagens de texto e plantas feiosas e pelos de gato tricolores e batons usados pela metade e roupas que não chegaram a ser lavadas e cartas que você se deu o trabalho de escrever, mas nunca o de mandar, e certidões de nascimento e cordões arrebentados e meias descartáveis com rasgos nas solas das visitas a hospitais.

E lembretes que você grudava na porta da geladeira.

E fotos de garotos por quem tinha uma queda.

E um vestido usado num baile no qual dançou sozinha, antes de ficar magra e ofegante demais para dançar.

Junto de, provavelmente, apesar disso não ser digno de pensar muito, uma alma ou algo parecido.

Enfim, adultos não acreditam em Papai Noel. E tentam ao máximo não acreditar no Papai Noel ao contrário também.

Na escola, toda a situação doença-rara-morte-iminente faz de mim algo bizarramente singular. Na vida real, faz de mim um problema. Expressão de preocupação, bang, expressão de nervos à flor da pele, bang: "Talvez devesse conversar com alguém sobre o que sente, Aza", com uma porção intragável de e-quanto-a-Deus-e-quanto-a-terapia-e-quanto-a-antidepressivos?

Às vezes também e-quanto-a-curandeiros-e-quanto-a-ervas-e-quanto-a-cristais-e-quanto-a-ioga? *Já experimentou fazer ioga, Aza, porque ajudou uma amiga de um amigo que estava morrendo, mas não morreu por causa da posição*

cachorro olhando para baixo?

Não. Nunca experimentei fazer ioga para curar minha coisa porque ioga não vai curar minha coisa. Minha coisa é um Mistério e não apenas um Mistério qualquer. É tipo um Triângulo das Bermudas; mas sem o sol.

Desconhecido. Sem solução.

Tomo punhados de remédios todas as manhãs, apesar de ninguém ter certeza absoluta do que há realmente de errado comigo. Sou rara assim.

Rara no sentido de exames de sangue e testes, e coisas descendo pela garganta. Rara no sentido de ressonâncias magnéticas e raios X e ultrassons e amostras e nunca um único diagnóstico claro.

Rara no sentido de minha doença estar num palco, de smoking, cantando uma música com um verso no estilo "Baby, você é a única para mim". E a doença simplesmente fica ali, esperando que eu ande para seus braços abertos e desista de resistir.

Talvez pareça que estou exagerando. Não. Minha doença é tão rara que foi chamada de *Síndrome de Azaray*.

Por minha causa, Aza Ray Boyle.

Maldade. Não quero uma doença com o mesmo nome que eu, um tipo de estranha imortalidade em forma de caso médico, significando que estudantes de medicina vão repetir meu nome pelas próximas centenas de anos. Ninguém perguntou nada a MIM quando o laboratório publicou um artigo na revista *Nature* e deu a essa doença meu nome. Teria negado. Gostaria de ter batizado minha doença eu mesma: a Idiota, ou talvez tivesse dado um nome feio, como Elmer ou Clive.

Nenhum dos assuntos acima, o papo sobre morte e morrer, são coisas das quais tenho vontade de falar de verdade. Não estou deprimida. Só fodida. Sou assim desde que me lembro. Não há uma versão da minha vida que *não seja* fodida.

Sim. Tenho permissão para usar essa palavra se tiver vontade, e uso. Tenho vontade de xingar esse assunto. Sou eu aqui neste corpo, muito obrigada, então

ferrada e prejudicada não se encaixam; não vamos perder tempo com coisas que não podemos mudar. Sou uma versão editada de uma garota viva de verdade, ou pelo menos é o que digo quando quero contar alguma coisa, mas preferia não falar sobre isso apesar de ter que dizer logo para passarmos a assuntos melhores em seguida.

Sim, sei que não pareço bem. Não, não precisa se preocupar. Sei que queria poder ajudar. Você não pode. Sei que provavelmente é uma boa pessoa, mas... a verdade? Tudo sobre o que quero conversar com estranhos é qualquer coisa menos sobre essa coisa.

A verdade sobre ela, no entanto? O básico, o dia a dia da Síndrome de Elmer/Clive/Idiota/Azaray? Preciso morar em cômodos livres de poeira. Isso é uma realidade desde quase sempre. Quando nasci, era saudável e teoricamente perfeita. Quase exatamente um ano depois, do nada, meus pulmões pararam de entender o que era ar.

Minha mãe entrou no quarto certa manhã e me encontrou tendo uma convulsão. Como minha mãe é minha mãe, teve a presença de espírito de fazer respiração boca a boca em mim. Me manteve viva até que pudessem me levar ao hospital. Onde também — mal — me mantiveram viva, empregando uma máquina para me manter respirando. Me deram remédios e fizeram coisas para manter a densidade do oxigênio menor, em vez de maior. Melhorou um pouco.

Isto é, melhorou muito, considerando que ainda estou aqui. Apenas não melhor o bastante. No começo, pelo que pareceram séculos, dormia dentro de uma concha feita de plástico transparente e tubos. Minha história é feita de abrir os olhos em quartos onde não fui dormir, de afagos de paramédicos, de estridentes sirenes vermelhas e brancas. É simplesmente assim, quando se é a sortuda que tem Clive.

Pareço estranha, e meu organismo é estranho, e todo mundo está sempre tipo: *er, nunca vi uma merda dessas antes*. Tenho mutações por todo o corpo, dentro, fora, em toda parte, exceto o cérebro, que, aparentemente, é normal.

Todo o sofrimento de desequilíbrio químico que algumas pessoas têm? Não

tenho. Não acordo tomada de medo do apocalipse, não tenho vontade de fazer nada do tipo arrancar meus dedos com os dentes, ou beber até entrar em coma. Na minha situação, ter um cérebro que, na maior parte, apenas obedece suas instruções não é nada.

Tirando isso, sou Aza-O-Show. Sou uma Feira Mundial. (Tudo que eu queria, TUDO, é que fizessem uma Feira Mundial ao contrário, de preferência numa cidade perto da minha. Estandes cheios de decepções, grandes mostras de estruturas feitas para desmoronarem. Nada de Mostras Oh-Meu-Deus-O-Futuro-Será-Incrível, mas o oposto. Nada de carros voadores. Carros que andam devagar como lesmas.)

Tento não me envolver com minha doença, mas ela é persuasiva. Quando toma conta de mim, a falta de ar pode me derrubar no chão; me debato, chiando, como algo pescado do fundo de um lago. Às vezes tenho vontade de voltar àquele fundo de lago e começar tudo de novo em outro lugar. Como outra *coisa*.

Secretamente, na verdade semissecretamente, considerando que falo isso em voz alta às vezes — acho que não nasci para ser humana. Não funciono direito.

E agora estou com quase 16 anos. Falta uma semana.

Enfermeira da escola: "Você é um milagre! É o *nosso* milagre!"

Aza Ray Boyle: (sons de ânsia de vômito).

Como ainda estou viva, estou pensando em dar uma festa. Tem aquela questão dos 16. Aquela história de que é considerado uma grande coisa. Tudo muda, e, de repente, você se vê num vestido cor-de-rosa beijando um garoto bonito ou fazendo um número musical.

Vou esclarecer: isso é o que acontece nos filmes. Nessa vida? Não sei o que acontece a partir daqui. Nada em que eu queira pensar muito.

Quem eu convidaria? TODO MUNDO. Exceto as pessoas de quem não gosto. *Conheço* gente suficiente para categorizar o grupo que classifico como todo mundo, mas talvez só goste de cinco ou seis delas no total. Eu *poderia* chamar meus médicos, o que aumentaria radicalmente o grupo. Sugeri isso a meus pais alguns dias atrás, e agora estão me rondando, pensando em meu humor

questionável. No qual estão pensando desde sempre.

Mas pergunto a você: não seria pior se eu fosse perfeita? Minhas imperfeições me tornam menos digna de luto.

Ninguém gosta de aniversários. Todos em casa ficam nervosos. Até as plantas parecem nervosas. Temos uma que se encrespa. Ela não pode ficar no mesmo cômodo que eu, mas às vezes a visito, e ela se encolhe. Neste momento está encolhida como uma bolinha de Dê O Folha Daqui.

Sacou?

Dê o folha? (Ah, risos. Quantos risos.)

Ensino médio. Primeiro sinal. Atravessando o hall principal. Passando por um bilhão de armários. Atrasada para a aula. Sem desculpas, exceto pela de sempre.

Ergo a mão em punho para cumprimentar Jason Kerwin, também atrasado, que não registra em seu rosto minha presença, assim como não registro a sua no meu. Apenas com as mãos. Nos conhecemos desde os 5 anos. É meu melhor amigo.

Jason é uma exceção a todas as regras de preocupações parentais referentes a Companhia-de-Humanos-Que-Não-Seus-Pais, porque conhece bem como funcionam todos os protocolos de emergência.

Tem permissão para me acompanhar a lugares aonde meus pais não querem ir. Ou *querem*, mas nos quais não querem gastar horas. Aquários, coleção de insetos e dioramas de taxidermia do Museu de História Natural, livrarias de volumes raros onde precisamos usar máscaras e luvas se quisermos tocar em alguma coisa, quartos cheios de estranhas borboletas, coleções de modelos cirúrgicos de ossos em tamanho natural descobertas na internet.

Et cetera.

Jason nunca fala sobre morte, a não ser no contexto de coisas mórbidas legais sobre as quais queremos pesquisar na internet. Aza Rey e a Grande Falha de Seu Físico? Jason deixa esse feioso assunto quieto.

Segundo sinal, ainda no hall, e levanto um casual e relevante dedo para Jenny

Green. Mecha cor-de-rosa no cabelo, cotovelos mais pontudos que adagas, jeans colado praticamente no valor de um carro usado bacana. Jenny tem me irritado ultimamente por existir. Isto é, não apenas por existir. Por ser má. Temos uma guerra silenciosa. Sequer merece palavras a essa altura, apesar de ter me xingado há alguns dias num frenesi de coisas não permitidas. Xingar a garota doente? Por favor. Sabemos que isso não é legal.

Eu meio que semirrespeito sua transgressão. É um tanto ousado fazer aquilo que ninguém jamais teve coragem de fazer. Ultimamente, tem circulado essa história contagiosa de que lembro um fantasma faminto e assassino de um filme de terror japonês, então Jenny foi à escola usando batom azul e pó facial branco. Para me sacanear.

Jenny sorri e me manda um beijo cheio de veneno. Eu o apanho e devolvo através de meus lábios, hoje bastante azuis, a assustando. Estremeço um pouco na sua direção. Se vou fazer o papel de menina fantasma, pelo menos vou fazê-lo em meu benefício. Ela fica me encarando como se eu tivesse jogado sujo, e sai correndo, cheia de repulsa, para sua aula.

Insira aqui uma parada sem sentido no meu armário. Caminhada lenta. Olhadela nas janelas das salas de aula, através da tela de arame que colocaram nelas para desencorajar pessoas como eu a espiar pessoas como eles.

Minha irmãzinha Eli me percebe a encarando, e levanta o olhar de sua álgebra. Comemoro um pouco no corredor, livre, punhos para o alto para a liberdade que ninguém mais tem a essa hora da manhã. Privilégios de doente. Eli revira os olhos para mim, e continuo andando, tossindo apenas um pouco, controlável.

Sete minutos de atraso para a aula de inglês do Sr. Grimm, que me recepciona de sobrancelhas erguidas. *A Perpetuamente Atrasada Senhorita Aza Ray*, seu apelido para mim, e sim, o sobrenome é mesmo Grimm. Cego como um morcego, óculos de hastes grossas, gravata estreita como a de um hipster, só que o visual não lhe cai bem.

O Sr. Grimm é musculoso, apesar de nunca levantar a manga da camisa. Ele

tem aquele tipo de braço que luta contra o tecido das roupas, o que me diz que, na verdade, ele não tem vida e, simplesmente, existe, intercalando ser professor com beber shakes de proteína.

Poderia pertencer à parte do prédio dedicada à educação física, exceto que, quando abre a boca, é totalmente nerdtástico. Também acho que tem tatuagens, que já tentou cobrir de diversas maneiras. Maquiagem. Mangas compridas. Não é muito inteligente ter uma caveira/navio/pin up (?) permanentemente pintada em você. Vai precisar estar com o punho da camisa sempre abotoado.

O Sr. Grimm entrou esse ano. Jovem, se é que se pode chamar 30 de jovem. Mas a tatuagem é interessante. Não consigo distinguir o que é exatamente, porque nunca a vi por completo.

Me faz querer ter tatuagens. Quero uma pior do que o que quer que seja a dele.

Ele reclama constantemente que eu poderia ter mais potencial se ao menos prestasse atenção em vez de ficar com a cara enfiada num livro enquanto ele dá aula. Só que ele não pode lamentar muito, considerando que sou uma das, vamos ver, quatro pessoas da escola que leem.

E sei que é banal. Sim, gosto de ler. Me mate. Poderia dizer que cresci numa biblioteca e que os livros foram meus únicos amigos, mas não foi bem assim, foi? Porque tenho misericórdia. Não sou um gênio ou uma garota destinada a virar um tipo de mago. Sou apenas eu. Leio coisas. Os livros não são meus únicos amigos, mas somos amigos. Então pronto.

Não preciso prestar atenção à aula do Sr. Grimm. Já li o livro, seja ele qual for, neste caso, *O velho e o mar*.

Cara obcecado. Peixe grande. Variedade de fracassos épicos. Não consigo deixar de imaginar quantas gerações de alunos já não foram oprimidos por histórias sobre essa mesma maldita coisa.

Para quê? Qual de nós está ou um dia vai estar no meio de uma luta mortal contra um peixe grande? Qual é o sentido?

Eu li *Moby Dick*, mais uma versão de Cara Obcecado, Peixe Grande, e

taxonomias de mágoas e sonhos perdidos.

Eu sei, baleia não é peixe. Cetáceo mamífero. Ainda assim, baleias sempre foram protótipos para histórias de grandes peixes, o que faz todo tipo de sentido, dado como a natureza humana sempre está errada quanto a tudo.

Li até mesmo os capítulos de *Moby Dick* que ninguém lê. Poderia lhe dizer tudo que precisa saber sobre extração de baleias. Confie em mim, você não vai querer saber.

Pergunte-me sobre *Moby Dick*, Sr. Grimm. Por favor.

Fez isso uma vez, cerca de um mês atrás, achando que eu estava mentindo quando falei que o havia lido. Fiz um discurso digno de prêmio sobre frustrações e alegorias e oceanos e sonhos inalcançáveis virar uma discussão sobre filmes com temática pirata, caminhar na prancha de um navio e astronautas mulheres. O Sr. Grimm ficou ao mesmo tempo impressionado e preocupado. Ganhei crédito extra, do qual não preciso, e também tomei uma detenção por interrompê-lo, punição pela qual, na verdade, o respeitei.

Olho para Jason Kerwin, que está imerso em seu próprio livro. Olho para o título. *Sonhim, o sonho, de Kepler: com o texto e notas na íntegra de Somnium, Sive Astronomia Lunaris*. Parece velho e quase nojento, uma cópia reciclada de capa dura da biblioteca. Foto grande da superfície da lua na frente.

Ideia nenhuma: eu.

Deslizo a mão sobre sua mesa e o pego para ler as orelhas. *A primeira história de ficção científica*, diz, *escrita nos anos 1620*. Um astrônomo conta a história de uma viagem até a lua, mas também tenta colocar no romance uma defesa da teoria de Copérnico, porque estava procurando uma maneira de falar sobre ela sem ser executado por heresia. Só que depois as pessoas perceberam que todas as partes de fantasia eram basicamente códigos de Kepler para a astronomia e equações.

Observo a quarta capa. Há uma bruxa alien voadora.

Incrível. Meio que meu tipo de livro. Exceto que eu preferiria se pudesse escrever meu próprio livro. Este é sempre o problema envolvendo coisas com

idiomas imaginários e mistérios. Quero ser criptógrafa. Mas não estou nem perto de ser uma. Sou apenas o que costumava ser chamado de "entusiasta". Ou talvez tenha um hobby. Aprendo o máximo que consigo em, tipo, quinze minutos de buscas na internet, e então finjo, veloz e furiosa.

Sendo assim, as pessoas acham que sou mais inteligente do que elas. Me dá espaço para fazer o que eu quiser fazer, sem que me cerquem com perguntas sobre as coisas. Faz com que não perguntem sobre o lance de estar morrendo. Invoco privilégio factoide.

— Me dá — sussurra Jason. O Sr. Grimm lança um olhar de *cale a boca*.

Penso em como convencer meus pais a respeito da festa de aniversário. Acho que estão pensando em coisas como patins e palhaços e bolo e balões; como a festa que me deram quando fiz 5 anos.

Daquela vez, ninguém apareceu, exceto por duas garotas forçadas por suas mães a ir, e Jason, que foi de penetra. Não apenas andou mais de 1 quilômetro até minha festa sem ser convidado, como o fez de traje formal: uma fantasia completa de jacaré de um Halloween passado. Jason não se deu ao trabalho de informar suas mães para onde estava indo, então elas chamaram a polícia, convencidas de que havia sido sequestrado.

Quando as viaturas chegaram do lado de fora do rinque de patinação e os policiais entraram, imediatamente ficou claro que Jason e eu estávamos destinados a ser amigos. Estava patinando na fantasia de jacaré, girando elegantemente, com sua comprida cauda verde arrastando-se atrás dele quando exigiram que se entregasse.

Até que aquela festa não foi tão ruim assim.

Para o aniversário de número dezesseis, estou rascunhando uma versão melhor daquilo no meu caderninho: um palhaço morto, um bolo de camadas gigantes de dentro do qual apareço, um balão de ar quente que desce do céu. Da cesta do balão há uma corda. Subo nela. Voo para longe. Para sempre.

Quanta dor isso encerraria? Tanta. Exceto pela dor do palhaço, que morreu, não de acordo com sua própria vontade, e sim com a minha.

Aparentemente o Sr. Grimm me escuta rir.

— Poderia compartilhar conosco, Srta. Ray?

Por que sempre usam essa frase? O resto da turma está fazendo uma prova. Eles levantam o olhar, aliviados por terem sido legitimamente distraídos. Jason sorri de lado. Nada como encrenca para fazer um dia passar mais rápido.

— Quer mesmo que eu compartilhe? — pergunto, porque estou à toda hoje. — Estava pensando em morrer.

Ele me lança uma expressão exasperada. Já usei essa frase na aula do Sr. Grimm. É uma linda coisa que não se faz. Os professores derretem-se como bruxas molhadas quando a pronuncio. Meio que gosto do Sr. Grimm, no entanto, porque ele meio que me saca. O que significa que me olha de verdade. O que, em si só, já é estranho. Ninguém me olha muito atentamente. Têm medo de que minha insustentabilidade os afete. Aquela bolha de plástico na qual vivi quando era pequena? Ainda está aqui, mas agora é invisível. E feita de algo mais duro do que plástico.

— Morrer no sentido de qual obra literária, Aza? — pergunta, sem dó.

— Que tal *A tempestade*? — respondo, porque lá está a obra, no programa de estudos, se aproximando. Tudo é oceano esse semestre. — Gêmeos afogados.

— Os gêmeos afogados que não se afogam realmente são de *Noite de reis*, não *A tempestade* — corrige. — Tente de novo, Ray.

Embaraçoso. Não sei o que dizer, infelizmente.

— Toque de novo, Sam? — provoco, ilegalmente usando o primeiro nome do Sr. Grimm. Em seguida, embarco em meu método tradicional: um-fato-que-os-faz-pensar-que-você-sabe-de-todos-os-fatos. Pode-se aprender os detalhes mais estranhos de uma página no Wikipédia. — Exceto que essa fala não existe. "Toque, Sam" é como deveria ser, mas as pessoas querem que pareça mais romântico e menos como uma ordem.

Grimm suspira.

— Você ao menos assistiu *Casablanca*? Mais dez minutos até largarem os lápis. Eu faria o teste se fosse você, Aza. E não me chame de Sam. É Samuel. Só

pessoas que não me conhecem me chamam de Sam.

Ele venceu, pois tem razão. Realmente não vi *Casablanca*. Aquela fala era a única informação que tinha. Cedo e pego meu lápis para navegar com o velho e o mar.

Samuel. Quem dá a seu filho o nome de Samuel hoje em dia? Penso em fazer um comentário sobre nomes da literatura: Samuel Clemens, Mark Twain e *Vida no Mississipi*, recentemente lido, mas não o faço. Da última vez em que o fiz, tornou-se um duelo, e tem algo no meu peito agora que me faz questionar se posso duelar propriamente sem tossir.

Há uma tempestade se formando lá fora, e as árvores estão batendo nas janelas. As persianas chacoalham como loucas, considerando que esse edifício é um troço velho, cheio de vazamentos.

Jason coloca um bilhete na minha mesa. O Sr. Grimm é muito atento a telefones vibrando, então optamos por abolir a tecnologia. *Lula gigante*, diz. *Amanhã, 17 horas. Sua casa.*

Era para termos assistido ao vídeo algumas noites antes, mas estava tossindo tanto que parei no hospital. Um saco.

Precisei ser examinada, e, quando acordei da anestesia, o cirurgião estava me olhando com a expressão padrão de *caramba, isso eu nunca vi.*

Mutante, escrevi no caderno de notas que haviam me dado caso tivesse algo a dizer.

O médico olhou para mim e, em seguida, riu. "Não", disse. "Você é uma moça especial. Nunca vi cordas vocais como as suas antes. Poderia ser cantora."

Se conseguisse respirar, escrevi, e ele teve a gentileza de parecer mortificado.

Em solidariedade, Jason não assistiu à filmagem da lula gigante sem mim, apesar de ter tentado convencer os funcionários a colocarem o vídeo na emergência. Não teve permissão das enfermeiras. Elas são duronas.

Falando em oceano e seus grandes peixes... Esta é a primeira filmagem jamais feita de uma lula gigante nadando em seu próprio habitat. Imagine essa inacreditável coisa meio monstro marinho com globos oculares do tamanho da

cabeça de uma pessoa e corpo com tentáculos de quase 8 metros de comprimento. Do tamanho de um ônibus escolar. Agora, note que ninguém nunca a vislumbrou se mexendo lá embaixo antes. É basicamente um milagre, e, se isso existir, talvez também existam coisas no lago Ness. Talvez existam coisas em todo lugar, por toda parte. Talvez exista... esperança?

Porque toda vez que alguém descobre um novo animal, ou uma nova coisa incrível na Terra, significa que não estragamos tudo ainda.

Até agora, só havia vídeos de lulas gigantes bem mortas ou bem doentes, mas um cientista desceu num submersível, encontrou uma e a filmou.

Jason conhece alguém com acesso ao Woods Hole, os oceanógrafos de Massachusetts, e soube da expedição. Ele roubou o vídeo de um servidor quatro dias atrás, e não para de falar nisso desde então.

Lanço um sorriso para Jason, mas ele está mergulhado em seu livro. Abaixo a cabeça para fazer o teste quando, do outro lado da janela, acima do viveiro das iguanas, vejo algo no céu.

Apenas por um segundo, aquilo é estranhamente familiar; algo com que sonhei ou vi numa foto, talvez.

Um mastro. E uma vela.

Mais de uma vela; duas, três. Como num navio alto. Grandes, brancas, batendo. E da tempestade surge a proa de um navio.

Que...

Já alucinei antes, mas jamais nada dessa magnitude. Li alguma coisa recentemente sobre miragens no céu, *fata morgana*, acho que é como se chamam.

Alguém certa vez viu Edimburgo flutuando no céu acima de Liverpool durante meia hora, mas de onde isso — esse *barco* — está refletindo? Estamos em terra. Bem no meio da terra.

Estendo a mão e puxo a manga do Sr. Grimm. Ele me fita, irritado.

Olha para janela e, por um instante, não se move, encarando-a concentradamente. Em seguida tira os óculos e olha mais uma vez.

— Merda.

— O quê? — pergunto. — Está vendo? Consegue ver?

Ele balança a cabeça.

— Tempestade — responde, fechando as persianas em seguida.

Quando elas batem no peitoril e a sala de aula volta a ser apenas uma sala, escuto um assovio, demorado e agudo. Não exatamente um assovio. Mais do que um assovio.

Deixe-me corrigir. Bem mais que um assovio.

Aza, disse o assovio. *Aza, está aí?*

CAPÍTULO 2

{AZA}

Nada disso é real, Aza Ray Boyle, não é real.

É o que estou murmurando para mim mesma.

Isso é novidade, esse tipo de incidente. O tipo que tem a ver com meu cérebro.

Minha mãe olha na minha direção do outro lado da mesa da cozinha, ajeitando seu rabo de cavalo loiro e grisalho enquanto franze a testa.

— Tem certeza de que está bem? Não parece bem. Lembra da última vez em que teve alucinações? Você teve febre.

Quando ela te olha, você já era. Não há como fingir perto da minha mãe. Ela passou o dia todo no laboratório. É imunologista e, quase todas as noites, fica fora até tarde, envolvida com ratos.

Hoje chegou em casa relativamente cedo, onze e meia. Seus experimentos têm sido péssimos ultimamente. Não anda tendo tolerância alguma para o que chama de "enrolação", neste caso, eu dizendo a ela que estou bem e não preciso de um médico.

— Greta — começo. — Estou tão bem quanto sempre estive.

— Greta — repete — não é como me chama, Aza Ray.

— Você não precisa me chamar de *filha* — respondo. — Pode me chamar pelo *meu* nome.

Ela nem se dá ao trabalho de responder; já começa a medir doses e enfia um termômetro em minha boca.

— OK, *filha* — concede, sorrindo para mim como se eu merecesse. Minha mãe tem um sorriso ao mesmo tempo amoroso e amedrontador. A emoção dominante é apenas uma questão de milímetros.

Então... não estou convencendo nem um pouco ao tentar fingir que estou bem.

— Está com quase quarenta graus de febre — anuncia. — Aí está a causa do navio voador.

Geralmente, estou com certa febre. Estou acostumada. Suada ou fervendo. Que seja. Minha mãe enrola um cobertor em volta de meus ombros. Me livro dele assim que posso. (Cobertor premonitório de morte? Não, obrigada.) Visto meu suéter de capuz com um milhão de bolsos. O barulho do zíper não tem permissão de me lembrar um saco de transporte de corpos.

— Respire, Aza — instrui minha mãe.

Olho atravessado para ela.

— Respirar? Sério?

— Respire e pare de surtar, porque surtar não adianta nada, e tome esse remédio.

E antes mesmo de ela terminar de falar, o comprimido já está na minha boca e, juro, aparentemente sou um cachorro, ela me faz engoli-lo antes mesmo de eu notar que me deu um comprimido. Sua outra mão segura um copo d'água a postos, então pronto, estou engolindo o remédio.

Esta é Greta. Ela é rápida. Para que resistir?

Além disso, os remédios parecem ajudar.

Disseram, quando eu tinha 2 anos, que teria sorte se chegasse aos 6. Quando fiz 6, disseram que seria sorte alcançar os 10. Quando cheguei aos 10, todos ficaram espantados, e então disseram 16.

E aqui vem 16, movendo-se agilmente em nossa direção.

Então agora, quando correm comigo até o hospital, minha família tem todo

um processo para lidar com as coisas sobre as quais não queremos falar. Chegamos ao ponto de escrevê-las, só por precaução. Minha mãe acha que, de alguma forma, vai tornar tudo menos problemático, toda a coisa do medo-de-morrer.

Tenho, por exemplo, um pedido de desculpas escrito por ela pela vez em que me bateu quando tinha 5 anos e ofeguei e chiei até entrar em um curto coma. Eu perdoo esses incidentes. Nem mesmo os considero incidentes. Mas ela insiste que leve comigo o papel caso precise ir para o hospital assim mesmo.

Minha mãe tem um pedido de desculpas por escrito meu pela categoria "sarcasmo pesado". Eli ganhou um chamado *Grosseria em Excesso*, *Roubo de Atenção dos Pais por Ficar Doente e À Beira da Morte Repetidamente Mas Não Morrer*, e a categoria *Roubo de Roupas*.

A destinada a meu pai é mais algo como *Coisas Nas Quais Não Estava Muito Interessada, Partes 1 a 36*.

Minha mãe tem feito — durante os últimos muitos anos — um projeto paralelo a seu trabalho normal. Está criando um rato, um tipo de super-rato, que na teoria vai ser imune a diversas toxinas inaláveis do ambiente. É baseado num rato fodão de Chicago que tem uma mutação respiratória. O plano é que essa nova espécie tenha uma mutação que os deixe capazes de fechar suas narinas e reduzirem sua necessidade de ar, pelo menos temporariamente, combinada a algumas diversas imunidades a todo tipo de praga.

O rato tem a função de ser um passo em direção à criação de uma droga. Deve ajudar fabricantes de remédios a criar uma droga capaz de fazer pessoas que não são capazes de respirar o ar normal muito bem conseguirem lidar com isso de maneira melhor. Pessoas como eu, obviamente. Mas há outros usos, o que pelo menos convenceu algumas pessoas a financiarem a pesquisa. Se alguém, por exemplo, explodir uma bomba com gás asfixiante? Esse rato deve conseguir reagir com relativa calma durante mais ou menos uma hora, o que pode ou não dar ao gás tempo para se dispersar. Originalmente, minha mãe tentou fazer piada sobre ratos de guerra, pensando no camundongo de *Alice no País das*

Maravilhas.

Ratos de guerra. Piada fracassada.

Minha mãe é totalmente contra guerras. Jamais quis ajuda militar para sua pesquisa, pois, evidentemente, para cada pessoa que vá proteger com uma droga de ratos de guerra (civis, crianças, professores, qualquer um preso numa zona de guerra e à mercê de um ataque químico), você também está criando uma versão na qual os atacantes poderiam potencialmente tornarem-se eles mesmos imunes a venenos que estivessem lançando pelos ares.

O que significa que está em permanente conflito. Tudo o que queria era criar algum tipo de remédio para asma em escala maior, algo que ajudaria toda a categoria de problemas pulmonares, enfisema, asma, Azaray. Mas, em vez disso, acabou desenvolvendo ratos de guerra.

Eli também está à mesa, cortando 3 milímetros das pontas de seu cabelo com uma tesoura que ela mesmo afiou no amolador de facas. Ela é precisa. Não sei como consegue, mas, quando termina, a coisa toda parece uma folha de papel lisa e loira; as pontas de seus cabelos ficam impecavelmente retas.

Não nos parecemos em nada. Meu cabelo é preto e encaracolado, e meus olhos, apesar de azuis, são de um tom escuro, com gotas de dourado e vermelho no fundo. Os olhos de Eli são da cor do céu mais claro possível. Se isso fosse um conto de fadas, instantaneamente seria rotulada de irmã boa, e eu, de irmã má.

— Item um — começa Eli, sem se dar ao trabalho de reconhecer minha superioridade de irmã mais velha. — Você escutou um trovão. *Todos nós* escutamos um trovão. Eu escutei da sala de álgebra. Item dois: você viu nuvens. O que todos também vimos. Era uma tempestade. Item três: você alucinou um navio, basicamente por causa de efeitos colaterais e da febre. Não há como a tempestade ter falado com você — conclui. — Aliás, também não havia nenhum alto falante gritando seu nome. Só para sua informação.

Possivelmente, comecei a gritar um pouco na aula do Sr. Grimm. Possivelmente, fiz uma cena. Possivelmente, sou conhecida por fazer drama. Eli possivelmente é conhecida por sua incrível natureza não histérica. Apesar de ter

apenas 14 anos e todo o direito a ter acessos de raiva e o que costumava ser conhecido como alterações de humor.

Não. A equilibrada Eli. Ficou menstruada pela primeira vez no ano passado, e reagiu do tipo, *Certo, tudo bem*. Depois, foi direto para a aula de balé num collant, e não teve problema nenhum com aquilo.

Eu mesma nunca fiquei menstruada, o que na verdade não me chateia muito. Adie esse sofrimento, é o que digo. É porque sou magra demais e não consigo ganhar peso.

Esclarecimento: por "magra demais", não quero dizer Gótica Sexy em Busca de Vestido Florido e Batom para se tornar a Garota Que Secretamente Sempre Foi Bonita Mas Nunca Notamos Até Agora. Quero dizer: um cadáver ambulante. Pele como a de um defunto e, às vezes, quando tusso, é bem nojento. Só esclarecendo.

Também não tenho certeza do que aconteceu hoje. Meu pai teve que ir me buscar da sala do diretor, depois de eu ter gritado algumas palavras relacionadas a liberdade e vontade própria e persianas. Sr. Grimm me olhou atravessado e me informou que já sabia aonde deveria ir. Enfermaria ou sala do diretor. Alterno entre as duas.

Meu pai me buscou, compreensivo, mesmo tendo, ele mesmo, sido repreendido também. Há uma tentativa sendo feita de não me tratar como uma aberração, e sim como uma pessoa normal. Não há nenhum tratamento especial para mim.

Além de todo o tratamento especial já estabelecido, é claro.

Por exemplo, há um sistema de apoio, o que significa que presumivelmente sempre tem alguém acompanhando meu avanço pelos corredores de canto de olho caso eu caia no chão, sufocando. Não tenho muita fé nessa precaução. Não saberia lhe informar quem estava de olho em Aza hoje, por exemplo.

Quando se trata de tomar um sermão, no entanto, tudo acaba sendo relativamente típico.

Diretor: "Srta. Ray, você sabe que não deve causar esse tipo de comoção na

sala de aula."

Tenho vontade de responder: "Defina 'saber'."

Porque, às vezes, me vejo fazendo coisas que "sei" que não deveria estar fazendo, mas isso não me impede. As atividades à margem do meu cérebro me atraem, e elas são fortes. Diariamente, preciso intencionalmente *não* pensar nelas se quiser manter o foco.

Na oitava série, perdi o controle e, uma hora depois, tinha transformado minha cópia de *As vinhas da ira* em um circo com 134 animais de origami; avestruzes e elefantes, vagões de trem com rodas de verdade, acrobatas.

Houve uma época ruim na terceira série quando precisava usar de todo o meu esforço para me manter longe do aquário. Ficava achando que os peixes me encaravam. E então, mais uma vez, na sexta série, quando tinha um canário na sala. Daquela vez, eu juro, ele *falou* comigo. Não através de palavras. Apenas ficou em seu poleiro, me encarando fixamente e cantando incrivelmente alto; tão alto que precisou ser levado para outra sala, pois estava atrapalhando a todos.

Pássaros. Nunca não tive problema com pássaros. Sou aquela pessoa que sempre é atingida por seus excrementos, não importa que espécie a esteja sobrevoando. Sempre uso chapéus ao ar livre.

Enfim, sala do diretor.

Aza: "Vi uma coisa estranha no céu."

Pai de Aza: "Peço desculpas por minha filha. Seus remédios..."

Aza (não gostando da insinuação de alucinação): "Não, tem razão. Estava entediada. Então inventei. Deixe para lá."

Diretor (revirando os olhos para o caso de estar sendo alvo de zombaria minha): "Apenas não repita isso, Srta. Ray. Chega de encrenca."

Encrenca sendo pronunciada como um palavrão.

Após deixar a sala do diretor, encostei a testa na janela da escada para procurar o que havia visto antes. Mas não, nada. Não estava mais lá.

Agora, meu pai parece exausto. Ele preparou a comida. Esta noite, algum tipo de macarrão com molho de desespero. Há manteiga de amendoim envolvida. Ele

jura que é legítima culinária tailandesa, mas não há esse tipo de macarrão na comida deles. Nem carne seca. Estou bastante certa de que há carne seca no meio.

— Ela realmente viu *alguma coisa* — conta meu pai a minha mãe.

Ela lança um olhar em direção a ele, que geralmente já tem seus problemas por acreditar em coisas que desafiam a lógica. É um imaginador inveterado. Mamãe e Eli são as realistas da casa. Meu pai finalmente dá de ombros e volta-se para o fogão.

— Ela *alucinou* alguma coisa — rebate minha mãe. — Não viu.

— Ela tem uma *imaginação fértil* — oferece Eli, e dá uma risadinha com aquela frase idiota, que é usada a meu respeito desde que me entendo por gente.

— Não importa — falo. — Acabou. Esquece.

Já fui ao jardim mais uma vez, olhando para o céu, que está escuro, apesar de uma fina lasca de lua, e não há nada de estranho nele. Está como sempre esteve, o céu, e lá também está a Estrela do Norte.

Gosto do céu. Ele faz sentido para mim, de uma maneira que a vida não faz. Olhar para ele não me faz mal como você poderia achar, dada toda a mitologia de menina-moribunda-olhando-para-o-céu. Não penso no céu como uma espécie de paraíso. Penso nele como um monte de gases e ecos distantes de coisas que costumavam estar pegando fogo.

O nome certo para a Estrela do Norte é Cinosura, batizada assim por causa de uma ninfa. É uma *scip steorra*, "estrela navio", para navegação. Em algumas histórias antigas (mérito dos muitos peculiares e incríveis filósofos do século XVII — neste caso, Jacques Gaffarel; e não, não sei explicar como o descobri, exceto que em algum momento, enfiada na biblioteca, vi um diagrama circular do céu, e as estrelas pareciam insetos numa placa de Petri, e fiquei Totalmente Obcecada), os desenhos das estrelas formavam letras. Alfabetos celestes. Escritas que são reescritas conforme a Terra se movimenta. Se olhar para o céu sob essa ótica, ele é um enorme poema mutante, ou, talvez, uma letra de música, primeiro escrita por um autor, depois, quando a Terra se move, anotada por outro. Então

o encaro repetidamente até, um dia, conseguir lê-lo.

Quando era pequena, tentei sair escondida durante a noite para absorver minha dose de estrelas. Tinha um plano envolvendo a janela do meu quarto, o cano de drenagem e uma subida em vez de descida. Minha mãe me flagrou jogando o cobertor por cima das telhas, mas se rendeu e me levou para o telhado às quatro da manhã, acompanhada por todo tipo de equipamento respiratório, só por precaução. Ficamos olhando o céu juntas, enroladas no meu edredom, com uma garrafa térmica, uma lanterna e um livro sobre constelações. Ficamos sentadas ali em silêncio, e, de tempos em tempos, mamãe me mostrava a foto de uma das estrelas e explicava seu significado.

Então, quando reclamo? É nesse contexto. Meus pais são os tipos de pais que as pessoas sonham em ter. Não têm problema algum em instalar um abajur cheio de furinhos que projetam toda a Via Láctea no teto do meu quarto quando o acendo.

Imagine se fosse capaz de enxergar todas as estrelas que não vemos mais. Se todas as luzes fossem apagadas, no mundo inteiro, o céu estaria em chamas e louco, como minha lâmpada o faz parecer.

Não sei navegar através das estrelas, mas uma vez li sobre alguém que cruzou um oceano inteiro numa jangada pequena feita em casa, da América do Sul até a Polinésia. *Kon-Tiki*, chamava-se a jangada. Ele era um explorador norueguês chamado Thor.

Meio que queria que meu nome fosse Thor. Passa essa ideia de ser um guerreio. Mas não. Aza. Chamada assim por causa de quem? De ninguém.

Sequer comecei a vida me chamando Aza Ray. Esse foi o nome que me deram depois que meus problemas respiratórios começaram. Antes disso, meu nome era Heyward. (Heyward era um tio-avô. Eli também tem nome de um dos nossos tios-avôs. Não sei bem o que há de errado com nossos pais. Não podiam nos ter dado os nomes de nossas tias?)

Ainda sou Heyward nas certidões oficiais, e não conte a ninguém. Mas...

Mamãe: “Aquele dia, depois de acharmos que iríamos perder você, de repente

soubemos que seu nome era Aza. Você nasceu para ter o nome de todo o espectro, de A a Z. Foi perfeito."

Papai: "Simplesmente veio até nós. Foi estranhamente espiritual. Pensamos: quem poderia desafiar uma sensação dessas?"

Esse nome, no entanto, contribuiu mais ainda para minha esquisitice. Durante grande parte do primário, me chamavam de Ava, porque uma das professoras errou, e deixei rolar. Mas um dia acabei sendo descoberta, numa reunião de pais e professores.

Aza. Durante anos, achei que, se tinha que ser um palíndromo, deveriam ter me chamado de *kuulilennuteetunneliluuk*: a palavra estoniana para a parte de uma arma por onde a bala passa a caminho de te matar.

Se vai fazer algo, faça-o direito. Certo?

Em vez disso, sou o alfabeto. Dependendo da sua visão de mundo e conhecimento da história do alfabeto, também poderia ter um & silencioso ali no meio. O sinal tironiano costumava ser a vigésima sétima letra. Recitava-se o alfabeto e, no final, dizia-se X, Y, Z, &. Então, se tratando de meu nome, que é um alfabeto em loop, isso significa que entre Z e A, você tem que acrescentar um & também. Az(&)a.

Tem algo incrível em ter esse & no nome, pelo seguinte: o símbolo em si é a palavra em latim para "e", no caso, *et*, com suas duas letras entrelaçadas. Sendo assim, há um extraterrestre invisível no meu nome.

Jason e eu descobrimos isso há cinco anos, e ficamos obcecados por meu ET interior.

Quero dizer, como não ficar? "ET, minha casa" e tal.

Viu só como estou tornando isso tudo incrível, e não apenas estranho? Pode me dar esse crédito? Isso faz com que me sinta ligeiramente melhor em alguns dias. Em outros, nem tanto.

Hoje? Hoje está uma merda.

Meu peito está chiando agora mesmo, e estou fingindo que não está, mas há algo envolvido na tristeza de talvez-provavelmente-basicamente-com-certeza

estar alucinando de novo, alguma coisa no fato de ser um caso para testes de qualquer droga nova que o mercado possa desenvolver que me deixa num estado tão triste que, antes que me dê conta, estou sentada à mesa da cozinha com minha família, aos prantos e tossindo ao mesmo tempo.

Eles me levam para o chuveiro, onde sento num banquinho em meio ao vapor, nua e amarga, inalando água e tentando esquecer o navio que vi, as palavras gritadas do céu, tentando esquecer de tudo, incluindo aniversários de 16 anos e pais e tristezas.

— Sabe que você é apenas especial, querida — diz minha mãe, enquanto fecha a porta do quarto. — Estamos nessa com você. Não está sozinha. Nós te amamos.

— Mesmo se eu morrer? — pergunto, porque sou fraca. — Ainda vão me amar mesmo se eu morrer?

Minha mãe fica na soleira da porta. Noto que está tentando se acalmar o bastante para me responder. Posso vê-la tentando dizer "Você não vai morrer", mas não se permite esse gesto, pois seria uma mentira deslavada.

Está se forçando a me acalmar nesse corpo estragado, sem tempo nem estabilidade suficiente. Greta está apertando com força o batente da porta, mas o rosto diz *Não se preocupe*. Ela engole em seco e sorri para mim.

— Mesmo se morrer — responde. — Está bem? Vamos amá-la para todo o sempre. Até o fim dos tempos.

Como estou me sentindo muito, muito mal, penso em dizer "Não vão não. Quando as pessoas morrem, você acaba se esquecendo delas. Precisa fazê-lo. O tempo passa. Nada é *tão* importante assim". Mas não digo.

Minha mãe sai do quarto em silêncio.

Acha que não posso escutá-la chorando no corredor durante uma hora depois que, supostamente, fui dormir.

Acha que não escuto quando liga o carro e dirige de volta ao laboratório porque é tudo que sabe fazer: a demorada solução através da pesquisa, a invenção de uma cura para algo que ninguém sequer entende.

Gostaria que meus pais não tivessem que estar constantemente pensando em

mim e em meus problemas. Tenho uma visão dos dois juntos numa praia, bebendo drinques decorados com guarda-sóis.

Jamais fomos à praia. Eles nunca tiraram férias sozinhos, porque: *eu*.

Então, agora estou pensando sem compromisso em pegar carona até outra cidade. Ou em roubar o carro e dirigir até outra cidade. Eu talvez semi-meio-que-tipo sei dirigir. Aprendi há três meses, com meu pai no banco do carona, e mamãe no banco de trás, ambos jurando que confiavam em mim, mesmo quando atropelei nossas lixeiras.

Mamãe: "Não se preocupe. Ninguém jamais morreu a 3 quilômetros por hora."

Papai: "Lesmas?"

Mamãe: "Lêmures."

Papai: "Musaranhos. Espere aí. A que velocidade musaranhos se movem?"

Mamãe: "Musaranhos se movem incrivelmente rápido. São predadores. Tiram sonecas de emergência de dez segundos, e o resto do tempo caçam. Você perdeu."

Papai (rindo): "E você ganhou."

Eu: "Er. Devo ligar o motor novamente?"

Não tirei carteira. Mas sei dirigir em alta velocidade, porque me ensinaram isso também, no meio da noite, ilegalmente e na estrada, fora da cidade. Nunca o fiz sozinha, mas fiz com meus pais. Dirigi muito, muito rápido.

Se pudesse dirigir rápido assim até outra cidade, poderia morrer por lá. Possivelmente num hotel. E salvar a todos da catástrofe de me assistir partindo.

Eli, penso. *Não importa o que eu faça, isso vai simplesmente destruí-la.*

E a noite toda fico pensando em como o que quer que tenha escutado vindo do céu, não foi na minha língua, e não foi realmente um conjunto de palavras. Mas foi familiar. Senti isso na pele, da maneira mais estranha.

Senti como se alguma coisa estivesse me chamando, como uma campainha.

CAPÍTULO 3

{AZA}

Acordo às 4h30, suando e em pânico, com o coração palpitando, e tossindo. Minha pele parece tão esticada que não consigo ter certeza de que não está se rasgando. Ando tremula até o banheiro e olho no espelho. Pareço eu. Só que minha versão dolorida.

Sonho o resto da noite com rostos estranhos e penas, e fico me sentindo sufocada, como se alguma coisa estivesse sendo pressionada sobre meu nariz e minha boca, como se tivesse alguma coisa nos pulmões. Acordo de novo, e são 7 horas. O sol está nascendo, e estou tossindo e me convencendo a não surtar.

Não consigo me livrar da sensação de que minha pele está esticada demais contra os ossos, salientando-se. A boca também está estranha. Minha tosse está epicamente pior do que na noite passada.

Então, nada de escola. Em vez disso, consultório médico, onde visto meu próprio avental branco aberto nas costas, com meu nome bordado e tudo — pequenas regalias — e meus próprios chinelos.

Já fui conhecida por inventar coisas sobre esses eventos. Geralmente, é o baile Preto e Branco. Truman Capote. Meu avental branco aberto nas costas é feito de seda e vem com uma anágua, e talvez um belo tule feito da alma de Audrey Hepburn. (Audrey foi convidada, mas não compareceu.) Exceto que, nessa festa

fabulosamente glamourosa, acho que não havia mais ninguém sem a parte de baixo do vestido. Não há alegria nenhuma em sentir suas coxas congelando ao tocar uma mesa de exame.

Este é um hospital infantil, entretanto, então há outros piores que eu. Já vi cortinas sendo subitamente fechadas, e, do outro lado, o inconfundível som de pais chorando. Já vi o povo da ONG Doutores da Alegria andando pelos corredores, fantasiado e pronto para performance, e crianças doentes aparentando que o mundo tinha virado de ponta-cabeça e dado a elas tudo o que sempre quiseram no último momento possível.

O que querem, inevitavelmente, são coisas feitas de tentar ser como todo mundo. Uma vez vi um certo ídolo adolescente de cabelo comprido usando calças de couro vermelhas desfilando pelo corredor para realizar o sonho de alguém. Um pouco depois, o vi ir embora, parecendo atônito.

Erro clássico: aparecera convencido de que faria os cegos voltarem a enxergar, de que faria os moribundos sobreviverem. Não funciona bem assim. Pessoas famosas não são mágicas. Apesar de acharem o contrário.

Uma criança vira correndo o corredor, careca e magra, como uma espécie de filhote de passarinho faminto e grande. Ele está perseguindo um palhaço, no entanto, não fugindo de um médico, então a cena não é tão terrível.

O palhaço para na porta da minha sala de exame e chacoalha os pompons de arco-íris. O paciente de 3 anos bate palmas empolgado e me olha com os olhos arreganhados e excitados. Apesar de meu mau humor, acabo sorrindo também.

Apesar de ser abertamente uma violação de minhas regras contra fazer amizade com outras vítimas do inimaginável, quando o médico chega, já estou com a criança no colo, e o palhaço está alternando entre soltar bolhas de sabão e tocar “Over the Rainbow” numa gaita. Uma escolha musical não muito boa, na minha opinião, mas uma à qual tenho sido exposta durante anos. Algumas pessoas acham reconfortante imaginar-se sendo levadas para o outro lado do arco-íris quando morrem, agarradas pelos tornozelos por um pássaro azul e lançadas no vazio.

Quero dizer, tudo bem. Obviamente, existem possibilidades mais perturbadoras. A criança está murmurando feliz com a música. Nenhum de nós é o pior caso possível. Estamos andando, falando e tossindo quase como humanos normais.

A Dra. Sidhu chega, e o palhaço leva a criança no colo pelo labirinto que é o hospital. Minha médica começa sua série de procedimentos de sempre, batendo e escutando meu peito, como se fosse uma vizinha tentando espiar através de uma porta trancada.

Exceto que a Dra. Sidhu é o tipo de vizinha que pode ver através das paredes. A expressão em seu rosto não muda. É a *não* mudança que me diz que há algo errado...

— Hum — murmura.

— O que quer dizer com hum? — pergunto.

Conheço a Dra. Sidhu desde que nasci. Nunca diz "hum". E é do meu corpo que estamos falando aqui. Meus órgãos ficam em lugares estranhos.

Há uma teoria de que as coisas dentro da minha cavidade torácica mudaram de lugar durante aquele período inicial de realmente, realmente não conseguir respirar. Um de meus pulmões, por exemplo, é inclinado até o centro de meu peito. Minhas costelas são mais flexíveis do que deveriam ser se eu fosse outra pessoa que não Aza, carregando uma doença chamada Clive.

Clive, a Idiota, torna meu peito achatado, minhas costelas, pontudas, e meu pulmão, inclinado. Tirando isso, sou totalmente incrível.

— Tem um barulho incomum. Pare de falar.

Não quero parar de falar, mas paro, porque a Dra. Sidhu me olha com uma expressão ameaçadora. Tem pouca paciência para gente como eu, tagarelando durante as consultas. Ela muda o estetoscópio de lugar e examina meu coração. (Coração. Também fora do lugar. Ele nunca teve muito espaço. Nós lidamos com essa merda, lidamos, de verdade, mas abençoado seja qualquer intrépido médico que tenta escutar meu coração, batendo onde não está. Já deixei alguns médicos tentarem, só para ver sua reação quando momentaneamente acham que, de

alguma forma, consigo andar e falar sem ter um coração. Entretenimento.) Ela me leva para a sala de raio-x e desaparece brevemente para olhar os resultados.

— Ressonância — decreta.

Ótimo. Posso até ver meu pai do outro lado da porta, apavorado.

— Estou bem — digo a ele, quando chego à sala de espera numa cadeira de rodas (política do hospital). Direto para o túnel da ressonância, onde lhe dão tampões de ouvido, mas, ainda assim, você escuta coisas estourando e clicando e sibilando e cantando enquanto ecoam em suas entranhas.

Às vezes, quando estou aqui, finjo que sou uma baleia, no fundo do mar, escutando os cantos e ruídos da minha família baleia. Hoje, escuto algo mais parecido com: *Aza, Aza Ray*.

É como se estivesse ouvindo algo vindo de fora de novo. Ou seria de dentro? Não importa de onde esteja vindo, odeio isso.

— Prenda a respiração — orienta o técnico. — Tente não tossir.

Tento não tossir. Finjo ser "lula gigante" em vez de "baleia". Luzes piscam. Coisas assoviam e estalam e apitam e me fazem sentir como se devesse estar escutando alguma outra coisa. Certa vez, li sobre criaturas do fundo do oceano e como os ruídos da superfície estão atrapalhando suas sondas. Um grande número de baleias perdidas encontrando-se nas cidades; coisas desse tipo. Li outra coisa sobre caos sonoro, de como a natureza deveria ser harmônica, mas como os sons humanos estão estragando tudo, e agora as pessoas estão enlouquecendo por causa do atonalismo de tudo. Talvez eu já tenha enlouquecido.

Aza, vá lá para fora.

Aperto o botão de chamada.

— Escutou isso?

— Escutei o quê? O barulho irritante? Você sabe como funciona, querida, já esteve aqui mil vezes — diz o técnico, Todd, uma pessoa amigável.

Todd sempre me dá uma almofada quente a mais antes que eu entre aqui. Eu o adoro, porque faz hora extra numa clínica de depilação a laser, matando

folículos. Ele tem umas boas histórias sobre exterminar bigodes indesejados de rostos de mulheres. As pacientes da clínica de depilação permanente ficam imensamente agradecidas todas as vezes. Aqui, as pessoas tendem a grunhir. Ninguém gosta realmente de fazer uma ressonância magnética, e todo mundo que faz uma está doente.

— Estamos quase terminando. Você está bem?

Não estou, porque o que acontece, assim que digo que estou, é a campainha começar de novo. Escuto: *Azaescuteescuteazaazaazaescutevenhaparafora*.

Aperto os dentes, não tusso e aguento. Não é fácil aguentar.

Quando saio do aparelho, está todo mundo me olhando, como que pensando *Que diabos?* Esse não é o jeito habitual com que as pessoas te olham quando você sai de uma ressonância. Todd suspira e me dá um tapinha no ombro.

— Não pode mencionar que lhe contei, mas basicamente, tem uma pena no seu pulmão esquerdo.

— Do verbo "criei uma pena"?

É claro que não estou criando penas. Mas é a primeira coisa que me vem à cabeça.

Todd esclarece:

— Do verbo "achamos que você aspirou uma pena". O que explicaria a tosse.

Exceto que não. Esse é o tipo de coisa que se percebe. Se você inspirasse ar, e nesse ar viesse junto uma pena grande o suficiente para aparecer nesse exame...? Você saberia. Saberia MESMOOOO. Saberia.

Eles cedem e me mostram, e sim. Uma pena do tamanho do meu dedo mindinho. Essa pena só pode ter vindo de um travesseiro, e travesseiros de pluma não são permitidos no meu quarto. Quem quer que tenha colocado um travesseiro de penas no meu quarto está seriamente encrencado. (Eli, obviamente. Meu pai está tão estupefato quanto eu.)

Não penso nas vozes que tenho escutado.

Não penso no céu.

Não penso em como tudo na minha vida parece apocalíptico. O apocalipse,

como todos nós sabemos, é um sinal de traição cerebral, e meu cérebro é a única parte do meu corpo que sempre esteve bem.

— Existe alguma explicação? — pergunta meu pai, mas os técnicos não respondem nada.

— A Dra. Sidhu vai chamá-la para um acompanhamento — diz Todd. — Sério, não diga a ela que viu isso.

Naturalmente, tenho visto resultados de ressonâncias há anos. Todo mundo me mostra tudo. É como as coisas são quando se é um paciente a vida toda. Tenho estudado exames de imagem há mais tempo que Todd. Isso não significa que esse não esteja totalmente me assustando.

Todd também está assustado. Posso perceber. Está assoviando baixinho, de modo a me deixar mais confortável, mas que, na verdade, me deixa em pânico.

Seu assovio, naturalmente, não tem palavras nem padrões de palavras por trás de si. Não mesmo, exceto que estou ouvindo palavras a *cada* assovio. *Tudo* parece senciente para mim agora, e não consigo evitar. Os ruídos de solas de borracha no chão. O ranger das portas.

Visto de volta minhas roupas e diversos acessórios de metal. Brincos. Cordão. Sutiã desnecessário.

Aza, venha aqui fora.

O fato de poder ouvir isso combinado a um tipo de canto de pássaros?

Não é relevante a nenhum de meus medos, nenhum de meus pesadelos, nenhuma das coisas com as quais tenho me preocupado.

Não tem significado.

Não é absolutamente nada.

CAPÍTULO 4

{AZA}

É incrível recebermos permissão para deixar o hospital, mas recebemos. Voltaremos amanhã para mais pinçadas na traqueia. Já tive momentos piores. Pelo menos não é nenhuma cirurgia. Tento não pensar no fato de que é uma pena, não uma mecha de algodão; no fato de que está tudo errado; no fato de que faltam apenas cinco dias para o meu aniversário.

Não penso no centro do meu peito, onde as costelas se encontram, nem como deve ser seu aspecto aberto: portas francesas para o jardim venenoso de alguém.

De qualquer maneira, não é assim que cirurgiões alcançam os pulmões. Mas alguma coisa nisso tudo parece não ter a ver só com pulmões. Minhas costelas chacoalham como a gaiola de um pássaro. Não há nada nelas que não deveria estar ali. Juro isso para mim mesma enquanto atravessamos o estacionamento.

O céu está cheio de enormes nuvens de tempestade, para as quais, muito enfaticamente, não olho. Não tenho vontade de ver mais nenhum navio. Foi assim que tudo isso começou, e quero que termine. Estremeço, apesar de estar bem agasalhada.

— Tudo bem. É para mim que você conta as coisas — começa meu pai. — Confesse, Aza. Andou fumando?

Olho atravessado para ele.

— Isso é sério, Henry. Você age como se não fosse sério.

— Agora sou Henry? Não, pode continuar me chamando de pai. Cigarro? Maconha? Narguilé?

Narguilé. Realmente faz essa pergunta. Como se estivéssemos onde? Existem narguilés no mundo, sim. Já vi as lojas no distrito da faculdade, as pessoas lá dentro fumando e parecendo meio desconfortáveis e meio excitadas, mas sério? O único lugar no qual posso imaginar alguém *realmente* fumando um narguilé é em *As mil e uma noites*.

— Não tenho mil e uma noites para ficar fumando, mesmo que quisesse, o que não é o caso, porque ninguém fuma narguilé a não ser que estejam numa história, e a não ser que não sejam eu — respondo.

— Você *tem* mil e uma noites — discorda meu pai, soando confiante. — Tem duas mil e uma. Três mil e uma. Você tem trinta mil e uma noites.

Está sorrindo como se estivesse me falando a verdade.

Quando tinha 10 anos, meu pai me levou à cama elástica do nosso vizinho, e ficamos pulando juntos. Isso era totalmente não permitido, mas ele o fez mesmo assim, contra os conselhos do médico e as regras de mamãe. Pulamos, e, quando terminamos, ele me colocou no chão, deu uma cambalhota de costas no ar e fez uma reverência para mim. Parecia ter, talvez, distendido alguma coisa crucial, mas estava sorrindo.

"Certo", disse meu pai na ocasião. "Isto foi alguém que não deveria dar cambalhotas no ar dando cambalhotas no ar. Caso esteja se perguntando sobre isso."

— Não se preocupe com a pena — diz ele agora. — Posso ver que está preocupada. Vamos passar por isso. Sou um grande guerreiro. Se por acaso Garibaldo estiver morando no seu quarto, vou matar aquele pássaro.

Isso, na verdade, é estranhamente reconfortante para alguém que está bastante certa de que vai morrer. Ter um pai disposto a declarar guerra contra uma instituição americana tão enraizada quanto o personagem principal de *Vila Sésamo* não é pouca coisa.

— Mesmo que ele dê uma de Hitchcock? — pergunto.

Por um instante, meu pai e eu ficamos sentados em silêncio no carro, imaginando a cena: um céu horrivelmente cheio de grandes pássaros amarelos de pernas compridas mergulhando em nossa direção. A princípio é engraçado, porém, em seguida, mais preocupante do que se possa imaginar.

— Não ligo. Ainda lutaria com ele por você — argumenta. — Arrancaria suas penas até o fim.

Para falar a verdade, já estou quase rindo quando chegamos em casa.

Jason Kerwin está me esperando nos degraus da porta da frente. São apenas duas da tarde, o que significa que Jason não está onde deveria estar, isto é, na escola. Meu pai nota isso ao mesmo tempo que eu e suspira.

— Precisa que eu ligue para a escola? — pergunta meu pai a ele.

— Está brincando? — indigna-se Jason. — O que pensa que sou? Já está tudo arranjado. Estou no dentista. Limpeza de rotina que se tornará uma pequena cirurgia na gengiva com alguns dias de licença para me recuperar. — Vira-se para mim. — Vou com você ao hospital amanhã.

Como sabia sobre eu ter de ir ao hospital amanhã é um mistério.

Jason há tempos coleciona informações. Ele também é um empreendedor com três patentes, uma delas, de um composto químico que pode ser borrifado em roupas, lavando-as a seco em segundos. Vem numa lata pequena do tamanho de uma pilha, e pode ser pendurada num chaveiro. Criou aquilo para pessoas que não querem que os pais descubram que elas fumam. Jason não fuma, porque não se fuma quando sua melhor amiga tem uma doença de pulmão mortal e aterrorizante batizada com o próprio nome, mas ele viu que existia um mercado ali.

Ele tem outra patente para um pequeno pedaço de plástico que encaixa em lençóis de elástico de hotéis ou hospitais, meio que como uma calçadeira, e que permite que as pessoas façam a cama em metade do tempo normal. Esses pedaços de plástico são fabricados num lugarzinho chamado Fábrica Kerwin em Nova Déli. Jason coordena a coisa toda pelo celular. Tivemos discussões sobre a

mão de obra e as questionáveis políticas a respeito de terceirização, mas não ganhei. Há partes de Jason extremamente TOC até mesmo para mim. Sua visão de fábrica triunfou sobre minha ideia utópica de coisas feitas a mão primariamente de madeira. Então, ele não é perfeito. Às vezes faz coisas só porque pode, e não necessariamente da maneira que deveria.

Está matando tempo na escola. Mal passa nas matérias porque diz que está provando uma teoria. Planeja se formar como um dos últimos da classe e, então, dominar o mundo. Melhor para as inevitáveis e certeiras biografias em seu futuro, imagino.

Jason é notoriamente frustrante para todos os professores. Não usa seu potencial de gênio. Apenas olha para você sem demonstrar nada, e o conquista.

— Uma pena no pulmão. Sério? Você aspirou uma pena? Estava pensando numa coisa tipo Ícaro?

Quando tínhamos 10 anos, tive uma queda pela história de Ícaro. Jason construiu as asas a partir de desenhos feitos por Leonardo da Vinci. Aconteceu que asas de lona e madeira da Renascença não funcionam quando se está pulando do telhado da garagem. Ele quebrou o braço, e eu, a perna, e aquele foi o fim de Ícaro. Nossos pais ficaram aliviados. Foi uma de nossas poucas demonstrações de seminormalidade. Contaram para todo mundo a história do fracasso das asas durante anos, com as vozes esperançosas e um tom de *ai, essas crianças fazem as coisas mais loucas*. O tempo todo omitindo qualquer outra das coisas muito mais malucas que eu e Jason fazíamos.

Quando tínhamos 12 anos, roubamos o Pontiac de Eve, mãe de Jason, e dirigimos quase 500 quilômetros para conseguir as penas certas para empalhar um grifo de mentira. Pagamos um cara esquisito em dinheiro vivo, voltamos para a estrada e retornamos para casa, encontrados na entrada da casa de Jason e Eve. O Pontiac estava com o porta-malas cheio de perus mortos e linces atropelados da estrada, congelados, junto de garras de urubus e um estoque significativo de cola e olhos de vidro. Eve, devo dar o crédito, fez uma expressão de *irado* no rosto quando abrimos o porta-malas, porque Eve é o tipo de pessoa

que faria um grifo de mentira sem pensar duas vezes, mas logo teve que fazer seu papel de mãe e fingir estar chateada. Carol, a segunda mãe de Jason, ficou de cama durante quatro dias.

Jason e eu fazíamos coisas normais também, coisas de ralar o joelho, capturar insetos e tal. Mas foi a história do grifo que ficou na memória de todo mundo.

Ou Jason vai ser recrutado pela CIA ou vai ter uma vida de crime. Ninguém sabe qual das duas opções. Quero dizer, como se fossem opções excludentes de qualquer maneira.

— O quê? — pergunto a ele. — Acha mesmo que tem direito a uma opinião quanto a inalar penas?

Sento-me, apesar do gelo no degrau. Meu pai suspira, tira o casaco e o coloca em volta do meu.

— Cinco minutos — decreta. — E então venho lhe buscar.

— Não inale isso — brinca Jason, apontando para o casaco, apesar de estar claro que o enchimento é falso, e não feito de plumas.

Ficamos sentados por um minuto, confortavelmente quietos, exceto pelo fato de que o dia foi tão ruim que nada consegue ser realmente confortável.

— Há uma grande possibilidade de uma coisa — digo, experimentalmente.

— De?

— Você sabe. Em breve. Muito em breve.

— Você está morrendo desde sempre — rebate Jason, que não respeita as regras. — E, se acham que as coisas estão acelerando, estão errados. Você parece bem.

Ele me olha.

— Para os seus padrões, parece bem.

Seu rosto entrega que não pareço. O fato dele subitamente tirar seu cachecol e o enrolar em volta da minha garganta me diz que não pareço. Jason normalmente não parece nervoso, apesar de ter passado toda a vida num constante loop de cálculos, preocupado com tudo.

— Como você está? — pergunto. — Parece meio estranho.

— Qual é — rebate, falando rápido demais. — Estou bem, isto é, não é comigo que precisamos nos preocupar, obviamente. Então pare de se preocupar comigo.

Essa versão de Jason não cai bem.

— Tomou seu remédio?

— Pare. É claro que tomei.

Fico desconfiada. E também culpada. Se Jason está preocupado desse jeito, é culpa minha.

Meu pai nos faz entrar, mas nos deixa a sós na cozinha. Jason começa a preparar seus doces. Observo-o de costas subindo os punhos da camisa e colocando o avental de meu pai. O cabelo é da cor do chocolate que está derretendo. Ele tem sardas na nuca, cinco sardas. Seu traço mais marcante é o vinco sério entre suas sobrancelhas, que tem desde que tínhamos 9 anos e percebemos que, definitivamente, não éramos imortais.

Não sei como uma pessoa que também é um gênio pôde ter achado que viveríamos para sempre, mas estava trabalhando em algum tipo de composto químico relacionado a estrelas-do-mar e tartarugas, e tinha bastante certeza, até aquilo explodir na sua garagem, de que iria ser totalmente A Parada. Acho que tentava criar novos pulmões para mim, mas nunca admitiu.

Jason parece alguém recentemente emergido de uma cidade isolada. Semana passada, usou a camisa de um velho pijama de *Guerra nas Estrelas*, com o terno de seu avô por cima, para ir à escola. O pijama era de uma época em que não tinha a altura que tem agora. As mangas desciam só até pouco depois de seus cotovelos. A camiseta estava apertada. Ele não ligava. Vi garotas olhando na sua direção o dia todo, não com a esperada expressão de horror, mas com a de uma feliz surpresa nos olhos.

Era como se seus peitorais tivessem crescido durante o verão. Bem, exceto que não, mas você entendeu. Ele se tornara discretamente sexy, ou algo assim.

Jason, entretanto, não notou as garotas. Quero dizer, ele é hétero, mas nunca ligou se os outros sabiam ou não. Ele tem duas mães. Da última vez que alguém fez um comentário crítico a respeito daquilo, Jason deixou o cara com um olho

roxo. Seu gancho de direita, e o hematoma resultante, surpreendera a todos nós, incluindo Jason. Deve ser porque não é como se ele saísse por aí socando pessoas normalmente.

Quando está com vontade, é conhecido por fazer bombas de chocolate. Hoje, está com vontade. Se já não estivesse preocupada, isso iria me preocupar. Bombas de chocolate são para aniversários. Se as está fazendo antes da hora, devo estar parecendo realmente mal.

É. Acho que vou evitar o espelho.

— Estou em casa, não estou? — argumento. — Nunca teriam me deixado vir para casa se as coisas estivessem tão ruins assim.

Jason apenas me olha com seus peculiares olhos castanhos, de um jeito que alega que não dá a mínima para o que digo e que nada poderia possivelmente surpreendê-lo. Teria me convencido se não fosse pela ruga entre as sobrancelhas, que está especialmente profunda hoje, e pela maneira acelerada com que está mexendo a colher na panela.

Talvez seja aquela ruga, talvez seja eu, também me sentindo preocupada, mas conto tudo a ele. Os assovios, o navio, tudo. A maneira com que simplesmente saiu do meio das nuvens. Assombroso.

Assombroso?

Não sei porque pensei nele desta maneira, mas essa foi a sensação que o episódio me passou. Assombrosa. Também conto a ele sobre o Sr. Grimm, que, na minha opinião, agiu de um jeito estranho, apesar de provavelmente aquilo ter sido apenas eu, agindo estranhamente. Por um instante, tive quase certeza de que o Sr. Grimm também viu o navio, para em seguida fingir que não.

Jason coloca os doces no forno, mexe no recheio por alguns segundos e pensa, como se estivesse folheando documentos dentro de seu cérebro.

— O navio era uma formação de nuvens. Resposta básica.

Começo a protestar.

— Me acompanhe — interrompe. — Fenômeno visual inexplicável. Raios verdes geram surtos de pânico de óvnis o tempo todo.

Levanto a mão.

— As pessoas entendem, tipo, metade do por que a luz faz o que faz — continua Jason, sem me responder. — Há toda uma categoria de miragens na qual as pessoas veem navios no céu. Algumas acham inclusive que o *Titanic* afundou porque uma miragem tornou o iceberg invisível.

Enquanto ele fala, pesquiso no meu celular. O cara é uma Wikipédia ambulante, apesar de estar fazendo aquilo tudo sem estar conectado à Internet. Está simplesmente batendo o recheio da bomba, casualmente me obliterando com fatos.

O que vi, no entanto, não foi nenhuma das coisas que está tentando descrever. Fico impaciente. *Ele devia acreditar em mim*. É a pessoa que sempre acredita em mim. Conto com ele para ser meu principal apoiador no quesito Imaginação Fértil.

— Está pesquisando isso? Zangada comigo por não engolir sua história sem questionar nada? Bem, e quanto a luzes não identificadas? —pergunta. Ele se vira e sorri para mim, o que me irrita. — Óvnis, helicópteros, dirigíveis fantasmas. Todas essas coisas.

Então diz mais uma palavra e, por algum motivo, ela me faz gelar:

— Magônia.

CAPÍTULO 5

{AZA}

— *Magônia? — repito,* sentindo-me estremecer.

A palavra não me é estranha. Tento brincar.

— É uma doença? Um tipo de arquitetura? Uma planta venenosa? Se for uma doença, não quero saber, vou logo avisando. Não estou com humor para estudar doenças...

— Não estamos falando de doenças, mas de miragens. Procure por *Os anais de Ulster* — sugere Jason, e, em seguida, solta seu há-muito-tempo-patenteado suspiro de sofrimento.

— Ulster. Tipo úlceras? Algum tipo de lepra? — tagarelo para disfarçar o fato de que a palavra imediatamente me dá medo. Sinto uma lembrança disso perdida em algum recanto dos buracos negros de meu cérebro. Talvez tenha lido sobre o assunto em algum lugar. Afinal, tudo que sei foi porque li em algum lugar.

Jason resfolega.

— Não me diga que não leu os *anais*.

— Li, sim — minto, porque talvez tenha lido, talvez não. Tusso, em parte fingindo. Não sei nem por que ainda tento mentir para Jason. Quando alguém anda com você todos os dias desde os 5 anos, basicamente sabe tudo o que você já leu, e com certeza sabe quando está procurando freneticamente alguma coisa

na internet com o celular escondido embaixo da mesa da cozinha.

Os anais de Ulster são histórias irlandesas, de acordo com a Wiki.

— Ninguém leu *Os anais de Ulster*. Mas estudei as partes relevantes dele hoje mesmo. Alucinações em massa. Por volta de 748 D.C. ocorreu o seguinte: "Navios com seus tripulantes vistos no céu." Isso te lembra alguma coisa? Qualquer coisa?

Não, nada. Ele entra no seu modo favorito, falando rápido, palavras entrecortadas, garoto robô.

— Básico. Não os *anais*, mas parte da mesma história. 830 D.C. França. — Ele desenha o ano e nome do lugar com gestos grandiosos no ar, ilustrando seu documentário. — Um arcebispo de Lion denuncia haverem quatro pessoas esquisitas em sua cidade, três caras e uma mulher, insistindo que caíram do céu. Caíram de navios. Do. Céu. Está me ouvindo?

Estou ouvindo. Ouvindo bem. Finjo que não estou.

— O arcebispo vai a uma assembleia pública onde esses quatro estão no pelourinho...

Interrompo:

— Não me diga que vai fazer o gesto universal de "pelourinho", porque isso não existe, não importa o quanto tenha tentado forçar essa barra.

Ele tem a graciosidade de corar e tirar as mãos (e a tigela de recheio de bomba de chocolate perigosamente inclinada) da posição "cara preso no pelourinho".

— E sendo acusados aos gritos de roubo. Foram burros o suficiente para explicar que andavam saqueando colheitas da Terra, usando seus barquinhos voadores. Os habitantes da cidade concordam com a ideia de serem ladrões de colheitas, porque, *duh*, eles realmente estavam tendo problemas com a lavoura.

Fico tão irritada com a aleatoriedade de Jason Kerwin. É um mutante memorizador. Não se desculpa por isso nem nunca se desculpou.

— MAGÔNIA, dizem, todos eles. Caímos de Magônia. As pessoas da cidade começam a surtar.

Jason mexe o recheio com tanta força que um pouco do creme respinga na

geladeira.

— E então? — indago.

— É, então, não consigo me lembrar se os magonianos acabam sendo enforcados por feitiçaria, ou se são expulsos da cidade, mas duvido que tenham tido um final fantástico, dado que já haviam dito que não eram do planeta Terra e que queriam voltar para casa com todo o milho do vilarejo.

— Jason — digo finalmente —, você está sendo Totalmente Irrelevante.

— Tudo o que estou dizendo é que, se está alucinando, está o fazendo com uma velha tradição — explica. — Parabéns pela qualidade de suas visões. Quer mais Magônia?

— Não. Quero chocolate.

Não acredito que já não sabia tudo sobre essa história de Magônia. É totalmente minha praia.

— *Maganwetar*. É o alto-alemão antigo para "redemoinho de vento".

— Jason.

— Calma. Não falo o alto-alemão antigo.

— É bom que não fale — aviso. — Porque isso seria uma grande mentira. Ter aprendido sem mim.

Mas não há como deixá-lo encabulado.

— Algumas pessoas acham que foi de onde veio a palavra Magônia. Se você é de Magônia, então vive num redemoinho de vento. É o que Jacob Grimm diz, o mesmo cara que escreveu os contos de fada. Ele também diz que ela se refere a magos, como *magoi*, em grego, e, sendo assim, Magônia significaria "Terra dos Magos". Prefiro redemoinho de vento. Além disso, uma terra de magos seria chata, porque toda a graça da magia está em nem todo mundo saber fazer. Do contrário, seria apenas normal. Seria, basicamente, Terra da Mecânica.

Estou mergulhada no telefone. Achei. Um arcebispo chamado Agobard, chiando sobre as pessoas de sua cidade acreditarem que granizo e relâmpagos eram feitos por criadores de tempestade no céu.

"Mas já vimos e escutamos tantas pessoas tomadas de tolice, tornadas loucas

por tanta estupidez, que acreditam e dizem que existe uma região, chamada Magônia, de onde saem navios do meio das nuvens. Neles, as plantações destruídas pelo granizo e perdidas são levadas de volta para aquela região; evidentemente esses marinheiros aéreos pagam aos criadores de tempestades e levam os grãos e outras plantações. Entre os tão cegos por profunda estupidez que acreditam que tais coisas podem acontecer, vimos várias pessoas numa espécie de reunião popular, exibindo quatro prisioneiros, três homens e uma mulher, como se tivessem caído desses navios. A plebe votara, em tal reunião, que esses quatro prisioneiros fossem apedrejados."

Levanto o olhar do telefone.

— Então magonianos são ladrões de colheitas?

Jason está convencido.

— Não ligo para aqueles círculos misteriosos em plantações, mas sabe como esse pessoal de óvnis pode ser. Já chegou na parte de Gervase de Tilbury?

Não. Estou passando por resmas de história irlandesa. Coisas sobre âncoras sendo jogadas de navios nas nuvens.

— Estou em *Os anais de Ulster* agora — aviso, e depois suspiro, porque é claro que ele não teria apenas uma referência. Até suas mensagens de texto vêm com notas de rodapé.

— Gervase conta uma história sobre como um monte de gente saiu da igreja um dia. Eles veem uma âncora descer do céu, e ficam imóveis na frente da igreja. Um pouco depois, um marinheiro vem *nadando pelos ares e desce pela corda da âncora*, tentando desembaraçá-la. O quão incrível, por favor, é uma coisa dessas?

Estou no Google.

— Isso aconteceu quando?

— Nos anos 1200. O pessoal da cidade cortou a corda e guardou a âncora. Tornou-a parte da decoração da porta.

— Isso é um conto de fadas. — Me vem um pensamento. — O que ele disse que aconteceu ao marinheiro?

Jason olha para mim.

— O marinheiro se afogou — responde.

Olho nos seus olhos.

— No ar — continua. — Ele se afogou *no ar*. Então, continue falando sobre isso tudo "não ser relevante". Você não tem se afogado no ar durante os últimos dezesseis anos nem nada.

Fico arrepiada. Tem algo enervantemente específico nessa história da âncora.

— Na verdade, estou bastante certa de que o que vi pela janela da sala do Sr. Grimm era um helicóptero.

— Certo. Por isso surtou. Não é como se não tivesse experiências pessoais com helicópteros. Você definitivamente *nunca* foi levada de helicóptero para um hospital numa excursão na quinta série, porque parou de respirar no parque temático de safari.

Reviro os olhos.

— Há mais entre o céu e a Terra, Horácio — cita Jason Kerwin, e, neste momento, é traído pela banalidade.

— *Hamlet*? Sério? Não sou Horácio. Isso se chama efeitos colaterais de remédios, pena no pulmão, morte prematura.

— *Hamlet* é *inteiro* sobre alucinações e surtos e morte prematura. Não que você esteja morrendo. Não está.

Ele se vira para mexer mais no recheio.

Agora estou ainda mais mal-humorada do que estava. Sinto-me trêmula, como um cachorro se sacudindo para se secar depois de cair na água. Minha pele parece uma meia-calça compressora esticada. Não sei exatamente como sei disso, mas minha mãe tem algumas delas e diz que são instrumentos de tortura especificamente desenvolvidos para fazer as mulheres perderem a circulação. Minha pele? Parece estar exatamente assim.

— Não entendo — digo finalmente, depois de morder o interior das bochechas por alguns instantes. Não sei bem por que estou chateada, mas sinto-me inclinada a bater e também a desmaiar. — Está dizendo que acha que estou alucinando?

Jason apenas me encara.

— Ou que realmente há um navio no céu me procurando? Desse, desse lugar... Magônia?

Testo aquela palavra em um murmuro.

— Estou dizendo que deve ter lido alguma dessas coisas em algum lugar, e isso ficou registrado em seu cérebro, e agora está aparecendo. Viu uma formação de nuvens, e seu cérebro completou os espaços. — Ele faz uma pausa. — Um navio no céu não é a pior alucinação que poderia ter — continua. — Poderia estar alucinando que tudo está pegando fogo. Isso acontece a algumas pessoas. Quando as drogas começam a fazer efeito.

— Por favor, conte-me mais sobre efeitos colaterais — peço. — Não sei nada sobre efeitos colaterais.

Não consigo envergonhá-lo. Ele não acredita em mim. Eu também não acredito em mim. Por que não quero estar alucinando? Alucinar não é horrível. É certamente uma ideia mais agradável do que navios no céu chamarem seu nome.

— Às vezes as pessoas têm alucinações até piores do que isso — continua Jason. — Você... a coisa com que está alucinando? É tipo um filme da Disney. É um tipo um híbrido de *Peter Pan* com *E.T.*

Fico enojada com a implicação de estar tendo uma alucinação de criança.

— Então acha que é um surto da minha cabeça — retruco. — Tudo bem. Não importa. — Em seguida digo uma coisa feia: — Você é mesmo a pessoa mais indicada para falar de surtos mentais.

— Sou — concorda, com tanta calma que me sinto imediatamente mal. — Sei o que cérebros fazem quando são ferrados.

— Como sequer pode *saber* sobre Magônia? — Queria não soar tão ranzinza. — Você não leu *Os anais de Ulster* por diversão.

— Lembra quando eu estava construindo o óvni? Magônia é uma versão antiga dessa coisa de óvnis.

— Suas mães teriam odiado aquele óvni.

A mãe de Jason, Eve, é bióloga, mas costumava ser uma ecoterrorista. Ela diria antiecoterrorista, porque acha que pessoas que ignoram o mal que fazem ao meio ambiente é que são os terroristas. Mas, independentemente disso, ela costumava ser aquela pessoa que se acorrentava a árvores e, em pelo menos uma ocasião, quando foi presa, danificou seriamente uma escavadeira usando uma chave inglesa. Você nunca saberia só de olhar para ela. Ela se parece com uma mãe normal. Acho que é assim que as coisas são.

Agora escreve artigos acadêmicos sobre as práticas nas fazendas e como estão arruinando o mundo para fazer toda uma economia baseada no consumo de comida. Um artigo que escreveu sobre o cultivo irresponsável de bananas inclusive fez com que eu não comesse mais bananas.

— O óvni teria sido feito de material reciclado — diz Jason. — Elas não teriam se importado com ele. Experimente.

A bomba está recheada apenas de ar quente, e queimo minha língua. Estou encarando Jason com os olhos um pouco mais arregalados do que gostaria. Ele parece contente consigo mesmo.

— É — afirma. — Não há muito que eu não saiba sobre óvnis. — Ele para e, então, parece ficar com pena de mim. — Além disso, quando foi repreendida na sala do Sr. Grimm ontem, gritando sobre navios no céu, fui no Google pesquisar "navios no céu".

Xingo de novo. Dessa vez, ele. Aliviada.

— Pesquisa básica. No meu telefone. Você teria feito o mesmo também se não estivesse tendo, abre aspas, efeitos colaterais, fecha aspas, sem propósito algum. Você normalmente não inventa coisas do nada, Az. Minha tendência é acreditar quando diz que está vendo um navio singrando as nuvens. — Ele não está me olhando. — Então, sim, acho que você viu... alguma coisa.

Sou tomada de alívio de novo, muito mais dessa vez. E por algo que imagino ser gratidão.

— Você não viu nada, viu? — pergunto, só por precaução. — Nenhuma vela? Ou mastro? Nem escutou nada?

Ele balança a cabeça.

— Não importa. Vamos descobrir o que é, Az.

— Tem certeza?

Jason coloca o recheio dentro das bombas, derrama chocolate sobre elas e termina o preparo.

— Sim. Feliz Aniversário. — Ele enfia uma vela desajeitadamente em cima de uma das bombas e a acende.

— Ainda não é meu aniversário.

— E daí? Seu desejo chegou mais cedo. Se não soprar essa vela, eu sopro.

Fico olhando mais um tempo para a vela. Não está derretendo.

— Vou roubar seu desejo e fazê-lo eu mesmo — adverte Jason. — Não vai querer o que vou pedir.

— Que seria?

— Você vai acabar numa fantasia de jacaré — responde. — De patins. Acredite em mim. Posso fazer isso acontecer.

Apesar de tudo, sorrio. Fecho os olhos.

— Faça um pedido — lembra Jason, como se eu fosse esquecer de fazê-lo.

Faço um. Sopro. Olho para Jason.

Jason olha para mim. Está mordendo o lábio inferior.

— Tenho um presente para você — anuncia.

— Me dê — falo de uma vez, e de repente sou tomada por esperança, porque isso nem sequer ocorrera a mim. Talvez toda essa coisa da visão com um navio tenha sido coisa dele. — Alugou projetores ou algo do tipo? Foi uma pegadinha, certo?

Ele só fica me olhando. Isso não é típico de Jason. Normalmente, jogaria algo por cima da mesa, abrindo um largo sorriso. No ano passado, ele me deu um terrário com um circo de pulgas. Comprara de um infeliz que passara toda a vida treinando ninhada após ninhada delas. Morreram logo depois, como todas as pulgas o fazem, mas, antes de morrer, deram muitas e incríveis cambalhotas.

— O que é? — pergunto. — Onde está?

Cutuco o bolso de sua camisa. Não há nada nele. De repente, parece profundamente estranho estar cutucando seu peito e puxo minha mão de volta, como se a tivesse queimado. Finjo estar com câimbra nos dedos. Ainda posso sentir seu corpo contra minha mão, sólido e quente e ah não, não, não mesmo.

— Vou lhe dar quando estivermos assistindo ao vídeo da lula — responde, por fim.

Levo um susto. Esqueci-me totalmente sobre a filmagem da lula, mas Jason já está tirando o laptop da mochila.

— Escuro — diz ele. — Precisamos ver isso no escuro.

— Sótão.

Normalmente, isso seria supernormal. Passamos a maior parte do tempo no sótão ou na garagem.

Mas ele está me olhado de um jeito que me faz pensar se não teria inventado toda a história da lula gigante, e, na verdade, queira apenas fazer algo estranho: uma armadilha para cair um balde de água na minha cabeça quando passar pela porta do sótão, ou me presentear com alguma pomada de imortalidade. Não penso em mais nenhum outro tipo de coisa que possa estar querendo fazer comigo, porque ele é Jason, e eu sou eu.

Afundamos no sofá, quase como se fôssemos criaturas adolescentes normais, e não duas pessoas prestes a assistir a um vídeo roubado de cefalópodes, baixado ilegalmente de websites clandestinos.

Jason abre o laptop e deixa o vídeo pronto para começar, e então pega seu caderno, rabisca alguma coisa, e dobra o papel. Ele hesita e, então, o passa para mim.

Abro o bilhete e leio o que está escrito.

Eu { } você mais do que [[[{{{(( ))}}}]]].

Apenas parênteses e colchetes sem nada no meio. Olho para Jason. Ele desvia o olhar.

— Então. Tá. Essa é minha lista — diz. — Caso precise haver uma lista. O que não vai precisar. — Jason faz uma pausa. — Certo, então isso está resolvido.

Ele levanta o punho e o bate no meu. Mas então ele deixa sua mão ficar ali. Sinto os nós de seus dedos. Sinto-me ficando vermelha. O que com minha pele azulada, provavelmente me torna cor de lavanda.

Durante um longo tempo, ficamos olhando para uma tela preta. Podemos ver um pedacinho de algo brilhando: isca de lula.

Penso no bilhete.

Quero dizer *eu também*.

Quero dizer *eu sei*.

Quero dizer: *Posso ler os espaços em suas frases. Posso ler os espaços entre suas letras. Conheço sua linguagem. É a minha também*.

Quero dizer tudo aquilo.

Em vez disso, fico encarando a tela e dizendo { } por um bom minuto e meio enquanto os dedos de Jason se entrelaçam nos meus, como se não estivéssemos presos a eles.

A lula aparece, uma constelação se formando em meio a uma noite que antes não continha nenhuma estrela. Ela se desenrola, essa coisa prateada rodopiando, e lá está. Passando pela câmera, viva e impossível e bem ali. Seus olhos, os tentáculos, sua imensidão. Ela explode até ficar visível, essa coisa que antes só tínhamos visto morta ou morrendo.

Viva.

Não nos olhamos.

Ambos estamos definitivamente chorando.

Posso senti-lo ao meu lado, o braço contra o meu, o joelho em sua calça jeans, bem ao lado do meu. Posso sentir o cheiro da casca de limão com que esfrega as mãos para tirar a maior parte de qualquer que seja a substância tóxica da vez, o carvão do sabão que usa para tirar o resto, o cheiro das aparas de lápis e do grafite. Tudo que tenho é { }.

Os dedos de Jason estão subindo e descendo por minha mão, e sua outra mão está tocando meu pulso e, e, e.

&, &, &.

!!!!

Não consigo olhar para ele.

Finalmente, no silêncio da filmagem da lula gigante, enquanto nada para longe, de volta a seu próprio mundo, consigo dizer:

— Não quer saber o que foi que desejei?

Como se não soubesse. Acho que deseja a mesma coisa que eu. Ambos somos muito bons em fingir que não somos supersticiosos sobre essas coisas, mas ah *como* somos.

— Não preciso saber — diz, olhando para mim e abrindo um sorriso torto que periga nem parecer um sorriso. — Aza — continua, se aproximando.

Quero me aproximar dele também, eu quero, e começo, e não consigo respirar, e eu sou eu, e ele é ele, e somos melhores amigos, e o que é isso? Beije a garota doente?

Não, não, este é Jason, a 1 centímetro de mim. Ele ainda está chorando, e eu também. Estou indo em sua direção, e ele está vindo na minha, e...

Um relâmpago.

Branco, crepitante, nossos pelos ficam arrepiados, ozônio. Ah meu Deus, está caindo no quintal. Do lado de fora das janelas do sótão. Bem na frente delas. A 3 metros de distância.

Instintivamente, damos um salto para longe um do outro.

AZA — grita uma voz sibilante. — *AZA, VENHA LOGO*.

CAPÍTULO 6

{AZA}

A chuva começa a bater na janela, e, em seguida, granizos do tamanho de bolas de pingue-pongue também. O vento sopra com força.

Jason me segura e evita que eu caia do sofá.

— Escutou isso?

— O quê? O trovão? — pergunta ele. — Sim, foi perto daqui.

— Não, ISSO. Tipo, um milhão de pássaros. Tipo, um milhão de pássaros gritando comigo em particular.

Jason está com os braços ao meu redor. Estou mais perturbada com este fato do que com qualquer outro.

Há mais um barulho sônicoestrondosoturbinadeavião de trovão, e o barulho grita em várias vozes diferentes:

AZA.

Escuto mais do que isso. Vozes diferentes, misturando-se com o vento, vozes murmuradas e metálicas. Todo mundo — quem? — está gritando, cantando, berrando meu nome.

AZAAZAAZAAZAAZAAZAAZAAZAAZAAZAAZAAZA

Agarro a camisa de Jason e o encaro. Ele escuta por um segundo e, em seguida, sacode a cabeça.

— Que louco — diz.

— O que é louco?

— O tempo. E os pássaros. Muitos pássaros.

Me afasto dele, ajeito minha blusa, dobro o papel que me deu e o guardo no bolso.

— Talvez — falo, fingindo que meus dedos não estão tremendo.

Merda, merda, merda. Estou enlouquecendo. Isso está num nível totalmente novo no quesito tudo errado.

Jason me encara fixamente. Tento não pensar em como um dia entrei no meu quarto, olhei para o circo de pulgas e todas estavam mortas em suas lantejoulas.

— Está bem? — pergunta.

— Não muito.

— Por causa de tudo — continua lentamente — ou porque acabo de estragar tudo?

Balanço a cabeça. É tudo que consigo.

— Me dê um segundo — peço, finalmente.

Ele me olha intensamente e, em seguida, assente, fecha o notebook com sua lula milagrosa e sobe as escadas. Sento-me no sofá no escuro, tentando me segurar. Quero chorar e rir ao mesmo tempo.

Nós quase...

Mas não.

E...

Depois de alguns minutos, meu coração volta a ser um coração, e subo também.

— Tudo bem? — Ele está na pia, lavando a louça. Parecemos feitos de desconforto.

— Melhor — respondo.

Jason pigarreia.

— De volta a Magônia? — continua, sem me olhar. — Mais teorias proto-óvni?

Fico olhando suas costas. Seus ombros = altos demais.

— Talvez — concedo.

E, em seguida, sou incrivelmente corajosa, porque continuo falando. Se estiver chegando minha hora, se este for meu último dia de vida? Por que *não* ser corajosa?

— Quero voltar a fazer o que estávamos fazendo antes — afirmo. — Fui eu quem estragou tudo.

Sou forçada a soltar o resto o mais rápido que consigo:

— Certo-então-quer-recomeçar-mesmo-eu-sendo-um-desastre-completo?

Os ombros de Jason relaxam. Sua expressão se suaviza.

— Você acha que é capaz de me assustar... — responde, que é o que ele sempre diz quando insinuo qualquer coisa desse tipo.

— Mas não assusto você — completo, e é a resposta correta.

Jason se debruça sobre a mesa, e me preparo para mudar nosso status porque AhMeuDeus, acho que gostaria desesperadamente de mudar nosso status, mas Eli escolhe aquele exato momento para entrar, fazendo barulho, na cozinha, parecendo enojada.

Tudo bem.

Eu não precisava beijá-lo.

Eu não imagino secretamente como deve ser beijar Jason há anos nem nada.

Sinto uma onda de raiva de Eli, e a culpa não é dela.

— O tempo está uma droga — anuncia, para em seguida nos olhar e constatar friamente: — O tempo aqui dentro também meio que está uma droga. Peguei chuva. Viram os relâmpagos?

Ela espanta uma gota de chuva de seu ombro. Apenas uma. Possivelmente, apenas abriu caminho entre as gotas de chuva. Eu sou aquela que fica ensopada mesmo que seja apenas uma neblina.

— Eli? — respondo. — Acha que poderia...

Deve estar lendo minha mente, porque imediatamente fica na defensiva.

— Esta casa também é minha — responde. — Não pode me mandar sair da

cozinha.

— Não estava mandando — rebato, com medo de ela estar prestes a comentar o que quase acabara de flagrar.

— Você estava prestes a tentar — insiste Eli, a vidente, para em seguida se sentar à mesa. — Não vai rolar. Estou com fome.

Deixo Eli e Jason comendo as bombas. Vou tossir no meu quarto congelante.

Faltam onze horas para meu procedimento. Não estou contando. Não preciso contar porque certamente não vou morrer amanhã.

Tiro do bolso o pedaço de papel que Jason me deu e fico olhando para ele. Ele não tem permissão de me fazer querer continuar viva assim. *Eu { } você mais do que [[[{{{(( ))}}}]]].*

E estou ao mesmo tempo sorrindo e idiotamente meio que chorando...

É quando a janela se abre. Guardo o bilhete de volta, estranhamente envergonhada.

Minha mãe a estava limpando e não trancou de volta, talvez.

Olho para fora. Está começando a nevar, completamente indevidamente, logo depois da chuva; ainda estamos em novembro. A grama do quintal já está coberta por uma fina camada, e é o tipo de tarde brilhante e escura que faz a neve aparecer. Como se fosse a superfície da lua. Como se estivéssemos aqui e, ao mesmo tempo, estivéssemos no espaço sideral. Onde, é claro, estamos. Somos todos desconectados, todos voando na escuridão, assim como Marte e Vênus, assim como as estrelas.

Definitivamente não vou chorar.

A janela range.

Penso em lixo espacial. Talvez todos os planetas desse sistema solar tenham sido descartados por mãos gigantes. Cada estrela, uma bolinha de papel amassado, uma carta de amor pegando fogo, uma brasa de cigarro.

Um tordo-americano pula meticulosamente pelo quintal, analisando os espetos de grama saindo do branco da neve. Ele inclina a cabeça e me olha durante um longo tempo.

Viro de costas, com esforço, e remexo em meu armário, arrumando a mala para o hospital. Posso escutar Jason e Eli tagarelando na cozinha, alguma coisa sobre uma tempestade de granizo na qual o granizo era, na verdade, uma chuva de sapos, cada sapo congelado numa bola de gelo. Picolés de sapo é algo tão Jason.

Escuto um gorjeio de aves muito mais perto do que deveria. Quando me viro para fechar a janela, a grama está coberta de pássaros. Talvez cinquenta deles. Tordos, corvos, gaios, gaivotas, gralhas e andorinhas.

No meu parapeito está um pássaro amarelo vivo, de bico preto e asas abertas, como se usasse uma capa feita de pétalas de cravo.

É ele que está gorjeando.

Aqui, diz. *Ela está pronta*.

Não, definitivamente ele não disse aquilo. É um pássaro. Ele abre o bico e faz um som estridente, e os outros pássaros parecem estar esperando. Tento não espantá-lo da janela. Estou com os dedos no vidro quando todos os pássaros viram a cabeça e olham para mim.

Não apenas na minha direção. Não, há um bando de pássaros, fora de suas épocas, parados pacientemente na neve, me observando. Um falcão pousa. Uma coruja. Nenhum dos outros pássaros sequer olha para eles.

Estou presenciando uma insanidade, aqui mesmo, uma insanidade como uma chuva de sapos, exceto que é uma chuva de pássaros, e estou tremendo de frio e também de algo mais. O pássaro no parapeito nem se mexe. Fica apenas me olhando.

— Vão embora! — grito, tossindo e congelando, mas nenhum deles se move. Começam a cantar.

A falar.

Todos eles.

Aza Ray.

Dentro do peito, sinto um tremor estranho, e, em seguida, acontece algo que não posso explicar, um enorme vazio, dentro de meus pulmões. O pequeno

pássaro amarelo me olha diretamente nos olhos. Eu tusso.

E então, do nada, o filho da puta entra na minha boca.

Posso sentir seus ossinhos fortes, suas garras arranhando meus dentes. Estou tentando gritar, mas minha boca está cheia de penas. Está se forçando para dentro de mim, e suas asas se abrem na minha boca e então na minha garganta e não consigo respirar, e então ele desce por minha traqueia e *fala* de dentro de meu peito.

Peguei ela, canta o pássaro amarelo. Posso senti-lo no meu pulmão esquerdo. *Peguei ela. Entrei. Estamos prontos.*

Grito. Posso senti-lo assoviando, batendo suas asas, e penso *pena-pena-pena*.

Um pássaro no meu pulmão? UM PÁSSARO NO MEU PULMÃO? Estou hiperventilando.

Da janela, nas nuvens, estou vendo...

Ah, meu Deus, velas acima das árvores e silhuetas escuras num deque. Estou chorando e segurando o peito e *não sei não sei não sei o que fazer*.

Prepararprepararprepararjá assovia o pássaro no meu peito, e do gramado o resto dos pássaros me olha como se eu tivesse alguma ideia do que está acontecendo, e estou pensando é isso, isso é morrer, e por que ninguém em nenhum dos livros de experiências de quase morte jamais contou que há um bando de pássaros te assistindo partir? Onde está a luz branca? Onde está a paz e a calma? Onde está a voz de Deus e os anjos e...

Uma corda desce, não para de descer das nuvens, e claramente estou sonhando. Pendura-se do céu do lado de fora da janela, e não há ar ali, não há ar em lugar algum...

Prepararprepararpreparar canta meu peito. O céu está cheio de granizo e neve e vento. Os pássaros no gramado estão alçando voo e seguram cordas com suas garras. Estou tonta. Estou ofegando. Estou...

CAPÍTULO 7

{AZA}

Acordo em meio a luzes de emergência azuisbrancasevermelhas, enrolada em cobertores térmicos, com a neve caindo fortemente do outro lado das janelas. Estou na traseira de uma ambulância com meu pai, Jason e Eli.

Tento me sentar, mas estou amarrada. Tenho uma máscara no rosto. Quero tossir. Quero falar. Quero arrancá-la.

— Você teve uma convulsão — informam os paramédicos, falando lentamente, como se eu não fosse eu, como se já não soubesse tudo sobre esse assunto. Sou uma paciente profissional, mesmo que não faça ideia alguma de como cheguei ali, nem de quem seria esse paramédico, para onde a ambulância estaria me levando ou por quê.

Meu peito está quieto.

O *pássaro* está quieto?

— Tinham pássaros no seu quarto; um monte deles — diz Eli, com a voz trêmula. — Escutei-os gritando, então entrei. — Ela parece completamente apavorada.

Os dedos de Jason estão segurando os meus com força.

O que acabou de acontecer?

Não consigo sentir minha mão de verdade no mundo real, mas posso sentir a

de Jason. Quero libertar meus dedos dos seus. Sinto como se estivesse me segurando num lugar onde não quero estar. E isso não é legal. É *Jason*. Eu quero que segure minha mão.

Meu pai está chorando, mas segurando minha outra mão.

— Não se preocupe, Az. — Ele me acalma. — Estão te ajudando a respirar. Por isso teve a convulsão. Você está bem. Está tudo bem. Sua mãe estava no laboratório, mas já está a caminho.

Parece que estou vendo tudo do fundo de uma piscina.

— Foi como se estivesse se afogando — conta Jason, tão baixo que quase não o escuto. — Você ficou completamente azul e não parecia respirar. Seu peito parecia... sofria espasmos e fazia um barulho que nunca ouvi antes. Apliquei respiração boca a boca em você.

Olho para sua boca. Ela tocou a minha. Penso no bilhete que me deu. Ainda está no meu bolso.

Pisco algumas vezes para sinalizar que sim, eu entendi. Mas não é verdade. Lembro do *pássaro* — Deus, aquele pássaro — e me sacudo e tento me sentar de novo. Preciso *tirá-lo de mim*.

Me pergunto se estou tendo outro ataque cardíaco. Os pulmões parecem esmigalhados e cheios de alguma coisa ao mesmo tempo.

— Estou com as cartas na minha mochila — avisa Eli, e a voz não parece exatamente sua voz. — As listas de eu-te-amo e os pedidos de desculpas. Mas nunca fiz o meu. Vou fazer agora, está bem? Estou fazendo um para você agora mesmo, porque sinto muito por todas as vezes em que fingi que não era minha irmã e falei que não éramos parentes, e pela vez em que roubei seu suéter e a vez em que ri de você porque tossia com tanta força que inventei para as pessoas que tinha engolido seu telefone...

Olho para Jason. Olho para ele e não sei como, mas por um instante esqueço o pássaro e digo { }.

— Aza, está escutando? — pergunta meu pai, e sua voz tem traços de pânico. Mais do que pânico. — PODE ME OUVIR?

Olho para Eli e digo { }.

— Sinto muito, Aza! Nada do que fiz de errado foi de propósito! — Agora Eli está chorando e falando o mais rápido que consegue. Ela se desculpa por coisas que nem fez.

Olho para meu pai e digo {{ }}. Tento dar mais a ele por minha mãe.

Ele está sumindo. Tudo que consigo enxergar são meus próprios cílios e minhas próprias pálpebras, e de alguma maneira também meu próprio cérebro, todos os caminhos pela sua estrutura, tudo escuro e estreito, e ficando ainda mais estreito, estantes de livro cada vez mais próximas, livros amassados, caindo em pilhas, páginas rasgadas, palavras embaralhadas, e eu, correndo por aquilo tudo, tentando sair antes das paredes desmoronarem.

Sinto todo o interior do meu corpo se dobrando, como algum tipo de origami horrível. Achei que iria doer, mas a dor que sinto desde sempre na verdade está começando a sumir, assim como meus ossos não importam mais para mim, e eu inspiro e expiro, e

Pássaro no meu peito

Pássaro no meu peito

Navios no céu

Últimos momentos antes de morrer

Simples assim, os últimos momentos, tempestade, pássaros, confusão, frio, não posso dizer a ninguém que os amo, não posso...

Quanto falta para chegarmos ao hospital?

Estico a cabeça e tento olhar para a frente. O motorista tem cabelos ruivos. Ele me olha.

O automóvel desvia de alguma coisa. Escuto Eli chorando. Escuto Jason falando rápido comigo. Posso sentir sua respiração no meu ouvido. Estou encarando o motorista, e a ambulância derrapa, e vejo o cara girando o volante. Girando com força.

Fazemos lentamente um círculo no meio de uma estrada cheia de gelo. Todo mundo grita, com exceção de mim, porque não tenho como. Estou tentando

respirar, tentando ficar, mas não estou ficando.

Estou indo.

As janelas da ambulância estão cobertas de gelo, e aqui está minha família, e aqui estou eu, nessa maca, e não importa tanto quanto achei que importasse.

A vida e a morte não são tão diferentes uma da outra como achei que seriam. Isso não se parece com quando se entra num país novo. Parece entrar num quarto novo de uma mesma casa. É compartilhar um corredor e a mesma fileira de fotos da família, mas com uma parede de vidro no meio.

Estou bem aqui. E não estou.

E, se for *agora*, então estou pronta. Sou matéria escura. O universo dentro de mim está cheio de alguma coisa, e nem a ciência consegue ter ideia do que seja. Sinto como se fosse feita quase inteiramente de mistérios.

Dentro do meu peito, escuto o assovio de um passarinho, algo me ninando.

A ambulância está parada, suas luzes e sirenes ainda ligadas, há gelo debaixo de nossos pneus, e a paramédica está na traseira conosco, pedindo um helicóptero pelo rádio, com a voz apavorada.

— Emergência...

O médico ruivo sai do carro e olha para o céu.

— Sinalizando — grita. Está no meio do branco, e tudo em volta dele é como um anel luminoso de neve.

Sou um oceano com uma lula gigante dentro. Há um pássaro se debatendo, voando e batendo com força em minhas costelas.

— Pneumonia — diz a médica.

— Aza, não — diz meu pai, uma ordem. — NÃO FAÇA ISSO.

Quero obedecer.

Olho para meu pai. Estou olhando para mim mesma, e o que eu era está começando a não importar nem um pouco.

Para onde estou indo?

*Prepararpreparar*preparar diz o pássaro em mim. E alguém do lado de fora diz *Prepararpreparar*preparar.

Algo bate forte em meu peito e, então, para. Meu peito? É mesmo meu? Então, não, vejo que é o médico usando algo no meu peito.

Jason diz:

— Você não precisa morrer.

Eli está falando aceleradamente no celular.

— Mamãe-tem-que-vir-para-cá-agora-mesmo-anda-logo-eu-não-sei-eu-não-sei-o-que-aconteceu-está-muito-feio...

Escuto minha mãe do outro lado da linha, dizendo a Eli que ia ficar tudo bem, e ela parece ter tanta certeza que quase acredito, quase acredito que pode haver alguma coisa da qual não sei, mas em seguida Eli diz, aos prantos:

— Mas já não está bem!

Prepararpreparar preparar

Levo mais um apertão no peito, com força. Eli coloca o telefone no meu ouvido.

Posso escutar minha mãe.

Escuto quando inspira profundamente. Escuto-a forçando as palavras a sair, e quase posso vê-la por um segundo, a expressão em seu rosto, sua mão apertada contra o próprio peito, o outro punho cerrado.

— Pode partir se precisar — começa mamãe, e a voz vacila, mas ela parece forte. Repete aquilo para que eu tenha certeza. — Pode partir se precisar partir, está bem, querida? Não me espere. Eu te amo, você é minha, sempre será minha, e vai ficar tudo bem, você está a salvo, querida, está a salvo...

Estou escutando minha mãe falar, sentindo-a no meu ouvido e longe dele ao mesmo tempo.

Há uma rajada de vento frio, e o médico ruivo entra de volta na ambulância.

— Tem um helicóptero vindo — murmura para a paramédica, se enfiando no espaço ao meu lado. — Vamos fazer a família da garota se afastar um pouco.

Ele empurra a outra médica com força demais. Ela se retrai. As mãos dele estão mexendo em mim de um jeito que não faz sentido.

Sinto alguma coisa deslizar por baixo da minha pele, perto do pulmão

esquerdo. É um corte, mas diferente de qualquer corte que já tenha experimentado antes. Dor ou alívio? Sinto-me dividindo, bem no lugar em que ficam meus pulmões tortos, bem onde minhas costelas sempre foram erradas.

— O que está fazendo? — escuto meu pai perguntar.

— Senhor, está intervindo num procedimento médico. Estamos tentando fazer com que ela continue respirando. Afaste-se.

— Fique calmo — pede a paramédica. — Está tudo bem, vai ficar tudo bem.

Está tentando impedir que meu pai veja o que está acontecendo, mas tenho um vislumbre de seu rosto, dos olhos.

Não tenho voz. Estou tentando dizer não.

O homem está amarrando uma corda em mim, posso senti-la em volta do meu peito, mas não consigo vê-la.

— Estou fazendo uma incisão para que possa respirar. Por favor, senhor, afaste-se *agora* — ordena.

— Não é isso — diz Jason com urgência. — Isso não está acontecendo. Não deixe, Aza. Eles vão achar um jeito de... Ah, meu Deus.

Ele soluça. O paramédico está olhando para mim, e estou olhando para ele. Está com a mão no bolso da minha camisa, tirando alguma coisa dele. O bilhete...

Há uma pressão no meu pescoço, e nenhuma dor ainda. Há algo se rachando, algo caindo, e aquela sensação da corda em volta do meu peito, e meu corpo está metade na maca e metade comigo, me levantando, observando.

— Vou encontrar você — promete Jason, e o escuto. Eu o escuto. Confio nele.

As luzes vacilam. Ouço um impacto gigante no céu, e há uma explosão, fogo, e um cheiro de fumaça e ozônio. Algo me segura e me puxa com força pelas portas da ambulância para o lado de fora, e meu pai está xingando, e Jason ainda está dizendo à garota na maca que não vai deixá-la ir, e Eli está gritando, e então

as

s

i

r

e

n

e

s

P A R A M.

E depois disso? Não há mais nada.

CAPÍTULO 8

{JASON}

3,14159265358979323846264338327950288419716939937510582097444592307
Um dia, dois dias, três dias, quatro dias, cinco dias depois.

O que quero fazer é: pegar meu telefone e ligar para Aza. Quero escutar sua voz.

"Por que está me ligando?", perguntaria. "Odeio telefonemas. Me mande uma mensagem, ou simplesmente apareça. Quanto tempo isso vai levar? Já está chegando? Vem para cá."

Mas esse é o novo número de Aza:
6647093844609550582231725359408128481117450284102701938521105559644
Continuando para sempre, sem resposta. Ligar, ligar, ligar.

Estou de volta aos velhos hábitos. Recitar, recitar, recitar. Não tanto que alguém possa escutar.

Isso é hábito antigo, e, supostamente, estava sob controle.

Não tão sob controle, afinal.

4127372458700660631558817488152092096282925409171536436789259036

Sei mais *pi* do que isso. Ela sabe ainda mais que eu. Mas, em algum momento da memorização de *pi,* definitivamente vou passar do ponto onde ela parou. Vai ser como passar por ela numa estrada, não a notando pedindo carona. O que é

basicamente a maior merda em que posso pensar, num universo de, a essa altura, inimagináveis merdas.

Não estou dormindo. Não estou bem. Tem coisas sobre as quais nunca vou querer conversar.

Coisas como as que aconteceram naquela ambulância. Coisas como: vi aquele médico fazer um corte e abrir Aza.

Coisas como: chamamos um resgate médico. O paramédico da nossa ambulância pulava, tentando acenar para o helicóptero. Escutei o helicóptero vindo, na direção da nuvem da tempestade acima da ambulância. Houve um impacto. As nuvens pegaram fogo. Quatro pessoas morreram aquele dia: o piloto e o paramédico do helicóptero, e também um dos paramédicos que estavam conosco, o que estava tentando sinalizar para o helicóptero quando explodiu. Mas só tenho luto suficiente para uma. Mal estou conseguindo manter o controle.

Coisas como — nem consigo... —

Esperamos na rodovia durante uma hora, e o gelo ficou coberto o bastante de neve para podermos finalmente ir em frente, com o pai de Aza ao volante. Mas, a essa altura, já era tarde demais.

Fui atrás com ela.

Tudo que quis fazer desde então foi encostar a cabeça numa parede e senti-la contra a testa.

Se estivesse na sala neste momento, com minhas mães, teriam me feito sentar e tido uma conversa compreensiva e tensa sobre como "ela se foi". Acontece que odeio essas palavras. E também odeio "a perdemos".

Nos últimos dias, perdi muitas coisas, só para ver como é a sensação da perda. Por exemplo, não paro de perder o *controle*.

Bato minha cabeça na parede e machuco a testa. Quebro uma janela com o punho enrolado numa camiseta. Algum tipo de ideia tirada de filme para lidar com a dor. Não ajudou.

As pessoas não param de dizer coisas enfurecedoras sobre o destino e o acaso

e má sorte, e sobre como ela teve uma vida incrível apesar de ter durado apenas quinze anos, onze meses e vinte e cinco dias. Não acho nada disso incrível. Não me sinto nada, nada incrível.

Fico acordado à noite olhando para telas.

Desde Aza, fico procurando alguma analogia, alguma coisa que explique isso, alguma versão de *perda* que faça sentido, mas nada estava certo. Então, numa perambulação pela internet no meio da noite, encontrei uma coisa de 475 a.C., um cosmólogo grego chamado Anaxágoras. Naquela época, a matemática não havia pensado o conceito de nada. Não existia zero. Anaxágoras então teve diversas ideias sobre o que estava faltando, aquilo que não estava.

Foi isso que Anaxágoras disse sobre a *perda*: "O que é não pode *não* ser. Vir a ser e perecer são costumeiramente acreditados incorretamente pelos gregos, considerando que nada *vem a ser* nem *perece*, e sim é misturado vindo de coisas que são, e então é separado novamente. Assim, eles estariam corretos em chamar *vir a ser* de '*ser misturado*' e *perecer* de '*ser separado*'."

Foi a primeira vez em que alguma coisa pareceu certa. Tentei explicar isso para Carol e Eve, mas criou preocupações acerca de estar tentando morrer.

— Tendência suicida — disse Carol. — É isso o que parece. — Pude senti-la discando mentalmente para um terapeuta. Ela não estava errada. Soava mesmo como aquilo.

— Fale logo, garoto, está pensando em se matar? — perguntou Eve, claramente usando um tom de brincadeira para abrir caminho e me fazer falar de algo sério.

— Estou bem — garanti, e ela ficou me olhando com as sobrancelhas erguidas.

— Você não precisa estar bem. Se estivesse bem, significaria que não tem sentimentos humanos. Eu não estou bem. Nem Carol. Amávamos Aza. Mas saiba que se alguma vez achou que o suicídio seria um plano, iríamos atrás de você para matá-lo de novo. Só para sua informação. Então NÃO faça isso. Se está pensando nisso, venha falar conosco. Vamos pensar numa opção melhor.

— Não — falei. — Isso não tem nada a ver com suicídio. Tem a ver com filosofia.

Elas olharam para mim sem intenção de acreditar que tivesse a ver com filosofia. O que, OK, foi arriscado. Ainda sou arriscado.

— Remédios? — perguntou Carol. — Notei que está meio...

— Meio o quê?

— Meio *pi* — respondeu Eve.

Tento não olhá-la nos olhos. Meio *pi*. Como sabe? Tenho sido silencioso.

— Sim — admiti. — Estou tomando. — Ansiolíticos. Que não funcionam. Qualquer coisa que funcionasse nesse momento seria um milagre.

Carol tem tentado me convencer a conversar com um terapeuta. Eve tem tentado me convencer a fazer ioga, prática que semiacalmou sua ira sobre o estado do universo. Tentei fazê-la desistir, fazendo uma rápida e decente posição do corvo, como que para mostrar: manjo-tudo-de-ioga. Aza zombava de ioga. Ficava louca quando eu fazia essa posição. Foi o principal motivo para aprender a fazê-la; para que ela risse.

Para sua informação, essa merda é, sim, tão difícil quanto parece.

— Não o culpo por isso — continuou Eve, notando como eu estava todo retorcido. — Fico louca com coisas que não posso mudar também. Ioga não resolve nada. Apenas entorpece a preocupação. Calotas polares, pítons birmanesas e planícies aluviais ainda...

E ela começou. Por um instante, só por um instante me senti um pouco melhor.

Agora são três da manhã, e Eve entra no meu quarto. Minhas mães estão de vigília.

Coloca uma caneca de leite quente na minha escrivaninha. Eu a olho, pouco tentado. Leite quente é um dos males menores, mas, ainda assim, é um mal.

— Querido — começa.

— Estou ocupado — interrompo. — Juro, não estou desmoronando.

— Parece que está — insiste. — E, mesmo que não esteja nesse momento, se

não começar a dormir, em breve vai desmoronar.

— E se Carol morresse? Como conseguiria dormir? — Me arrependo assim que as palavras saem de minha boca.

Eve parece surpresa.

— Ficaria acordada. Durante anos.

— Bem, é a mesma coisa.

— É, mas não *pode* ficar acordado durante anos.

— Mesmo que você tenha acabado de dizer que ficaria.

— Mesmo assim — sussurra.

— Posso ficar acordado durante três dias, e dormi antes disso. Dormi quatro horas em cada um dos dias depois do que aconteceu — afirmo. — Vou dormir depois de amanhã. Pode deixar. Estou trabalhando.

No que estou trabalhando: estou planejando o funeral de Aza.

Depois de um tempo, Eve sai. Me sinto mal. Mando uma mensagem para ela dizendo que sinto muito. Escuto o telefone vibrar no final do corredor. Depois de um segundo, recebo uma mensagem de volta.

Não morra. Morrer não vai ajudar.

Às vezes, Eve é exatamente a mãe perfeita. Não há "faleceu" nem "perda" ali.

Ela me manda outra mensagem. Dessa vez, cheia de culpa.

*Se *realmente* não quiser dormir, eu não beberia o leite. Foi a Carol quem preparou.*

Carol me ama, está preocupada comigo e é uma médica com acesso a remédios para dormir. Tiro o leite da mesa. Não terminei de pensar, mas apago a luz por um minuto.

Aza deve ter feito o que fez em meu teto mais ou menos uma semana antes de morrer. Não aparece durante o dia. Estou bastante certo de que minhas mães não sabem a respeito disso. Eu também não sabia até apagar as luzes pela primeira vez, duas noites depois dela morrer. Tinta que brilha no escuro.

AZA RAY PASSOU AQUI.

Exceto que a última palavra ficou borrada, pois, aparentemente, Aza caiu da

minha cabeceira ou algo parecido. Então, na verdade ficou AZA RAY PASSOU.

Olho para aquilo por um tempo, tentando me recompor. Estou um caco, repetindo o *pi* e coisas que nunca disse.

Passei os últimos dez anos falando. Por que não pude dizer nenhuma das palavras certas? Não sei.

Quero uma versão melhor de todas as coisas que aconteceram logo antes de ela morrer. Todas as loucuras, incluindo o navio voador, até a pena no pulmão. A tempestade quando estávamos no porão; a cidade inteira deveria estar inundada por chuva e relâmpagos, mas foi apenas na quadra de Aza.

Sim. Sei que as pessoas morrem. Sei que, quando morrem, as pessoas que deixam para trás sempre acham que o que aconteceu foi uma loucura, porque a morte, por natureza, parece uma loucura. É parte de como os seres humanos sempre lidaram com isso, como se de alguma maneira fosse especial, como se todo mundo que morre fosse um herói. Queremos morrer espetacularmente, não simplesmente "perecer".

Não paro de tentar achar sentido naquilo tudo.

Na ambulância, o paramédico a cortou como se sequer fosse uma pessoa. Aza fez um barulho de engasgo. As costas se arquearam. O coração parou mais uma vez. O médico usou o aparelho para reanimá-la. Duas vezes.

E ouvi esse barulho vindo do seu peito, essa canção. Um pássaro, assoviando, estridente.

Não estou louco.

Não havia pena nenhuma em seu pulmão, afinal. O legista não encontrou nada na autópsia.

Teve uma autópsia, sim. Não vi os resultados ainda. Mas vou consegui-los. Preciso vê-los, e ter certeza — está bem, eu *sei* que Aza morreu. Parece que ela fugiu às pressas sem mim. Seus dedos entrelaçados nos meus. Em seguida, relaxaram, como se tivesse perdido todos os ossos.

Quando o motorista chamou o helicóptero de resgate, já tinha certeza de que ela havia morrido. O que tornou ainda pior tudo o que aconteceu ao helicóptero.

O lance entre nós dois é que passamos todos os dias desde que nos conhecemos sabendo que ela iria morrer, e colocando aquela certeza de lado. Ninguém sabia o que havia de errado com ela, não de verdade, então, alguns anos antes, resolvi que seria o herói que descobriria aquilo.

Aza não sabia. Li uma tonelada de relatos médicos. É incrível o que se pode aprender a entender com a motivação certa. Tenho artigos do século XVII. Posso desenhar um pulmão a qualquer momento. Posso fazê-lo até mesmo de olhos vendados.

Mas o que quer que eu estivesse fazendo, não o estava fazendo suficientemente rápido. Não faço milagres. Não sou nem mesmo um cientista. Em alguns dias, sou apenas um cara de 16 anos, e ser um cara de 16 anos não é o que quero.

A mãe de Aza teve a mesma ideia que eu, muito antes de mim. Vem tentando entender isso há quase quinze anos, desde que Aza começou a ter problemas respiratórios, mas os remédios que submete a testes são sempre rejeitados.

Sei coisas que Aza não sabia sobre o que sua mãe fez por ela. Alguns meses atrás, descobri dados promissores que tinham vindo do laboratório onde a mãe de Aza trabalha, e então perguntei a ela sobre isso. Estava num projeto sobre asma na época, testando em camundongos. Quando Aza teve o problema, por causa de qualquer que tenha sido a coincidência bizarra, a história dos camundongos estava quase passando para testes em humanos, mas então retrocedeu, porque não funcionava para asma sem grandes efeitos colaterais. Não era útil para nada. Exceto, aparentemente, para Aza.

"Eu tinha um pouco do soro em casa, para casos severos de asma. Não sei direito por que funciona, mas ela estava morrendo, então o dei a ela", contou-me Greta.

O que quer que a mãe de Aza tenha usado, foi o fator X. Aza continuou ficando mais doente, mas de maneira mais lenta. Segundo todas as opiniões médicas, pulmões que mal conseguiam enviar oxigênio para sua corrente sanguínea deveriam tê-la matado, mas o que Greta fez provavelmente a salvou.

Foi parte de seu coquetel diário desde então. Apesar do fato de ser completamente ilegal.

Esse é basicamente o único grande segredo que guardei de Aza. Sua mãe me implorou para que não contasse a ela. Queria continuar trabalhando naquilo, disse, e, se os outros soubessem, ela seria despedida. Parecia errado saber de algo que Aza não sabia.

Ela morreu mesmo assim.

Olho para o teto e tento imaginar o que acontece com alguém quando morre. *Perecer = ser separado*. Todas as coisas que eram você e todas as coisas que eram ela voando pelos ares, uma explosão. Dispersas em todos os demais.

* * *

Manhã. Funeral. Óculos escuros. Terno.

Carol supervisionou, e me sinto como um espantalho. As mangas estão estranhamente largas, o que penso significar que serve. Estou acostumado ao casaco de meu avô, que uso por cima de tudo. Veio do lado da família do meu pai, e mesmo que eu não conheça meu pai, mesmo que não saiba nem mesmo quem ele é, minhas mães o deram a mim. Tem uns mil bolsos aleatórios. Cada bolso tem uma etiqueta bordada dizendo o que deveria conter. Há bolsos com etiqueta de "opalas", "harmônica" e "balas". Ou meu avô era James Bond ou era um caixeiro-viajante.

Jamais usaria um terno para o funeral de Aza, a não ser que fosse aquele casaco, mas não tive permissão de usá-lo, então...

Não estou calmo. Não estou pronto. Mas estou entrando no meu carro, uma sacola cheia de coisas presa no banco do carona. O lugar dela.

Mudo de roupa no banheiro da escola. Entro na sala do Sr. Grimm, depois do sinal do primeiro tempo, e me sento.

Todo mundo fica olhando para mim. A sala inteira está usando roupas escolhidas pelos pais: vestidos pretos, meias pretas, ternos pretos e camisas e

gravatas passadas.

Podem olhar, quero dizer a eles. *Não terminei ainda*.

— Sr. Kerwin — diz o Sr. Grimm.

Olho para ele. Ele olha para mim. Seu rosto amolece.

— Não posso dizer que culpo você. Tire a parte de cima e pode ficar na sala, mas não posso dar aula a você desse jeito.

Coloco a parte de cima na mesa vazia a meu lado. Tem coisas escritas nela. *Aza Ray passou aqui* de esmalte prateado. O Sr. Grimm ficava dizendo que ia mandá-la apagar, mas não o fez.

Nunca achei que isso ia acontecer.

Achei que isso provavelmente ia acontecer.

Sabia que isso ia acontecer.

Não previ isso acontecendo.

Como alguém consegue ficar recitando sem parar um número interminável quando não se vê o próximo dígito? Mas eu continuo. 673518857527248912279381830119491298336733624406566430860213949463955

Ao meio-dia, o sinal toca; o sinal especial, que diz *Lá vamos nós fazer algo completamente horrível*, e saio do prédio. A bandeira está a meio mastro. Não é obra da escola; nem pensaram nisso. Ela desceu hoje por volta das três da manhã. Conheço os zeladores.

Alunos começam a sair aos montes do prédio atrás de mim. Muitos deles estão chorando, o que me deixa ao mesmo tempo feliz e irritado. Acho que ter um aluno à beira da morte na escola significa, na cabeça das pessoas, que mais ninguém vai morrer. Que aquela vaga foi ocupada. Todo mundo está chorando por ela mesmo assim, ainda que, para eles, ela tenha sido apenas a Garota À Beira da Morte, não a Aza que pintava com tinta que brilha no escuro, inventava boatos e assistia a lulas.

Looping. Alguns dias são tão negros que não vejo nada além de uma neblina miserável de número após número, palavra após palavra, nuvens de verbos e

substantivos, e nenhum deles os que vão fazer o tempo voltar.

Alguns de nós, sem citar nomes, não choraram de verdade desde a noite em que Aza morreu. Posso sentir o choro vindo, mas, se eu deixá-lo rolar, sinto que vou derramar todo o meu ser. Então não o faço.

Visto que sentir é primeiro
quem presta alguma atenção
à *sintaxe das coisas*
nunca irá beijar-te por inteiro;

Este é o Sr. E. E. Cummings. Ele acerta nessa parte. Passei anos demais prestando atenção em qualquer coisa que não o fato de que o tempo escorregava pelas minhas mãos. O meio do poema fala sobre não perder tempo enquanto se está vivo, mas, em vez disso, beijar as pessoas que se deve beijar, amar quem se deve amar. Ele também acerta nas últimas duas linhas, que são:

eis que a vida não é parágrafo
e a morte, julgo eu, nenhum parêntesis

As pessoas o recitam em funerais, mas é um poema nada otimista sobre não conseguir o que se quer, não um poema para se sentir bem, sobre a morte não ser grande coisa. Aza gostava de Cummings.

Consequentemente, eu também.

Tiro o carro do estacionamento e começo a buzinar. Todo mundo me segue, primeiro a escola inteira, e então, conforme avanço pela avenida, a cidade inteira. Ou, pelo menos, é o que parece.

Há um tempo, Aza me contou o que fazia sempre que passava por uma ressonância magnética. Imaginava que os apitos e estalos eram baleias.

Estou fazendo minha versão disso. Nossos carros estão conversando um com o outro. É meio que um código Morse falso. (Sim, pessoas que decoram todos os fatos sobre tudo também são as mesmas que criam códigos falsos, porque, às vezes, gostamos de um pouco de caos. Um pouco de caos *controlado*.) Os carros estão buzinando minha lista. Além disso, é um código Morse falso porque não preciso que todo mundo saiba o que quero dizer.

A primeira vez que vi Aza, ela estava sentada no chão, brincando com um pedaço de papel, cortando-o com um par de tesouras roubadas (o que descobri mais tarde). Me levantei de meu tapete, mas ela não tinha nada a dizer para mim. Apenas me olhou uma vez e mostrou os dentes.

Ela parecia algo encontrado debaixo de um lago congelado depois da primavera derretê-lo. Sei que odiava sua aparência, que... Oh. Mundo, você é estúpido.

VOCÊ NÃO SE PARECE COM MAIS NINGUÉM NO MUNDO, buzino. A cidade buzina como um eco.

Me senti como a boneca de Julie, da casa ao lado, a boneca que, quando você (er, um experimento?) cortava sua perna, mostrava ter um corpo oco. Aza roubou aquela boneca e a encheu de grilos. Colei a perna de volta. Julie ficou bastante assustada quando sua boneca começou a agir como o Grilo Falante.

Aza não era boazinha. Tinha um jeito de me olhar de lado para, em seguida, me decifrar como uma equação fácil demais.

— Me dê algo pior — dizia periodicamente. — Torne isso mais difícil. — Eu não conseguia enganá-la com muita frequência.

VOCÊ TINHA ESPINHOS POR TODO O CORAÇÃO, buzino.

Quando foi embora naquele primeiro dia, peguei o papel no qual estava mexendo. Um navio de papel, com direito a um mastro e velas, e pessoinhas escalando o cordame do navio. Um mar feito de nuvens, que ela cortara usando caracóis de papel, que se mexiam embaixo do navio. Uma âncora feita de laços de papel, balanceada com seu chiclete.

É, bem-vindos a Aza, 5 anos de idade.

Jason Kerwin: classificar como Perdido.

Aza Ray Boyle: classificar como Tudo.

Fui atrás dela e recitei o alfabeto de trás para a frente num frenesi, mas nunca achei que escutaria. Ela é a única pessoa que me fizera sentir tão atrasado.

Olhou para mim novamente, dessa vez talvez com *pena*, então tentei o alfabeto grego. Não era como se eu soubesse ler grego — eu era pequeno —, mas

Carol havia me ensinado a versão fonética, e eu decorara as letras como se estivesse aprendendo a letra de uma canção. Pensei ter visto um brilho de interesse em seus olhos, mas ela apenas suspirou, arrancou mais uma folha de papel do caderno e começou a recortá-la.

"Estou *trabalhando*", disse, num tom de voz repleto de julgamento.

Olhei para suas mãos.

Ah, apenas uma maquete do sistema solar. Quando terminou, peguei Saturno do chão e ponderei sobre meu problema.

Não havia como viver mais um momento sem que Aza Ray soubesse meu nome.

Mais tarde naquele primeiro dia, Aza teve um grande ataque de tosse, e uma ambulância foi chamada. Vi os paramédicos a levando para dentro do carro. Tentei entrar também.

Eve e Carol foram chamadas à escola, e tive problemas por ser intenso demais. Intenso demais = Garoto Que Ocasionalmente Tem Um Episódio de Frustração e Bate a Cabeça na Parede.

Então, ainda sou o cara que corre atrás da ambulância. Dessa vez, pelo menos, entrei numa com ela. Vamos chamar isso de sorte.

Nunca entendi por que alguns hospitais não deixam as pessoas com quem está passarem pela porta com você. É horrível. Duas vezes precisei fingir que era irmão de Aza. Minhas mães sabem que tenho um documento de identidade falso com sobrenome Ray.

Se o papo é obsessão, elas não têm direito de me julgar. Conheceram-se porque Eve morou no alto de uma árvore durante sete meses, numa rede. Carol era a médica que precisou fazer a avaliação a distância do bem-estar mental e físico de Eve. Carol estava no chão e, através de um megafone, se apaixonou por Eve, e Eve se apaixonou de volta. Nenhuma delas jamais conseguiu me explicar. Já vi fotos. Eve tinha tranças e folhas e terra nos cabelos, e estava bronzeada, quase da cor da árvore. Carol parecia Carol. Na época, Carol passava todas as suas roupas, incluindo o jeans, e não entendia de maneira alguma por que Eve

estava morando numa árvore.

Até onde sei, ainda são apaixonadas.

Então, o fato de eu ser irracional em relação a Aza? Acho que minhas mães viram isso como carma. Lembraram de como seus pais se sentiram quando as duas se conheceram, que foi, basicamente, *O QUÊ?!*

Elas olharam para Aza e eu, e disseram exatamente a mesma coisa. Mas não puderam me dizer para não ir em frente.

Outras pessoas assistem TV. Aza lia sobre criptografia e nós de marinheiro. Tínhamos uma competição constante de quem conseguia contar ou fazer a maior esquisitice possível. Anotávamos tudo, e eu estava ganhando, ainda que apenas por um ponto.

No ano passado, Aza se inscreveu num show de talentos e subiu ao palco, deu play num mp3 de beatbox e começou a fazer os assovios mais estranhos. Eu estava na plateia, morrendo.

Depois, ela me disse: "Como está seu Silbo Gomero?", e cacarejou. Descobri que *el silbo* é uma língua assoviada das Ilhas Canárias. Ela venceu aquela rodada, mas não o show de talentos. Até hoje, não sei o que estava dizendo. Não quis traduzir.

Viro à esquerda no cemitério e entro na fila atrás dos pais de Aza e Eli, no velho carro azul da família.

Buzino: NÃO ACREDITO QUE EU ESQUECIA QUE VOCÊ ESTAVA MORRENDO.

O pai de Aza está dirigindo. Pisca o farol para mim e, então, buzina seu próprio código Morse, Morse de verdade, cuidadosamente executado.

PARA SEMPRE. Ele disse que ia fazer isso. Repito o código, e todo mundo imita. Sequer sabem o que estão dizendo. Mas o pai dela e eu, sim. A mãe de Aza e Eli também. Posso vê-los em seu carro, tentando não desmoronar.

Breve recitação de *pi*.

Então, de volta à minha aparição na sua festa de aniversário quando tínhamos 5 anos de idade, achando que minha fantasia de Halloween me tornaria invisível.

E meio que tornava mesmo. Andei 1 quilômetro, aquele jacaré bem pequenino ao longo da estrada, e ninguém me descobriu. Estava determinado.

Ninguém gostava de Aza na época. Já estava resignada com aquilo, com não ter amigos, e quase sempre ficava dentro da escola no intervalo. Todo mundo dizia que ela era nojenta e contagiosa.

Não preciso de outras pessoas, na verdade. Bem, preciso de *uma* outra pessoa, e ela se foi e merdamerdamerda.

Buzino minha lista de pedidos de desculpas. Não é realmente uma lista, na verdade. Apenas um único enorme item.

A família de Aza, com minha contribuição, resolveu fazer o funeral no próprio túmulo, porque toda essa coisa de memorial funciona melhor quando se pode gritar, e é o que estamos prestes a fazer.

Ventania louca. Todas essas pessoas em volta de um buraco no chão, como se fosse sair alguma coisa dele, em vez de entrar.

Achamos que fazia alguma diferença ela chegar aos 16 anos. Por quê? O que 16 significa? Nada. É essa noção do nada. Não é sequer um número primo.

Vejo todos da escola, Jenny Green e companhia. Os últimos dias têm sido cheios de gente ganhando permissão para sair da sala, para depois irem fumar atrás do refeitório. Historicamente, Aza e eu teríamos zombado deles, de luto por alguém que não amavam.

Aza não acreditava muito em luto. Isso é inconveniente. Também achei que não acreditava, mas agora Aza e eu temos mais uma divisória, mais uma diferença. Vejo o Sr. Grimm mais ao lado, usando óculos escuros e chapéu. Parece ter chorado também.

Minhas mães chegam por trás de mim. Carol suspira de um jeito que denuncia a espera fervorosa de que eu não estivesse vestido como estou.

— É sério? — pergunta Carol. — Não conseguiu ficar com o terno mesmo?

— Você sabia que ele não ia ficar — decreta Eve. Ela até mesmo sorri.

— Achei que ia — discorda Carol. — Até liguei para a loja de fantasias. Disseram que a fantasia de jacaré ainda estava lá no estoque.

O que Carol não sabe é que a loja tem duas fantasias de jacaré. Uma do meu tamanho, outra do de Aza. Era parte da surpresa de aniversário dela.

— É o enterro de Aza — constato. — Ela teria gostado.

Visto novamente a cabeça de jacaré. Eve faz um joinha para mim, mas percebo Carol me olhando fixamente. Justo quando estou honestamente um pouco preocupado, achando que ela estaria cem por cento contra mim, ela diz "Wǒ ài nǐ", que significa "Eu te amo" em chinês, seguido por "Nakupenda", que é a mesma coisa em suaíli. Quando era pequeno, aprendemos a dizer *eu te amo* no que pareceu mil idiomas. É esse o tipo de mãe que Carol é.

— Mesmo que você seja difícil — completa Carol, com a voz um pouco chorosa. — Não precisa se sentir mal pelo que aposto que disse que o está fazendo se sentir mal. — Esqueci que havia contado a ela sobre a lista de pedidos de desculpas. — Não foi culpa sua Aza ter morrido. Sabe disso, não sabe?

Olho para ela de dentro da minha fantasia de jacaré. Não, não sei.

Minha mãe coloca a palma da mão no meu peito e anda rapidamente até sua cadeira.

Da primeira vez em que percebi que Aza não viveria tanto quanto eu, disse a ela todas as clássicas coisas que dizem para pessoas que estão morrendo. "Eu poderia ser atropelado por um ônibus e morrer amanhã" etc. etc.

Aza ficou tipo: "Verdade, exceto que, com que frequência, falando sério, Jason, pessoas são atropeladas por ônibus e morrem?" Então, ela cruelmente me revelou as estatísticas. Não com muita frequência, afinal.

A mãe de Aza joga os braços em volta da minha fantasia de jacaré, e acompanho os pais de Aza até suas cadeiras. Ambos se apoiam em mim.

A cova na qual vão colocar Aza é bem pequena.

0917363717872146844090122495343014654958537105079227 96.

Quando é minha vez de falar, tiro a cabeça de jacaré e recito outro pedacinho de *pi*. Então digo, o mais rápido possível:

— Então, vocês podem saber ou não que não param de descobrir mais dígitos desse número. Queria dar a Aza todos os dígitos. Tentei isso, quando nos

conhecemos. Descobri, mais tarde, que ela sabia mais dígitos do que eu. Estava tentando dar a ela uma coisa que nunca teria fim.

Todos ficam me olhando. Há um barulho de compaixão adulta coletiva que me faz querer vomitar.

— É isso — digo. — É só isso. Estou bem. Não se preocupem.

Todos vestem uma expressão como a de um exército do conforto no rosto. Na minha cabeça, estou recitando *pi* freneticamente.

A família de Aza faz a parte deles.

Mãe de Aza:

— Ela era doente, mas eu a teria trocado por alguém que não fosse? Se significasse perder a pessoa que ela era? Não.

Pai de Aza:

<balança a cabeça, não consegue dizer nada>

Mãe de Aza:

Ela o abraça e lhe entrega um pedaço de papel colorido. Não consigo ver a lista de Eu Te Amo que lhe deu, mas ele a olha por um instante e seu rosto diz que acaba de salvá-lo.

Eli:

— No ano passado, alguém me deu um presente de dia dos namorados, e Aza disse que o odiou. Eu gostei. Ela também, mas ficou fingindo que não. Vou dá-lo a ela agora.

Eli pega um pouco de confete, e o jogamos pelo ar. Tem formato de coração. Ele brilha enquanto cai.

Penso: por que nunca dei um presente de dia dos namorados para Aza? Não sabia que gostava de confete. Não sabia que gostava de corações. Teria rido de mim. Teria dito que eu era piegas. Mas talvez eu...

Looping.

Pego os balões. Há uns duzentos deles. Parece que estamos numa loja de artigos para festas e temos 5 anos de idade. Exceto que é uma loja onde alguns de nós estão mortos.

Todos amarram bilhetes nos fios. Eve foi contra os balões, por causa do material questionável. Tive que ir a um monte de lugares atrás de opções biodegradáveis. Momentaneamente, sinto que estou acertando.

Está chovendo forte agora. Alguns balões estouram assim que os soltamos, mas outros sobem como deveriam. Isso é sempre um saco em relação a balões. Na sua mão eles parecem enormes, mas, assim que os solta, imediatamente tornam-se pequeninos.

O meu é enorme e verde, porque precisa carregar uma extensa carta, dentro de seu tubo à prova d'água. Quis que pudesse chegar o mais perto do espaço possível. Por isso, é um balão meteorológico pintado com spray para enganar Eve.

E então...

Trovão.

Relâmpago.

Todos correm para seus carros o mais rápido que podem sem parecerem desrespeitosos.

Para onde *eu* devo ir, exatamente? Aza está numa caixa no chão.

A cova é pequena demais para que eu possa entrar, levar os joelhos até o peito e deixar que me cubram. Mas como pode existir um resto da minha vida?

As árvores estão se inclinando com o vento. Um galho se quebra e cai no chão não muito longe, e minhas mães estão tentando, nada discretamente, me fazer partir com elas.

Olho para cima e vejo meu balão subindo. E então vejo uma coisa brilhar...

Um vislumbre de uma vela branca esvoaçante, e um ponto de luz brilhante, de certa forma saindo das nuvens escuras. Vejo *alguma coisa*, cordas, a proa pontuda de um...

Um objeto cai das nuvens, e escuto a voz de Aza. Juro que escuto.

Escuto Aza gritar meu nome.

CAPÍTULO 9

{AZA}

— Aza Ray — diz alguém, muito, MUITO alto. — Aza Ray, acorde.

Enfio a cabeça debaixo das cobertas. De jeito nenhum. Não vai ter como acordar, porque claramente são cinco da manhã e isso só pode ser uma cruel flebotomia noturna. Minha cabeça está girando e doendo, resquícios do que quer que tenha me trazido aqui, e sim, lembro-me de algumas partes, e sim, uma parte foi ruim, mas já passei por coisas ruins antes, e no entanto aqui aparentemente estou, então não pode ter sido *tão* ruim assim.

Tenho dormindo tanto que parece que morri. Tenho permissão de fazer essa piada. Não importa qual droga tenham me dado, está funcionando. Se alguém me perguntasse, posso dizer que na escala de dor estou no zero, o que nunca aconteceu antes, não em toda minha história de hospitais.

A voz fica mais alta. Essa enfermeira não tem a menor noção de gentileza. Sua voz é, ao mesmo tempo, alta demais e aguda demais. Arranco o cobertor do rosto.

— AZA RAY QUEL. É hora de acordar!

Uma coisa afiada me cutuca. Minha cama sacode.

Relutantemente, abro os olhos e estou olhando para...

Uma coruja.

UMA CORUJA DO TAMANHO DE GENTE, uma, o quê? O QUÊ? UMA ALUCINAÇÃO DE PRIMEIRA LINHA.

A coruja estica seus compridos dedos amarelos e passa um deles sobre minha testa. Ela estala e abre o bico para mim.

— Ainda está com febre — observa.

Ah não, não, não, não, não. Na minha experiência, alucinações não falam, apesar de, quem sabe, considerando que pareço ser uma Aza completamente nova ultimamente, uma Aza que alucina com navios e pássaros gigantes e...

— SOCORRO! — grito. Não me importo se estou quebrando as regras do hospital dando um ataque. Esta sou eu desistindo de minha calma cuidadosamente cultivada enquanto paciente de hospitais desde sempre. — ALGUÉM ME AJUDE!

A cama balança tanto que imediatamente fico enjoada. Estou embolada em cordas e galhos e enrolada num cobertor feito de... penas?

A coisa-pássaro tem um nariz de bico *e* boca. Não é um pássaro. Não é humana. Não é nenhum dos dois. E também é os dois.

Fato: não se sabe o que é alucinar de verdade até estar alucinando. É uma coisa gigantescamente séria.

Pelo menos não está tudo pegando fogo, escuto Jason dizer na minha cabeça. É, exceto que tudo meio que *está* pegando fogo. Cérebro torto, cérebro fervendo, cérebro quebrado. A coruja está usando roupas, mas também tem plumagem. Está coberta de penas e listras. Ela tem asas E mãos e estende os dedos para mim. É do tamanho de uma pessoa, mas com asas, ah, definitivamente são asas, e está usando um uniforme cinza com uma insígnia. Há um navio com formato de pássaro bordado no seu peito.

Anjo? Criatura meio anjo, meio pássaro? Que diabos estou vendo aqui?

— Quem é você? Onde estou? Não me toque!

A coruja está definitivamente checando meus sinais vitais, mas de jeito nenhum. Eu mesma o farei. Quando se é doente profissional, acaba se tornando ridiculamente especializada em procurar por sinais de morte em você mesma.

Talvez a pobre coruja seja uma enfermeira humana, e eu seja a coisa feral e raivosa. Não é culpa minha se for. Morfina? Mas morfina significa coisas ruins. Estou recebendo morfina na veia num hospital, estão fazendo com que doa menos. O que significa que estou morrendo dolorosamente.

O que significa...

Rebobinando. De volta à ambulância. De volta ao escuro. De volta ao silêncio e à neve caindo no mundo.

Jason, Eli, meu pai, minha mãe, meu ah meu Deus, eu...

Eu *morri*.

Que. Merda. É. Essa.

Aza, *que merda é essa*?

Onde estou?

Perco o controle.

— Onde estão meu pai e minha mãe? — consigo perguntar à coruja. — Onde está Jason? Como é que não estou morta?

A coruja cacareja:

— Não há necessidade de tanto medo nem rebuliço, filhote. Você está num navio. Bem-vinda a bordo do *Amina Pennarum*.

Percebo que tudo o que diz é num idioma que entendo, mas não é inglês. Não sei como compreendo. Quando tento me concentrar, não consigo. Olho para ela em meio às lágrimas.

A cabeça da coruja dá uma volta completa até a posição original, igual o globo terrestre da minha aula de história, uma esfera esburacada dos anos 1970, com a superfície espetada de marcas de lápis. Ela tem manchas pretas nos cabelos brancos. Tem sardas no rosto todo, e sua pele é pálida e um pouco prateada.

Seus dedos são amarelos, escamosos, e as unhas, pretas. Todos têm anéis de ouro, ligados uns aos outros. Os anéis estão ligados a outra coisa, por baixo das roupas. Posso ver correntes subindo por seus braços.

Algum tipo de arreio? Será que é uma prisioneira?

Será que *eu* sou uma prisioneira?

Em qual país? No céu? Espera, *que* céu? Eu não acredito em céu!

— SOCORRO! — grito mais uma vez.

— Silêncio — pede ela, com o tom de voz caloroso, mas impaciente. — Que o Sopro a leve se continuar gritando desse jeito. Você não é uma recém-nascida, filhote. É estridente demais. Está fazendo meus ouvidos doerem. Agora fique quieta.

Meu peito treme. De dentro dele — de dentro do meu pulmão — sai uma nota aguda. Tenho um vislumbre do pássaro no meu quarto. O pássaro amarelo. O que engoli.

Quatro alvoradas, diz o pássaro em meu peito, num tom de voz totalmente normal, exceto que está VINDO DO MEU PULMÃO. *Durante quatro alvoradas, você dormiu*.

Arquejo e me preparo para engasgar com as penas.

Mas não estou engasgando. Posso respirar. Faço um teste. Inspiro profunda e lentamente, e então expiro tudo ainda mais lentamente. Jamais consegui fazer isso antes.

Paro de chorar por um momento e escuto. Nem sinal dos sintomas usuais de desespero de hospitais, ou de seu cheiro, nem ninguém tendo que lidar precariamente com a súbita perda de seus filhos enquanto toma um café ruim numa sala de espera.

Meus gritos não assustaram a coruja, que agora está apenas me olhando calmamente e medindo minha pulsação. Tento fazer perguntas.

Se isso for uma alucinação, ela vai responder como uma enfermeira responderia. Se isso for o céu...

— Você é um anjo? — pergunto.

Ela ri.

— Então *sabe* falar educadamente, afinal. Não tínhamos certeza de que possuía essa habilidade. Tudo o que fez desde que chegou a bordo cinco dias atrás foi gritar, dizer para todo mundo que está morta, e que não é assim que deveria parecer estar morta, apenas para em seguida apagar de novo.

Posso estar hiperventilando ligeiramente. Consigo fazer perguntas entre arfadas, mas ainda não estou tossindo. Deveria estar tossindo.

— Onde estou? O que aconteceu? Que diabos é isso? Quem diabos é você? *AQUI É O INFERNO?* Por que você é um pássaro? Isso é uma fantasia? Você existe? É uma enfermeira? Isso é um hospital? Estou num *navio*?

A coruja olha para mim, inclinando a cabeça com uma expressão que faz parecer que já tive esse diálogo com ela antes. Puxa minhas cobertas e as estica. Percebo que estou nua.

Tenho uma visão de um necrotério. Estou num necrotério? Estou congelada numa gaveta? Não me sinto morta. Sinto-me loucamente viva.

— Filhote. Você foi trazida a bordo consideravelmente estressada, por um Sopro convocado numa emergência quando eu e o restante dos Rostrae do *Amina Pennarum* não conseguimos convencê-la a vir pacificamente. Você teria morrido lá embaixo, encurralada dentro daquela pele, se Milekt não a tivesse encontrado.

"Aqui não é o inferno, e sim o céu — continua. — E eu também não sou nenhum diabo, e sim Wedda. Saudações, é um prazer conhecê-la também. Não sou um pássaro, sou uma *Rostrae*. E é claro que isso não é uma fantasia. Essas são minhas penas."

Certo, isso explica tudo.

Isso é algum tipo de colapso nervoso. Meu cérebro está transbordando de coisas que li: Milton, William Blake e *Moby Dick*, além de filmes da Disney, vistos contra minha vontade em hospitais infantis, e especiais de fim de ano com movimentos de ioga new age que colocam seu cérebro num tipo de estado cósmico, e eu Não. Sei. O. Que. Pensar.

Sossegue, instrui o pássaro no meu peito. *Aninhe-se. Alimente-se.*

— Ela está com fome, é verdade — diz Wedda, respondendo casualmente para minha caixa torácica. — Não é normal dormir por tanto tempo.

Inclina-se e começa a tentar me dar algo com uma colher, espirrando comida no meu rosto. Não abro a boca, mas, quando enfia a colher entre meus lábios,

finalmente dou o braço a torcer e dou uma mordida em algo parecido com mingau de aveia.

Posso sentir o vento vindo de algum lugar. Como uma brisa do oceano. Os sons — que, a princípio, vagamente pensei serem apitos das máquinas de hospital — não são apitos, afinal de contas. São pássaros. Pássaros cantando e guinchando e piando.

— *Por que* está aqui? — pergunto à coruja.

— Sou sua comissária de bordo. Todos os oficiais a bordo do *Amina Pennarum* têm camareiras da classe emplumada. Você não sabe de nada, pequena, e tem muito a aprender. Ficou afastada por um longo tempo.

Ignoro as palavras "afastada por um longo tempo".

— Que oceano é esse? Pacífico? Estamos num navio de cruzeiro? Um navio-hospital?

Ela ri mais uma vez.

— Quando chegou, era um filhote caído do mastro e jovem demais para voar. Mas, agora, acho que está se recuperando. Perguntas e mais perguntas. Vamos colocar o uniforme em você. Já ficou na cama tempo o bastante. Está precisando de ar fresco e exercício.

— Estou bem — discordo, inquieta e mentindo. — Posso me vestir sozinha. Sei me alimentar sozinha, também. Não preciso de uma camareira.

Wedda suspira.

— Pelo amor do Sopro! Não preciso vestir uma filhote também, mas você e eu não estamos no comando, então sugiro que torne tudo mais fácil para nós duas e deixe que eu o faça. E então podemos cuidar das nossas vidas.

Ela me lembra *tanto* uma enfermeira; direta e zero tolerância para frescuras. Tenho um flash de lembrança boa, uma enfermeira rindo no meio da noite, ecoando pelo corredor até meu quarto do hospital. Ah, Deus, onde estou e o que aconteceu comigo?

Wedda me entrega uma jaqueta azul justa e calça da mesma cor, com uma camisa e roupas íntimas feitas de um material macio. Então me puxa e repuxa até

que eu esteja vestida. Não deu exatamente para ser uma pessoa funcional que sabe fazer tudo sozinha. Sinto-me tão fraca que mal sei o que são botões, e estes botões estão mais para o campo dos ganchos.

— Mas — digo esperançosamente — o que significa *Rostrae*?

— Você foi levada quando era muito pequena. Não se lembra de nada disso, lembra?

— Levada.

Ela assente, como se Levada não fosse nada demais. Mas *é*.

— Um Rostrae, minha pequena, é o que pessoas lá embaixo chamam de pássaro. Exceto que Rostrae são pássaros que nem sempre são pássaros — continua. — Meu povo viaja em céus afogados, e aqui em cima também. Nem todos os pássaros que vocês veem lá embaixo são como nós. Apenas alguns.

Penso em pássaros: corvos, gralhas, pardais. Imagino um bando de gansos se transformando em criaturas como Wedda, mas na superfície de um lago. Existem contos de fadas com esse tipo de coisa. E antigos mitos.

Penso em todos aqueles pássaros no meu quintal aquele dia, seja lá qual tenha sido *aquele dia*. É uma lembrança vívida: todos aqueles diversos tipos de pássaros me encarando, e cordas atravessando a janela...

E *Afogado*? O que é um céu afogado?

Ela enfia meus pés em botas de couro cinza.

— Estas, por exemplo, são feitas de pele de pombo — informa. — Não de Rostrae.

Certo. Sinto seus trêmulos corações silenciados através da pele morta.

Não. Não mesmo, isso é impossível. Sacudo a cabeça. Não entendo nada disso.

— Está preparada, filhote? — pergunta Wedda, ajeitando suas penas de volta.

— Para quê?

— É hora de conhecer o navio.

— Mas eu...

— Capitã! — grita Wedda. — Aza Ray Quel está acordada!

Do lado de fora da cabine, pássaros guincham, e, com uma grande lufada de esquisitice, percebo que o barulho que estava ouvindo é um idioma; pássaros discutindo a respeito de quem vai me ver primeiro.

A porta se abre com força, e uma onda de não pessoas entra. Asas de todas as cores, e, por baixo das penas, vejo rostos. Dou um passo relutante para trás, e Wedda me equilibra.

Ah Deus, Aza. O que está acontecendo?

Penas azuis brilhantes numa menina com um moicano azul-escuro. Peito de penas vermelhas num homem de rosto comprido e magro e cabelos escuros.

Rostrae. Todos uniformizados.

Eles se curvam. Não sei por quê.

Então, outros entram, apenas alguns, também uniformizados, usando medalhas e insígnias. Esses são altos e magros, a princípio parecendo humanos, mas com lábios azul-escuros, e pele também azul. Ossos delicados, desenhos pálidos como nuvens nos pescoços. Se eu os visse contra o céu azul, poderia nem notá-los. São humanoides, humanos o suficiente para...

Do que estamos falando, Aza? Do que, exatamente, estamos falando?

Humanos?! *Humanoides*?!

Você não acredita nisso. Isso é coisa de óvnis e chapéus de alumínio e central de boatos, estilo Jason Kerwin. Isso é...

Lindo, interrompe meu cérebro, e é quando o resto de meus sentidos nota a alta pessoa azul parada diretamente na minha frente. A pele é de uma cor inexistente. Mais azul do que a minha jamais foi. Ele tem cabelos negros e olhos tão escuros que não consigo ver suas pupilas. Está me encarando tão intensamente que não tenho certeza de que não vou virar uma pilha amassada de cotovelos e joelhos. Dou uma embaraçosa resfolegada, o que na verdade sou eu engasgando com nada.

O garoto me olha de cima a baixo, e me sinto ficando insanamente corada. Baixo o olhar rapidamente, porque tenho a impressão de estar nua novamente, mas estou completamente coberta. Ainda bem que Wedda ficou a cargo dos

botões.

— Aza Ray Quel é só pele e osso — ladra o garoto, olhando acusatoriamente para Wedda. — Ela deveria estar pronta para seu trabalho. Consegue ao menos andar? Consegue cantar? É metade do que deveria ser. Pelo Sopro, achei que era para ser a escolhida.

Ele estende uma das mãos e cutuca meu ombro com força, o que me mobiliza.

— Com licença? — consigo dizer. — Quem é você?

Todos estão me olhando, me medindo, pessoas-pássaro e pessoas azuis. Estão fazendo pequenos ruídos de desagrado.

— Alguém pode por favor me dizer por que estou aqui?

— Isso não pode estar certo — diz uma das pessoas azuis a Wedda. — Este lamentável filhote não pode ser quem estivemos caçando durante todo esse tempo, Aza, a Raptada. Ela não é nada.

— Ela foi prejudicada pelo tempo que passou com os afogados — diz outra pessoa.

— E pelo Sopro que a trouxe a bordo. Isso provavelmente também a prejudicou. Ele a *carregou* — diz outro, num tom de repulsa e horror. — Ouvi dizer que rasgou a pele em que ela estava. Hediondo.

Todos estremecem.

— É chocante que esteja viva depois disso tudo — opina a primeira pessoa.

Sinto-me enjoada agora. Uma das pessoas azuis toca meu peito com seus nós dos dedos, me cutucando, e escuto o pássaro dentro de mim vibrar, rouco e abafado.

— Seu canwr aninhou-se no seu pulmão — explica Wedda. — Ele nunca faria ninho em outro pulmão. Isso é prova suficiente para a comandante, e prova suficiente para mim.

Há um empurra-empurra de repente, um burburinho. Sussurros e um barulho de desconforto. Todos parecem paralisados, e então estão todos atentos.

Alguém chegou. Uma mulher alta o bastante para tocar a cabeça de leve no teto.

— Comandante — diz um de meus visitantes. — Estávamos examinando a nova adição ao *Amina Pennarum*...

A mulher rosna para todos no cômodo.

— Atreveram-se a discutir sua condição sem mim? Ousam debater se é quem e o que eu digo que é?

Então ela para bem na minha frente, dobrando-se na minha direção. A mulher tem caracóis de cabelos negros retorcidos em nós complicados, e olhos pretos como petróleo em cima de azul-marinho. Maçãs do rosto pronunciadas. Nariz afiado, sobrancelhas como riscos de tinta, braços enlaçados de tatuagens, espirais, penas e nuvens feitas de palavras.

Eu a reconheço. Conheço seu rosto. Conheço suas tatuagens.

A conheço. Tenho sonhado com ela há anos. Nós duas. Um bando de pássaros.

A mulher estende a mão trêmula e toca meu rosto.

— Ah... zah — sussurra, e a voz não vem da boca, e sim da garganta.

A maneira com que diz meu nome é quase como Jason e eu o dizemos quando deixamos espaço para o &. Ninguém mais o pronuncia daquela maneira. Sua voz range. Não é como as vozes das outras pessoas azuis do cômodo, que são suaves. Há alguma coisa diferente na dela. É um sussurro mais áspero, mais estranho, mais dolorido.

— Sou Aza — chio, na voz mais normal que consigo.

Volta-se para Wedda.

— Ela está saudável? A febre diminuiu?

— Está — afirma Wedda. — Está recuperando as forças.

— Explicação? — tento dizer, mas minha voz está sumindo em minha garganta. Olho para baixo e noto minhas mãos azuis. Estão *extremamente* azuis. Azuis demais.

A mulher (comandante?) toca meu rosto mais uma vez com dedos frios e pontudos. Quero muito minha família. Quero minha mãe e quero meu pai e quero Eli e quero Jason.

— Então, onde está minha mãe? — pergunto. Tento parecer casual. Tento não fazer nenhum dos sons de choro que estou com vontade de fazer.

— Aqui — responde a capitã.

— Não. Onde está minha *mãe*? — repito com mais urgência, de um jeito embaraçoso e meio infantil. Queria poder esconder o rosto no suéter da minha mãe, e queria que ela estivesse me abraçando.

Sua voz flutua até minhas memórias. *Pode partir se precisar, Aza...*

Ah, Deus, minha pobre mãe acha que estou morta. Senão, estaria aqui. É a única maneira de isso ter acontecido.

Há asas por toda minha volta, e rostos se aproximando, rostos azuis, rostos cheios de penas e com bicos.

Wedda se afofa, parecendo uma galinha mãe em vez de uma coruja.

— Afastem-se — diz ela, em voz alta e intimidadora. — Deixem a pequena filhote respirar. Não faz ideia de quem vocês são nem do que aconteceu a ela.

Eles se afastam, mas apenas um pouco.

Toco meu peito, em busca do conforto do centro torto de minha caixa torácica. Lá está. Mas se parece — de repente — com uma fúrcula.

Quero um estetoscópio. Quero minha médica. Quero que bata no meu peito, caçando intrusos, porque isso aqui é uma CENTRAL DE INTRUSOS. Isso é alucinatus maximus.

Há todas essas coisas familiares, meio déjà vu, das tábuas nas paredes à maneira com que o rosto da comandante se move a centímetros de mim. O jeito que seu rosto é, o jeito que *ela* é.

Ela usa um colar estranho, que se pendura acima de mim quando ela se inclina, quase me tocando. Um pequeno pedaço de alguma coisa — um coral ou um osso? — preso numa resina transparente.

A terra se inclina. Sinto como se não estivesse no meu corpo.

— Milekt encontrou você — diz a capitã. — Içamos você dos afogados bem a tempo. Você quase se foi.

Cobre a própria boca e para por um instante. Os olhos estão transbordando

de emoções.

— Mas você está finalmente em casa.

No meu coração, esse coração torto, parte amassado, que sempre tive, sinto uma coisa tonta e estranha.

— Eu nem te conheço — sussurro.

— É claro que não se lembra de como as coisas eram antes de ser levada, quando estávamos no *Amina Pennarum* juntas. Era tão pequena. Apenas um bebê. Mas desde então já era... extraordinária.

Uma lágrima desce pelo rosto da comandante, escura como tinta de uma caneta. Ela pousa uma das mãos sobre meu rosto, no mesmo lugar em que minha mãe colocaria, e dessa vez fico parada, tomada por essa estranha sensação de:

C A S A

A S

S A

A S A C

— Sou a Capitã Zal Quel — afirma. — Você está a bordo do navio *Amina Pennarum*.

Pisco uma vez. Ela ainda está aqui. Ainda está me olhando cheia de expectativa. Eu ainda estou aqui. Ainda estou olhando para ela.

— Você é a Filha da Capitã, Aza.

E quando continuo a encarando, sem palavras, ela termina sua frase com as palavras que, de alguma maneira, sabia que iria dizer:

— Eu sou sua mãe. E esta é Magônia.

CAPÍTULO 10

{AZA}

Atravesso a porta determinadamente, passando por pessoas cheias de penas, braços azuis, uniformes cinza, e estou correndo, correndo, correndo por um corredor coberto por redes.

"Magônia", dissera Jason. Mas estávamos falando sobre contos de fadas, não a realidade. Ele estava falando de História e de alucinações. Era loucura! Eu estava doente!

Abro caminho pela multidão, e o pássaro dentro do meu pulmão grita comigo. *Respeite seu posto! Zal é a comandante! Faça continência!*

Disparo escada acima até o convés superior, abro a escotilha e saio para a luz.

Fico esperando respirar aquele ar puro e tossir, tocar o uniforme do hospital bordado com meu nome e sentir minhas costas geladas onde ele abre, mas me vejo em meio a um ar frio, sem estacionamento. *Sem Terra*.

Não.

Apenas o céu. Um céu enorme.

E ele está cheio de navios.

Em todas as direções, a todas as distâncias, de todos os tipos; pequenos veleiros, grandes navios, como este onde estou. Navios cobertos por suas próprias condições meteorológicas.

Um grupo de embarcações movimenta-se em conjunto, trazendo uma tempestade maior com ele. Barquinhos, catamarãs, iates, cargueiros; todos se movendo em pleno céu.

Todos voando. Os navios estão voando, sim, sim, é exatamente isso que está acontecendo, e eles nem têm asas. Estão apenas... flutuando no meio do nada.

E eu estou parada no convés de um enorme navio também. Com velas e aprestos e pranchas. Balançamos gentilmente contra a brisa.

Em poucos instantes, Zal aparece atrás de mim, segurando-me, considerando que estou vacilando como se nem pernas tivesse, como se fosse uma água-viva.

— Aza Ray Quel, esta é sua terra — anuncia pelo convés, com a voz estrondosa. — E estes são os navios do seu país. O *Amina Pennarum* é o primeiro entre todos eles. Não há nenhum melhor ou mais corajoso.

Um grupo de pessoas azuis se reúne à nossa volta.

— Estes são seus oficiais.

— Filha da Capitã — saúdam eles em uníssono, aqueles azuis uniformizados, com suas impossíveis vozes assoviadas. Erguem suas mãos até as sobrancelhas. Me cumprimentam como cumprimentaram a capitã.

Vomitar é a única opção sensata.

Debruço-me abruptamente contra a balaustrada do navio e olho as nuvens, sentindo o estômago revirar.

Uma coisa enorme me olha de volta. Pele escorregadia e prateada, com um ligeiro desenho, olhos pequenos. Ela pisca para mim, abre suas barbatanas de penas e espalha gotas de chuva. Solta um jato de vento e chuva como um chafariz de seu... respiradouro?

Ela nada de lado ao longo de uma nuvem e, enquanto o faz, canta.

Mar de estrelas, gorjeia, em palavras, mais ou menos, mas não exatamente. *Saudações*, canta a coisa numa bela voz. *Mar de chuvas e neve*.

Legiões de psicólogos já tentaram me fazer entender os supostos poderes de cura das lágrimas. Eu nunca os entendera até este momento.

— Não chore, Filha da Capitã. É apenas uma baleia-tempestade — diz uma

tripulante de penas, parada atrás de mim.

Moicano azul-escuro. A menina gaio-azul, percebo.

Apenas uma baleia-tempestade. Olho para a gigante criatura: não está mais abaixo de nós, mas acima do nível do corrimão do navio.

— Um dos nossos mamíferos marinhos — explica Zal. — Fazem tempestades para nos esconder dos olhos dos afogados. Fazem parte da nossa camuflagem.

Fico encarando as bordas de vapor mutantes daquelas criaturas parte baleia, parte clima.

— Nem todas as nuvens para as quais passou a vida olhando são baleias-tempestade, mas algumas o são.

Existem outras, então.

— Nem todas, mas algumas.

Baixo o olhar, para além de todos os navios no céu, além das baleias de nuvem e neblina, e subitamente, abaixo de mim, há um tabuleiro de gramados verdes e estradas e construções. A Terra. Fico paralisada de saudade, mas não tenho permissão de continuar olhando.

— Esta é a vela mestra do *Amina Pennarum* — diz Zal, apontando para o alto do mastro.

A grande vela me olha de cima e faz um ruído alto de reconhecimento, um grito como uma canção.

Voadora, diz. *Bem-vinda, vagalume*.

A vela mestra é um morcego gigante.

Gigante como o tamanho de uma sala de estar. Um tremendo morcego, meio branco, meio prata, com o corpo acorrentado ao mastro, os ossos como dedos esticados, esparramados, e as asas bem abertas para o vento. Ele me olha do alto, com os dentes ligeiramente entreabertos, saboreando o vento. *Menina*, diz, e chia um zunido alto.

Um integrante da tripulação voa até a altura do rosto do morcego e lhe oferece algo que vibra em um balde. Uma mariposa, me dou conta. Embora seja do tamanho de minha cabeça.

O morcego a pega e move suas asas, e sinto o navio acelerando.

Percebo um cheiro forte de óleo e fogo. A tripulação está esfregando o convés. Marcas negras. Um buraco num corrimão.

A sensação de déjà vu leva minha atenção de volta ao morcego. Há uma queimadura em sua asa sedosa, cicatrizando, mas feia. Há algum fato sobre ela, algo envolvendo um acidente...

Mas a sensação se vai. Não consigo me lembrar.

— Está machucado? — pergunto.

— Não se preocupe com isso. Morcegos-vela são apenas animais — diz Zal. — Os nossos são bem cuidados. Não sabem o que é dor.

Giro lentamente para ver o restante do convés. Há um timão para guiar o navio. Há também um guindaste de metal com aparência sólida, balançando do lado de fora da embarcação, enorme e coberto de correntes e polias.

E, no alto do mastro, há uma casinha cheia de pássaros amarelos. São do mesmo tipo do que entrou na minha boca. Do que entrou no meu *pulmão*.

— O *canwr* — diz Zal. — Nossa gaiola de pássaros-pulmão. Da espécie de Milekt.

Toco o lugar em meu peito onde sinto a vibração, e isso faz o pássaro que está ali dentro guinchar severamente. *Milekt*, diz o pássaro em meu peito. *Milekt*.

É apenas quando um dos passarinhos dourados acima de mim voa que percebo suas amarras. Ele alça voo contra o vento, grita e volta para seu poleiro, amarrado a ele por uma corda fina. Por um momento, ele olha para mim, com os olhos pequenos e pretos, mas não tem nada a dizer. Não se transforma em nada humanoide.

— Este é meu navio. Seu navio, agora. Esta é minha tripulação. E estes são o resto da classe emplumada — completa Zal, então bate palmas. — Rostrae! — grita.

Pássaros começam a cair do céu, pousando no convés, com cordas em suas garras. Muitos deles são os que apareceram no meu quintal, percebo com surpresa. Carregam um emaranhado de cordas, pequenas, grandes, algumas

finas, algumas pesadas como correntes, todas presas a mastros e ao convés. Mais três corujas. Gaviões. Corvos. Pássaros que nunca vi antes, pequeninos e cobertos de penas vermelhas e azuis e verdes, cor-de-rosa, prateadas. É como se alguém tivesse estourado uma *piñata*.

Uma águia dourada desce e olha para mim, com os olhos cor de caramelo, mas feitos de fúria. Não há nada de gentil naquele olhar. Parece ser o que é; uma caçadora. As asas devem medir mais de 2 metros, e ela tem garras compridas como meus dedos.

Meus joelhos tremem e minha cabeça parece girar, mas continuo de pé. As mãos de Zal estão em meus ombros.

Um beija-flor do tamanho de uma abelha chega perto de mim e fica suspenso no ar, de lado, me observando com um dos olhos de cada vez. Perto de meu rosto, um tordo, mas não um tordo-americano, e sim um europeu. Até aqui sei de coisas por causa de Jason. Como, por exemplo, que tordos-europeus são menores que os americanos, e muito mais ferozes. Este fica me olhando, com um olho preto e brilhante, e dá um pio cheio de julgamento.

E, então, todos os pássaros se transformam.

Esticam as asas, e os ossos estalam e fazem ruídos quando se expandem, crescendo em altura e tamanho. Os bicos se abrem cada vez mais, até que rostos aparecem em volta deles, com as cabeças abaixadas cheias de penas. Agitam suas plumas, e, então, com um arrepio, algo novo surge onde os pássaros estavam.

Todos os pássaros se transformaram em pessoas.

Há um homem pequeno e belo onde estava o beija-flor, com nariz em formato de bico e dedos se mexendo; uma mulher gigante onde estava a águia, de cabelos feitos de penas douradas e braços musculosos. O tordo se metamorfoseia, de formas que eu sou incapaz de descrever, num homem cheio de tatuagens vermelhas e laranja no peito e olhos escuros delineados de branco.

Todas essas coisas imaginárias olham para mim. Todas me saúdam; uma fantasia inventada por alguma criancinha — como a criancinha que eu fui, a garota que leu todos os livros de ilustrações de aves de John James Audubon, a

garota que fazia navios de papel, e que era perturbada pelo canário de uma das salas de aula.

— Filha da Capitã — gritam as pessoas-pássaro em uma só voz. Vinte e cinco canções diferentes, mas todas concordando em quem eu era. Não parece haver dúvida.

Todos parecem certos acerca de minha identidade, exceto eu mesma. Ficam me encarando, esperando.

Olho para a capitã.

— Quero ir para *casa* — digo, o mais educadamente possível. Esta parece minha única chance de recuperar algo que perdi. — Aconteceu alguma confusão, está bem? Não sou sua filha. Nasci num hospital no planeta Terra. Meu pai fez margaritas para todos os funcionários com um liquidificador que levara no carro. Ele tinha quatrocentos limões. Existem fotos minhas nascendo, fotos sangrentas. Não sou adotada. Não sou quem pensam que sou. Quero ir para casa. Meus pais vão achar que morri. Por favor, me deixe ir.

Mais uma lembrança vem à tona: Jason, oh, meu Deus, Jason, segurando minha mão, dizendo que me encontraria. Como ele poderia me achar se estou *aqui*?

O garoto de pele azul da minha cabine, o bonito e grosseiro, aparece na minha frente e me encara.

— Permissão para falar?

Zal assente.

— Concedida.

— Como previsto, ela deseja voltar à sua situação. Talvez devêssemos escutar o que diz quando afirma não pertencer aqui. Talvez tenha razão. Não podemos nos dar o trabalho de perder mais tempo.

Zal me vira para que eu fique de frente para ela.

— Os afogados não sabiam que você precisava de ar magoniano. Não sabiam que precisava de seu navio, de seu *canwr*, de sua canção, porque não fazem ideia de como vivemos. Lá, você estava morrendo. Aqui, você floresce. Esta é sua terra,

Aza Ray. Trouxemos você para casa.

— Mas — começo — não sou quem pensam que sou.

— Olhe só para você mesma — sugere, e então sorri, estendendo um pequeno espelho. — Veja quem é.

Meu reflexo está um pouco borrado nas bordas do espelho, escuro e embaçado, e, por um instante, tudo em que posso focar é no cabelo que se move e retorce como se fosse feito de cobras. Chicoteia em volta do meu rosto e para todos os lados, e então sai da frente de meus olhos e...

Vejo meu rosto, mais ou menos, o rosto que sempre tive, angular e esquisito, meus enorme olhos, porém...

Porém essa garota tem carnudos lábios azul-escuros em vez dos meus lábios finos de sempre. E os olhos; os reconheço como sendo meus, mas costumava haver um azul-escuro sobre os tons que agora vejo, dourados e avermelhados, como peixes debaixo d'água.

Essa garota tem maçãs do rosto pronunciadas, e, quando abre a boca, seus dentes são mais afiados que os meus.

Estou olhando para sua pele, os cabelos, o eco do meu rosto, e, então, para o eterno corpo de Aza, ossudo e sem peito, que sempre odiei, e meu corpo também está coberto de uma coisa completamente diferente.

Não sei o que dizer. Não sei

o que

fazer.

Quero a antiga eu. Quero sua pele pálida e voz sem fôlego, e seus braços magricelos.

Sequer percebo que deixei cair o espelho até que os cacos de vidro se espalham pelo convés.

Olho para a capitã, e tensiono a mandíbula. Zal nem se mexe. Observa-me fixamente.

— Você é minha filha, Aza — insiste, e então a voz fica mais suave. — Sua vida aqui é melhor do que jamais poderia ser lá embaixo. O subcéu é uma terra

das sombras, e os afogados são um povo das sombras. Você foi raptada e colocada lá embaixo como punição por meus pecados, não pelos seus. Nada disso foi culpa sua. Foi minha.

Mais uma lágrima negra escorre por seu rosto.

— Fazem dezesseis anos que nasceu para mim, e quinze desde que foi levada. Não sabe o que é essa dor, Aza. Não sabe os efeitos que isso teve em Magônia.

Ela se endireita e sorri, balançando os ombros.

— Mas, hoje à noite, celebraremos, como deve ser. O tempo de luto chegou ao fim. Esta noite, nos regozijaremos com seu nascimento e seu retorno. Dai...

Ela se vira para o garoto de cabelo preto, que ainda está me olhando, cheio de rancor e julgamento.

— Os afogados estarão comemorando o aniversário dela com um enterro.

Sobressalto-me.

— Faremos algo melhor. Você dará a Aza uma amostra de canção magoniana, a primeira a que escutará em quinze anos.

Ele vacila, mas assente e, em seguida, fecha os olhos por um instante. Os céus estão muito mais vazios do que antes. Não vejo mais nenhum navio à nossa volta agora. O nosso está se movendo muito rápido, e sinto o vento aumentando quando começa a sair de seu peito uma música complexa, cheia de batidas e gritos.

Então, sua garganta começa a acompanhar a melodia já iniciada.

Sinto minhas costelas chacoalharem. Esse garoto, Dai, tem um pássaro no peito como eu.

Eles cantam juntos em perfeita harmonia. A sonoridade é tão bonita que fico deslumbrada.

Em meu peito, Milekt grita: *Aprenda. Cante com ele. É o que deve fazer.*

— Não — digo, irritada com a insistência de Milekt e com meu próprio desejo estranho de obedecê-lo.

Há algo de extrema importância sobre cantar por aqui. Suspeito, não, eu sei, que canções podem fazer coisas acontecerem.

Aquilo me faz ficar nervosa e ansiosa demais só de pensar em tentar. É uma sensação como...

O pensamento pipoca na minha cabeça. *Jason*.

Dai está me olhando de cima com uma expressão maligna no rosto. Escuto um trinado estranho de seu peito também.

— Não! — exclama Dai, batendo no peito em seguida. — Não é hora. Ela não está pronta.

Seu pássaro se cala. Ele sobe pelo cordame do navio, enrolando os braços nas cordas. A tripulação permanece atenta, e Dai canta mais uma nota musical. Como se convocadas por ele, estrelas começam a piscar por todo o céu.

Algumas são mais brilhantes que as outras, reluzindo com mais intensidade contra a escuridão que as cerca.

Eu conto. São dezesseis delas. Tão reluzentes que poderiam ser velas.

Lá no alto do mastro, os outros pássaros juntam-se à canção, e então meu próprio pássaro começa também, de dentro do meu peito. Ele preenche os espaços da canção de Dai com as próprias notas.

Subitamente, sei que deveria estar cantando também. Quase não consigo me conter para fazê-lo, mas por quê?

Sério? Não sou cantora.

Finalmente, uma coisa começa a surgir. Esta canção, ela faz o ar oscilar à nossa volta, em volta de Dai e eu.

Quem é ele?

Eu não sei, mas meu coração está batendo forte, e, então, arqueando-se contra o céu, a aurora boreal aparece, propagando-se no escuro.

Verde

Azul e

r

o

s

a

e
v
e
r
m
e
l
h
a
e
t
a
n
g
e
r
i
n
a
e
b
r
a
n
c
a
e
PRATEADA.

As cores cobrem nosso navio, e eu olho para Dai, reluzindo sob elas.

Ele joga a cabeça para trás e canta uma nota para as estrelas, e sinto meu peito

tremer em resposta. Meu pássaro gorjeia de novo, e mais uma cor, azul-claro, emerge da aurora boreal.

Dai escala um dos mastros até a metade, como se não fosse nada demais. Uma poeira violeta suave cai do céu.

Estou de queixo caído. O rosto de Zal parece amável quando ela, mais uma vez, coloca uma das mãos sobre meu peito.

— Feliz aniversário, Aza — proclama Dai do mastro e faz uma reverência com a cabeça em minha direção.

— Feliz aniversário Aza — diz o resto da tripulação em uníssono, e eles também reverenciam.

— Feliz aniversário, Aza — completa Zal, e sorri para mim.

Este é o aniversário, ao qual eu não deveria chegar. Deveria estar morta, mas não estou. Deveria estar na Terra, mas também não estou. Faço um barulho que não percebo que faria, um longo gemido de inconfundível desespero, e de algum lugar, no fundo do navio, vem um abafado gemido em resposta. A tripulação se mexe nervosamente, olhando em volta, mas tapo minha boca com uma das mãos.

Deveria ser educada e respeitosa e grata. Mas estou num navio no céu e fui raptada de minha família e, aparentemente, todos que amo acham que estou morta.

Faço uma rápida recapitulação e chego à conclusão de que não me lembro de nada que tenha certeza de ser verdade a não ser das bombas de chocolate em minha cozinha, da gravação de uma gigante lula prateada no fundo do oceano, e de Jason e eu, quase...

E bum, lá está. A linha que divide fato de ficção. Me viro para olhar a capitã.

— Disse que eles me enterrariam no meu aniversário. Quem minha família está enterrando se estou aqui? — grito.

— Chega! — berra Zal de volta, olhando diretamente para mim; mas pareço estar completamente enfurecida.

— Não! Me leve para casa!

— Eu disse que isso iria acontecer — pronuncia-se Dai, descendo do mastro. — Ela está quebrada.

Zal se enrijece.

— Ela não está! Aza é forte o bastante para que nenhum Sopro a prejudique. Ela ajeita os ombros olhando diretamente para mim, e em seguida dá o tipo de risada alta e estrondosa que você odiaria ouvir numa sala de cinema.

— Você é minha própria filha, mesmo que tenha sido criada por afogados — insiste. — Eu também não acreditaria no que me contassem se não me certificasse bem. Não vindo de estranhos. Nem mesmo de amigos. Vou mostrar a você, filha. E então vai acreditar. Vai saber quem é destinada a ser.

E foi assim que acabamos sobrevoando meu enterro.

CAPÍTULO 11

{AZA}

— Quando você morrer em Magônia — explica Zal —, terá a despedida de um herói, bem diferente dessa.

Ela me entrega uma luneta de madeira e bronze, e, em instantes, estou vendo através dela o estacionamento do meu colégio. Levanto a cabeça quando diz aquilo.

— Parece que meu funeral aqui já está planejado.

— Viver é um risco, Aza — responde secamente. — Heróis morrem jovens. Você escolheria ser menos que uma heroína? Aqui, o céu se iluminará de fogo por você. Nossos funerais são os pôr do sol deles.

Entendo. Que reconfortante. (Que louco.)

Abaixo de nós, no chão, pessoas começam a sair da minha escola vestidas de preto. Estou respirando aceleradamente, mas estou bembembem, completa e totalmente bem...

...até o momento em que a multidão se separa para abrir passagem para o cara alto fantasiado de jacaré.

Então não me sinto mais bem. Digo seu nome uma vez em voz baixa, e em seguida mais alto:

— Jason.

Posso ver, mesmo a essa distância, que Jason Kerwin está apenas fingindo estar bem. A cabeça do jacaré está numa de suas mãos, e consigo ver seus lábios rachados pela luneta. Mastigados. Posso ver os olhos, vermelhos e injetados. Parece ter sido atacado por alguma coisa que venceu a briga. Mais uma vez, ouço aquele som, aquele triste lamento de algum lugar do navio. Olho para Zal, mas ela não reage. Ninguém o faz.

— Está vendo? — balbucia Dai, surgindo de repente ao lado da capitã. — É o afogado por quem ela chorou quando chegou a bordo. Talvez seja seu ethologidion, não...

— Ele é apenas um afogado — interrompe a capitã, e em seguida resfolega. — Ela não pode ter ligação com aquilo. Está abaixo até mesmo da classe emplumada.

Não sei o que aquilo significa, e não me importo. Estou assistindo o cortejo do meu próprio funeral.

O carro de Jason sai do estacionamento na frente dos outros alunos e professores. Estão buzinando no mesmo ritmo. Ele está fazendo com que buzinem uma mensagem. Pego uma parte dela. Não tudo, mas o bastante.

Dai ainda está murmurando, julgando as lágrimas em meu rosto como uma fraqueza, mas todos os outros — exceto por aquele pássaro gemendo — tiveram o bom senso de calar a porcaria da boca.

No cemitério, meus pais saem do carro, parecendo dez anos mais velhos do que da última vez em que os vi, e sinto uma onda de tensão horrível dentro do peito. A comandante está segurando meu braço. Tudo o que posso fazer é assistir.

Eli se arrasta para fora do carro atrás deles. Os cabelos não estão lisos e retos, como de costume. Ela deu mais do que uma aparada. Cortou o cabelo todo, e as pontas estão loucamente irregulares.

De propósito. Só pode ser. Não há outra explicação.

Finalmente entendo porque as pessoas têm medo de morrer. Finalmente entendo porque ninguém gosta de falar no assunto. Papai Noel às avessas está

carregando tudo da minha vida para longe num saco grande, e esperam que eu ache isso OK.

Meu pai carrega uma caixa de madeira do tamanho de uma caixa de sapatos.

Soluço acidentalmente.

— Sou eu? Nessa caixa? — pergunto à capitã.

Meu peito está apertado demais, porém, não é mais porque estou morrendo. É porque estou sentindo falta deles. Posso ver a manga do suéter de minha mãe se desfazendo. Posso ver meu pai se arrastando, porque o stress sempre faz suas costas doerem.

— É claro que não — responde Zal, impaciente. — Você está aqui a meu lado. Eles só têm as cinzas, da pele — explica, como se não fosse nada.

— *A pele?*

— O Sopro deixou-a para trás quando trouxe você aqui para cima. Certamente se recorda de sua libertação? Pelo relato, foi uma coisa desagradável e apressada, mas você estava morrendo. Nunca teria deixado um deles chegar perto de você se não estivéssemos sem tempo.

Mais uma vez, o *Sopro*. Fico escutando esse termo o tempo todo num tom de voz estranho.

Mas, lá embaixo, minha família deixou um espaço onde eu devia estar. Sou um { } no meio das pessoas que me amam, um vazio na frase deles.

Sinto uma onda de soluços virando um tsunami. Não consigo me mexer. Mal consigo enxergar, porque agora tudo que vejo são lágrimas negras descendo por minhas bochechas. Sinto a boca se contorcendo em sons terríveis, e o pássaro abafado abaixo do convés, ou seja lá o que for, ecoa meus gritos lamuriosos. Zal levanta a cabeça rapidamente, escuta, mas não diz nada.

Minha mãe tropeça, e meu pai a segura. Agora Jason está entre os dois, ajudando-os a ficar de pé. Como podem estar fazendo isso? Como posso estar morta para eles, e viva aqui em cima?

— Quero ir para casa! — Escuto sair da minha boca, e aparentemente não me importo por, em casa, estar numa caixa, por minha família estar me carregando

até um buraco no chão. — Por favor, me deixe ir para casa.

Ninguém do navio tem nada a dizer. Para eles, minha casa é onde acham que estou.

— Casa — sussurro, mas ninguém liga.

Jason distribui balões, e as pessoas estão amarrando envelopes nos fios. Jason é o último a soltar o seu, um balão verde e grande. Ele levanta a cabeça quando o faz, e, pela primeira vez, consigo ver bem seu rosto.

Claramente não está vendo nada, nenhum navio, nem vela, nem eu. Ele solta.

O balão verde sobe, cada vez mais perto, sobe, sobe, e corro na sua direção, esticando-me. Tento alcançar, mas não consigo apanhá-lo.

— Basta — decreta Zal. — Essa foi a prova que você pediu. Agora é hora de recomeçar. Tem tanto a aprender, Aza Ray Quel, e tão pouco tempo.

Ela gesticula para Dai, que assume o timão.

— Erguer — ordena.

— JASON — grito. Atiro a luneta por cima da balaustrada com toda a minha força. — JASON, ESTOU AQUI EM CIMA!

O navio explode em gritos e xingamentos e penas; Dai gira o timão com força.

— ME DEIXEM SAIR DESSE BARCO! — berro, tentando fazer com que minha voz alcance Jason. — NÃO VOU ABANDONÁ-LOS! ME DEIXEM IR! JASON!

— Recue! — esbraveja Zal.

Seus braços envolvem meu corpo, e ela me derruba no chão. Bato a cabeça ao cair com um horrível estalo, mas ela parece não notar. O navio sobe, para longe da Terra e de casa.

Todos os Rostrae sopram e se transformam de volta em pássaros, pegando cordas e nos levantando ainda mais. As asas do morcego-vela estão abertas e batendo.

Minha cabeça parece estar se desprendendo do corpo.

Meu coração ainda parece estar lá *embaixo*. Não consigo gritar, mas estou aos prantos, soluçando, e o pássaro abaixo do convés também está gritando, como

um assustador canto da sereia.

— Que o Sopro a leve e a rasgue com seus dentes e garras! Que o Sopro consuma você! — grunhe Dai. Ele está me segurando no lugar de Zal enquanto ela assume o comando novamente. — Acha que os afogados a amam, mas está errada. Matariam você se soubessem o que é.

Sinto-me sedada, drogada, anestesiada. Talvez tenha sofrido uma concussão. Não sei mais nada.

Fico vendo Jason em sua fantasia de jacaré. Fico pensando nele na ambulância, dizendo que iria me encontrar, que não me deixaria morrer.

Mas deixou. Ele me deixou ir. E estou aqui em cima, e ele lá embaixo.

— Jason — sussurro. Dai está observando meu rosto.

— Está ligada àquele afogado sujo. Eu sabia.

Ele me faz ficar de pé e me arrasta até onde Zal comanda o timão, passando o navio por nuvens pesadas, forçando-o contra a tempestade. Ela olha com uma expressão de reprovação para Dai e me imobiliza com seu olhar.

— Você *vai* aprender a receber ordens, Aza Ray. Acaba de colocar em risco seu navio e todos nele. Somos forçados a registrar a perda da luneta à capital ou arriscaremos sanções. Isso significa que Maganwetar colocará oficiais de olho em nós. Não precisávamos da atenção deles.

Mas estou em outro lugar.

Jason me viu. Passamos nossas vidas nos vendo. Ele tem que ter me visto.

— Esse navio procurou você durante anos — diz a comandante. — Quer ser raptada de novo? Quer ser apreendida?

Sinto-me enjoada, confusa e consumida pela tristeza.

— Mas eu os amo — digo em voz baixa.

Zal sussurra, com a voz áspera. Seus dedos beliscam meu braço, me endireitando.

— Não me importo com quem ama. Você *vai* entender o que significa para Magônia.

Ela trinca os dentes.

— Desisti de quase tudo para recuperá-la. Pode achar que isso não é nada, mas você é tudo para mim Aza Ray, mais do que o céu e suas estrelas, mais do que esse navio no qual viajamos. É amada aqui, é necessária aqui, e, mesmo que não respeite isso, seu tempo lá embaixo acabou.

Ela continua:

— Olhe ao seu redor, Aza. Olhe para sua tripulação. A sobrevivência dela depende de você. Gostaria de vê-la morrendo, porque recusa reivindicar seu lar, seu poder?

As unhas de Zal cravam no meu antebraço, e faço uma careta de dor. Tento libertar o braço, mas ela está me olhando com tanta intensidade que não sei como me soltar. Não faço ideia do que está falando, mas isso é o mais longe que jamais me senti de casa.

Dou um grito. O pássaro abaixo de mim faz um som agudo.

— O que é isso? — pergunto a Zal, porque noto seu rosto mudar com o barulho. — Tem alguém machucado?

— Não — responde, e não diz mais nada. Mas percebo seus olhos se encherem de lágrimas negras e me pergunto a respeito delas.

CAPÍTULO 12

{AZA}

Acordo sobressaltada com o barulho de uma canção torturada, com o coração acelerado, embolada na minha rede. A princípio, acho que a voz é parte de um pesadelo, mas então a escuto novamente. A mesma voz que ouvi antes, quando estava chorando.

Sangue osso lágrima roubar machuca morde besta, grita alguém.

Um grito estridente e demorado, alto e horrível, de doer os ouvidos. Algum tipo de ave de rapina, o tipo de grito que se ouve quando algo está caçando, só que muito pior, porque tem palavras.

Quebrado, rasgado, me mate mate mate, grita o pássaro.

Wedda entra na cabine na hora em que estou tentando me soltar da rede para ajudar... seja lá qual for o animal.

Sua presença é estranhamente calmante.

— O que é isso? — pergunto. — O que está acontecendo?

Ela me olha por alguns instantes com uma expressão indecifrável no rosto. Tristeza, acho.

— Não é nada — responde. — Esse navio é assombrado pelo fantasma de um canwr. Isso é assunto da capitã.

Pisco os olhos.

— Um *fantasma*?

— Morto há muito tempo. Ele vive apenas através de seu eco — explica, suspirando em seguida. — Pelo Sopro, gostaria que esse fantasma ficasse mais calmo. Ele tem chacoalhado o navio desde que você subiu a bordo. Estamos todos nervosos com isso, mas não há nada a fazer. Deixe para lá.

Tudo bem, exceto que parece que o pássaro está *me* chamando; — assim como fez esse navio da primeira vez em que o vi entre as nuvens. Zal diz que o navio é meu. Será que o fantasma também pertence a mim?

— Você vai se acostumar com ele — conclui Wedda.

— O que está acontecendo com ele? Precisamos ajudar...

— É assim que os fantasmas cantam, filhote. Ele vai parar. Caru jamais canta mais do que alguns minutos seguidos. Velhas mágoas. Não é da sua conta acalmar um espírito. Vamos lavar seu rosto e vesti-la.

O barulho faz meus ouvidos e coração doerem, mas, após alguns minutos, o pássaro para. Não escuto ninguém correndo pelo barco. Ninguém parece perturbado pelos gritos, a não ser eu. Talvez Wedda tenha razão. Talvez seja melhor ignorá-lo.

Wedda passa meus braços pelas mangas do casaco, ajeitando-o. Ela lava meu rosto para mim, porque aparentemente tenho 5 anos. Não. Pego a toalha das mãos dela.

— Tenho 15 anos. Sei lavar meu próprio rosto.

— Dezesseis — corrige Wedda, e eu respiro fundo. Dezesseis. Tem razão.

— Não acredito em fantasmas — digo-lhe, e em seguida pergunto: — E se *eu* for um fantasma?

Wedda ri.

— Filhote, navios têm segredos. Magônia também tem os seus. Vai descobrir o que precisa descobrir em breve. Por enquanto, suas únicas obrigações são se vestir, comer e se apresentar ao trabalho.

Wedda fecha meus botões antes que eu tenha a chance de fazê-lo eu mesma. Hoje, ela prende meus cabelos em tranças, torcendo-as entre seus dedos-garra.

— Pare — protesto debilmente. — Eu sei fazer...

Ela me empurra para a frente de um espelho. Não estou acostumada à minha nova aparência. Não faço contato visual com meu reflexo, mas o cabelo está numa bela e elaborada massa de tranças que lembram algum tipo de nó de marinheiro.

— Sabe mesmo? — pergunta Wedda, rindo. — Este é o nó da capitã. Você sabe fazê-lo então, habitante da terra? Estudou os estilos do céu?

— Não exatamente — balbucio. — Não sabia que o céu tinha estilos.

— Não temos tempo para perder ensinando-lhe cuidados magonianos — decreta. — A capitã deixou isso claro. Está aqui para servir a um propósito maior. Mas existem procedimentos — continua. — Existem regras. O cabelo permanece trançado para que esteja menos acessível caso o navio seja abordado por piratas.

Fico a encarando.

— Piratas?

Ela bufa.

— É claro.

Wedda puxa e ajeita minhas tranças na posição certa, então rufla de satisfação, ou, pelo menos, algum tipo de gracejo.

Ajeito meu uniforme, alisando-o.

Então essa será a história do resto da minha vida? Navegante? Filha da Capitã? Pelo menos ninguém está me enfiando num espartilho, ou colocando na minha cabeça uma tiara, nem me fazendo ter aulas de dicção.

Nunca servi para ser princesa. Quando penso nisso, neste navio, conto de fadas ou não, vejo que foi feito sob medida para Aza Ray Boyle.

Aqui, sou igual a todo mundo, e estou vestida como todo mundo, com a exceção da insígnia em meu uniforme. Baixo os olhos para ela, estudando-a. Um pequeno brasão representando um pássaro com o bico aberto, cantando para uma nuvem carregada.

É igual à da capitã.

Amarro os cadarços de minhas botas e olho para Wedda, como que dizendo: É isso aí, Aza Ray sabe amarrar os próprios cadarços. Aza Ray tem habilidades.

Aza Ray Quel, não Boyle, lembro a mim mesma.

Wedda dá uma risada de coruja, o que parece mais uma tosse do que uma risada.

— Apresente-se para o serviço — ordena. — Você pertence ao imediato, sortuda que é.

Ainda não aprendi a entendê-la. Mal a conheço. Mas não é como se não fosse reconhecer uma dose de sarcasmo quando escuto. Vivi de sarcasmo durante quinze anos.

— Pertenço? — indago.

— Ou, pelo menos, ele vai fazer você achar que pertence — responde, bufando. — Apesar de não ser sua propriedade. Lembre-se disso, filhote.

Sarcasmo, definitivamente. Então tá.

Subo até o convés e entendo por quê. O imediato do barco é Dai, o garoto de cabelos negros que cantou para mim, e que, oficialmente, já não simpatiza comigo.

Imediatamente, sinto-me boba. Imediatamente oprimida. Esta é, ocorre a mim, a primeira vez em que já não cheguei sabendo. Jamais não estive à frente de todo mundo. Sou a última da classe, sem saber de nada.

Dai parece arrumado, elegante e antecipadamente zangado. Para alguém que não pode ser muito mais velho que eu, tem a atitude de um general de 50 anos.

É uma pena, porque, para uma pessoa azul, ele é bem gato.

Quero dizer, talvez se eu simplesmente admitir este fato, ele perca seu poder.

Há brincos pontudos de metal escuro em suas orelhas. Anzóis.

Uma voz baixa, não a de Milekt, mas de meu próprio eu idiota, ecoa em minha cabeça. *Pare de encará-lo, Aza, você está olhando fixamente*.

— Dormiu o suficiente — observa Dai.

Meu rosto fica vermelho e quente.

O céu está cor-de-rosa e laranja-claro. O sol nem apareceu ainda no

horizonte.

— Mas está cedo — rebato.

— Passaram-se dois dias. Você sempre dorme por anos a fio? Agora que está sob minha responsabilidade, vai se acostumar a ver o nascer do sol. Já desperdiçou tempo o bastante de nosso treinamento.

— Treinamento? — questiono, mas ele não responde.

Em vez disso, aproxima-se e cutuca minha insígnia com o dedo, bem no lugar torto no meio do peito, onde meus pulmões inclinam-se de lado. Dai parece não ter gostado daquilo. Sua insígnia é apenas a básica, com o navio em formato de pássaro.

— Não pense que é especial por causa disso, não importa o que a comandante diga. Sou o imediato deste navio. Você nem status tem, Filha da Capitã. É uma tripulante aérea comum, e está atrasada.

Olho para meu peito, retraindo-me com aquela súbita grosseria. A pele que cobre meu pulmão esquerdo está exposta pela gola de meu uniforme. Em um segundo está azul e lisa, para logo em seguida aparecerem contornos de um círculo num azul marinho forte, mais escuro que minha pele.

É quase uma tatuagem. Exceto que, então, o círculo salta da pele. E levanta.

E se abre.

Ele abre. Sem sangue. Sem dor.

Há uma porta no meu peito.

Um passarinho amarelo gorjeia de seu poleiro no alto do mastro principal.

Já conheço o pássaro. O chamam de Milekt. Asas douradas. Bico preto. Olhos pretos brilhando para mim. Ele tosse um som delicado de penas e ossos ocos, então estica as asas.

O pássaro desce, voando. Ele paira, gorjeando sem uma palavra na minha frente, e então entra na cavidade exposta pela abertura. A porta se fecha atrás dele, sem dor, como se ele não estivesse lá.

Fico congelada.

Sei que estava lá, o pássaro. Já o senti antes. Mas isso? Isso é demais para...

Cante com ele, ordena meu peito, tão forte que, de fato, engasgo com as palavras. Milekt chuta e se agita no interior de meu pulmão.

— Para onde estamos indo? — pergunto a Dai. — Este barco? Estamos numa viagem?

Ele me olha com uma expressão que revela me achar muito, muito burra.

— Uma *viagem*? — repete ele, fazendo a palavra "viagem" parecer extremamente idiota.

Lembro-me de Jason, que nunca me olharia daquela maneira. Sinto-me fraca e perdida, mas então paro. Vamos abolir essa categoria de pensamentos. Não posso me dar a esse luxo.

Dai estica os braços para o resto do mundo, como se fosse um jogador de futebol no campo, mostrando como se sente confortável com sua autoridade.

— Pelo Sopro, age como se nunca ninguém tivesse lhe ensinado a falar. O navio está *em busca de abastecimento*, além de *patrulhando*. Suas obrigações são seguir minhas ordens e aprender a cantar, obrigações que dispensam comentários.

Olho ao meu redor, procurando pela capitã. Zal está parada a apenas alguns metros de distância com a garota gaio-azul, que segura um mapa para sua leitura.

O mapa parece ser o tipo de coisa pela qual eu babaria num museu: amarelado, desgastado nas bordas, parte mapa estelar, parte monstros da água. Em um canto vejo uma gigante mandíbula com dentes subindo dos céus, e em outro, uma cidade nas nuvens.

Tento olhar melhor, mas sinto Dai se aproximando por trás.

— Tripulante aérea Quel — começa. — Recebe ordens de mim, não da capitã.

Zal me olha e assente.

— Você foi designada ao imediato.

Faça-lhe continência, guincha Milekt. Obedeço da melhor forma que consigo.

Zal sorri levemente.

— Filha, está fazendo isso com a mão errada.

Fico um pouco envergonhada, mas também não é como se tivesse crescido

num navio. Tenho um histórico de hosp...

— Onde fica isso? — pergunto, apontando para o mapa. Há um aglomerado de prédios. Por toda a cidade, um turbilhão de linhas. — Há uma cidade aqui? O que são essas linhas?

— Esta é Maganwetar, nossa capital, e as linhas são suas defesas. A capital é cercada por ventos.

O nome da cidade me traz uma lembrança. Alemão arcaico? É isso. Maganwetar: a palavra para redemoinho de vento.

Jason. Estremeço.

— A bordo do *Amina Pennarum*, preferimos o céu aberto às cidades — diz Zal. — Os habitantes de Maganwetar vivem em prédios, acorrentados uns aos outros, com seus furacões e tempestarii mantendo tudo o que não seja para subsistência do lado de fora. É uma cidade de adormecidos e feiticeiros de tempestades, mas os residentes de Maganwetar são tão preguiçosos quanto os afogados.

— Afogados como eu? — pergunto.

— Não. Você, Aza, nunca foi uma afogada — responde Zal. — Estamos no céu para defender Magônia, mesmo que existam alguns em Maganwetar que acham que não precisam de proteção, de estratégia, de plano de batalha.

"As coisas estão mudando, Aza Ray, e você é parte desta mudança. Agora, espero que aprenda seus deveres."

Dai me puxa para outra parte do convés.

Estou explodindo de perguntas.

— Estamos indo para Maganwetar? Onde fica?

Dai parece ressentido.

— Ela muda de lugar. E não é nosso destino. Você não é bem-vinda na capital, nem estará segura lá.

— O que quer dizer com "não estarei segura"?

— Você não é uma tripulante oficial do *Amina Pennarum* — diz Dai, hesitando por um rápido instante.

— Como não sou oficial? A capitã não mandou alguém me buscar? Um Sopro...

Dai se sobressalta, olhando à sua volta.

— Não fale neles. — Ele fita meus olhos, muito sério. — Confie em mim. Não são coisas que queira atrair para o navio, não sem uma boa razão, e não sem fundos para contratá-los.

— Mas o que são?

Ele não responde.

— Você foi motivo suficiente para a capitã convocar um, mas não consigo pensar em outro. Se chegarmos perto de um navio oficial, deve desaparecer nos andares inferiores e o restante de nós deve negar que está aqui. São as ordens da capitã.

Olho na direção de Zal, que não está mais olhando para nós. Assisto-a assumir a roda do leme, uma coisa gigantesca, com grandes pontas ao redor, nas quais só estou reparando agora. Ele tem o formato do sol, as pontas são raios, e o navio é comandado girando-o.

— Mas para onde estamos indo? — pergunto.

— Seu trabalho é observar, não falar — responde Dai, zombando um pouco.

Por um momento, não tenho exatamente certeza do que deveria estar observando. Então, um dos magonianos canta com seu canwr e opera um guindaste ao cantarolar para sua engrenagem.

A canção de outro magoniano acende uma chama em uma tigela e prepara uma refeição feita de grãos torrados. Ele a divide com seu pássaro.

Deixe-me sair, geme Milekt de dentro do meu peito. Sinto-o voando e batendo as asas rabugentamente dentro de meu pulmão. *Sou um canwr, não um comum. Não fui feito para isso. Sou para cantar, não para ficar parado aqui, mudo.*

Não tenho tempo para esse pássaro rabugento, mas não me importaria em acender algumas chamas só com a voz.

— Preciso deixá-lo sair? — pergunto a Dai, e ele ri com ironia.

— Não. Mas provavelmente vai querer fazê-lo. Ele vai arranhar.

E Milekt o faz, com seus dedinhos de pássaro escalando o interior de meu pulmão.

A ideia me deixa desconfortável, mas engulo a bile de volta.

— Como podem existir cidades no céu? — insisto para Dai, tentando me distrair dos arranhões de Milekt. — No que elas flutuam?

Dai suspira.

— Você sabe tudo sobre o subcéu então? Por que seu céu é azul, e como os quartos se acendem no escuro? Os afogados sabem como seus aviões voam? Pode me dizer como funcionam?

Fico ao mesmo tempo intrigada e estupefata pelas simples perguntas de Dai. Sim, eu SEI responder a essas coisas. Talvez tenhamos coisas para contar um ao outro. Sinto um duelo se aproximando.

Eu conto a você como aviões conseguem voar se você me mostrar o que sabe sobre esse lugar.

Estou prestes a abrir a boca para dizer isso quando ele resfolega e ri de mim.

— Poderia ficar cem anos falando, Aza Ray Quel, e não revelar tudo sobre Magônia. Houve uma época em que nós e os afogados vivíamos em harmonia. Quando até mesmo a pior de nossas cidades, onde hoje em dia todos passam fome, era vista como um paraíso pelo povo lá de baixo. E éramos anjos, ou, às vezes, deuses.

Ele faz uma pausa.

— Já esfregou um convés antes?

— Não existiam realmente muitos barcos perto da minha casa, considerando que não era perto de, você sabe, nenhum oceano. E eu vivia doente. Então esfregar convés... er, não.

Dai estende para mim um esfregão e um balde. Estou prestes a aceitá-los quando ele solta uma nota e consigo ouvir o pássaro dentro de seu peito acompanhá-lo na canção.

O esfregão flutua e gira ao redor, então começa a, de fato, esfregar o chão.

Ele para. O esfregão cai no chão e fica ali imóvel.

— Cante até limpar este convés.

Olho para dentro do balde. Há uma escova de esfregar boiando na água cheia de sabão.

— Hum — digo.

— Pare de desperdiçar meu tempo. Ontem à noite, atirei supernovas no céu. Certamente você consegue manipular um esfregão.

Milekt se anima e bate com os pés dentro de meu pulmão. Ele está pronto. Eu não sei o que fazer.

— Eu não... não posso simplesmente começar a cantar — explico a Dai.

Por que não consegue entender? Eu mal conseguia juntar ar suficiente para respirar antes, quem dirá cantar.

— E também não está disposta a aprender, aparentemente — rebate. — Sendo assim, pode esfregar o chão como os afogados até mudar de ideia.

Solto um suspiro. É apenas questão de tempo até que eu seja escolhida para limpar os motores. Provavelmente tive sorte agora, lidando com o chão do convés em vez de privadas, e por isso, arregaço as mangas do meu uniforme e me ajoelho. No meu peito, Milekt grita.

Me solta! Eu canto, não esfrego.

— Então cante — digo a Milekt, e não tenho problema nenhum em estar falando com um pássaro dentro do meu peito.

Faço o trabalho, mas não é fácil limpar quando ao meu redor há milagres casualmente acontecendo.

Assisto um Rostrae no convés abrir as asas verdes e alçar voo, com uma rede do que parece ser uma teia de aranha extremamente resistente. Ele a lança no ar e a puxa de volta recheada de mariposas, que em seguida são dadas como alimento ao faminto morcego-vela.

Vejo um tripulante magoniano cantar até uma das outras velas se desenrolar e se sacudir como se fosse um animal, espantando a água na sua superfície.

A tripulação Rostrae pratica truques de corda, enlaçando e torcendo, mas com

um tipo de graciosidade impressionante. *O que enlaçariam aqui em cima?* Me pergunto, mas não consigo fazer ideia.

Acima de mim faz sol, mas há um grupo de baleias nadando ao lado do barco, fazendo cair uma leve chuva abaixo. As observo de rabo de olho enquanto esfrego o convés. As mais novas brincam juntas, dando cabeçadas nas mães. Os bebês também cantam, não canções complicadas, mas longas e deslumbradas, em sua maior parte feitas de felicidade.

Sol, cantam eles. *Sol. Radiante. Beba a luz.*

O respiradouro da mãe esguicha água, e as mais novas nadam de frente e de ré, molhando-se como crianças em volta de um chafariz.

Elas têm mães em quem confiam, e um céu que entendem.

Eu as invejo.

CAPÍTULO 13

{JASON}

Pesquisa sobre tráfego aéreo. Estou debruçado sobre minha mesa, imerso em coisas grandes. Eu *poderia* estar apenas escutando os controladores falando, esperando encontrar alguma coisa no barulho, como aquelas pessoas procurando pela lula gigante durante anos: basicamente mergulhando um microfone lá dentro e esperando.

Mas, felizmente, as coisas melhoraram no quesito pesquisa.

Então estou usando um app (não oficialmente autorizado, e nem criado por mim) para procurar palavras-chave nas comunicações do tráfego aéreo, numa variedade de aeroportos de cidades e áreas rurais, durante as últimas três semanas.

Carol aparece na porta do meu quarto e me olha do batente durante três minutos inteiros enquanto pesquiso.

Elas se esforçam socialmente, mas minhas mães me matarão se abandoná-las completamente por uma pessoa que acham ser agora um fantasma. Então lhe concedo um "Oi".

— Precisa ir à escola, garoto.

— Eu *estou* indo à escola.

Não é mentira. Periodicamente, apareço e passo nas provas. Ainda tenho

minha licença-luto. E guardei meu direito a faltas por doença. Então tenho umas duas semanas de sobra para o ano, antes que pareça estar matando aula. As pessoas provavelmente estão aliviadas por não precisarem me ver, de qualquer maneira.

— Você precisa literalmente *ir* à escola.

— Estudo independente.

Ela revira os olhos.

— A história da inovação humana vem de estudos independentes — insisto. — Podemos voar por causa de pessoas que não frequentaram o segundo grau.

— Essas pessoas não eram meus filhos — responde.

Eve se junta a ela, entrando no quarto. Fazendo aquilo não parecer grande coisa, coloco alguns papéis em cima de algo na minha mesa.

Carol lança a infeliz olhada de sempre nos meus pertences. Ela não sabe sobre os armazéns, mas não precisa saber. Algumas coisas têm de ser compradas em grande quantidade.

Não sei onde Aza está. Não sei o que anda fazendo. Tudo o que sei é onde esteve três semanas atrás, quando morreu segurando minha mão. E então, alguns dias depois, quando escutei sua voz vindo do céu.

Ela está viva. Aza está viva.

Sei disso tão bem quanto sei meu próprio nome.

Só preciso descobrir onde ela está. Olhei as correntes de vento e mapeei as possibilidades, a princípio de maneira bem primitiva, e depois de forma mais funcional.

Padrões incomuns de tempestades movendo-se para leste por todo o país. Relatórios de balões meteorológicos e satélites.

Pelo que percebo, estão se movendo num grupo extraordinariamente coerente, e ainda estão sobre a Terra. Tenho uma tabela máster a essa altura, e um programa que cobre uma variedade de eixos. Isso não é um feito obsessivo só meu. Queria eu mesmo ser um programador, queria eu mesmo ser qualquer coisa que não isso, mas conheço gente.

E este é um dos usos para o dinheiro oriundo de invenções para fazer camas de hotel e sprays de lavagem a seco.

Não há nada realmente concreto para seguir, e não sei nem exatamente o que é que vou fazer. Mas há fragmentos suficientes lá fora: coisas sobre navios no céu, sobre meteorologia e esquisitices. E também há outras coisas, tiradas de lugares nos quais *realmente* não deveria estar mexendo.

Lugares oficiais. Lugares governamentais.

— Precisa dar adeus a Aza — diz Carol, segurando a mão de Eve na sua.

— É importante, querido — completa Eve.

Os esforços das duas estão preocupantemente unidos.

— NÃO preciso — respondo, apesar de já termos discutido esse assunto vezes demais para contar.

Eu estava preparado para a morte, tão preparado quanto alguém pode estar. Não estava é preparado para *isso*.

Barco. No. Céu.

Não sou bobo. Não contei nada sobre o navio às minhas mães. Elas ficariam três segundos me olhando e, em seguida, me colocariam num carro e me levariam diretamente para o hospital infantil (um insulto, mas é para onde você vai até ter 18 anos), onde teriam uma conversa às pressas com a unidade psiquiátrica. Então não, eu não conto a Carol nem a Eve sobre o barco.

Na verdade, não conto nada a elas além de: estou trabalhando num projeto. Minhas mães estão com a expressão de pessoas prestes a cortar sua internet. O Grande Logout aconteceu apenas uma vez, quando tinha 9 anos e estava obcecado em decorar uma parte do Oxford English Dictionary. Minhas mães não aprovaram.

Memorizar coisas ocupava lugares extra de meu cérebro que, de modo contrário, se ocupavam contando os segundos da vida de Aza até os 10 anos de idade, previsão dos médicos, naquela época, de quando ela iria morrer. Foi mais ou menos nessa época que minhas mães se deram conta de que medicações seriam necessárias.

— E então — diz Eve. — Vamos precisar cortar a internet?

— Nem mesmo estou online agora — minto.

Ela olha fixo para mim e ergue uma sobrancelha.

Sim, Eve tem um monitor de banda larga. Acho isso hilário. Querem me monitorar para evitar que eu fique vendo pornografia, imagino. Estavam definitivamente convencidas disso quando estava trabalhando no projeto do dicionário. Carol entrou de surpresa no quarto, toda A-HÁ!, e me encontrou na metade da letra L.

Talvez eu já tenha visto *algumas* coisas na categoria nudez na internet. Quem nunca, pergunto? Mas há milhões de categorias que gosto de pesquisar, e a maior parte delas não é pornografia.

Categorias como óvnis históricos. História da aviação. Condições meteorológicas peculiares desde o século VIII. Estou as reunindo numa só coisa maior no meu computador. Por quê? Motivos.

— Na verdade, não estaria tão infeliz se *estivesse* vendo pornografia — confessa Eve, lendo meus pensamentos e suspirando em seguida. — Pelo menos isso faria de você humano.

Ergo o olhar.

— Não ficaria feliz — discordo.

— Estaria mais segura quanto a você ser normal — rebate.

— É, mas não sou.

— Saia de casa um pouco — sugere Carol.

— Está frio lá fora.

— Visite um amigo?

— Caso não tenha percebido — ouso, jogando sujo —, minha única amiga morreu.

— Ela não era sua única amiga — diz Eve, insensível a meu apelo.

— Cite alguma outra, então — desafio.

Ela não consegue.

Tenho outros amigos. Habitantes do Mundo Online, em Outros Fusos

Horários. Que fique claro, não tenho mais 9 anos. SE fosse desconectado de novo, daria meu jeito.

— Escola amanhã — decreta Carol. — Nós o amamos e entendemos pelo que está passando, mas é escola ou médico.

Entendem pelo que estou passando? Não entendem nada. Estou passando pela história da civilização, basicamente. Não é grande coisa. Pouco trabalho a fazer.

Espero até que saiam de meu quarto e volto a tal tarefa. Foram relatadas diversas aparições desde o enterro. Uma pessoa viu luzes estranhas. Outra viu uma coisa brilhante perto do horizonte. Outra notou algo que descreveu como uma *corda*.

Senhor, você tem minha total atenção. Mas então ele voltou atrás e falou algo sobre linhas de transmissão de energia elétrica. Que seja.

Achei relatos sobre outras aparições do mesmo tipo mais no começo do ano: uma no céu do Chile, uma no do Alaska, uma na Sicília... Mas nenhuma delas me ajudou. As pessoas, infelizmente, não documentam as coisas com precisão. Elas apenas enchem o Twitter de fotos borradas.

Agora, entretanto, vivemos na era dos apps. Os oficiais e os não oficiais. Esqueça fazer *jailbreak* no seu telefone, estou falando daqueles que requerem que você hackeie um telefone em Alcatraz.

Há algumas centenas de nós que os criam (Leia-se: Amigos de Outros Fusos Horários), na maioria das vezes, só porque alguém dessa lista nos desafiou. Sou um amador medieval nesse assunto, mas eles magnanimamente me deixam participar desses fóruns e até permitem que eu lance um desafio para os jogadores de verdade.

Consequentemente, agora tenho um app que detecta anomalias no céu. Você simplesmente aponta seu telefone para o ponto em que viu algo estranho, como formações de nuvens, luzes estranhas ou tempestades vindas do nada, e o app mapeia e verifica informações de satélites para indicar deslocamentos de ar, massas, umidade e condensação de seja lá o que você estiver vendo, cruzando

referências com relatos similares.

O mundo às vezes é incrível.

A maior parte das aparições que estou pesquisando é claramente falsa, mas já foram relatadas aparições reais, ou o mais reais que se possa pensar. Acho que são do mesmo tipo de céu impossível do qual ouvi a voz de Aza.

Estou cansado de ter cuidado agora. Vou simplesmente chamá-la do que acho que é.

Então, de agora em diante, vou me referir àquela parte do céu como sendo o navio de Aza.

O navio de Aza está indo na direção nordeste lentamente, passando um tempo significativo sobre zonas agrícolas. Essas zonas têm sido atormentadas por tempestades de granizo, vendavais, relâmpagos. Pequenos tornados se dispersaram e destruíram pequenas plantações. Não há relatos de nenhuma daquelas marcas circulares nessas colheitas. Apenas condições de tempo caóticas, nunca antes vistas, destruindo as plantações.

O que Aza disse ter visto — o que Aza *viu* — é parte de uma longa tradição de coisas testemunhadas no céu desde o século VI. Em 1896, por exemplo, houve algo chamado de Escândalo da Aeronave Misteriosa. Pessoas em todo o oeste dos Estados Unidos notaram naves de luzes brilhantes, voando com velocidade. Moradores de Illinois viram algum tipo de nave no solo, e a assistiram decolar. Depois que ela partiu, descobriram diversas pegadas em volta de onde estivera. E o que disseram (minha declaração favorita)?

"Aconteceu alguma coisa acima das nuvens que o homem até hoje jamais soube explicar."

Pois é. Então, é nisso que estou trabalhando no momento. *Alguma coisa acima das nuvens.*

Entrevistei alguns fazendeiros (aleguei ser para alguns jornais pequenos, que de fato existem caso resolvessem verificar) e responderam como se, tipo, bem, o mundo está acabando e tudo que posso fazer é tentar juntar comida enquanto posso. Quando perguntei sobre o paradeiro das colheitas danificadas, eles meio

que não tinham resposta.

— Bem, elas foram arruinadas, filho, isso significa que não podem ser vendidas.

A maioria de nós não repara em lixo, então se todo o milho for arrancado das espigas ou pisoteado, o que notamos é que ele não está mais apto a ser ingerido, não que, ei, grande parte dele simplesmente tenha *sumido*.

Há um padrão. Os eventos, as aparições das estranhas luzes, as nuvens brancas esquisitas; tudo isso está se movendo em linha reta.

Há um destino. Só preciso descobrir onde é. Fico olhando fixamente os dados e calculo a rota. Sinalizo com alfinetes virtuais um mapa também virtual.

CAPÍTULO 14

{AZA}

O Amina Pennarum é um barco de pesca, concluo, só que não, porque não estamos pescando de um oceano, e sim da Terra.

Uma baleeira cheia de maçãs agita uma bandeira para nós e pergunta se queremos trocar. Os tordos de sua tripulação sobem o barco até nosso nível, e Zal vem ao convés oferecer a eles um saco de milho seco em troca das frutas. Trocamos também um porco por um pequeno rebocador. Nossos Rostrae o trazem a bordo, e ele passa por mim cambaleando. Sinto-me vegetariana só de olhar para ele.

Voamos por cima de um campo, e um enxame de abelhas aparece sobre a balaustrada. O cozinheiro volta após matar o porco, limpando o sangue de sua faca, e negocia com elas em troca de mel. (Sim, *com elas*. As próprias abelhas. Elas falam com o Rostrae. Não sei como funciona, mas é um tipo de zumbido murmurado de ambos os lados.)

No meio da tarde, o *Amina Pennarum* navega baixo, numa tempestade de granizo criada por nossas baleias-tempestade. A garota gaio-azul ata algumas cordas com alguns outros Rostrae, e elas descem balançando de uma pequena nuvem, laçando algo lá embaixo, que muge de forma irritada.

Fico observando, incrédula. Estão puxando de volta... uma vaca? Nossos

saqueadores prendem as cordas ao grande guindaste, passando por cima da balaustrada de nosso convés traseiro. O mecanismo é ativado, e puxamos a criatura para cima. Garanto que nunca viu uma expressão mais surpresa do que a de um bovino sendo puxado para o céu.

Então. Aquelas lendas sobre óvnis roubando gado? Certo, aparentemente a causa não eram óvnis, e sim navios magonianos.

Em sua maior parte, parece que apenas tiramos leite das vacas e as deixamos ir. As pobrezinhas ficam presas numa cabine pressurizada até ficarem rabugentas com a falta de pasto. O que acontece mais rápido do que se pode imaginar.

É como se estivéssemos numa fazenda flutuante. Exceto que não plantamos nada, simplesmente saqueamos. Temos milho e trigo, animais que vêm e vão, e outros que são transformados em refeições para a tripulação magoniana.

Durante uma semana, o sol nasce e se põe. Sou colocada para trabalhar, sou colocada para dormir. Toda manhã acordo esperando meu quarto, meu edredom, a vida que conhecia.

Em vez disso, toda manhã sou cumprimentada por Wedda cacarejando, limpando, me vestindo e me fazendo tranças. E depois vem o rosto de Dai me dando sermão sobre encontrar a minha voz, até me dar alguma coisa nova para que eu esfregue enquanto não conseguir.

Sinto-me num livro escrito por George Orwell.

Só que isso é melhor que Orwell. Isso é *A revolução dos bichos* com *Peter Pan*, com... baleias-tempestade e homens-pássaro. E, de alguma maneira, de alguma forma, é tudo real. Preciso ficar lembrando a mim mesma que aquilo tudo é real.

Sei que é, porque tentei determinar se estou viva ou morta de diversas maneiras. A maior parte dos meus testes envolveram infligir quantidades médias de dor. Sinais vitais, modificados. Cada um de meus experimentos tem o mesmo resultado: viva. Viva e presumivelmente sã, e, ainda assim, completa e perdidamente confusa.

Porque a Aza Lógica, a Aza Racional, fica querendo acordar; sacudir alguém pelos ombros e gritar: *Navios não voam! Não se pode fazer algo acontecer apenas*

cantando!

Só que eles podem. Magonianos podem.

Estou realmente tentando permanecer calma e lidar com tudo isso. Considerando as circunstâncias, estou indo razoavelmente bem. Prática ganha com anos de experiência em estar morrendo. Preciso admitir.

Esta manhã, estou presa por cabos, tentando não olhar a Terra lá embaixo enquanto cuidadosamente lavo a estátua na proa do navio: um pássaro de retalhos, esculpido e pintado. Uma asa de corvo, uma de tordo, metade de sua cabeça de coruja, a outra metade de papagaio. Uma perna de garça-real e uma de flamingo, e cauda de ave-do-paraíso. Aparentemente, o mascote do *Amina Pennarum* é uma confusa criatura híbrida, o que me faz ter certa simpatia pelo mesmo, visto que é exatamente como me sinto.

— Ouvi dizer que vamos embarcar numa missão especial — constata Dai, agitado como sempre.

Fico olhando para ele, esperando por mais detalhes que sei que estão por vir. Não há nada que Dai ame mais do que o som da própria voz. É o único motivo pelo qual sei qualquer coisa a respeito desse lugar.

— Antes de resgatarmos você, estávamos cumprindo deveres, mandando Rostrae descerem até plantações. Era chato. Alimentar a capital. Mandar nossa pilhagem para eles. Essa nova missão, por outro lado, é para o que Zal treinou essa tripulação.

Me inclino para mais perto, mas ele para de falar, porque o Rostrae águia dourada pousa na balaustrada do convés e, com um espreguiçar barulhento, se transforma numa mulher reluzente com cabelos até a cintura e olhos amarelos.

Outra Rostrae pousa com ela, a garota em quem toda hora reparo, a gaio-azul com o moicano azul elétrico. Ela me observa por um instante, com olhos negros, as listras brancas embaixo e um risco amarelo em cada bochecha. Ela é a pessoa mais bonita que já vi, apesar de, ao mesmo tempo, não fazer sentido nenhum com sua combinação de traços humanos e bico.

Ela poderia ter a minha idade, penso, *ou quase*.

— Limpou bem — diz a gaio-azul, sorrindo. Ela me olha mais um pouco de um jeito que acho ser amigável.

Fico chocada ao me dar conta de um sorriso se abrindo em meu rosto. Recebi bastante atenção desde que cheguei aqui, mas ninguém foi realmente simpático.

Será que quero uma amiga? Até hoje, só tive Jason.

Procuro ao meu redor por Dai, mas ele se foi. Não me surpreende. Ele não gosta exatamente de confraternizar com aqueles abaixo de sua categoria.

— Sou Aza — digo.

— E, com isso, revela uma impressionante informação que nós duas já temos — devolve, inclinando a cabeça.

Ela está... brincando comigo?

— Só achei que... quero dizer... acha que pode responder algumas perguntas minhas?

Ela dá de ombros elegantemente, e as penas de seus ombros se agitam. O acabamento de seu uniforme é tão esplendoroso quanto sua plumagem.

— Possivelmente — responde. — Não sei o quanto poderei ajudar. Sou apenas uma marinheira.

— Sou apenas uma tripulante — devolvo, e ela ri.

— Uma tripulante aérea normal, com mais poder que todos os outros oficiais desse navio juntos — revela, apontando para minha insígnia. — Filha da Capitã. Salvadora de Magônia.

Salvadora?

Ela claramente está zombando de mim.

— É Aza — insisto.

Ela assente.

— Sou Jik. Nasci neste navio e faço parte dos esforços para encontrar você... desde que nasci.

— Então, acho que, obrigada? — pergunto debilmente.

Ela sorri.

— Você parece normal, Aza Ray Quel. É difícil acreditar que é capaz de tanta

coisa.

— O que isso significa? — indago, mas Jik dá meia-volta para olhar alguma coisa e, apesar de sua forma humana, vejo que tem uma comprida cauda azul, cheia de penas. É estranhamente glamorosa, uma cauda de gala.

Estou fascinada.

O Rostrae com quem está não corrige meu modo de esfregar e lavar. Ele parece ocupado demais com os próprios deveres a fim de parar e ficar me encarando.

E, de repente, parece que eles estão compartilhando uma refeição.

— Alpiste — diz um deles, olhando com desdém para um tipo de bolo em sua mão.

— Estaríamos melhor comendo lá embaixo, onde EXISTE comida — completa Jik, e é rapidamente repreendida por um integrante mais velho da tripulação, um tordo-americano.

— Quer nos causar problemas? Este é nosso navio, e temos sorte por tê-lo. Nem todos temos acesso como vocês. Seu lugar está garantido, mas o que será de nós quando ela tiver terminado? Já pensou nisso?

O tordo me olha desconfiadamente e, em seguida se afasta, deixando-me com minha limpeza.

— O que foi isso? — pergunto a Jik.

Ela dá de ombros.

— Magonianos não podem descer à Terra para buscar trigo. Precisam que levemos os navios para que joguem suas redes e colham, e para ajudá-los a bordo. Sou tão parte do *Annapenny* quanto seu cordame e suas velas. E, da mesma forma, facilmente substituível.

— Isso não pode ser verdade — discordo. — Acabou de dizer que nasceu a bordo.

Ela assente.

— Sim, e já fiz todo tipo de trabalho neste navio; de confecção de redes a tranças em cabelos. — Ela faz uma pausa. — Filha da Capitã, não sei se sabe

disso, mas você não passa muita confiança. É bastante inexperiente.

Ela sorri e olha severamente para um risco de sujeira que não consegui limpar da estátua.

Dou risada, e ela sai como um latido alto e sarcástico.

— Não sei fazer nada... a não ser falar. Não sou muito boa, sou?

— Talvez. — Jik me observa por um tempo. — Mas não é das piores. — Ela aponta com a cabeça na direção de Dai, que está voltando até nós, então ela voa até o topo da vela-morcego, pega uma corda e a puxa até que a asa do morcego esteja esticada.

— Que nova missão é essa? — pergunto a Dai quando chega a meu lado, mantendo a voz baixa.

— Vamos caçar — responde, casualmente.

— Algo vivo?

— É confidencial. Tripulantes comuns não têm essa informação — completa, presunçosamente.

Exibido. Reviraria meus olhos para ele ostensivamente se isso não fosse se tornar um grande problema. Já precisei aturar cerca de um milhão de sermões de Dai sobre o protocolo adequado e minhas obrigações.

Ele observa o risco de sujeira que Jik notou instantes antes. Com um "tsc", pega o escovão de minha mão e se pendura como um tipo de acrobata na estátua. Usando os pés para se segurar, ele tira a sujeira rapidamente enquanto fala sem parar sobre técnica. Com um salto mortal para trás, ele volta ao convés. Os movimentos são tão rápidos e certeiros que tenho dificuldade em fechar a boca. Não, não posso ficar de queixo caído.

Me distraio da rotina de acrobacias esfregando a estátua até que cada pequeno poro dela esteja limpo. Enquanto o faço, tento colocar as coisas em perspectiva pensando nelas nos termos de minha antiga vida.

Esse garoto, Dai, não é nada para mim. Basicamente, é um dos alunos da escola, vagando pelos corredores, não muito interessante.

Mas, bem, exceto que não exatamente. E posso sentir Magônia afetando meu

cérebro.

Eu deveria estar agradecida, diz. *Estou andando por aí. Posso respirar. Não sou a garota morta que sempre seria.*

Sou outra coisa. Uma coisa importante. O quê? Mínima ideia.

É diferente aqui, Aza. VOCÊ é diferente aqui. Melhor?

Mas não.

Mesmo que fique neste lugar para o resto da minha vida. Mesmo que nunca mais veja minha família ou Jason, não posso esquecê-los. Não vou. Porque e se eu esquecer de mim mesma também? Quem serei eu então?

Esfrego até meus dedos sangrarem azul, e enquanto esfrego, entoo:

— Jason, Eli, Greta e Henry. Jason Eli Greta Henry. Jasoneligretahenry. E Aza.

Quando ergo os olhos, Zal está parada na minha frente com uma expressão desapontada no rosto.

Ela se ajoelha e estende uma das mãos para me ajudar a voltar ao convés.

— Comecei na posição mais baixa deste navio e emergi até ser capitã, mais rápido do que qualquer um poderia imaginar — revela. — Era na época em que tudo dava errado. Navios magonianos não conseguiam colher o suficiente para a sobrevivência de nem mesmo nossos próprios marinheiros. Nossas baleias-tempestade ficaram doentes. O povo começou a descobrir a fome.

"Agora, nossos problemas são piores do que eram. O mundo está tomado de venenos dos afogados. Os magonianos estão sofrendo e morrendo. Estamos à mercê deles.

"Em breve entenderá, Aza, o que significa estar no comando do futuro do seu povo. Alguns de nós nascem para tripular navios, outros nascem para serem seus capitães. Este navio foi a minha salvação, assim como será a sua. Assim como você será para o seu povo."

Zal coloca uma das mãos nas minhas costas, e acho aquilo estranhamente bom. Será que é porque é minha mãe? Ou será por causa de seu poder sobre o navio? Será que é porque parte minha gosta de ser favorecida, de ser especial?

— O *Amina Pennarum* navega em busca de tesouros, Aza — sussurra Zal. —

Você vai ser quem os ergue das profundezas.

— Tesouros? — pergunto. — O que quer dizer?

— Aprenda a cantar para nós — responde. — E verá. *Precisa* ver.

Meu cérebro está zumbindo. Ainda existem realmente tesouros no mundo? A ideia é empolgante. Penso em maldições e piratas. Esqueletos guardando esconderijos cheios de armadilhas.

Penso no pássaro que fica escutando; o que, toda noite, canta com minhas emoções, minha dor. O que Wedda chamou de fantasma.

Quero dizer, obviamente não é um fantasma de verdade. Mas o que é que sei sobre Magônia? Poderia facilmente haver fantasmas por todo o céu. Não teria como saber. Sou uma estranha aqui.

Zal assume a direção do navio, com os mapas abertos em algum território massivamente cartografado. Posso ver monstros desenhados nas margens.

Abaixo de nós, por um instante, vejo um pedaço de terra, mas então uma baleia-tempestade aparece entre nós e o chão, agitando o ar até deixar apenas nuvens, e nos tornarmos apenas uma coisa escondida no meio delas.

Jason (*pare, Aza, apenas pare de pensar nele, apenas pare*) adoraria isso aqui. Ele estaria para lá e para cá, levantando o dedo, fazendo pergunta atrás de pergunta. E as pessoas responderiam, porque nunca conheceu nenhum especialista que não contasse tudo o que queria saber.

Nunca encontrou um fato que não quisesse acrescentar à sua bagagem de fatos também.

Havia coisas que Jason desconhecia, é claro, mas, que eu saiba, no plano do memorizável, não muitas.

O que ele *não* conhecia? Como ser uma pessoa normal? Eu também não. Mas, aparentemente, eu tinha uma desculpa melhor.

Deus. Jason, meu melhor amigo e a coisa mais irritante do mundo, que começaria um monólogo de trinta minutos sobre o que se passava na sua cabeça para depois rir por eu não ter os mesmos níveis de essência geek à minha disposição.

Jason, que uma vez me obrigou a dançar na frente de todos os curadores num museu porque perdi uma aposta.

Jason, que, de vez em quando, quando eu começava a tossir, não estava mais lá. Estava do meu lado, sim, mas, por dentro, era apenas uma frenética calculadora, medindo percentagens de oxigênio e quocientes de poeira, pólen e o tempo que levaria entre onde quer que estivéssemos e o hospital.

O que eu odiava, porque me lembrava de que eu era doente.

Em alguns dias, ele ficava murmurando sozinho, catalogando coisas que não me mostrava, pensando em coisas que não discutia.

Então ele não era perfeito, Aza. Ele não era. É só que seu cérebro fica tentando lembrar dele como algo que jamais foi. Esqueça que a primeira vez em que o viu, naquela fantasia de jacaré, tenha pensado: *Oh Deus, finalmente alguém igual a mim*.

Ele não é igual a mim.

Ele é humano.

Tudo bem, então.

Cale a boca, cérebro de Aza. Cale a boca.

Escuto, vindo de algum lugar distante no interior do barco, o horrível grito daquele pássaro invisível mais uma vez.

Não, canta ele. *Me deixe ou me mate*.

Passa então a gritar sem palavras, o que manda arrepios por todo o meu corpo. O pássaro fantasma — Caru, lembrei de seu nome agora — canta novamente, um gemido angustiado. Todos fingem não ter nada acontecendo. Todos o ignoram.

Tento bloquear o som, mas então, do nada, tenho flashes de algo que não consigo exatamente...

Alguém debruçado sobre mim num berço.

Por um momento, vejo minha própria mãozinha segurando a mão de alguém usando luvas pretas.

E isso é tudo o que consigo, uma fração de lembrança.

Mate-me, grita o pássaro. *Coração partido*. *Corda partida*.

Mais uma vez levo um susto, dessa vez, com Dai sacudindo-me pelos ombros.

— Mexa-se se não vai trabalhar — ordena. — Está bloqueando as redes.

— Está escutando isso?

— Escutando o quê?

— O pássaro?

Ele inclina a cabeça.

— Não.

Do que é que estou me lembrando?

Puxo a manga de Dai.

— Bebês magonianos. Como eles são?

— Eles? — pergunta Dai. — *Nós*. Saímos de ovos. Muito mais inteligentes do que bebês afogados. — Ele se empertiga um pouco. — Posso lembrar de meu próprio nascimento.

Não dou a ele a satisfação de parecer impressionada.

— O pássaro gritando?

— O *fantasma* — corrige Dai laconicamente.

— É um canwr?

— Já foram duas perguntas — responde, rabugento. — Ou quatro, dependendo de como contar.

— Dai, por favor.

— Apenas — sibila ele, olhando em volta, e em seguida me puxa para longe dos tripulantes mais próximos. — Apenas deixe para lá, Aza. O fantasma está agitado desde que você subiu a bordo.

Faço uma pausa, refletindo.

— Mas se *for* um fantasma, ele já *foi* outra coisa. O que era?

Dai suspira, impaciente com minha ignorância.

— Um pássaro-coração.

— O que é um pássaro-coração?

Depois de um minuto, ele responde apenas:

— Pássaros-coração são especiais, mas este foi violado há anos. Ele não pode te machucar. Com exceção de sua tristeza, ele se foi. Imagino que seja por isso que continua aqui.

— Tem certeza que ele...

— Nunca o vi, Aza, e o teria visto se fosse real. Ele não é nada. Um antigo lamento com uma voz muito alta. Laços partidos são coisas sérias. Às vezes, a morte não os faz sumir. Alimente a vela.

Ele me entrega uma pequena rede e me direciona até as gordas mariposas voando ao redor das luzes do navio.

Quando levo para a vela-morcego sua refeição, que ainda se contorce, ela olha para mim e, em seguida, de volta para as mariposas. Os olhos de obsidiana parecem cansados e... gentis?

Ela canta suavemente, de modo que apenas eu possa ouvir.

Encontre-o, cantarola o morcego. *O pássaro-coração*.

Naquela noite, durmo mal em minha estranha rede; sonho estar sendo sequestrada, estar perdida, e em perder tudo, e a noite toda, a canção do pássaro-coração assombra meus sonhos.

CAPÍTULO 15

{AZA}

Dai e eu estamos no convés em meio ao crepúsculo, dividindo a função de vigília, olhando para o céu. Não há nada à vista, apenas um nada escuro, uma ausência de navio.

Penso nas histórias da tripulação — as que ouvi de enxerida e as que me contaram porque, ultimamente, andei perguntando. Relutam em dividir algo comigo; olham em volta, baixam as vozes até que se tornem apenas sussurros. Ainda assim, estou aprendendo.

Falam sobre um krakken do céu, e sobre navios-fantasma nas pistas aéreas. Sussurram sobre campos de epífitas magonianas, umas plantas mágicas que crescem no ar. Já foram tão comuns que paravam navios magonianos. Haviam campos delas por todo o céu, e suas raízes se embaraçavam nas asas das velas-morcego até que os Rostrae ficassem cansados demais e caíssem do céu.

Algumas histórias devem ser pura lenda, é claro. Mas outras parecem preocupantemente plausíveis. Então, não é loucura que eu esteja constantemente olhando para trás, por cima da balaustrada do convés. Se for acreditar na tripulação, há muito o que temer.

— O que estou fazendo? — murmuro sozinha, depois de ficar encarando o escuro por um tempo. — Não há nada lá fora.

— Há *tudo* lá fora — discorda Dai.

Ele está andando de um lado para o outro, e eu estou tremendo a estibordo. Apesar do frio, ele não está de camisa, possivelmente só para me deixar nervosa. Seu canwr, Svilken, entra e sai de seu peito, cantando e tagarelando com os pássaros no aprisco acima de nós.

Contra minha vontade, os bíceps de Dai ficam aparecendo na minha visão periférica enquanto escala o cordame do navio e circula pelo convés. Magonianos são desprendidos em relação a nudez, e parecem não sentir frio.

Bem, a não ser eu. Aparentemente, minha habilidade de regular minha temperatura central foi arruinada pelos anos de clima mais ameno do subcéu. Não há possibilidade alguma de ficar sem camisa aqui fora.

Além disso, ainda sou a Aza da Terra, então tirar a camisa? Nunca, nunca, não e não.

Já estou no *Amina Pennarum* há quase quatro semanas, ou pelo menos é o que contei. Comecei a entender as coisas, comecei a me lembrar que de fato tenho um cérebro, mesmo que seja nova para este mundo. E posso não estar cantando como Dai desesperadamente quer que o faça, mas posso escutar.

Periodicamente, outro navio chega ao nosso lado, desamarra nossas posses e leva nossos saques para Maganwetar, a capital magoniana. Sendo assim, há bastante comida por perto, mas em matéria de provisões, a tripulação — os Rostrae — vive à base do que parecem ser bolinhos de alpiste.

Não há plantas em Magônia, é claro, então nossos saques da terra e a criação de tempestades são necessárias.

Aqui em cima, todas as coisas estranhas — que o pessoal lá embaixo vê e sobre o qual se pergunta — fazem sentido: as nevascas bizarras, chuvas de céus ensolarados, a maneira com que um vento pode aumentar do nada e arrastar com ele um quarteirão inteiro. Supertornados. Furacões. Trovoadas gigantes?

Magônia, tudo isso.

Aparentemente, certa vez, nos anos 1600, Magônia saqueou diversas plantações de tulipas da Holanda, porque os magonianos acharam que eram

comestíveis. Não eram. Navios magonianos enojados começaram então a jogar as tulipas do céu, e o pobre povo de Amsterdã deve ter ficado extremamente espantado. Era como uma chuva de sapos, só que com flores no lugar, e fez uma bagunça e tanto na economia.

(Eu adoraria ter visto isso.)

Os Rostrae fazem a maior parte do trabalho duro, tanto a bordo quanto durante a colheita. Quando visitam a Terra e descem até certa altura, transformam-se dos híbridos de humano e pássaro que são aqui em cima em pássaros de aparência normal.

Os Rostrae sabem basicamente tudo sobre assuntos relacionados ao céu, então puxo conversa sempre que posso.

A águia dourada me contou uma história sobre a extinção de passageiros-pombo.

— O horizonte costumava ser cheio de navios prateados tripulados por eles — começou. — Segundo meus ancestrais contavam, eles iam de ponta a ponta do céu. Mas já haviam todos partido quando nasci. Uma raça inteira exterminada. Os afogados atiravam para o céu e os comiam.

Ela estremeceu ao falar isso, compreensivelmente. Porque, bem, genocídio.

— Eles também tentaram matar minha própria tribo. Ovos de águias tornaram-se moles e quebrados, porque as regiões em que nos aninhávamos foram destruídas. Mas sobrevivemos. Vamos sobreviver a Magônia também. Talvez seja você quem vá nos ajudar, Filha da Capitã.

Antes que possa perguntar como ou o que quer dizer, ela alça voo, e suas correntes brilham em volta de seus tornozelos. Quando voa, puxa o *Amina Pennarum* para mais alto.

Ninguém aqui parece questionar suas obrigações ou seus postos. O navio inteiro canta a mesma melodia.

O fantasma — o pássaro-coração, Caru — é a única coisa que desobedece, a única criatura que ousa ser dissonante.

Ele grita, não importa o que Zal diga. A voz do pássaro é tão agonizante, tão

dolorosa e solitária, que sinto lágrimas nos olhos toda vez que o escuto.

Ele está cantando agora, nessa escuridão cada vez maior.

Algumas das baleias-tempestade se aproximam no navio, silvando para Milekt, que as informa enfaticamente que estou *apenas triste*. *Não ferida*.

— Ela vai chorar uma tempestade? — pergunta uma das filhotes, e posso sentir seu prazer nas minhas lágrimas.

Tudo o que tem para comparar com elas são as chuvas que provocam. Não pode se esperar que compreenda a tristeza humana.

— Nem mesmo estou chorando — protesto. — Estou bem.

A baleia-mãe me olha primeiro com um dos olhos, depois com o outro, soltando pedaços de tempestade cinza com suas barbatanas de penas.

— Cante — recomenda, como se eu fosse sua filhote.

Faço uma careta. Não é como se eu precisasse de mais uma mãe.

Esfrego o rosto com a manga da camisa.

Magônia funciona de maneiras que ainda preciso compreender. Hoje, mais cedo, outro navio nos enviou uma mensagem atirando em nosso convés uma flecha acesa com uma carta presa nela.

— Entre os afogados, ouvi que chamam isso de estrela cadente — contou-me Jik. Imaginei os astrônomos abaixo de nós observando aquela luz cruzar o céu, catalogando-a. — Aqui, é uma carta de capitão para capitão.

Zal leu atentamente a mensagem.

— Mantenha o curso — murmurou finalmente para Dai. — Já sabem da perda da luneta e pedem uma multa. Encarregaram um Sopro de buscá-la e apagar quaisquer repercussões. Não sabem a respeito de Aza.

— Melhor que esperávamos — respondeu Dai, assentindo.

— O que quer dizer com *apagar repercussões*? O que quer dizer com *não sabem a respeito de mim*? — indaguei, contando com sua falta de foco. Além disso, ainda há a palavra "Sopro"; fico ouvindo as pessoas a usando, e ainda não sei o que significa.

— A capital sabe que trouxe uma colheita lá de baixo e que, ao fazê-lo, perdi a

luneta. Maganwetar rastreia tudo. A perda do instrumento não teria escapado à atenção. Artefatos de Magônia já caíram entre os afogados antes, e criaram um interesse indevido lá debaixo. Os que os perderam foram punidos.

— Por que não podia dizer que estava resgatando sua filha? — pergunto. — Tem vergonha de mim?

Ela me olha de maneira que indica que não entendi absolutamente nada até agora.

— Longe disso, Aza. Você é a resposta para tudo. Simplesmente não pude fazê-lo.

Então: mais mistério.

Às vezes, o ar a nossa volta é quente, e às vezes encontro gelo no meu cabelo, e Milekt reclama e se recolhe no meu peito, irritado. Milekt é um professor rabugento. Entre suas irritações, ele me treina no alfabeto magoniano, que é cantado, em vez de falado. Passo meu tempo cantando o ABC. Regredi e voltei a ter 3 anos de idade. Como esperam que aprenda um idioma inteiro em apenas algumas semanas? Como esperam que saiba tudo o que todo mundo já sabe?

Flagro Dai me encarando, exalando concentração em cada linha de seu rosto insanamente belo, mas ele desvia o olhar rapidamente, como se tivesse sido pego se inclinando para copiar as respostas de minha prova.

Canto os ABCs magonianos silenciosamente na minha cabeça e olho para a neblina: ali, uma linha pontilhada aparece no horizonte, acima das nuvens, onde voam os insetos mais elevados. Morcegos. Uma colônia inteira deles.

Voam na direção do navio e se dividem em dois grupos quando chegam à proa, então vão para ainda mais alto. Um dos morcegos roça minha bochecha.

Eles me lembram arrumadeiras de hotel, tais criaturas. Laboriosos, alinhando a noite, esticando-a com pequenos puxões, vozes altas tagarelando uma canção que agora escuto e entendo um pouco.

— Caçador — me informa este morcego, com voz alta, e a repito de volta o melhor que posso, orgulhosa por estar começando a aprender a falar sua língua.

O pequeno morcego preto olha para a noite na direção de algo que não posso

ver.

— Caçador — repete, olhando para mim.

O morcego-vela baixa o olhar para nós. *Caçador*, ecoa. O pássaro fantasma grita lá debaixo.

Olho para o escuro azulado. Estamos entrando numa nuvem de fumaça. Aliás, não é exatamente uma nuvem, mas uma verdadeira fumaça espessa e acre.

Há algo ali, alguma espécie de incômodo, alguma coisa cheia de pontos de luz. Um relâmpago vira uma comprida risca branca.

Uma criatura.

Alguma coisa cheia de dentes que, em seguida, desaparece.

Estou correndo até Dai.

— O que é isso? — pergunto, apontando o dedo com urgência na direção do caos.

Ele aperta os olhos na direção do que está acontecendo a não muita distância. Nada distante, na verdade. Dai parece preocupado. Ver sua expressão me faz sentir que deveria me preocupar também.

— Tubarões-tempestade — esclarece, ajeitando a faca em seu cinto.

Ele acabou de dizer *tubarões-tempestade*? Minha nerd interior está em êxtase. Será que em algum dia, pelo resto de minha existência, vou ouvir alguma coisa mais irada do que *tubarões-tempestade*?

Dai se coloca entre mim e a balaustrada no navio de forma protetora.

— Er, eu deveria estar me apavorando?

— Desde que já tenham alguma coisa, não virão atrás de nós — explica.

Ele olha com atenção para a retorcida massa de escuridão pontilhada de branco. Há alguma coisa no meio dela, uma coisa que não consigo ver. Nossa rota nos leva para mais perto. Seis metros, agora 4,50 metros.

Um mastro. Velas. Um navio. E chamas brancas a toda volta dele.

Um grito alto, muito alto, da vela-morcego do navio.

— Camaradas — grita. — Perigo! PERIGO!

Com um flash de luz, subitamente enxergo melhor. Uma boca pontuda, bem

aberta, e um tubarão-tempestade pulando do céu, por cima do mastro do outro navio. Mais gritos de perigo.

— Pelo Sopro! — pragueja Dai. — Precisamos intervir! — Ele sai correndo. — Capitã!

Nosso morcego-vela abre as asas, e nossos Rostrae aparecem, puxando linhas, atirando ganchos e cordas pela borda e voando numa desordem. Zal está no convés, gritando. Ela me vê e berra uma ordem:

— Abaixo do convés! Você não está aqui!

E, em seguida, ela também começa a correr.

— Em suas estações — grita. — Baleias-tempestade! — Por meio de uma espécie de amplificador, ela soa mais alto que a tempestade, para o espaço onde os tubarões estão se alimentando e o navio menor está sendo tomado.

— BALEIAS-TEMPESTADE!

Nossas baleias aparecem com velocidade, com mais força do que achei que tinham, e, de repente, há uma pancada de chuva sobre o pequeno navio. Ela cai das nuvens, e as baleias cantam ferozmente.

— AQUI É A CAPITÃ ZAL QUEL! PREPAREM-SE PARA EVACUAR SEU NAVIO!

Há uma pancada, um golpe reverberante como um acidente numa via expressa na hora do rush, e, em seguida, pranchas e cordas saem como cobras do meio de nossa tripulação na direção do navio avariado.

Ignorando Zal, olho por cima da balaustrada. Há uma comandante lá, mas com uma súbita estranheza, me dou conta de que a capitã está amarrada a seu mastro. Há corpos espalhados por todo o convés abaixo, e sacos de grão estão cortados e espalhados.

O quê?

O fogo que pensei estar no navio subitamente parece estar a seu lado, num pequeno barco, e contido. Um instante de confusão no *Amina Pennarum* e então...

— PIRATAS! — grita Dai.

BUM. Uma onda de Rostrae e magonianos sobem dos deques inferiores no navio pequeno; todos armados e todos aos berros.

Um pirata Rostrae cai na minha frente, com um moicano preto e mechas vermelhas no cabelo, e vem na minha direção com uma espada. Estou com apenas o cabo do meu esfregão na mão, e o balanço com força.

Estou lutando como alguém que sabe lutar, como se tivesse nascido para isso.

Nunca fui Aza, a doente, apenas Aza, a guerreira.

Bato na lateral de sua cabeça e escuto um estalo repugnante, e talvez o tenha matado; mas, em seguida, ele se levanta novamente e, gritando, transforma-se numa pega-rabuda, correndo e pulando da beira do navio para o céu.

Todos gritam, minha tripulação e a deles. Há um cheiro de fogo e penas. Nosso morcego-vela está guinchando de tanta fúria, e rapidamente olho para cima e vejo o morcego do navio pirata com suas garras no nosso; as duas velas formando uma cruz, com as asas se arranhando e empenando os mastros.

Me pego gritando: "*AMINA PENNARUM!*"

Minha tripulação grita comigo. Não estou mais vendo Zal em lugar algum. Apenas fumaça e espadas cortando cordas, os rostos contorcidos de minha tripulação tornando-se de pássaros, Rostrae alçando voo com as garras de fora.

Dai está brandindo um machado. Por todo lado, pessoas estão encaixando flechas em seus arcos ou desembainhando suas facas.

Preparo-me para dar um golpe na cabeça de uma silhueta alta que apareceu na minha frente, um golpe borrado-em-pânico-trêmulo.

É Dai.

— Desça, Aza! — ordena. — Isso é um esfregão, sua idiota! Vá lá para baixo!

Ele se vira para um pirata, e suas lâminas se encontram.

Fico momentaneamente paralisada, e é o bastante para me ver cara a cara com mais um invasor. Ele ergue sua adaga, mas Jik me pega pelo cabelo e me puxa para longe bem a tempo. A lâmina do pirata só atinge o ar, e, antes que ele possa se recuperar, há um golpe e um guincho.

Wedda. Ela pula em seus ombros, dilacerando-o com o bico.

Retrocedo na direção do interior do navio, mas a batalha, a fumaça e os ruídos da luta e da matança e da morte são demais. Vou até a beirada do barco e grito, correndo. Seguro na balaustrada, sem fôlego. E então, os vejo: os tubarões-tempestade, com olhos sem vida e feitos de energia. Sua luz é crepitante. Agito o cabo de meu esfregão para um deles, enlouquecidamente. Ele avança de volta para mim, e me vejo às voltas com uma brancura opressiva e cortante, dentes tão próximos, e cada um deles reluz eletricidade.

— Lá para baixo, Aza, agora! Onde estará segura! — Jik me agarra e me puxa de volta para o convés. Há uma inundação de magonianos e um esguicho vermelho. Um camareiro Rostrae, oh, Deus! Seu uniforme está retalhado e queimado ao redor do corte, os ossos aparecendo e uma de suas asas penduradas por um tendão.

— Fogo! — berra Zal, e das entranhas do *Amina Pennarum* vem uma explosão.

O navio sacode, e os piratas gritam de fúria. Tudo o que vejo ao nosso redor são relâmpagos, e nosso barco dá mais um solavanco, então começa a virar.

Solto a escada e começo a deslizar pelo convés. Agarro as tábuas com as unhas, tentando me segurar em alguma coisa, mas elas estão escorregadias de tanto sangue.

Ninguém me nota, considerando que este é um navio cheio de gente que consegue voar, e metade delas não está tocando o convés.

Por um instante, estou de volta na ambulância. Há uma luz forte piscando e uma terrível sensação de inevitabilidade conforme o *Amina Pennarum* vira quase que de ponta-cabeça.

Deslizo do convés do navio.

P

A

R

A

F
O
R
A

E

P
A
R
A

B
A
I
X
O

em direção ao céu aberto.
Sou a garota prestes a morrer mais uma vez.

CAPÍTULO 16

{AZA}

Estou mergulhando através do tempo e de volta a Ícaro e suas asas, de volta a Jason e eu no telhado.

Estou despencando de volta para o túmulo que nunca ocupei.

Ar e tempestade, a chuva caindo forte, e eu, de braços abertos como uma paraquedista, caindo mais rápido que achei ser possível.

O ar é escorregadio. Há nuvens em minha garganta, e granizo nos cabelos. Não consigo ouvir minha própria voz e tampouco Milekt, porque não está comigo. Estava lá em cima com os outros canwrs quando ouvimos os gritos de ajuda.

Ninguém sabe onde estou pela primeira vez numa vida inteira sendo observada, uma vida de esquemas e cuidados.

Estou sozinha.

Estou sozinha durante os (quantos?) minutos até cair no chão. Vou morrer agora, e ninguém vai saber para onde fui.

Vejo de relance barbatanas afiadas e escuras circulando abaixo de mim.

Olhos vermelhos, bico adunco, pescoço comprido coberto de escamas cor-de-rosa e ásperas, faminto e alegre. Suas asas batem lentamente, para cima e para baixo, com as pontas aparecendo em meio às nuvens, e ele começa a cantar,

chamando outros. Agarra minhas roupas com suas garras, e a velocidade de minha queda diminui.

Coisa morta, escuto, um coaxo assoviado. *Coisa morta caindo*.

Não são tubarões. Urubus.

Outro deles vem até mim, batendo na lateral de meu corpo com o bico, e sinto suas asas cortando minha pele. O primeiro urubu me larga. *Animal morto*, o outro assovia, *morto, morto, doce sangue morto novo, morto*.

Há um cacarejo ruidoso, pássaros me cercando, olhando nos meus olhos.

Coisa morta!, gritam, e as vozes colidem comigo. Eles são enormes, e estão morrendo de fome.

Então escuto um grito vindo de cima, uma canção precisa, com batidas de silêncio e uma percussão barulhenta, um ruidoso bico abrindo e fechando, assovios guturais de raiva e alívio.

Milekt. Viro a cabeça e o vejo mergulhando, como um farol dourado.

— CANTE — ordena, e bato em meu peito, abrindo-o pela primeira vez sem ajuda de ninguém, ao que Milekt logo entra.

Abro a boca e pronto, me rendo.

Sinto uma onda vindo dos pulmões até minhas cordas vocais, e imediatamente: harmonia.

Milekt e eu estamos cantando juntos pela primeira vez. Como uma só voz, cantamos essa única nota. Num uivo inseguro, é uma canção de ninar gritada, um som que jamais conseguiria fazer sozinha.

Com a canção, algo muda. O ar parece... mais denso.

Estou pendurada no vento agora, como se estivesse flutuando numa piscina. Há tensão no ar abaixo de mim, e a sensação de que está servindo como suporte...

Paro de cair. Meu coração desacelera. Entre meus pés, vejo a Terra ainda lá embaixo, e fico... eu fico suspensa no ar.

Uma corda com um gancho na ponta desce girando lá de cima. Há um estalo violento na hora em que sou pescada pela jaqueta. Estão me puxando de volta,

puxando-me pelo céu, me sacudindo e puxando mais ainda.

Sou levada a um tipo de lancha. É Dai, suando, praguejando, sangrando.

— Ah, meu Deus! — exclamo, ofegante. É só o que consigo dizer. — Ah, meu Deus!

Dai me pega e me segura com força, e me sinto insegura. Por um instante, acho que ainda estou cantando, mas não estou. Estou chorando e em pânico, com o coração palpitando.

— Vi você caindo — explica. — Não a teria resgatado a tempo se você e Milekt não tivessem cantado. Achei que a tinha perdido.

Estou trêmula e abalada. Ele também. Seus braços me envolvem, e os meus o envolvem, e...

Rostrae a toda nossa volta: os pássaros de meu navio, liderados por Jik; alguns deles em meio à suas transformações, com os braços em parte ainda cheios de penas.

As asas pintadas do pardal, as penas douradas e castanhas da mulher-águia. O beija-flor parecendo um dardo.

Minha tripulação. Ela está me resgatando.

Dai segura minha mão.

— Você é bem ágil com o cabo daquele esfregão — brinca, e, por um segundo, rio, sem saber por quê.

Estou tremendo de adrenalina, inquieta e ansiosa e querendo cantar e voar e lutar um pouco mais.

Os Rostrae levantam nosso barco através da neblina e do branco mais uma vez, através das nuvens com cheiro de relâmpago, até a sombra do navio.

Olho para o convés do *Amina Pennarum* quando chegamos a seu nível. Olho para Dai.

Seu rosto perde a cor. Há corpos por todo o convés, e, quando olho ao redor, incrédula, percebo que nossa tripulação perdeu.

Sangue e penas e tripas, e os piratas — agora finalmente dou uma olhada neles —, em todo o lugar; um grupo de magonianos esfarrapados e Rostrae. Atiram

cordas à nossa volta assim que o barco está a seu alcance, e nos puxam com força, e não temos tempo de fazer nada. Sou agarrada por um pirata alto, meus braços são presos a minhas costas, e o mesmo ocorre com Dai.

Zal também está amarrada, com o rosto ensanguentado. Noto quando me vê e dá um suspiro de alívio. Wedda está perto dela, assim como metade da tripulação, muitos dela feridos.

— Uma armadilha — cospe Zal para a capitã pirata, que está de costas para mim. — É contra as leis do céu atrair um navio para um falso resgate. Você matou aquela capitã e sua tripulação para me chamar com seu sinal, e, sem dúvidas, eles eram inocentes. É de se esperar vindo de você.

A pirata se vira para Zal. Ela tem longos cabelos grisalhos, torcidos em nós, nada como o penteado de Zal. Esses nós são amarrados de forma muito mais elaborada.

O que normalmente seria os brancos de seus olhos é azul-escuro. As laterais do rosto são puxadas para cima, como se houvessem cordas presas nelas e talvez alguém estivesse tentando fazê-la sorrir, mas ela está mostrando os dentes em vez disso. É magra de um jeito que faz parecer que passa fome, e não de propósito. Seu rosto é encovado. Está usando um uniforme apertado, mas cheio de rasgos e manchas.

— Para onde está indo, Zal Quel? Ouvimos rumores de que subiu com alguma coisa perdida lá debaixo. Não é tão invisível quanto imagina. Sabíamos em qual quadrante estava voando. E o céu? Ele cochicha. Ouvi um boato entre os corsários de que havia trazido uma garota a bordo — diz ela. — Onde está?

Dai comete o erro de olhar para mim.

A cabeça da pirata gira, e ela também me olha. Subitamente, há uma espada em meu pescoço. Sinto a lâmina afiada. Estou prendendo a respiração e em pânico.

— Identifique-se — grita a capitã dos piratas, cara a cara comigo.

— NÃO — adverte Zal, quase levitando de raiva, e mais alguma coisa também. Medo? — Não deve nada a ela. Mantenha silêncio, tripulação do *Amina*

Pennarum. Mesmo se formos colocados para pular da prancha, o faremos sem palavras.

A capitã pirata me olha atentamente, examinando-me, e me sinto como uma presa. Tonta e pequena, magrela, sem músculos e sem força.

Cutuca meu queixo com a espada, e o gesto não faz cócegas. Machuca.

— Quem estava cantando, garota? Era você? Este rapaz pulou do barco no meio de uma batalha para buscá-la, e os Rostrae do *Amina Pennarum* a salvaram. Você não é o que parece. Não, acho que é muito mais.

Vejo Zal tentando se comunicar com o olhar, pedindo que não lhes conte nada.

— Era eu cantando — intromete-se Dai, dando um passo à frente. A capitã pirata o olha com desdém.

— Nenhum homem poderia cantar com tanto poder.

Um de nossos mastros está quebrado. O morcego-vela está de olhos arregalados e furioso, apesar de não estar ferido, e ele grita estridentemente para mim sem emitir nenhuma palavra. Escuto um eco vindo lá de baixo também: o pássaro fantasmagórico gritando um chamado rouco. Este navio, e todos nele, estão em perigo.

Ainda nem mesmo tenho uma espada.

Engulo em seco. Milekt se sacode dentro de meu peito, furioso e ainda sentindo a canção que acabamos de entoar, assim como eu. Dou um passo para a frente. Respiro fundo e sinto Milekt abrindo seu bico para...

Dai me cutuca nas costelas com o cotovelo.

— Sim, está certa. Sou a Filha da Capitã — afirmo abruptamente, em vez de cantar.

Vejo Zal se debatendo em suas amarras.

A pirata me olha. Não consigo distinguir todas as emoções que vejo em seu rosto, mas percebo alívio. Tristeza. Raiva. Culpa.

— É claro que é. Aza Ray, filha de Zal. Então, os rumores eram verdade. É por sua causa que estamos aqui.

Quanto mais tempo olho para ela, mais a capitã pirata me parece estranhamente familiar, fazendo-me estremecer.

— Sou a capitã Ley Fol. Fui eu quem a deixei entre os afogados, tempos atrás.

Zal grita do outro lado do convés:

— Fique longe dela, assassina! Traidora!

— Traidora? Apenas virei as costas para a sua insanidade — responde Ley Fol.

— Você me entregou — rebate Zal.

Ela parece frenética, e ainda estou com uma espada encostada no meu pescoço. Não posso cantar, apesar de Milekt me esmurrar por dentro, colérico. Continuo tentando entender que diabos está acontecendo.

— Tenho tanto desprezo por Maganwetar quanto você, mas foi você quem causou esse desastre para todos nós.

Zal consegue desapertar suas amarras levemente, parecendo furiosa. Os piratas em volta dela se aproximam para alertá-la, mas Ley assente para eles.

— Deixem que fale.

Não que pudessem a manter quieta em primeiro lugar.

— Você roubou minha filha! — grita Zal.

— Eu *salvei* sua filha. Recebi ordens para matá-la, Zal. Acha que qualquer outra a teria poupado? A capital sabia de seus planos. E sabiam do poder dela...

Me matar*?* E "meu poder", de novo, "meu poder". Todo mundo fala de meu poder. QUE poder?

Ley continua:

— Mas eu não mataria um bebê. Então a mantive a salvo. Não importa o que digam da capitã Ley Fol, nunca matei uma criança. Que outras capitãs poderiam dizer isso? Você poderia?

Zal dá mais um passo à frente, e os piratas de Ley a seguram pelos braços.

— Escondeu minha filha de mim durante quinze anos! — grita Zal. Seus olhos brilham, ameaçadores. Apesar de estar gritando, também está chorando.

Ley se vira para mim.

— Se Maganwetar soubesse que estava viva, teriam a exterminado. Paguei a

um Sopro para colocá-la numa pele e substituí-la por um dos afogados que estavam trazendo para cima. Queria trazê-la de volta para Magônia assim que as coisas se acalmassem, mas a memória da capital é boa. — Ela me olha mais intensamente. — Se você for o que era, abandonei minha carreira por um motivo. Se não for? O destino pode ser cruel.

Ela se volta para Zal.

— E então, a encontrou. Acredito que não seja uma mera questão sentimental para você.

— Amo minha filha — berra Zal, indignada. — Nunca deixei de amá-la.

Ley assente para os piratas, e um deles amordaça minha mãe. Ela resiste, ainda gritando por baixo da mordaça.

Ley olha para mim e suspira.

— Deveria estar morta, Aza Ray. Como sobreviveu? Como os afogados conseguiram evitar que morresse?

— Não sei — respondo. E é verdade, não sei de nada.

— Aquela canção. A que acaba de salvar você agora mesmo. Você cantou aquela mesma música neste navio quando era pequena, e aquilo deu ideias a sua mãe. Fez com que pensasse que seria você quem nos livraria de todas as dificuldades. Cante-a de novo, pequena. Nos mostre o que sua mãe quer fazer com você. — A expressão em seu rosto era faminta, inquisitiva.

— Não sei cantar de verdade — digo. — Não sei como fazê-lo. Não sei pelo que está procurando, mas não está neste navio.

— Sabe sim — sussurra Dai atrás de mim. — Cante como estava cantando quando a peguei.

Sinto Milekt dentro de meus pulmões, sacudindo, arranhando. Ele também quer cantar. Tudo parece estar em câmera lenta.

Caru ecoa dos deques inferiores. As notas do pássaro fantasma ecoam em minha cabeça, girando ao meu redor, com raiva deste navio, desta vida. Sinto aquela canção quase como se a estivesse entoando. Escuto um zumbido.

Um dos piratas está em nosso morcego-vela, traçando suas asas com sua

espada. Ele faz um horrível ruído agudo de dor.

Sinto um sobressalto. É *minha* vela. Percebo, subitamente, que é meu *amigo*. E não importa o que Zal tenha me dito antes, ele sente dor. E o estão ferindo.

Guincho uma única triste nota de canção magoniana.

Ley olha para mim, com a cabeça inclinada e o rosto tenso.

— Talvez sua canção não seja mais o que era. Talvez devesse ter deixado você com sua mãe, afinal.

Dou mais um pio, e ela começa a dar meia-volta.

— Seu tempo com os afogados a mudou, ou então estávamos erradas desde o começo. Ela não é o tipo de cantora que Zal era. Peguem os grãos do *Amina Pennarum* — ordena à tripulação, com a voz agora estranhamente triste. — Levem seus estoques. E os afunde. Coloquem Zal no brigue.

Acha que sou fraca? Acha que realmente não sei fazer nada?

Eles vão me matar? Vão matar a todos nós?

Um dos piratas me pega pelo braço, e me jogo para trás com força, mas não sou forte o bastante. Ele me leva na direção da popa. Milekt grita dentro de mim, e o pássaro fantasma berra. O céu está abaixo de mim, e meus dedos, um, dois, três, contra a balaustrada do convés, balançando, acima do céu aberto, e penso: É isso? Depois de tudo, é isso? Depois de salvar minha vida, depois de Dai me salvar?

NÃO.

Agora, em vez de pensar, abro a boca, e solto um guincho cru, uma nota assoviada e alta. Milekt se junta a mim, em voz alta e tão furiosamente quanto eu.

Algo muda, uma rápida e forte energia saindo da minha boca para o céu.

O horizonte vai de azul a preto, e o ar parece denso. Gotas de chuva caem sobre o navio pirata por um instante, antes de se tornarem outra coisa. Vejo Ley olhar para cima, com os estranhos olhos brilhando.

O som saindo de mim não se parece em nada com uma tosse, nada na mesma categoria de música, mas sim algum tipo de rugido de ave de rapina, rasgando minha garganta, fazendo meus dedos pulsarem, e Milekt vem por trás, cantando

de dentro de minha voz, ampliando-a e tornando-me mais forte.

O céu fica preto e repleto de ventos velozes, com um relâmpago saindo de cada gota de chuva. Há um certo peso em tudo ao redor.

As pessoas começam a cobrir as cabeças e rostos.

Começa a cair areia do céu, das nuvens que rodeiam o barco, envolvendo os piratas, fazendo-os cambalear. Uma chuva de cascalho. Em seguida, pedras maiores, e todos estão gritando e se protegendo.

O ar fica espesso entre mim e a capitã pirata de cabelos prateados, que grita ordens para sua tripulação. Vejo o navio inimigo se inclinar, tombando.

Zal olha fixamente para mim, com uma espécie de alegria ansiosa.

Aprendi uma coisa de Jason ano passado. *Sous rature*. Se precisar de uma palavra para comunicar alguma coisa, mas aquela palavra parecer ter anos de bagagem, e você quiser se livrar da bagagem com que ela vem, você a elimina, mas a usa assim mesmo. Algumas pessoas fazem assim: amor.

Com esta canção, escrevo por cima de onde a velha Aza estava. Não sou aquela pessoa. Sou Aza. Canto gritando, punk rock sem microfone, o tipo de música que faz pedras caírem dos céus.

Transformando chuva em pedra.

Destruindo todos que a escutam.

Estou causando uma avalanche no céu.

Não faço a menor ideia de como.

Uma pedra do tamanho da minha cabeça cai no convés de nossos agressores e despedaça as tábuas.

Canto uma coisa que solta as mãos de minha tripulação, algo que nem mesmo sei o que é. Movo cordas e correntes. Não estou fazendo aquilo de propósito. É um desdobramento da canção. Não sei como isso está acontecendo, mas tudo está mudando, chiando, ondulando em volta de Milekt e eu.

Como se estivesse num filme,

como se não fosse eu,

como se fosse alguém que nunca imaginei: maior, mais forte e destemida.

Pego a espada da capitã pirata e a aponto para seu peito.

Milekt gorjeia dentro de meu peito, seu próprio solo de triunfo. Abro a boca e solto um grito.

Estou no meio do convés, desta vez com uma espada, e não um esfregão.

Sou a Filha da Capitã. Sou tudo que acharam que eu era, e mais.

— De joelhos — ordeno a Ley. Aceno com a cabeça para Jik, e ela prende os pulsos da pirata. Minha tripulação trabalha rapidamente desarmando o resto dos piratas, e, subitamente, o *Amina Pennarum* vence.

Zal está livre de suas amarras e, rindo, parece completamente realizada. Sua camisa está rasgada. Posso ver uma comprida cicatriz vertical ao longo do peito. Do quê?

— Renda-se, Ley! — grita, triunfante. — Este céu não é para o seu comando.

Mas Ley não se rende. Ela fica parada, amarrada, encarando Zal desafiadoramente.

— Para onde estava indo, Zal? Norte? Quebrando todos os juramentos que fez? Nós duas sabemos que quer um novo mundo. Maganwetar não a perdoará duas vezes. Vão prendê-la por traição, e desta vez vocês *duas* serão executadas...

Zal lança um olhar ríspido para Dai, e ele imediatamente se move, amordaçando Ley com uma echarpe.

— Quem mais sabe que a temos? — pergunta Zal, olhando para os outros piratas. — De onde o boato veio? Quem falou com vocês?

Eles ficam apenas olhando para Ley. Todos estão no nosso convés, amarrados.

— Se não responderem, terão o mesmo destino dela.

Continuam calados, ao que Zal assente para mim.

— Afunde aquele navio e sua lamentável carga — ordena.

— Como assim? — pergunto.

— Cante. Cante o céu em areia, Aza. Faça o que acabou de fazer, e os afunde. Milekt conhece a canção.

Ele começa uma nota nova, e o acompanho, seguindo sua deixa. Cantamos para desabarem rochas sobre as correntes que prendem o morcego do outro

navio a seu mastro. Podemos ver os elos se rompendo, até que finalmente desaparecerem.

O morcego-vela abre as asas, e, pela primeira vez, me pergunto como acabam presos nesses navios em primeiro lugar. Ele abre suas asas e sobe e se vai, deslizando pela escuridão enquanto o navio vazio fica abatido em meio ao céu.

Quando finalmente me viro a fim de olhar para Zal, a vejo ao lado de Ley, a encarando, como um falcão observando um coelho. Exceto que ambas são aves de rapina.

Milekt e eu cantamos para que um vento pesado varra o navio pirata, e, sem sua vela, ele tomba. Canto pela areia até não enxergar mais. Até que tudo que a embarcação consiga fazer seja cair no mundo lá embaixo.

Dessa altura, pouco restará dele quando tocar o chão. De que os humanos o chamarão? Asteroide? Meteorito? Há tanta coisa que não sabem.

Vacilo um pouco, pois meus joelhos estão fracos. Olho em volta. Todos estão olhando para mim, tanto os Rostrae quanto os magonianos; Zal e Dai e Jik, todo mundo.

— Leve Ley para minha cabine — diz Zal, e dois Rostrae carregam a outra comandante escadas abaixo até o convés inferior. Ela não resiste, apenas me olha calmamente, assim como todo mundo, toda minha tripulação. Os outros piratas capturados descem para o brigue.

Há sangue no convés e buracos no navio e, agora, prisioneiros, e me pergunto se teríamos feito algo imensamente errado, algo que eu não possa — que ninguém possa jamais desfazer.

E então, os escuto: vestígios de canção de pássaro, demorados gorjeios e gritos.

Jik está sorrindo, e Dai gritando de triunfo e, com grande barulho, nosso próprio morcego-vela abre suas asas e avançamos com força, com nossas baleias-tempestade cantando um temporal para nós.

Há gritos de comemoração e uivos, e a tripulação se ocupa em deixar nosso navio inteiro novamente. Estou reluzindo pelo que acabo de fazer; a loucura

daquilo tudo, a confusão, a Aza.

Estou tonta, assim como Milekt. Posso senti-lo dentro do meu peito.

É isso, então.

É isso o que todos queriam dizer quando falavam sobre *cantar*. Isso é o que queriam dizer com *poder*. Dai está segurando minha mão. Não sei como chegou ali, mas aquilo envia uma descarga elétrica pelo meu corpo. Zal segura minha outra mão na sua e a ergue. Ficamos ali no convés, cercados por nossa tripulação, e talvez eu seja alguém que finalmente se encontrou. Dai olha para mim.

— Juntos, Aza — diz.

— Juntos — ecoa Zal.

— Juntos — sussurro, porque nunca senti algo assim antes. O morcego-vela canta para mim, e Milekt, em meu peito, canta também. Os Rostrae me olham, e a tripulação magoniana assente com aprovação.

Viro o rosto e olho para Dai. Não sei exatamente o que tudo isso significa, nem mesmo sei o que acabo de fazer.

— Você fez *tudo* — diz ele, lendo minha mente, então sorri e aperta minha mão com força.

Pela primeira vez em toda minha vida, tenho poder. Mais do que poder. Sinto como se pertencesse a algum lugar. Como se esse fosse meu navio.

Como se esse fosse meu país.

Como se esse fosse meu destino.

Escuto o grito do fantasma novamente, me envolvendo. Olho para Zal, mas já está se afastando. O navio está seguindo notavelmente mais rápido, e olho para o alto e vejo os Rostrae juntando-se ao morcego-vela para nos dar ainda mais velocidade.

E saímos voando.

CAPÍTULO 17

{JASON}

Precisei andar muito em pequenos e frustrados círculos depois de ouvir a voz de Aza em seu funeral, quando alguma coisa caiu do céu, mas a encontrei.

Está aqui na minha frente neste exato momento. Debaixo de meus papéis. Estou esperando minhas mães saírem de casa para poder estudá-lo novamente pela milionésima vez.

É uma luneta.

É antiga. Do tipo, incrivelmente antiga. Feita de bronze e madeira, cheia de ranhuras. Não dá para ver com ela, porque está com uma tampa na lente ou algo parecido, também de madeira. Caiu de algum lugar bem distante. A tampa está amassada em cima do vidro, e não consigo removê-la.

O objeto é todo arranhado com estranhos caracteres, num idioma para o qual também não consegui encontrar nenhuma tradução.

Sim, você me ouviu. Não encontrei tradução. Nem mesmo algo bizarramente errado feito por alguém online.

Então é isso.

Em alguns dos manuscritos medievais iluminados que acabei encontrando no site da biblioteca de Harvard, aparecem pessoas-pássaro, e outros tipos também. Anjos daquela época, particularmente os com relação a plantações e condições

meteorológicas, tendem a se parecer com humanos, mas cheios de penas. E também existe outra divisão de anjos desse período em que eles simplesmente são... azuis.

Não que isso seja alguma indicação de Magônia, na verdade. Ninguém fala a palavra "Magônia" nesses pergaminhos.

Mas há semelhanças.

A história da humanidade é setenta e três por cento pessoas falando sobre o clima de maneiras abismadas. A discussão acerca de Magônia é basicamente essa: de onde veio aquela tempestade? Ah, meu deus, as nuvens. As nuvens estão loucas.

Jacob Grimm — não o Sr. Grimm, meu professor, e sim o cara dos contos de fada — fala sobre um país em que o povo vende o vento. Trechos selecionados (estou sendo bonzinho, e não fazendo com que tenha que ler milhares e milhares de páginas de informações sobre o assunto):

"As bruxas da Noruega... amarram o vento e o tempo ruim numa sacola e, no momento certo, desfazem os nós, exclamando: *Vento, em nome do diabo,* e, em seguida, uma tempestade começa, destrói a terra e naufraga navios no mar..."

"Um temporal violento durou tanto tempo que um caçador na estrada carregou sua arma com uma bala sagrada e atirou no meio da nuvem mais negra; dela, uma mulher nua caiu morta no chão, e a tempestade acabou num instante..."

E essa é a melhor: "Às vezes, o alvo da bruxaria não é exatamente destruir a plantação, e sim ter posse dela, carregá-la para fora da terra, ou para o próprio celeiro, ou para o de um favorito".

Então estamos falando de roubar plantações. Pelas histórias, a coisa em comum é que, quem quer esteja flutuando em navios aéreos lá em cima, está com fome. E faz sentido. Isto é, o que diabos estariam comendo lá em cima? Mosquitos?

As tempestades destruidoras de colheita traçadas pelo meu app parecem ficar na maioria dos lugares durante dias, para depois seguir adiante.

Houve um grande temporal em Iowa algumas semanas atrás, e aquela chuva foi uma das poucas em que as pessoas reclamaram oficialmente de safras desaparecendo. No final, a plantação de milho de um fazendeiro sumiu, como se gafanhotos a tivessem devastado. Todas as espigas ficaram nuas. O fazendeiro mencionou ter visto uma águia aquele dia, bem antes da chuva começar.

Os relatos e histórias estranhos continuaram na trajetória que tracei para elas com tanta exatidão que quase posso prever onde será a próxima. Então, o que fica do outro lado do mar, a nordeste da América? É aonde me parece que esta coisa está indo. Não há plantações na água. As ilhas por ali não são férteis — apenas afloramentos de rochas no meio do oceano.

Não estou fingindo que isso — eu estar certo quanto a Aza — não esteja me fazendo ter uma crise existencial bastante intensa. Eu *posso* estar lendo alguns filósofos. *Posso*, apenas levemente, estar perdendo a lucidez. Eve e Carol *podem* ter motivos para estarem preocupadas quanto a toda essa situação.

Fico esperando que Aza caia do céu nos meus braços. Sei que soo incrivelmente machista dizendo isso, mas fico imaginando pegá-la, como um bombeiro esperando do outro lado da janela.

Só de pensar assim, fico com vontade de bater minha cabeça no chão.

Se estivesse aqui, me escutando, ela estaria vomitando neste momento, porque estou perdendo toda a minha dignidade.

Mas não posso enviar uma mensagem para ela, nem e-mail. Não posso ligar para ela.

Isso está sendo uma droga, Az.

Odeio isso. Tenho medo de talvez estar perdendo algum tipo de moral da história importante, algo que todo mundo sabe, que estou tentando rastrear uma garota morta que nem existe mais, uma garota morta que se foi e agora está viva apenas como uma invenção da minha Imaginação Fértil, como Aza sempre falou que eu tinha. Eu e Aza, Imaginadores Férteis. Talvez apenas devesse ir a seu túmulo e sentar ao lado dele e dizer, de uma vez por todas, adeus.

Mas não acho que esteja morta. E não acho que eu esteja louco.

Tenho algo na minha tela agora, um pequeno vídeo que uma garota do Maine fez com seu telefone.

Tem cerca de um segundo de duração, a parte importante. É um navio. Apenas parte de um navio, com escotilhas e aprestos, saindo de uma nuvem e, em seguida, desaparecendo.

Batem com meus mapas, as condições de tempo. Outras pessoas viram algo e divulgaram uma matéria zombeteira sobre ilusões. Miragens no céu e invernos longos demais. Os repórteres fizeram graça dos moradores do Maine, dizendo que andavam bebendo demais. Saiu uma charge no *Onion* que satirizava toda a coisa com bastante exatidão: um monte de bêbados olhando para o céu e vendo navios. Exatamente o que disseram nos anos 1890.

Vi alguma coisa da janela de Aza aquele dia, o dia em que ela morreu. Vi um bando misturado de pássaros em seu jardim; a maioria fora da época. Escutei alguma coisa no céu no dia de seu enterro, e não acho que eu esteja enlouquecendo não estou enlouquecendo.

Depois do funeral de Aza, depois de sua voz vinda do céu, lembrei-me do helicóptero. É claro.

Sei o que está pensando. *Que burrice, Jason, não pensar nisso antes, certo?*

É, muito burro, porque existe uma caixa preta.

Isso é novo em helicópteros. Nem todos já têm uma, mas paramédicos têm que voar em condições de tempo extremas.

Hoje, recebi o que precisava através de alguns de meus contatos mais confiáveis e ilegais, enviado para meu e-mail mais secreto.

Aperto play no áudio do helicóptero. A princípio, são conversas com o hospital, dizendo exatamente aonde ir para nos buscar, e posso imaginar tudo da forma mais horrível. Tudo de novo, nós na ambulância, Aza a meu lado.

O áudio alterna para o do próprio paramédico da ambulância, atualizando o helicóptero sobre a condição de Aza.

Preciso mover o cursor. Tenho medo de ouvir o barulho ruidoso e aterrorizado que ela fez no final, e não consigo escutá-lo novamente.

Um segundo depois, estou ouvindo outra coisa: o voo, o piloto e o médico no helicóptero com ele, falando sobre o temporal.

— Epa. Isso veio do nada — diz ele.

— Aquecimento global — comenta o médico. — Estamos bem?

— Sim, tudo bem, estamos bem.

Há uma pausa.

— Espere. Viu isso?

— O quê?

— Que diab — sons misturados — isso é um...

— Cordas? Ah meu Deus...

E então vem um guincho alto de metal arranhando metal, vidros quebrando, algo sendo espremido e rasgado e gritos dos dois, e o que dizem, o que tentam dizer é...

É, não, porque não dá para ouvir. Não consigo escutar as últimas palavras que jamais disseram. É horrível demais.

Um instante depois, há uma grande explosão. Cantos e sons agudos. O barulho de asas batendo.

Pássaros.

Alguém diz, numa voz fraca e rouca:

— O que é você?

Isso é tudo o que há no áudio. Fico escutando sem parar. Entre a primeira conversa sobre a tempestade e a queda, se passam talvez dois minutos.

Preciso dar um tempo. Preciso sentar e pensar naquilo, por que sim. Tudo aquilo. O som de pessoas morrendo. O som dos pássaros. Últimas palavras. Últimas coisas ditas antes dessas pobres pessoas caírem do céu, mergulhando em direção ao solo e pegando fogo.

O piloto e o paramédico; suas famílias não têm isso. Apenas eu e as pessoas de quem consegui. Não foram apenas eles que morreram, mas o paramédico de nossa ambulância também. Ele correu para fora tentando chamar a atenção deles para onde estávamos, e jamais encontraram seu corpo.

Estou sentado, não chorando, mas...

É, estou. Estou chorando.

O que é você?

Aquilo foi na noite em que Aza morreu, e cinco dias mais tarde, ouvi sua voz vindo do céu.

Não, não é paranoia, não é ilusão, não. Não é conspiração, não é obsessão, não são ideias erradas da minha cabeça.

Tenho certeza de que, se isso for parar na internet, algumas pessoas diriam que o piloto e o médico foram confundidos pela tempestade, pela pressão de ar e falta de oxigênio.

Que "cordas" não foi exatamente a palavra que disseram.

Mas se não foi "cordas" foi o quê?

De fora da minha janela, há subitamente uma rajada de vento e chuva. Me levanto e a fecho. Está congelando.

O que é você? O que é você? A voz fica se repetindo na minha cabeça — e é quando a campainha toca.

Carol ou Eve esqueceram as chaves. Quase sempre é Eve. Seu cérebro fica enredado a algumas coisas, e então qualquer esperança de *não* esquecer vai para o buraco. Não que eu não seja exatamente igual. Bastantes dias não sendo buscado na escola na minha infância. Passei tardes na casa de Aza. E, por mim, estava tudo bem.

Fecho a aba com o áudio da caixa preta, apenas por precaução, e vou até a porta da frente.

Alguém toca mais uma vez e começa a bater. Não é Eve. Ela estaria do lado de fora da minha janela, batendo nela e fazendo sua "cara de mãe esquecida" para mim.

Por um momento, fico nervoso. Estou fazendo o tipo de atividade hacker que, se é rastreada, faz com que seja investigado, preso e/ou processado até o fim.

Olho pela janela lateral, mas não vejo nenhuma viatura de polícia. Nenhuma luz piscando. É claro, se fosse o FBI, não haveria nenhuma mesmo. Faço uma

varredura nas árvores do outro lado da rua, só por precaução. Bastante vento.

Preocupo-me comigo mesmo por um segundo.

A pessoa bate na porta mais uma vez, com força. Tudo que vejo é um ombro num casaco azul e um pedacinho de cabelo preto preso num rabo de cavalo.

Calma, Jason. Talvez alguém esteja tentando divulgar alguma igreja pelo bairro.

Tem pensado no inferno ultimamente?

Não, vou responder. Em tudo mais, tenho, mas não no inferno. Ou não exatamente.

Destranco a porta. Abro.

Aza Ray Boyle está parada nos degraus.

CAPÍTULO 18

{AZA}

Zal me acorda, sacudindo minha rede.

— Filha. No convés.

Não é como se eu estivesse dormindo. Estava baqueada de cansaço desde os piratas e a canção, mas então comecei a pensar no que fora *dito* no convés. E quantos espaços ainda existem para preencher entre o que Ley e Zal falaram e o que sei.

Nós duas sabemos que quer um novo mundo.

Acredito que não seja uma mera questão sentimental para você.

Fez com que pensasse que seria você que nos livraria de todas as nossas dificuldades.

O que Ley quis dizer? Não conseguia parar de pensar naquilo.

Zal me leva até o timão, e de lá olhamos para o céu cheio de estrelas. Fico em silêncio, mas tenho perguntas.

— Deve estar pensando no que aconteceu hoje — começa, constatando o óbvio.

— Sei o que aconteceu — respondo. — Defendi o navio dos piratas que queriam me matar. O que não entendo é por quê.

Zal olha para mim e sorri.

— Na hora certa, você e eu não teremos segredos, Aza. A pirata Ley Fol foi uma surpresa, e uma surpresa nada boa. A presença dela nesses céus significa que sabem a seu respeito em Magônia. O Sopro que trouxe para resgatá-la lá de baixo, suponho. Achei que poderia ser subornado, mas não se pode confiar totalmente neles. São monstros.

Demoro um instante imaginando o que diabos deve ser um monstro na concepção de Zal. Imagens de tentáculos e Godzilla, imagens de dentes. Aqueles tubarões-tempestade eram monstros para mim. Os Sopros são diferentes. E, aparentemente, mais temidos.

— Mas *o que* são eles?

— Podem andar entre os afogados, e podem ser pagos por seus serviços, mas não são bons.

Eu já a vira com medo antes? Não, não vira. Isso me deixa nervosa.

— Há coisas aqui que não precisam ser chamadas pelo nome. Este é um mundo novo para você, e para nós também, com você nele. Você é o cerne. É algo de que Magônia precisa.

Algo. Não alguém.

— Então o *que* sou eu? — pergunto a Zal.

Ela sorri, exibindo os dentes afiados, com os cabelos se encaracolando sobre as escápulas.

— Você, Aza, é minha filha, e nasceu para cantar os elementos à submissão. Herdou essa canção de mim, e, apesar de minha voz ter sido tomada, temos a sua.

Ela hesita, mas continua:

— Houve uma época em que podia cantar como você.

Ela abre a gola da jaqueta e me mostra a cicatriz feia e escura que desce pelo meio do peito. Não é uma simples cicatriz. É muito pior que isso. O lugar onde seu canwr estaria foi soldado. Há uma linha forte azul-escura, enroscada e rugosa.

— Fui punida por tentar mudar Magônia com minha canção, tentar acabar

com nossa dependência dos afogados. Os governantes de Maganwetar cortaram meus laços com meu canwr para me impedir. Isso nunca acontecerá a você e Milekt. Somos mais fortes agora, todos nós.

Pela primeira vez, realmente escuto o que não está presente. Não posso acreditar que não consegui antes. A voz dela é crua porque está sozinha. Não tem um canwr. Seu laço foi quebrado.

É por isso que Caru grita. Deve ser. Caru é o pássaro-coração de Zal.

— É ele... era ele...

Zal olha para o lado.

— Já o ouviu cantar — diz, lendo meus pensamentos.

— A tripulação diz que o navio é assombrado por ele. Dizem que está morto.

— Mas canta mesmo assim — responde Zal, mas alguma coisa em seu rosto, alguma coisa em seus movimentos me faz ter mais dúvidas.

— Quando cortaram seu laços, ele ficou louco? Ou já era assim?

— Ouviu o que sobrou de nossa canção — explica, com o rosto tomado de tristeza. — Achei que podia curá-lo, mas não pude. — Ela dá uma sacudida. — Nada pode ser feito a respeito agora. Tudo o que podemos fazer é seguir em frente. Ley e eu, na sua idade, lemos histórias da antiga Magônia, livre de nosso relacionamento destrutivo com os afogados. Essas histórias não eram fantasia, e sim fatos. Acreditei nelas. Achava que Ley também tinha acreditado, mas mentiu.

Ocorre-me uma coisa.

— Então por quê? Por que puniram você? Qual foi seu crime?

A expressão em seus olhos me assusta. Sinto alguma coisa e, por um instante, não sei o quê.

— Por contar a verdade.

— Sobre o quê?

Dai aparece vindo dos convés inferiores, desfilando até a popa.

Zal assente na direção dele.

— Dai nasceu numa colônia de navios, em sua maior parte, esquecida pelas

autoridades. Antes tinham comida e grãos suficientes da Terra, e seus próprios navios menores para saquear, mas, quando o mundo dos afogados começou a secar e precisaram de ajuda, Maganwetar lhes negou provisões. Os navios de seu povo degradaram-se até sobrarem apenas farpas. Seus morcegos-vela morreram de velhice. Não haviam baleias-tempestade de onde veio. Não havia chuva nenhuma. Seu povo lentamente passou fome, enquanto, abaixo deles, os afogados passavam pelo mesmo. Podíamos ver as cidades deles queimando lá embaixo, e o verde se transformando em marrom.

"Seus Rostrae fugiram em busca de saques melhores, fazendo ninhos nos aprestos de embarcações oficiais. Seu pai partiu numa missão, eleito pelo conselho do navio. Dai tinha 7 anos. Estava com seu pai numa lancha quando o vento parou. Ficaram à deriva, com medo e com sede.

"O pai de Dai morreu tentando descer da lancha até um oásis no solo. Seu corpo caiu no deserto, e os ossos foram devorados pelos urubus."

Enquanto Dai trabalha perto de nós, reparo nele. Uma cicatriz comprida desce por todo o braço, algo que eu já havia reparado, mas não compreendido. Todos em Magônia parecem ter cicatrizes.

— Urubus. Parecidos com os que tentaram pegar você. — Zal sorri sem vontade. — Estava só pele e osso, e por isso escapou da maior parte dos predadores, mas, quando voltou para casa, seu mundo havia desmoronado: todos estavam magros demais, todos morrendo. Sua mãe. Seu irmão. Sua irmã. Passaram fome por causa dos afogados, que destruíram sua própria terra e queimaram seu próprio planeta. E esquecidos por uma capital que não se preocupava com eles.

Observo mais uma vez, dessa vez mais demoradamente, o garoto magoniano: meu comandante e capataz desde que embarcara no *Amina Pennarum*. De repente, ele me parece apenas aquilo: um garoto. Talvez não tão forte nem tão certo quanto finge ser.

— Eu o encontrei — continua Zal, seguindo a direção do meu olhar. — O navio estava caçando *você*, Aza, procurando pelos céus do mundo, quando

passamos por acaso pela seção no horizonte de Dai. Não me ocorrera na época que pudesse ter sido levada para o subcéu. Passei pelo embarcadouro onde estava seu navio abandonado, e nele ancorei meu próprio navio, para viajar numa canoa pelas vias aéreas vazias.

"Dai viu o *Amina Pennarum* e se escondeu nele, mas dias depois o encontrei em nosso porão, comendo um punhado de milho. Meu coração dói só de pensar na dor que Dai conheceu. É o tipo de dor que nenhuma criatura — humano, Rostrae ou magoniano — deveria sentir.

"Ensinei Dai a cantar, e passei anos lendo a história de Magônia em cascas de ovos, filhotes que morreram antes de conseguirem voar, navios abandonados, imagens no céu e canções de baleias-tempestade..."

Isso me traz uma imagem de Zal que não esperava. Uma Zal meio que na mesma categoria que eu, na biblioteca, lendo sem parar.

— Viajei pelas primeiras partes do céu a sofrerem. Assisti os céus sacudirem com ventos que nunca havíamos visto, tempestades devastadoras em cuja criação não tínhamos tido nenhuma parte. Abaixo de nós, os mares inundavam as costas dos afogados, e as plantações morriam. Eles destroem intencionalmente a própria terra em que vivem e, ao fazê-lo, destroem a todos nós.

Eles.

O que quer dizer é a humanidade inteira.

Tento pensar em Magônia como teria pensado quando morava na Terra como uma humana. Um reino parasita se alimentando das colheitas terrenas?

Mas então imagino Dai, pequeno, faminto e sozinho num barco.

Penso na minha família em seu carro, indo de um lugar para o outro, soltando substâncias tóxicas na atmosfera e derramando-as no solo.

Lá embaixo, as cidades brilham no escuro, vermelhas e verdes e brancas. Como se todo o planeta fosse feito de carros tentando chegar a algum lugar.

Sinto-me como se tivesse sido cega durante meus anos lá, e agora o que posso fazer?

— O que quer de mim? — pergunto.

— Olhe.

Acompanho a direção do dedo de Zal, apontando para o escuro. Uma massa de nuvens que, conforme nos aproximamos, viram outra coisa. Zal fica parada a meu lado, apoiando seu peso rígido contra meu ombro. Ela aponta para um lugar ainda mais escuro que o resto.

Nossas baleias-tempestade, percebo subitamente, não estão conosco.

— Onde estão as...

— Elas não vêm até aqui — responde Dai, aproximando-se e, mais uma vez, interrompendo meus pensamentos. — Estão nos esperando do outro lado. Olhe, Aza. Olhe o que os afogados fizeram com seus venenos.

Dai direciona um foco de luz na massa, e então enxergo. Se move ao acaso, depois de novo. Um olho pequeno revirando-se na cabeça da baleia-tempestade gigante. Há um ferimento em sua pele, soltando uma secreção de seu olho até o queixo. Há ferimentos por toda a baleia, não causados por armas, mas por alguma outra coisa. Queimaduras. Ela está sangrando.

Tenta cantar, mas não consegue. Fico olhando aquilo, e de seu respiradouro sai um líquido vermelho. Eu o observo cair, e sei exatamente do que esse tipo de chuva é chamado na Terra.

A baleia-tempestade canta penetrantemente e rola no ar de agonia. Ela causa um temporal de seu respiradouro, vermelho-tóxico e preto, até ficar claro com um brilho oleoso. Nunca havia visto uma baleia-tempestade cantando sem ser de alegria antes. Ver aquilo me deixa enjoada. Sou obrigada a engolir de volta a bile que sobe pelo esôfago.

— Há muitas dessas por toda Magônia. Outras nascem diariamente, formando tempestades de veneno — revela Zal.

Olho nos olhos da baleia-tempestade e tenho vontade de chorar também. *Cante*, pede-me ela, retribuindo o olhar. *Canção noturna*. *Canção de morte*. Enquanto observo, diversas outras baleias feridas aparecem e passam por nós, com os corpos brilhando na escuridão da injustiça.

Sequer conseguem se comunicar umas com as outras. A maior parte dos

barulhos que fazem é embaralhado e gritado.

Milekt começa a cantar de dentro do meu peito, e o que sai junto com a canção é fúria. Fico abalada.

Conforme a canção de Milekt se inflama, meus pensamentos sobre todas as pessoas boas da terra, sobre Eli, meus pais e Jason, se embaralham com uma raiva que me faz cerrar os punhos. Sinto Dai a meu lado, vibrando também, e em seu peito Svilken canta.

— O que estamos realmente fazendo? — pergunto finalmente a Zal. — Para onde estamos indo?

Ela fita meus olhos.

— Os afogados estão nos destruindo, assim como as políticas de Maganwetar. — Zal faz uma pausa antes de continuar. — O posicionamento da capital é de que Magônia não tem escolha a não ser viver escondida daqueles abaixo. Maganwetar não é como a maior parte de Magônia, uma massa faminta de cidadãos, devastando as colheitas embaixo de onde quer que esteja. Ela pega suas provisões dos navios que conseguirem as melhores pilhagens. Há mais comida do que seus cidadãos precisam em Maganwetar, mas a capital exige o melhor de tudo, e só deixa para trás o que está passado e mofado, enrugado e murcho. Os afogados fazem seus próprios iguais passarem fome e serem envenenados. E, ainda assim, Maganwetar permanece presa ao passado quando se trata de nossa política.

— Não é mais possível seguir as regras oficiais — acrescenta Dai. — Os afogados destroem nosso céu, nosso povo e nosso ar.

Os humanos não sabem sobre Magônia. Eles não sabem o que estão fazendo, parte minha quer gritar. Mas estou vendo esse animal gigante cantando chuva ácida. O povo da Terra sabe sobre chuva ácida e não faz nada para evitá-la.

— A capital acredita que precisamos das plantações dos afogados — diz Zal. — Mas isso é um mito. Há outra maneira.

Não consigo imaginar um milagre que conserte todos os lugares queimados e devastados da face da Terra.

— Como? — pergunto mesmo assim.

— Precisamos que recupere uma coisa — responde Zal. — Os afogados a colocaram embaixo de rochas, num lugar onde acharam que estaria a salvo. Precisamos que transforme essas rochas em água. Você e Dai. Juntos, serão fortes o bastante. E então vamos trazê-la aqui para cima.

— O que é?

— Aza — continua ela —, se os afogados causarem sua própria fome, passamos fome com eles. Se destroem nosso céu, morremos com eles. Precisamos pegar de volta o que nos pertence. Vai nos ajudar a recuperar uma coisa que foi roubada de nós há muito tempo. — Ela sorri e me puxa para ela. — Os afogados têm nossas plantas no subsolo. Num cofre secreto, escondido no norte.

A tripulação teve cuidado comigo, percebo agora. Mas há várias histórias sobre epífitas magonianas, porque aparentemente eram alimentos mágicos, suficientes para todos que moravam no céu. Será que algum tipo de mau negócio com a Terra os fez perdê-las?

— Por que Magônia não simplesmente negocia com a Terra? — pergunto.

Dai olha para mim e ri.

Imagino uma delegação magoniana pousando no gramado da Casa Branca, pedindo para falar com o presidente sobre comércio. Está bastante evidente que a tal delegação seria atingida por tiros e cairia do céu antes mesmo de pousar.

OK, tudo bem. Entendi.

— Nosso povo não pode mais ficar esperando, não pode mais confiar em que outros façam a coisa certa. Está entendendo o que pode fazer? Por mim? Por nós? — Zal põe a mão em seu peito, bem em cima da cicatriz.

Levanto o olhar para Zal.

— Uma planta — digo.

Ela assente.

— Sim, uma planta. E tanto, tanto mais. Você, Aza, vai salvar todo o seu povo.

Apesar de uma parte do meu cérebro estar murmurando sobre como nada é

simples assim, a canção de fúria que Milekt cantou ainda está ecoando em minha cabeça, e fala mais alto do que qualquer outra coisa.

— Sim — respondo a Zal.

— Você jura? — pergunta, estendendo uma das mãos, azul e cheia de calos.

Ofereço minha própria mão, mas não estou preparada quando rasga minha palma com uma pequena faca prateada. Sangue negro como tinta, dor e uma sensação ardida. Cambaleio para trás, mas ela aperta a própria palma da mão, também cortada, na minha.

— Já compartilhamos o mesmo sangue, filha. Mas isto é um ritual. Estamos comprometidas com nossa missão agora. Jure.

Seu sangue pinga no convés enquanto o grupo de baleias feridas passa lentamente por nós.

— Eu juro — obedeço, as assistindo partir, escutando seu canto doente e sem fôlego.

Dai para ao meu lado com uma das mãos nas minhas costas. Consigo ouvir Caru chamar de algum lugar nas entranhas do navio, apenas uma vez, um pranto demorado no escuro.

— Filha — diz Zal, beijando minha testa.

Fecho os olhos e, apenas por um instante, sinto-me na Terra novamente. Minha mãe me colocando na cama, mantendo-me a salvo, mantendo-me viva todas as noites.

Em seguida, abro os olhos e sinto o vento frio ao meu redor, e a cada vez mais distante canção das baleias doentes enquanto nos afastamos rumo à noite.

CAPÍTULO 19

{AZA}

Estou na frente da cabine de Dai na manhã seguinte, batendo à porta. Ele a abre, com cara de que acabei de acordá-lo.

Esse cara está sempre sem camisa? Ele espreguiça. Tento não prestar atenção na sua aparência, mas não consigo.

Ele pulou do barco para me salvar de urubus e piratas.

Hum, você já estava no processo de salvar a si mesma, aponta meu cérebro, mas não estou muito a fim de lógica.

Dai se importou. Posso confiar nele. Quero confiar em alguém.

— Então, não sou uma simples cantora magoniana. Minha canção é diferente, certo?

— O que acha? — Ele sorri.

— E segundo Zal, segundo Wedda, segundo todo mundo, você devia cantar comigo — continuo, tentando manter minha voz sob controle. — Supostamente isso é parte da descrição oficial de seu trabalho.

— É sim.

— E por que nunca o fez?

— Porque não estava pronta.

— Como sabe disso?

— Nunca antes fez o que fez ontem — responde, com segurança.

Ele ergue as sobrancelhas de um jeito que me faz lembrar de...

Imagino Jenny Green neste momento, tocando a campainha da casa de Jason, olhando para ele com pena por causa de minha morte, e ele atendendo a porta balbuciando o valor de *pi*.

Não. Jason não ia realmente querer Jenny Green.

(Mas poderia.)

Não poderia.

Dai deve ter percebido a expressão de confusão no meu rosto.

— Está tudo bem? — pergunta, colocando uma das mãos no meu ombro.

O calor dela atravessa minha jaqueta, e aparentemente não importa que tenha acabado de me sentir triste, porque sinto meu coração palpitando como se estivesse cantando de novo.

Estou ali com um garoto que perdeu a própria família, de uma maneira completamente diferente da que perdi a minha. Quem sou eu para estar triste? Minha família da Terra ainda está viva. A dele, não.

— Tudo bem — respondo, apesar de precisar segurar meus dedos e minha mão para não tocar nele.

É uma vontade tão grande que quase não se classifica mais como vontade, e sim como uma necessidade, como a que todos temos por água e comida.

Tento em vão engolir a culpa e a estranheza e a necessidade e cada um de meus pensamentos exceto o que está na minha frente. Dai veste sua camisa e jaqueta, expondo tanto as costas, os ombros e o perfil que preciso efetivamente fechar os olhos.

— Você está tímida — comenta, reaparecendo a meu lado e rindo.

— Você não estava vestido o suficiente.

— Afogada — fala, mas, pela primeira vez, é num tom de provocação.

— Exibicionista — devolvo.

— O que é isso?

— Uma pessoa que tem uma necessidade compulsiva de mostrar aos outros o

quanto é bonita.

E imediatamente me repreendo por dentro.

Estou esquisita por causa do cansaço. Por causa da insanidade de ontem, aliada ao pássaro fantasma da capitã me chamando durante meu sono, gritando pelo céu, gritando pela liberdade.

Mas ele está morto, lembro a mim mesma. Uma coisa morta já está livre.

Mais uma coisa me manteve acordada. O querer. Senti o poder da minha canção, e não há dúvidas de que poderia ter feito mais. De que poderia ter sido mais intenso. De que havia *mais* ali.

Não importa o que seja esse mais, eu o quero.

— Você é o primeiro imediato — constato. — Deveria se comportar como um profissional.

— E você é linda, Aza Ray Quel, filha de Zal, que canta o céu em pedra. Mesmo que precise fazer aulas de canto. E aulas de tudo mais também.

E, em seguida, ele passa por mim e sai da cabine, subindo as escadas antes que eu tenha chance de responder.

Subo atrás dele. Por dentro, minha pele está quente, e meu cérebro parece pequeno demais. Minhas orelhas estão ardendo, e meu coração, palpitando.

Chego ao deque e me distraio observando um avião, lá embaixo, debaixo de nossas baleias-tempestade. *Aza Ray*, penso, *Aza Ray, sua vida é assustadoramente diferente do que achava que seria*. Sua vida é irada, de verdade. Do tipo, inacreditavelmente irada. Embora, bem, a palavra "irado" na verdade signifique "cheio de ira"... Um factoide de certa pessoa vem à tona. Sacudo a cabeça rapidamente para me livrar de coisas nas quais não posso pensar.

— Precisa jogar de acordo com as regras — constata Dai, sentando-se a meu lado no convés. — Isso não é sobre você. Isso é sobre Magônia. Você é apenas parte da história.

— Então qual são as regras?

— Somos destinados a cantar juntos. Eu sou seu *ethologidion*.

— Você sabe que não sei o que essa palavra significa — respondo, porque

sempre a usa num tom de voz que, juro, só pode ser para me enlouquecer.

— *Seu parceiro*. Você tem suas habilidades, e eu as minhas, e elas são compatíveis. Nunca soube de ninguém que podia cantar como você, exceto Zal, e isso foi antes de conhecê-la. Fui treinado por ela para complementar suas forças.

Não consigo decidir se isso é assustador ou legal.

— Não preciso de um par. Zal não canta com um.

Ele resfolega, como se eu não tivesse entendido nada.

— Zal não consegue mais cantar. Mas eu estou aqui, e estou vivo apenas por causa dela. Sou leal a ela. Se quebrar as leis de Maganwetar, vou quebrá-las junto dela. Estamos na mesma missão. E você?

— Estou — respondo, com a voz vacilando por motivos que não consigo bem entender.

— Então precisamos aprender a cantar juntos. Acho que estamos na metade do caminho. — Ele traça minha bochecha com a ponta do dedo, e viro o rosto. — Diga-me que não quer cantar comigo, Aza Ray.

— E se eu disser não? — pergunto, só por curiosidade.

— Aqui as coisas não são descartáveis como no subcéu. Lá eles jogam tudo fora. Aqui, as guardamos para sempre.

O observo por um momento e penso...

{Para sempre.}

Então...

~~*Eu { } você mais do que [[[{{{{( )}}}}]]].*~~

Olho para o céu, lembrando-me de como o fiz me segurar ontem. Eu não estava voando. Estava flutuando.

— Derrotei um navio invasor — relembro.

— Sim. Mas tinha certeza de que podia fazer aquilo? Eu não tinha. Precisa aprender a controlar sua canção. Sou um foco para você. Uma lente de aumento na frente do sol. Minha canção tornará a sua mais forte.

— Então nessa analogia eu seria o sol?

Ele não sorri.

— Sim — responde Dai.

Ele pega meu queixo com seus dedos e me olha. Eu o olho de volta.

Dai tem cílios longos e muito, muito escuros. Ele se inclina para mais perto, e tenho vontade de rir, porque aquilo é tão ridículo, tão *estúpido*.

(Da última vez em que estive tão perto do rosto de um garoto, eu — paro de pensar no assunto. Não. Não paro.)

— Assim — sugere Dai, para em seguida cantar uma nota na minha boca numa voz muito baixa, mais um sussurro que uma canção.

Espero um instante, trêmula, e então canto uma nota de volta. Estamos ambos sem nossos pássaros, então o que estamos fazendo não é oficial.

Mas é, no entanto, totalmente o bastante. Canto minha nota em magoniano, a que significa "erguer". Dai se junta a mim com sua nota grave, como uma segunda voz, que em parte significa "erguer" e em parte "mais".

Sinto meu coração começando a acelerar novamente, e posso notar a pulsação de Dai pela veia em seu pescoço, batendo quase no mesmo ritmo que a minha.

Sua nota fica mais alta, e a minha também. Aumentamos de volume juntos, e, enquanto o fazemos, percebo que minha mão está em seu peito, onde fica o coração, perto de onde Svilken devia estar, mas não está.

Puxo minha mão de volta, sentindo-me queimada.

Estou corando seriamente. Não sei como isso aparece na pele magoniana. Dai sorri para mim e murmura uma nota diferente. Ele estende a mão e bate uma vez no meu esterno. Meu peito se abre para Milekt, o que me espanta. É intensamente íntimo que Dai tenha iniciado isso. Milekt voa até mim e entra.

Bato o mais casualmente possível no peito de Dai, e ele também se abre como uma janela. Seu canwr também desce de seu poleiro e entra em seu tórax.

De repente, ele está tão sem graça quanto eu.

— Estamos nessa juntos — diz Dai. — No plano de Zal. Haverá consequências se falharmos.

— Ajudaria se eu soubesse todo o plano de Zal — devolvo. — Então, caso se sinta inclinado a me contar, essa seria uma ótima hora.

— Quando era um bebê, você cantou uma música que fez subir todo um lago do subcéu, o transformou em gelo, e o baixou novamente — conta Dai. — É bastante lendário. E também ilegal. Atraiu muita atenção dos afogados, e em seguida muita atenção de Maganwetar. Se pôde fazer isso, o que mais poderia fazer?

O convés oscila sob nossos pés. Olho para os aprestos, onde Jik está empoleirada, sentada numa corda que sustenta a vela. A expressão em seu rosto é, ao mesmo tempo, de curiosidade e desconfiança.

Quando olho nos seus olhos, ela vira o rosto.

Dai me encara atentamente e, após um instante, aproxima a mão e toca na ponta de meus dedos.

— Vou cantar por uma nuvem de chuva agora — avisa. — E então vamos cantar juntos por uma gota de chuva.

Ele faz um som agudo que oprime meus ouvidos, e uma nuvem em miniatura se forma. Svilken canta com ele, e, entre nós dois, no ar congelado, uma gota de chuva aparece. Abro minha boca e sopro a chuva para longe, como se estivesse soprando uma vela de aniversári...

Um lampejo de lembrança, uma bomba de chocolate.

— O que devo pedir? — surpreendo-me perguntando a Dai, e ele me olha sem entender.

Meu vento ainda está soprando, invisível entre nós. Sem a influência dele, transformo as gotas em gelo; cada uma como um prisma contendo um pequeno arco-íris.

— Você precisa aprender a fazer isso. — Ele franze o cenho. — Há canções que são repetidas desde o nascimento de Magônia. Não pode simplesmente inventar canções novas.

Milekt concorda com Dai. Ele canta rapidamente com Svilken.

Obediência, cantam Milekt e Svilken de nossos peitos, *dever*.

Respiro fundo, estendo a mão e seguro a outra de Dai, e em seguida nós quatro cantamos juntos.

Todos nós, uma única canção, quatro vozes tornadas uma, e o céu a nosso redor se torna incrivelmente claro. Todo o meu corpo treme. Dai está na minha frente, com os olhos fixos nos meus. Também está tremendo. A canção é doce, mas no meu coração, é incrivelmente difícil. Ela exige um esforço enorme para ser cantada.

Alguma coisa está prestes a acontecer. Sinto como se estivéssemos segurando um ao outro enquanto nossas vozes se misturam.

Vejo uma corda enrolada no convés se erguer sozinha, invocada por nossa canção, e tábuas começarem a se soltar, e a tripulação subir, mesmo estando de pé no convés; não voando, mas *subindo*, porque estamos cantando para que o façam.

Sinto alguma coisa se soltando de outro lugar, lá embaixo e longe de nós, e olho o oceano por cima da balaustrada. Uma onda está se erguendo, uma curva de água tão enorme que não consigo ver onde termina. A água se estica até onde estamos.

Dai se inclina para perto de mim, e eu para perto dele, e cantamos nos pulmões um do outro. Todas as células de meu corpo se manifestam. As notas cintilam, e sinto como se estivéssemos ascendendo, mas não de uma maneira segura. Estamos seguindo na rota de uma queda.

Posso sentir que ele acha o mesmo. Estamos cantando um tsunami; até que recobro a razão e recuo, sem fôlego.

— Pare! — consigo gritar, apesar de todo meu corpo querer continuar, apesar de eu mesma querer continuar cantando.

Se isso é cantar, quero ficar assim para sempre, mas não posso. Ele parece tão cansado quanto eu.

— Oh — diz Dai. Nunca o vi parecer tão surpreso antes. — Oh. — Ele tropeça.

A onda desce com um barulho distante de volta ao oceano. Meu coração desacelera.

Penso no que um tsunami pode fazer. Penso no fato de ter criado aquela onda

do nada; do ar, do meu fôlego.

A habilidade de que todos falavam. Meu poder. O conheço agora. E *nosso* poder. Conheço ele também.

É apavorante.

É maravilhoso.

Dai abre um meio sorriso, e tento devolver o gesto, ainda cambaleante.

CAPÍTULO 20

{JASON}

— Voltei — diz Aza. Ela continua parada nos degraus da porta da frente. — Voltei para casa.

Não.

Segurei sua mão enquanto estávamos indo para o hospital.

Segurei sua mão enquanto morria.

Segurei sua mão até me dizerem que não podia mais segurar sua mão.

Li a autópsia.

Houve um corpo. O seu corpo.

Estou começando a hiperventilar.

Será que estou desmaiando? Será que estou respirando rápido demais? Será que estou começando a gritar?

— O que está olhando? — pergunta, me impedindo de começar a fazer aquilo tudo, clássico estilo Aza.

Uma miragem. Estou perambulando pelo Saara. Sou um moribundo, olhando para o sol ofuscante, mas não, porque o sol acabou de tocar minha campainha e bater na minha porta da frente. O sol está olhando para mim e franzindo os lábios.

— Aza — digo.

É tudo o que consigo falar. Não consigo chegar nem perto de deixar que outra palavra escape de minha boca.

— Jason Kerwin — retruca. — Bom ver você também.

Ela estende as mãos. Não estão mais azuladas.

Ela entra para...

Eu não, eu...

Aza encosta sua boca na minha muito rapidamente, não como alguém morto faria, não como um fantasma faria, e, antes mesmo que pudesse entender o que está acontecendo, ela se afasta de novo e fica me olhando.

Pode ser que eu caia ou fuja ou...

Um super rápido cálculo de probabilidades que não consigo computar, de viagem no tempo que não consigo fazer, de sósias que não consigo imaginar, de irmãs gêmeas secretas, de filmes de Hitchcock, de *Um corpo que cai*.

Um corpo que cai, é onde estou. *Pi* quer assumir comando de minha atenção, mas não deixo. Obsessões começam a querer ocorrer, mas permaneço calmo e não cedo a nenhuma das diversas formas de surto às quais quero ceder.

Em exatamente um segundo e meio, comparo a Aza da minha cabeça com a garota parada à minha frente.

Ela parece saudável. Estranhamente saudável. Não consigo ver nenhuma veia sob a pele, como sempre consegui ver. Virei especialista em observar seu sangue correndo pelo corpo, mas agora está invisível. A boca não apenas *não* está azul, como também está coberta de batom. As maçãs do rosto estão rosadas. Nunca vi as roupas que está usando. São novas. E acho que nunca vi seu cabelo escovado antes.

Na última vez em que a vi, seus estranhos olhos azul-escuros, como a profundeza do oceano, estavam fechados. Fui eu quem os fechou. Agora ela...

Aza abre os braços, cansada.

— Não está nem um pouco feliz em me ver? — pergunta, e sua voz é como a voz de Aza, um pouco sarcástica, um pouco magoada. Mas não sem fôlego. Não consigo sequer processar aquilo. — Achei que ficaria feliz. Não acredito que nem

me abraçou ainda. Eu *beijei* você.

Meu coração está palpitando tanto que devia estar sacudindo o vidro da janela, e então a abraço o mais forte que posso, e ela não fica sem fôlego, não tosse. Está nos meus braços. Está em minha...

Como pode estar bem? Da última vez que a vi, estava morta. Eu a distancio de mim e a encaro.

— Eu sonhei?

— Não. Você não sonhou.

— Estou louco?

— Talvez. Me conte o que andou fazendo nas últimas quatro semanas, e digo se está louco ou não.

— Sério?

— Estou mesmo aqui.

— *Aza Ray Passou* — digo. Ela me olha com curiosidade.

— Aza Ray está aqui. — Ela sorri.

O que, como sempre, me derruba. Seu sorriso é diferente do de todo mundo. Mesmo sendo estranho ver sua boca, normalmente roxa, agora pintada de cor-de-rosa.

Ela sai de meus braços e passa por mim. Fico alguns instantes olhando minha rua fixamente, que parece ter virado uma rua no céu, e então a sigo até minha sala de estar.

— Onde estão suas mães?

— Foram ao mercado — respondo, estranhamente formal.

Quero contar tudo a ela. Quero que me conte tudo.

Examina as paredes da sala, olha tudo atentamente e, em seguida, vai para a cozinha, inspecionando os armários, a geladeira. Normalmente, simplesmente pegaria o que quisesse.

— Está com fome?

— Não — responde Aza. — Já comi.

Ela se senta estranhamente na beirada de uma cadeira. (Verificação de Não

Fantasma: a cadeira afunda com seu peso.)

— Estou sonhando? — repito.

— Não. Você é parte de um segredo. Pode guardar um segredo, Jason Kerwin? Preciso da sua ajuda.

Por que fica repetindo meu nome assim?

O que aconteceu a ela? Será que eu também ficaria estranho se morresse ou não morresse, se acontecesse sabe-se lá Deus o quê? Sim. Obviamente ficaria.

Estico o braço e seguro sua mão. A pele está quente. Ela nunca teve a pele quente antes. Há calos na palma da mão, novos. Ou, pelo menos, da última vez em que segurei sua mão, lembro-me da pele estar macia. Agora, parece que tem feito algum tipo de trabalho pesado. Tipo, trabalho manual, ao voltar dos mortos.

E uau! Estou focando demais nos detalhes. O mundo começa a diminuir, e todas as coisas que importam, a desaparecer em meio a um borrão quando fico assim. Tento respirar.

Será que é um choque? Acho que estou em choque.

— Onde esteve, Az? — pergunto numa voz bastante calma.

Como se não fosse grande coisa ela ter morrido. Como se eu não estivesse enlouquecendo. Como se eu não estivesse enlouquecendo bem nesse instante.

Ela está olhando o cômodo, com a cabeça se movendo de forma estranha, inclinando-se de um lado para o outro. Parece assustada, a forma com que se move, mas a expressão em seu rosto não é de "assustada", e então ocorre a mim que ela está procurando alguma coisa. É um movimento que já vi em pássaros caçando insetos. Ela para em alguma coisa, olhando pela janela. E então sorri, e só por um segundo *eu* fico com medo.

Jason Kerwin: louco.

Aperto mais sua mão. Não preciso estar contando suas sardas para compará-las ao número delas que gravei na mente.

Não tenho medo de Aza.

Até hoje, só tive medo de perder Aza.

Ela olha diretamente para mim, e, mais uma vez, sou tomado por adrenalina. Quero sair correndo da sala. Por quê? Que diabos?

— Onde esteve? — Tento mais uma vez.

— O que você sabe? Posso lhe contar tudo, mas me diga o que sabe antes.

Estou prestes a começar, contudo, ela faz aquele movimento brusco com sua cabeça mais uma vez, inclinando-a e virando-a rapidamente.

Não sei de nada.

Ela se aproxima, inclina-se para mim e coloca uma das mãos no meu joelho, algo que é tão incomum para Aza que fico completamente perdido. Olho para o joelho, paralisado.

— OK. O básico antes, Az. Você por acaso está morta?

— É claro que não. Olhe para mim. Estou viva.

Ela se aproxima mais, e sua mão se move sobre minha perna. Não estou nem perto de apto a lidar com isso. Seguro seus dedos e os impeço de continuarem a se mover.

— Mas você morreu, Az. Você morreu. Eu estava lá. Eu vi tudo acontecer.

Me amaldiçoo antes mesmo dessas palavras terminarem de deixar meus lábios, porque ela está mais viva do que quando estava viva. Estava sempre a beira de sufocar, e agora não há nada disso acontecendo.

Quando a abracei, senti os músculos em suas costas e braços. Ela tem uma... densidade que jamais senti antes. O corpo de Aza sempre foi feito de vidro, e o cérebro, de aço afiado. Agora, seus cabelos têm cheiro de sal e ozônio.

A pele tem o cheiro do oceano, mas... estamos longe da costa. No entanto, o tempo está chuvoso lá fora. Talvez esteja vindo um vento de algum lugar. Talvez esteja usando um perfume novo.

Aza nunca sequer usou perfume antes. Ela não pode, porque a faz engasgar, e ninguém ao redor dela pode usar também.

Sei disso. Ela sabe disso. Por que não estamos falando sobre isso?

— Qual é, Jason Kerwin. Não achou realmente que eu havia morrido. Tem me procurado. Tem rastreado coisas no céu, não tem? Padrões meteorológicos? O

que descobriu?

Minha confusão deve estar estampada no rosto.

— Você prometeu que sempre me encontraria — continua. — Então foi isso que andou fazendo, não foi?

Demoro um momento.

— É — respondo.

— Escutei um rumor.

— De quem? Onde esteve que tem ouvido rumores? Onde esteve que haviam pessoas para contarem rumores a você? E se ESTEVE ouvindo rumores, por que me deixou achando que estava morta?

Acho que estou soando um pouco exaltado.

Ela arregala os olhos. Parece menos segura, subitamente. Mais perdida.

— Prometo que vou contar tudo, mas podemos entender isso juntos. Preciso que me ajude até entendermos.

Certa vez, Aza teve bronquite e desmaiou no meu carro. Quando acordou no hospital e descobriu que a levei no colo, ficou morrendo de vergonha.

Mesmo na ambulância, pouco antes de morrer, quando descobriu que eu fizera respiração boca a boca nela, pude notar a expressão de horror em seu rosto.

Todo mundo sabia como se sentia com relação a cobertores para doentes. Mandei fazer um casaco com capuz personalizado para ela, com um milhão de bolsos, mangas removíveis com zíperes para permitir acesso à suas veias e entradas para terapia intravenosa; só para que não precisasse ficar enrolada num daqueles cobertores para se manter quente.

Mas ela nunca me pediu para ajudá-la antes.

— Tudo bem, então, me diga como resolver isso, Aza Ray.

Estou jogando agora? Talvez ela esteja com algum tipo de trauma cerebral. Como eu poderia saber?

O relatório da autópsia — tenho um PDF, escaneado de uma cópia roubada pelo pessoal da faxina — foi claro. Seu corpo se degradou rapidamente. O

médico legista ficou, ao mesmo tempo, surpreso e consternado. O relatório não foi uma leitura divertida.

Adolescente do sexo feminino, 15 anos. *E 360 dias*, acrescentei mentalmente para o mundo.

Não havia motivo para que realizasse uma autópsia completa. Sabíamos o que havia acontecido. Ele não tinha o que era preciso para fazer o tipo de análise de que alguém com a doença dela precisaria, de qualquer maneira. Da mesma forma que ninguém aqui tinha o que era preciso para mantê-la viva.

Seus pulmões foram enviados para um laboratório que investiga doenças raras. O que restou dela foi cremado. Ainda não vi esses relatórios. Passaram-se apenas quatro semanas. Provavelmente, há mais tecidos de Aza num freezer em algum lugar. Não posso ficar pensar nisso, na verdade.

Ela suspira e se espreguiça, arqueando as costas, iogue, com um novo tipo de fluidez em seus movimentos, um novo tipo de graciosidade. Mais uma vez, ela me lembra um pássaro, desenroscando suas asas. Aza tira alguma coisa do bolso de sua calça jeans, então me entrega um maço grosso de papeis dobrados; e começo a tremer, porque fui eu quem os escreveu. Eu os prendi no balão que deixei subir no dia de seu funeral.

— Adquiri sua lista de pedidos de desculpas. Foi bem grande.

Adquiriu? Ela revira outro bolso.

Dele sai um pedaço bem menor de papel. Ela o entrega a mim.

Abro-o. É o bilhete que dei a ela no seu aniversário. Amassado e amarrotado e dobrado e manchado. No canto dele, há uma marca de mordida, e sei de onde veio. Aza nervosa, inquieta.

A marca de mordida não estava lá da última vez em que o vi, porque, da última vez em que vi esse pedaço de papel, estava colocando-o na mão dela. Sabia que não teria mais chances. Fechei seus dedos em volta do bilhete para que ela o tivesse, fosse onde fosse. Tem um monte de parênteses. Um monte de colchetes.

Meu corpo é inundado por algum tipo de emoção sem nome.

— OK — digo. Posso sentir o choro que não quis ter durante as últimas

quatro semanas chegando, e agora que devesse talvez estar parando de chorar, as lágrimas saem de meus olhos e escorrem por meu rosto. — OK, Aza — consigo dizer, entre soluços. — OK.

É como se nunca tivesse visto alguém chorando antes. Tento me secar usando minha própria camiseta.

Vou até a cozinha, coloco o rosto debaixo da torneira gelada e tento me recompor.

— Já passou em casa? — pergunto, embaixo da água corrente. — Já, né?

— Ainda não — responde. Viro-me rapidamente, e ela está bem atrás de mim. Nem a ouvi chegar até aqui.

Ela coloca os dedos debaixo d'água, espirra um pouco na pia e ri. Em seguida olha para mim, inclinando a cabeça.

— Por que não?

— Não pode contar a meus pais que estou aqui. Nem aos seus.

— Mas seu pai — começo. — Sua mãe. Acham que está morta.

Tiro o telefone do bolso e mostro o número a ela, mas ela o pega e o coloca em cima da mesa com um pouco de força, um pouco de determinação.

— Confia em mim? — pergunta Aza. — Então me escute. Preciso que me conte o que foi que descobriu enquanto estava me procurando. Preciso que me conte tudo. É importante. Objetos, dados. Seja lá o que tenha achado. Encontrou alguma coisa, Jason Kerwin?

— Eu —

— Caiu alguma coisa do céu? — pergunta, sorrindo docemente na minha direção. — No dia do meu enterro? Me diga o que sabe — insiste.

Ela se inclina para mim de novo. Sou encurralado contra a pia.

— E se dissesse que estava num navio no céu, Jason Kerwin? O que diria quanto a isso?

Fico mudo por um segundo.

— Eu diria Magônia.

Escuto um carro chegando na entrada da garagem. Minhas mães. Viro o rosto

para olhar pela janela e as vejo saindo do carro com sacolas de mercado.

Quando viro de volta, vejo que Aza sumiu.

Não. Está embaixo da mesa. Encolhida. Ela olha para mim de olhos arregalados.

Me ajoelho ao seu lado.

— São apenas Eve e Carol — digo. — Está tudo bem.

— Quem?

— Minhas mães, ora. Quem mais seria?

Ela balança a cabeça violentamente.

— Ninguém vai acreditar em mim além de você. Não podem saber que estou aqui.

Dou a ela as chaves do meu carro. Ela as olha, confusa por alguns segundos, e em seguida assente com ferocidade para mim.

— O Camaro. — Ela pronuncia a marca do carro cuidadosamente, com estranheza. Ca-ma-rrrr-O.

— É. Me encontre no carro, pela porta dos fundos — instruo, e corro até a porta da frente para ajudar minhas mães. Deixo uma das sacolas cair para ganhar tempo.

Chego de volta à cozinha e vejo que não há nenhuma evidência de que Aza esteve ali.

Olho de lado para a janela. Ainda está chovendo. Posso ver as árvores tortas, e ainda cai aquele tipo de chuva lamacenta, mas, quando olho para as nuvens, não vejo nada. Nenhum navio. Nenhuma luz. Apenas uma camada lisa e cinza de nada lá no alto.

E Aza se abaixando no banco da frente do meu carro, se atrapalhando com a maçaneta. Balbucio algo sobre ter esquecido uma coisa na escola, e minhas mães ficam agradavelmente surpresas em achar que mudei meu comportamento, ouvi o que disseram e estou de volta às aulas sem resistir.

— Eu disse que ficaria tudo bem — fala Eve para Carol.

Eve olha para mim por um instante com uma expressão de interrogação.

Deixo o momento passar. Pego meu notebook e a mochila, então saio. Bato na janela do motorista, e Aza me olha sem expressão. Então, como se tivesse se lembrado de alguma coisa, aponta para o banco do carona.

Aza não costuma dirigir. Eu...

Dou a volta no carro e abro a porta do passageiro.

— Vamos até a casa dos seus pais — afirmo.

— Ainda não estou pronta — diz ela. — Não podem saber de nada. A não ser que já saibam de alguma coisa?

Ela vira o rosto e olha para mim.

— Sabem a respeito de Magônia, Jason? O que contou a eles?

— Não falo sobre Magônia desde que nós dois assistimos juntos à filmagem da lula. Eles acham que você *morreu* — enfatizo. — Podemos pelo menos passar lá na frente? Só para ver se estão em casa.

Ela suspira.

— O navio vai procurar por mim. Provavelmente já estão procurando.

Não consigo me acostumar ao silêncio de seus pulmões.

Ela dá partida no motor e aciona o para-brisa. A observo girando o volante, sem dificuldade alguma, mesmo quando ele trava. Seus bíceps se flexionam.

Ela sai da garagem com o carro.

— Esquerda — oriento quando hesita, e ela obedece. — Agora à direita.

Ela vira à direita sem parar no sinal, fazendo a curva fechada demais.

— Eu te amo, Jason.

Olho para ela.

— Você me ama?

— É claro — responde, após alguns segundos. — Você não me ama?

Continuo olhando para ela.

Aza está acima do limite de velocidade e não está prestando atenção nenhuma ao trânsito. Está simplesmente me encarando.

— À esquerda aqui — instruo.

Nos aproximamos da casa de Aza.

Eli está saindo pela porta da frente. Espero Aza desacelerar, mas ela não o faz. Eli vê meu carro, ergue uma das mãos até a metade do caminho e acena.

Aza não para, não olha à esquerda, não faz nada além de dirigir.

Seu cabelo ainda está arrumado num rabo de cavalo.

— Aonde estamos indo? — pergunta.

— Esta esquerda. E agora a próxima.

Passamos por um portão chique e subimos uma colina.

— Aqui.

Paramos na frente de um lote do cemitério. Não há ninguém ali devido à chuva e por ser dia de semana, mas está cheio dos mortos. É fora do caminho da cidade e em cima de uma colina, com uma boa vista.

É um daqueles lugares feitos por pioneiros, para descansarem próximos a Deus, talvez. Quando se é assim tão no alto e precário... Sempre fico pensando sobre como traziam caixões até aqui nos dias em que não existiam carros. Devia ser um trabalho horrível. Pensei nisso no dia em que enterramos Aza.

— Um cemitério? Sério? Olhe para mim, seu bobo. Estou com você.

Talvez tenha me encolhido um pouco. Talvez não.

— Achei que gostaria de ver onde a enterramos.

— Na verdade, não — afirma. — Não é seguro para mim ficar exposta assim.

Ela olha para as nuvens. A expressão em seu rosto é em parte expectativa, em parte certeza.

— Quero que veja seu túmulo — insisto.

É claro que quero. Preciso que leia a lápide.

Aza está linda de perfil, com a cabeça voltada para cima, olhando as nuvens, mas sempre foi linda.

— Não quero — recusa, lentamente. —Precisa me contar sobre a luneta. E para onde a enviou. Sei que a pegou. Estamos ficando sem tempo.

Estamos na frente de seu túmulo. Ainda não cresceu grama sobre ele, mas a lápide está ali.

Eis o que está escrito nela:

AZA RAY
confia em seu coração
se os mares pegarem fogo
(e viva pelo amor
mesmo que as estrelas caminhem em direção oposta)

Ela não diz nada. Está debaixo de chuva. Seu cabelo está molhado, e a camiseta, colada no corpo.

— Então, E. E. Cummings — aponto. — Foi você que o apresentou a mim.

Ela não se move. Olho para ela.

— É o que fala sobre não se importar com como o mundo é, não se importar com os vilões e os heróis.

— Parece idiota — rechaça ela.

— É o que termina com 'você é meu sol, minha lua e todas as minhas estrelas'— continuo, porque aquilo precisa ser dito. Não coloquei aquela passagem em seu epitáfio. Nunca o faria.

— É um poema de amor. Sério mesmo?

— É um poema de amor escrito por alguém que entendia que o amor colide com a morte o tempo todo — rebato. — É um poema de amor de alguém que viveu em tempos de guerra.

Não falo nada sobre eternidade, mas está implícito.

Ela assente lentamente e esfrega a testa. Alguma coisa nela falha momentaneamente. Aza ri de uma maneira envergonhada e desesperada.

— Já se perguntou como seria sua vida se uma só coisa não tivesse acontecido? Se essa uma só coisa fizesse com que você não fosse você? E se eu conseguisse me lembrar deste poema? Eu seria mais o que você quer que eu seja, então? Não seria?

Ela me olha por alguns segundos, dá meia-volta e sai, chutando a terra em volta dos túmulos, novamente olhando para o céu.

Estou de joelhos na frente da sepultura de Aza. Também estou olhando para o alto. Estou pensando na trajetória do navio, em como tem recolhido alimentos,

como tem viajado na direção nordeste; e então, me lembro de uma coisa. Um artigo que eu e Aza lemos juntos.

Penso no que os magonianos estão fazendo há anos, todos aqueles almanaques e colheitas desaparecidas nos livros que li, nos fragmentos de informação que tenho descoberto. Os magonianos estão com fome. Estão em busca de comida. Sei para onde estão indo.

Foi num ensaio fotográfico, poucos meses atrás, uma semente cultivada na Índia, na mão de uma mulher usando um sári. Dentro de um saquinho plástico. Pronta para ser transportada. Fileiras de luzes fluorescentes, um lugar congelado, corredores compridos, armários de refrigeração.

O Silo Global de Sementes de Svalbard. Na Noruega. Um repositório subterrâneo onde guardam sementes de todas as plantas da Terra. Belo e frio, belo e fundo, belo e não tectônico, um complexo seguro onde guardam sementes de lichia, framboesas, frutas e verduras há muito quase extintas, para o caso de um desastre ou inundação levar tudo embora. Para o caso de os humanos estragarem tudo.

Começo a sacudir a cabeça, murmurando, considerando. Obcecado com minha constatação. É. Está certo. Estou certo.

Do nada, ela aparece atrás de mim. Bem atrás de mim. Posso sentir sua respiração. Ela coloca uma das mãos em meu ombro e desenha com o dedo seu nome na lápide.

— Com quem tem falado? Quem mais sabe sobre Magônia? Quem sabe sobre isso?

Olho para a lápide. Sinto as mãos de Aza nas minhas costas. Sinto ela se dobrando. Sinto seu queixo em cima da minha cabeça. Sinto seus braços fortes em volta de meus ombros. Sinto uma pontada vergonhosa de luxúria, e de algo mais também.

— Sou o único que sabe a respeito — respondo.

— Me dê a luneta — ordena ela, e a entrego por cima do ombro.

Observo-a fazer alguma coisa com a tampa da lente, girando-a de uma forma

específica e tirando-a. Ela olha através do instrumento na direção do céu e solta a respiração.

— Sim — diz. — Isso foi útil, Jason Kerwin. O que mais tem a contar?

Então, sinto algo afiado tocando minha garganta.

— Nada — respondo.

Em seguida, lanço-me contra seu corpo o mais forte que consigo. Empurro com as costas, e a faço sair voando. A luneta cai de suas mãos, e a recupero, segurando-a no chão. A mantenho presa contra o chão ao lado da sepultura de Aza e a encaro.

— Quem é você — começo, e é como se minha voz fosse de outra pessoa —, e o que fez com Aza?

CAPÍTULO 21

{JASON}

Ela é pega de surpresa, mas só leva um segundo para se recompor. Fica me encarando cautelosamente, com os olhos acesos, e, de repente, o esquerdo tem uma cor diferente. Estava usando lentes de contato. Uma das lentes saiu quando olhava para chuva, e agora tem um olho azul-claro como o céu e o de Eli, e um azul-escuro. Tem uma faca nas mãos. Foi o que senti encostar na minha garganta.

Estou tremendo de raiva. Já ando me controlando havia um tempo.

— Aza não sabe dirigir carros manuais. Quando resolve dirigir, para em todos os sinais vermelhos, porque não tem carteira de motorista ainda. Aza não usa jeans. Aza não passaria direto por sua casa e por Eli. Aza conhece todos os poemas de E. E. Cummings.

Continuo:

— E Aza Ray Boyle nunca, nunca, nunca, nem em um milhão de anos, diria que me ama. Então quem diabos é você?

Parte da resposta, eu já sei. É alguém *lá de cima*.

Não queria acreditar.

Queria ela de volta.

Mas agora sei.

— Não fiz nada com ela — responde a falsa Aza. — O navio de sua mãe a resgatou.

O navio de sua mãe.

— Que navio? Onde?

— Há navios por toda parte, Jason Kerwin. — Ela sorri. — Há um céu cheio deles. Acho que não consegue vê-los, consegue? Acho que não é um dos sortudos. Mas, pensando bem, quase ninguém daqui tem sorte suficiente para viver em Magônia.

— Quem é você?

— Vai me matar, Jason Kerwin? — Ela inclina a cabeça, olhando para o céu ao mesmo tempo. — Acho que não vai.

Avança para a frente e me acerta na cintura. Estou lutando, girando. Ela é rápida, forte e pequena.

A mulher dá um salto para trás e cai de pé, me encarando a 3 metros de distância.

— Você não é tão mal para um afogado.

Afogado. Penso na palavra por um momento. Sobre o que significa para alguém do céu.

A lenda da pessoa se afogando em pleno ar depois de tentar descer por uma âncora.

— *Você* é uma afogada — rebato.

— Como ousa — sibila. — Sou um *Sopro*.

É uma palavra normal, mas o tom de voz que usa me faz estremecer.

Estou circulando-a, tentando manter distância, mas também a direcionando. Ela não conhece esse cemitério.

Mas sabe mentir. Sabe como fazer alguém acreditar em tudo. Antes de tomar tudo de volta outra vez.

Aza gostava das tradições havaianas no quesito morte. Um penhasco dos mortos, de onde pularia, já como fantasma, e iria para onde quisesse ir. Ela queria estar perto da beirada, caso seu fantasma não conseguisse andar.

Finjo avançar, imaginando o que ela fará em resposta, e sim, ela recua um passo, um último passo, um pouco longe demais. Estou tão cheio de ódio nesse momento, tremendo de tanta raiva, que vejo onde está indo e não paro de avançar.

A grama a faz escorregar, e ela tropeça, arfa e abana os braços. Estou a vendo cair e, ah, Deus, estou gritando e mudando de ideia, tentando alcançá-la.

Mas o tempo passa em câmera lenta e ela sorri para mim, um sorriso aberto e audacioso de quem não está nem aí, uma expressão que só vi no rosto de mais uma pessoa.

Ela cai de costas da beirada do penhasco...

Cai

Cai

Cai

— e então uma corda desce do céu. Ela a alcança, segura-se nela, e a escala. Esforça-se para subir, até as nuvens.

Apanho a luneta de cima da grama ao lado da sepultura. Agora que a capa da lente foi removida, posso olhar através dela.

Depois de um segundo, baixo-a de volta para poder respirar.

O céu está cheio de navios, e ela está subindo até um deles.

Meu campo de visão está todo quebrado e cheio de cruzes e estranho, como um filme visto numa tela quebrada, mas, mesmo torto e enlouquecido, posso ver entre os entalhes.

Nuvens com navios a vapor gigantes sobre elas. Veleiros e canoas, barcos orientais, catamarãs. Barcos suficientes para uma armada. O que está dentro da tempestade é enorme e prateado, e o fundo da enorme embarcação é grande como um campo de futebol, ou maior. Ainda está escalando até ele, subindo por cima de sua balaustrada. Ele está cercado de silhuetas escuras, sombras em vaivém, se deslocando.

Tubarões, feitos de raios e nuvem.

Preciso achar o navio de Aza. Sei aonde está indo. Acho que sei, mesmo que

tudo que saiba, tudo que realmente saiba desde que tenho 5 anos, é que Aza é meu universo.

Mando uma rápida mensagem de texto, ainda olhando para o alto, e em seguida um e-mail. Começo a reservar minha ida para um lugar distante.

Ouço o estrondo de um trovão. Olho para cima, para o navio onde a falsa Aza entrou, e, quando o faço, vejo um relâmpago. Em seguida, outro. E mais um.

Saio de baixo da árvore onde estou e corro até meu carro.

Você pode sobreviver a uma tempestade de raios assim: num carro, se as janelas estiverem fechadas. Mas meu carro está longe demais, descendo a colina...

Como se foge do céu?

Há relâmpagos por toda à volta, os raios caem como lanças, coágulos de fogo atingindo a terra molhada, e reviro meu cérebro...

Há metal na minha mão. Livrar-se dele, AGORA. Atiro a luneta o mais longe que posso e a vejo pular de pedra em pedra, cuspindo vidro estilhaçado, e cair do penhasco.

Corro mais um pouco, mas não há abrigo ali, nenhum lugar para se esconder...

O vento começa a vir mais forte de um dos lados. Depois do outro. Depois de trás. E da frente. Estou cercado por um redemoinho de ar, terra e pedras.

Olho para a grande nuvem escura e vejo relâmpagos saindo dela.

Ah, Deus. Passa uma coisa pela minha cabeça, sobrevivência na selva. Encolha-se como uma bola para que não atinja sua cabeça. Será que isso realmente funciona?

Merda merda merda.

Há um estrondo tremendo, e desce alguma coisa da nuvem escura, uma bola de raios brancos, rápido, cada vez mais rápido...

Você tem trinta vezes mais chance de morrer sendo atingido por um raio do que sendo atacado por um tubarão. Estou prestes a morrer dos dois.

Abaixo-me, agacho e coloco as mãos sobre a cabeça.

E então, escuto o som mais alto que jamais escutei, e vejo o branco mais claro

que já vi, e sou feito dele, sou
Sou feito de luz
Sou feito de calor
E estou voando

Mães?

Carol, Eve...
Aza...

Sinto muito.

CAPÍTULO 22

{AZA}

Acordo em pânico na noite seguinte àquela em que Dai e eu cantamos a onda.

Um sonho: Jason estava nele. Não me lembro de nada, ou o que lembro não é suficiente. O pássaro fantasma da capitã está gritando terrivelmente. *Céu*, guincha. *Mar*. *Luz*. Faz um barulho de engasgo. *Queda*. *Morte*. *Noite*.

A voz parece estar por toda parte, por todo o navio, por todo o céu.

— Pelo Sopro escuto até mesmo os magonianos praguejarem, apesar de manterem a voz baixa.

— Que um Sopro leve esse pássaro e o quebre até sobrarem apenas penas e ossos — sussurra alguém de não muito longe de minha cabine, e em seguida escuto Wedda mandar que se calem.

Sento na cama. Penso naquilo.

Não "fantasma". *Pássaro*.

Penso em como a voz da capitã às vezes pode ser ouvida de manhã bem cedo, arrulhando para alguma coisa.

Para alguém.

O pássaro. Ela foi proibida de cantar com ele.

Mate, grita Caru. *Ninhos esmagados, canção interrompida, me mate*.

Enrosco-me na cama o escutando, com olhos pesados. Se aquele pássaro está

vivo neste navio, como pode ser permitido prendê-lo? Como pode ser permitido ouvi-lo sofrer? Como pode isso tudo ser permitido?

Wedda se remexe em sua beliche, e suas correntes batem levemente uma na outra.

Quase como um sino de vento, quase uma canção.

Tantos acorrentados neste navio, penso. Será que prefeririam estar livres? Estariam melhor assim? Ou será que estão seguros aqui, longe da fome que aflige as cidades? Seria este navio seu lar?

A solução para a fome parece tão simples. Apenas uma questão de prover comida para aqueles que têm fome. Eve, mãe de Jason, uma vez me disse que se todo mundo dividisse o que tinha, haveria o suficiente para todos. Em vez disso, vemos este cenário: partes do mundo com muito, e partes sem nada.

Magônia não tem nada.

Penso na família de Dai. Penso em Dai. Penso em como nunca passei fome. Penso em como nunca realmente pensei no que é passar fome antes.

Nada é perfeito aqui. Lá embaixo, nada é perfeito também.

Passo os dias seguintes tentando descobrir, em segredo, onde está escondido o canwr da capitã, e, em público, praticando as velhas canções magonianas que Milekt e Dai me ensinaram. Canto até a umidade do ar virar areia, e até a areia voltar a ser água. Canto em voz baixa, coisas pequenas: um pequeno pedaço de gelo feito de uma gota de chuva, uma gota de chuva feita de pedra. Canto para que coisas se tornem seus opostos.

Ainda não estou perfeita. Às vezes, uma nota faz o ar estalar, e Milekt me dá bronca. Noutras, uma nota que devia transformar água em pedra a faz virar fogo em vez disso, e Milekt grita estridentemente e me bica de dentro de meu pulmão.

Mas, não tão secretamente, memorizo a nota errada. Porque: transformar água em fogo? Hum, com certeza.

Isso me faz parar de pensar obsessivamente sobre a triste canção de Caru e a dor sombria que sinto tomar conta de mim quando a ouço.

Preciso encontrá-lo.

Perambulo pelo navio, olhando em cada corredor, mas nada. Procuro no porão do navio, nas celas, mas vejo apena escuridão, nem mesmo Ley, nossa prisioneira, tampouco algum dos outros prisioneiros piratas, o que me faz imaginar o que Zal teria feito com eles. Poderiam estar mortos? Será que os atirou no mar enquanto eu estava dormindo?

E não vejo nenhum pássaro de verdade. E nenhum pássaro fantasma.

Será que tem alguma parte do *Amina Pennarum* que ainda não descobri?

Durante as manhãs, passamos por um oceano prata acinzentado, cheio de icebergs. Continuamos navegando. Pequenas ilhas de gelo pontilham a água lá embaixo.

Já no céu magoniano, vejo aviões passando uns pelos outros. Cada um é seu próprio mundo cheio de passageiros, entrelaçando-se uns com os outros, ultrapassando um ao outro, ignorantes quanto às outras pessoas passando por eles no céu.

Assim como a Terra é ignorante quanto a Magônia.

Está um frio congelante. Até Dai está usando uniforme de inverno, e Wedda me veste em múltiplas camadas de penas, tecidas por baixo de minha malha e jaqueta de seda de aranha.

Agora, estou sentada na cadeira da capitã, encorajada pela mesma. Está me ensinando a girar o timão, a ler mapas que vão em múltiplas direções, para cima e para baixo, leste, oeste, norte, sul.

Um nível de céu tem tubarões-tempestade e ventos capazes de derrubar navios, e outro tem peixes-fogo e krakkens aéreos, e existe também a possibilidade de colidir com cumes de montanhas, e o perigo de voar perto demais de fronteiras de cidades com um navio grande demais.

Dai está olhando por cima de meu outro ombro, com a mão quente em minhas costas, e consigo sentir nossa ligação, osso com osso, voz com voz. Milekt anda mais calmo agora que cantamos. Ele chilreia no aprisco de canwrs e se aninha em meu peito quando praticamos. Nosso controle está cada vez melhor.

Água para pedra, pedra para água.

Faço subir o líquido de uma caneca na mão de Dai, o transformo em gelo em pleno ar, com Dai cantando junto de mim, delicadamente, monitorando perfeitamente minha força. Seu rosto acaba encharcado da água, que ele seca e espirra em mim, rindo.

Ainda há alguma diversão aqui, apesar da seriedade do que estamos planejando, a coisa que tentamos fazer.

— Vamos mudar o mundo. Vamos devolver a vida às plantas. Para ser como eram antes das colunas de fumaça lá embaixo a murcharem até ficarem dormentes — afirma Zal. — Não me lembro delas. Mas existem lendas de um tempo em que os campos do céu eram repletos. Magônia inteira podia comer. Usávamos plantações de afogados apenas como suplemento para viagens longas na época, e não dependíamos delas para sobreviver. Com as plantas de volta, nossa dependência dos afogados vai acabar.

Penso nos últimos duzentos anos de maquinários na Terra. Penso em como a Revolução Industrial fez Magônia passar fome. E agora, está fazendo passar fome partes do mundo humano também.

Zal recebe relatórios de outros lugares, de pássaros pousando no convés do *Amina Pennarum* com cartas de outros navios. Flechas em chamas são disparadas após o pôr do sol. Passa bastante tempo olhando para o vazio à sua frente, como se fosse uma figura de proa, com uma expressão indecifrável; mas uma carta, entregue por um esfarrapado pardal Rostrae, a faz se endireitar.

— Navio de Sopros ao alcance.

Todos viram as cabeças para olhar, num misto de atenção e pânico. Posso sentir o medo, inclusive em mim. O que isso significa? Estamos em perigo? Estão vindo atrás de nós? Zal continua lendo.

— Podem ter sido contratados por Maganwetar, ou alguém mais. Não estamos sendo perseguidos. Ainda. Não vou arriscar. Tragam os mortos.

Dai desce as escadas, com diversos altos e musculosos Rostrae, e retorna com Ley, arrastando-a de seu calabouço desconhecido. Ela está resistindo, debatendo-

se contra as correntes.

— Isso vai contra todas as leis do céu — grita Ley. — Deve-me um julgamento!

Zal tira um chicote da jaqueta e o estala. É feito de alguma coisa que não parece exatamente metal nem corda. Ele se desenrola e paira no ar, ondulando como o rabo de um gato, bem na frente do rosto de Ley, retorcendo-se ali.

— Ninguém lhe deve nada. Você é uma pirata, Ley Fol — diz Zal. — Este é seu julgamento.

Ley observa o chicote cautelosamente, com os braços presos por Dai e mais um guarda.

— Talvez devêssemos esperar — sugiro nervosa. — Até podermos...

— Se lembra do dia em que ela a levou? — pergunta Zal. — Foi o pior dia da minha vida, e aquela tristeza durou quinze anos.

— Mas você não pode *executá-la*...

— Ela foi o pior tipo de traidora. Uma amiga que virou inimiga. Você ter sobrevivido a essa sabotagem foi um milagre. Uma vida por uma vida.

— Mas não estou morta — protesto.

Ley olha para mim. Parece apática.

— Não confie em sua mãe — alerta. — Quer mais de você do que admite. Está empenhada em se vingar, não em usar a razão.

Zal agita o chicote, e ele atinge o rosto de Ley.

Ley recua. O chicote deixa uma linha na sua pele, que a princípio é branca, e depois se torna azul, letras brilhantes de gelo, caindo por seu corpo. Observo o frio se espalhar por ela, como uma cobra de luz deslizando por baixo de sua pele.

— Morrer com segredos sombrios é partir sem uma canção da morte — diz Zal. — Quem lhe contou o que eu estava planejando?

Ley se encolhe e deixa cair os ombros levemente, mas seus olhos permanecem abertos. Não importa o que mais possa ser: é uma pessoa muito corajosa.

— Espere — suplico. — Ela me salvou na época. Teriam me matado. Deixe-a no céu perto de Maganwetar. Coloquem-na num barco. Não existe uma cadeia

lá?

Zal olha para Ley e em seguida para mim.

— Você está viva, Aza, porque é extraordinária, não porque ela teve misericórdia. Ela não a salvou. Ela me traiu. Isso é uma execução. Não um debate.

Ley olha firmemente para ela.

— Navegue pelos céus então, Zal. Pegue dos afogados o que é nosso, cause enchentes em suas fortalezas, mate tudo lá embaixo, mas saiba que não pode existir equilíbrio sem aqueles na Terra, e sem equilíbrio, Magônia cai. Você não é a primeira a achar que tem uma solução violenta para um problema de séculos. Está errada, assim como todos antes de você.

— BASTA! — Os olhos de Zal estão em chamas, e sua pele está literalmente tremendo.

— Agora entoo minha última canção — exige Ley.

— Ah, acho que não — devolve Zal. — Aqueles que me rejeitam não merecem privilégios. Por causa de sua traição, a família de meu imediato passou fome, ignorada por Maganwetar. Se não tivesse me traído? Este céu estaria alimentado agora, e cheio. Você arruinou um futuro que, se o tivéssemos feito na época, teria sido alegre. Poderia ter passado os últimos quinze anos num tipo diferente de país, com minha filha ao meu lado, meu pássaro-coração cantando. E em vez disso?

Zal para, e todos ouvimos Caru gritar, uma lamúria de congelar o sangue.

— Isso é feito seu, e, por isso, vai morrer sem cantar — continua Zal, então faz uma pausa. — Como simpatizante das políticas de Maganwetar, você traiu seu verdadeiro povo. O direito à canção da morte é para aqueles que morrem honrados. Não para você.

Há uma ligeira movimentação na tripulação, pessoas se mexendo. Olho em volta. Toda a tripulação está no convés. Alguns estão abrindo as asas de excitação ou ansiedade. Posso ver dentes e presas e bicos abertos.

— Foi ele quem me contou — revela Ley.

Zal faz um movimento brusco.

— Quem mais conhecia seu coração além dele? Não concordava com seus planos. Ele veio até mim. Caru me contou tudo. Seu canwr a traiu.

Zal fica imóvel. Ela inspira dolorosamente.

— Mentirosa — rebate.

Ley a encara com firmeza. A expressão em seu rosto não revela nada.

— Agora, minha canção da morte — insiste Ley.

— Negada.

Há uma movimentação assustada no navio, todos os magonianos e os Rostrae murmurando, chocados por Zal não cumprir sua palavra.

Ela agita uma das mãos para Dai, que saca um pano comprido de suas costas. Ele o amarra em volta da boca de Ley, impedindo que sua voz saia. Isto, percebo, foi planejado. Essa proibição da canção da morte foi de propósito.

Ley inspira fracamente pelas narinas. Em seguida, dá de ombros de um jeito que conheço bem; o de alguém que sabe que seu tempo está se esgotando.

Olho ao meu redor, procurando um carrasco. Capuz. Machado. Nada.

Ley assente. Ela dá um passo para trás, e depois outro. O rosto de Zal está tenso, com a mandíbula retesada.

Milekt pousa no meu ombro, com o bico encostando no meu ouvido. Aquilo não me conforta.

Cambaleando pela prancha, Ley olha nos meus olhos. Está muda. Não canta sua canção da morte. A corrente de luz azul e branca que Zal deixou nela desce por sua garganta e seus braços. Ela brilha ao sabor daquilo tudo.

Suas mãos tremem, assim como o peito. Fica parada na ponta da prancha.

Olha apenas para Zal.

Ley então abre o peito e exibe seu canwr, um tipo de pombo preto e branco, tão abatido quanto ela própria. Ela o segura nas mãos.

Zal dá um passo à frente, fita os olhos de sua inimiga, estica seus elegantes dedos azuis e sorri friamente, pouco antes de empurrar Ley da prancha.

Ley cai de costas em meio ao céu, jogando seu pássaro para cima enquanto o

faz.

Canção da morte, canta sozinho o canwr, ficando todo empolado e emitindo notas dissonantes enquanto grita, *queda, quebra, quebrado, luz, cai, cai*.

Fico parada, mole, desfeita. Da lateral do navio, sobe um urubu, e olha para mim.

O canwr de Ley continua cantando.

Então, vem um último som dele, sem palavras: um lamento desesperado de arrepiar. Caru grita, um eco de outro lugar.

Um urubu pega o canwr de Ley.

Coisa morta, coaxa outro urubu, mergulhando. Corro até a balaustrada e tento olhar para baixo através das neblinas espessas que nos cercam. A princípio, nada. Em seguida, um retalho de pano subindo. Um pedaço da jaqueta de seu uniforme.

E uma névoa de sangue, girando pelos ares, colorindo as nuvens por um instante, antes daquilo também desaparecer.

Meu estômago está se revirando.

Zal passa perto de mim.

— Um dia será capitã. Um dia terá sua própria vingança. É assim que se faz na Magônia de verdade.

Mas a pele embaixo de seus olhos está mais escura do que devia, o rosto está repuxado. Ela coloca uma de suas mãos sobre o coração, e em seguida se afasta, me deixando ali. Vejo Jik olhar na minha direção conforme segue Zal para o convés inferior. Seus olhos também estão escuros.

O céu está cheio de pedaços de roupas agora, pairando como serralha. Posso ouvir os urubus abaixo de nós, e algo mais. Olho para baixo e vejo um enfumaçado tentáculo gigante de alguma coisa, movendo-se lentamente, pegando alguma parte do corpo de Ley e se enroscando até se transformar numa nuvem escura. É tão grande que não consigo ver mais do que uma massa oscilante de oito braços prateados, grandes o bastante para arrancar este navio do céu, e então ele desaparece novamente.

Dai passa por mim e toca no meu ombro. Guincho e cerro os punhos. Ele forçou Ley a subir ao convés. É incondicionalmente leal a Zal e ao navio. O que isso significa? O que faria se eu estivesse do lado inimigo?

Dai franze o cenho e, em seguida, sobe de volta ao cordame do navio, com Svilken tagarelando com ele, dizendo-lhe para voltar ao trabalho, ou que haveria mais trabalho mais tarde. Milekt voa até o topo do mastro, onde se aloja encolhido como uma bola feita de luz.

Sinto-me enjoada. Não paro de ver Ley caindo, sem parar. Suas palavras — sobre não confiar em Zal, sobre Caru — ecoam em meu cérebro.

Há uma sensação; um horror que não vai embora. Não há nada a fazer a respeito. Ley foi deixada para trás no céu, enterrada nas nuvens, rodeada e consumida por criaturas. *Coisa morta*.

Lembro-me da história que Jason me contou sobre os quatro magonianos aparecendo numa cidade da Terra e sendo julgados. Mas teriam se afogado se tivessem realmente caído.

Talvez tenham se afogado. A história não dizia quanto tempo ficaram lá embaixo, nem o que aconteceu com eles no final.

Magonianos — nós — não nos parecemos o suficiente com humanos para enganar. Se eu caísse e não morresse, o que aconteceria? O que fariam comigo na Terra agora?

Uma parte minha ainda espera que, talvez, eu pudesse voltar para casa...

Mas não. Não há talvez. Não posso.

Eli devia estar na escola agora. Deve estar na aula de álgebra, aprendendo matemática o bastante para calcular o tamanho do universo. Pode estar na aula de inglês, aprendendo palavras para descrever como sua irmã a deixou uma noite, em meio a uma tempestade de neve.

Acho que nunca vou saber o que Eli vai acabar se tornando.

E ela nunca vai saber para o que estou treinando aqui em cima...

Para o que estou treinando?

Aperto os dentes e subo no cordame do navio até um pouco abaixo de Dai.

Fico olhando para o nada, esperando que ele fale, mas ele não o faz. Apenas fica observando as nuvens, parecendo preocupado.

Posso sentir algo mudando. Não sou Dai, treinada toda minha vida para obedecer ordens.

Posso sentir uma incerteza, mas também uma ferocidade, impregnando tudo.

Dai estende um dos braços, e eu cuidadosamente me recosto a ele. Uma vez ali, apoiada no seu corpo, sinto aquela sensação de pertencimento de quando nos tocamos. Ele fica olhando o céu.

— Foi a primeira execução que vi — confessa Dai, e o sinto tremer.

— É. Eu também.

Por um instante, penso no meu sonho. O sonho interrompido: Jason andando em meio ao ar escuro do subcéu. Acenando para mim. Em seguida, esqueço-o novamente, duramente e de propósito, deixando-o ir para sempre. Ele foi um sonho de um lugar que eu costumava conhecer.

Ele era um afogado.

E eu sou Magônia.

CAPÍTULO 23

{AZA}

Jik aparece na minha cabine antes do amanhecer. Meu canwr está no poleiro, dormindo com os outros pássaros, e eu estou aqui embaixo, supostamente dormindo também.

Será que esqueci meu turno de vigia ou algo assim? Mas seria Dai vindo atrás de mim, não Jik. Ela não tem essa autoridade.

— Precisa saber de uma coisa — começa, depois de alguns instantes.

Sento-me na cama, ansiosa para ouvir.

— Eu o alimento — sussurra.

— Quem?

— O pássaro da capitã. É parte de minhas tarefas.

— Mas Wedda diz...

Jik me mostra sua mão, cada dedo com um anel de metal, e a sacode no ar.

— Nenhum de nós é confiável. Wedda? E Dai? Fizeram você achar que não há nada de errado em Magônia? Os magonianos estão em guerra uns com os outros, e nós, as classes das penas, estamos à mercê deles. Nunca se perguntou...

— O quê?

— Quais Rostrae e canwr que a servem o fazem por vontade própria? E quais o fazem porque são obrigados?

Fico a encarando enquanto as implicações do que está dizendo tomam forma no meu cérebro.

— Seu Milekt é um pássaro-pulmão, leal à capitã. A capitã ganhou um pássaro-coração, e, quando perdeu a ligação com ele, não permitiu que partisse.

— O que está tentando me dizer? — pergunto. — Diga logo.

— Caru traiu Zal. Seu *próprio canwr* se recusou a cantar com ela. Tem certeza de que entende sua mãe? Tem certeza de que confia nela?

Algumas coisas estão se encaixando na minha cabeça.

— Não estou pedindo que liberte os Rostrae — continua Jik. — Existe um momento certo para a rebelião, e ele está chegando. Alguns de nós trabalham para isso. Alguns de nós operam infiltrados.

Ela me encara com uma expressão de desafio.

— Aza, há lugares da Terra que estarão perdidos para nós se Zal conseguir o que quer.

— Ela só quer as plantas do ar — argumento defensivamente, escutando a mim mesma e duvidando do que estou dizendo.

Jik olha fixamente para mim.

— Não viu o que fez esta noite? Ela descumpriu sua palavra. Negar uma canção da morte? Isso vai contra todas as leis magonianas — cochicha Jik num tom de voz áspero, como se eu fosse tola. Como se não soubesse de nada. — Confia numa mulher que negaria uma canção da morte? Sua mãe, Aza Ray, é uma criminosa. Ela não tem honra.

Aquilo é demais para mim.

— Se atreve a questionar a capacidade de julgamento da capitã, *Rostrae*? — interrompo, e escuto aquilo saindo de minha boca, essa coisa errada, essa injustiça.

Jik se eriça e olha para mim com frieza.

— Caru se rebelou contra ela. Agora, está louco e com o espírito destruído. Como *você* vai se sair se der algo errado com o plano dela?

Depois de alguns segundos, me levanto e ando pelo quarto.

Enfio uma pequena faca na bota, enrolo uma corda em volta de meu braço e visto um uniforme quente. Se Jik tiver razão e Caru estiver vivo, o que fica pedindo aos berros é por salvação. Ele tem chamado a mim.

Se traiu Zal, ela o matará. Não posso deixar isso acontecer.

Não depois de

Ley

Simplesmente não posso.

Alguma coisa se move na porta. Ergo o olhar e vejo Wedda parada ali, com os olhos acesos.

— Filhote — começa —, Jik só quer encrenca. Não a escute.

As penas dos ombros de Jik se arrepiam como se estivesse usando uma jaqueta de motociclista. Seus olhos parecem maiores do que minutos atrás, e a crista azul também se eriça, espetada e irritadiça. No entanto, parece pequena perto de Wedda, como uma criança.

Como eu.

— Não quero encrenca — rebate. — Quero justiça. Você tem escutado Caru há tanto tempo quanto eu.

— Caru é um fantasma — diz Wedda, em tom tenso.

— Todos sabemos que não — argumenta Jik. — A capitã diz que está morto, e seguimos as ordens dela e dizemos que ele está morto, mas aquele pássaro vive em tormento.

Jik se volta para mim novamente.

— Pode ajudar a capitã. Ou pode nos ajudar. Você é mais forte do que ela jamais foi...

Wedda a agarra pela asa e sibila no seu ouvido:

— Chega! Deixe-a. Saia *agora*.

Jik dá meia-volta e vai embora.

Depois de ter certeza de que Jik se foi, Wedda olha para mim.

— Não faça isso — pede. — Seja lá o que esteja pensando em fazer, filhote. Não vai terminar bem para você, nem para aquele pássaro. O canwr da capitã

não está lúcido.

— Mas também não está morto — respondo.

Estou vestida; preparada, por qual razão não estou totalmente disposta a considerar, para sair e encarar a noite fria.

Passo por ela, e Wedda tenta me alcançar, tocando meus cabelos com seus dedos.

— Não pode me impedir, eu...

Percebo que não está tentando me machucar. Está trançando meus cabelos de um jeito que não me é familiar.

— O que é isso que está fazendo? — pergunto. — Não são os nós da capitã?

— Não. São os seus.

Quando olho no espelho, meus cabelos estão torcidos em tranças apertadas coladas em meu crânio, como conchas de caramujo.

— Eles pertencem a você — diz suavemente. — Assim como sua cabeça e sua vontade pertencem a você.

Fico encarando meu reflexo e o de Wedda atrás de mim. Escuto o que está me dizendo. Penso em agradecer, mas ela me interrompe antes mesmo que eu possa começar.

— Se alguém perguntar, você mesmo escolheu isso, filhote. Sou uma camareira, não uma revolucionária.

E, com isso, saio em busca de um fantasma.

Desço as escadas de esguelha até a cozinha, onde roubo uma fatia de pão e um pedacinho de carne salgada que sobrara do porco.

Escuto com atenção em busca da voz de Milekt. O aprisco acima só tem coisas ruins a dizer.

Alguns são filhotes, ainda não treinados para cantar com seus hospedeiros magonianos, e portanto, sem ligações com eles. Milekt e Svilken estão lhes ensinando. Os passarinhos resistem. Lutam contra suas correntes. Quando magonianos morrem, o canwr ligado a eles morre também, mas não automaticamente. Eles são mortos. Não podem se ligar a outro magoniano. Uma

vez que o laço é feito, é para sempre.

Ah, meu Deus, é como uma esposa levada à fogueira com o corpo do marido.

— Controle — chilreia Milekt.

Eu o escuto ordenando os filhotes, treinando-os. Ele é como um sargento. Da mesma forma com que treina a mim. Escuto Zal no convés também, dando ordens à tripulação do navio.

Às vezes, me pergunto se ela dorme.

Escuto um chiado baixo, vindo dos aposentos de Zal. Sabendo que está lá em cima, nem titubeio. Ninguém ousaria entrar aqui sem permissão. Ninguém além de mim.

Empurro a porta de Zal. Lá dentro, uma cama grande com cobertas vermelhas e douradas, uma antiga e gasta escrivaninha de madeira, e mapas de pergaminhos enrolados. Há toneladas de mapas. Mas não foi por causa deles que fui até ali.

No canto do aposento há um biombo, e, atrás dele, uma gaiola coberta por um tecido escuro. Dentro dela, posso perceber Caru se movendo, rodando, esticando suas asas.

Nunca entrei ali.

Exatamente por isso.

O canwr é contrabando. Deveria estar morto.

— *Aza* — diz o pássaro.

Dou um salto ao escutar meu nome.

— *Mate-me* — continua, com a voz mais baixa do que antes. Está falando apenas comigo, e com ele mesmo.

— Não — recuso. — Coma — peço a ele, no magoniano que consigo falar.

— Comer — repete Caru. Há uma escuridão naquela voz, uma crueza. Tiro a coberta da gaiola lentamente.

Vejo seu olho escuro e brilhante. Ele é um falcão.

A cabeça é negra, e cada uma das brilhantes penas salpicada de dourado. Seu peito é cor de creme com marcas escuras, e a parte interna das asas é vermelha

como fogo. Enorme. Seu corpo é tão comprido quanto meu braço.

Eu o vejo, e é por ele que tenho procurado desde que subi a bordo.

— Não sei exatamente o que quer — falo, não mais em magoniano, e sim na minha língua. — Coma — insisto.

Coloco a mão entre as barras da gaiola. Caru se aproxima. Não me permito recuar, mesmo podendo sentir o desespero e a ânsia que o estão deixando louco. Mesmo que tudo aquilo faça meu coração doer. Ele pega o pão de meus dedos e rasga um pedaço de carne.

Sua cabeça lustrosa se volta para mim, e ele encara meu peito, fazendo um ruído baixo e perigoso, mas Milekt não está comigo. O falcão se balança em seu poleiro, com olhos selvagens e nervosos.

Olho ao redor. A chave está bem ali, pendurada na parede (bem na frente do pássaro, que tortura). Então abro a gaiola. Estendo meu braço nu, confiando nele.

Caru pisa no meu antebraço, e sinto suas garras. Elas enfiam-se em minha carne, mas não machucam minha pele. Parecem estar mergulhando em mim, encaixando em mim. Sinto seu peso.

— *Corda partida* — canta Caru, me olhando. — *Coração partido, lar queimado. Amarrado, quebrado, nós desfeitos. Oceano, ilha, garras, penas, ninhos. Cai, cai das estrelas.*

As asas de Caru se abrem lentamente, e em seguida ele as bate e começa a se erguer em pleno ar, apenas o suficiente para me assustar. Dou um passo para trás.

Ele olha na direção de meu coração, como se quisesse arrancá-lo de meu peito. Mas, quando me encara, o encaro de volta. Observo seus olhos se arregalarem, dourados e brilhantes, e totalmente loucos.

— Aza — zumbe ele, com o bico afiado perto o bastante do meu peito para me dilacerar. Ele rufla suas penas e se sacode. Suas garras são tão compridas quanto meus dedos. — Céu. Leve-me.

Caru movimenta sua cabeça para a frente e usa o bico para puxar alguma

coisa do tornozelo.

Olho para o objeto. É um anel. Um anel de ouro, parecido com os que vejo nos Rostrae, mas esse não tem correntes.

Caru o larga na palma de minha mão, e em seguida olha para mim. Não sei o que fazer. Poderia atirá-lo para fora do navio. Será que isso o libertaria?

— Céu — repete Caru.

Mantenho meu braço esticado. Pego um rolo de mapas da escrivaninha e os enfio no meu cinto.

Caru olha para mim. Coloco minha capa por cima de sua cabeça e o enrolo nela. O seguro em meus braços e subimos em meio à escuridão. Caru cantarola em meu ouvido...

Uma canção aterrorizante, a que eu gostaria de poder cantar. Ela faz minha cabeça doer e meus tímpanos parecerem machucados. Sacudo a cabeça para me livrar dela, e Caru se move contra meu peito.

— Céu — canta, no tom de voz mais baixo possível.

Ando até os barcos, fingindo não estar fazendo o que estou prestes a fazer. Vejo Jik andando pelo convés e, em seguida, se dirigindo até Dai, cheia de propósito. Ele mal parece acordado, e ela o está distraindo.

Ajo casualmente. Lentamente. Pondero sobre um dos barcos, grande o bastante para se manter estável mesmo com muito vento, grande o bastante para não tombar se alguma coisa emergir por baixo de nós.

O morcego-vela me olha e faz um barulho suave, agudo e quieto. Uma baleia-tempestade passa perto de mim, cantando uma delicada e leve chuva.

Caru ainda está em meus braços, mas posso sentir seu coração batendo forte; faz tremer todo seu corpo. Subo no barco e coloco Caru dentro dele. Não está acorrentado a nada, preso a nada.

Desenrolo a corda que nos prende ao navio. Desfaço os nós. Não sei nem de longe o que estou fazendo. Roubando o canwr da capitã? A capitã a quem fiz um juramento?

Um juramento. Aza, quem é você? Que vida é essa na qual está fazendo

juramentos de sangue?

E para quem os está jurando?

Levanto a cabeça e olho para as velas, para o navio, para a noite ao nosso redor. O morcego-vela flexiona suas asas, levando o *Amina Pennarum* para longe de nós, e com Caru no meu barco, me afasto para o lado, céu adentro.

Começo a remar.

Depois de um instante, Caru treme por baixo de minha capa, e a sacode até expor a cabeça; uma elegante poça de tecido escorregando de suas penas brilhantes.

Faz um ruído agitado e baixo, do fundo de seu peito, um murmúrio. Continuo nos levando para longe do navio, para longe, para longe.

Procuro a Estrela do Norte e miro em sua direção. Mal posso ver as luzes do *Amina Pennarum* agora. Só precisamos nos afastar o bastante para que não vejam Caru alçar voo.

Ele inclina a cabeça e solta um grito baixo.

— O quê? — pergunto.

— Prisão — diz Caru. — Levado da chuva e do céu.

— Quem o levou? — Percebo subitamente que estou cantando, e de repente me dou conta de que estou falando uma língua que só compartilho com Caru.

— Magônia — explica o falcão. — Ladrões! Casa — canta ele, mais baixo agora. — Casa.

O tom de voz do pássaro atinge meu coração cujas batidas se alinham à canção dele. Uma batida, e o pássaro canta, outra, e ele canta de novo, como um metrônomo.

— Pássaros escravos. Aves canoras. Canção da garota.

Caru olha fixamente nos meus olhos e balança a cabeça.

Ele para de cantar e fica olhando para o céu, abrindo as asas e as encolhendo de volta.

Uma brisa, e percebo que minhas bochechas estão úmidas. Lagrimas escorrem por meu rosto. Caru está ansiando por seu lar. Por [({ })].

Talvez ele, pelo menos, possa tê-lo.

É silencioso ali. Não há ninguém, nenhum outro navio, nada de Milekt. Tudo que tenho são os mapas que peguei do quarto de Zal, e esse enorme pássaro louco que poderia matar a mim e tudo à minha volta, simplesmente gritando e alarmando alguém. Penso nos planos de Zal, os que revelara para mim. Só preciso roubar as plantas. Ela jurou.

Confio nela? Acabei de testemunhá-la descumprindo sua palavra.

Como posso confiar nela?

As garras de Caru e meus braços são uma coisa só agora, e eu remo. Suas asas se abrem, e juntos avançamos noite afora.

Caru canta uma série de sílabas discordantes. Na nossa frente, estrelas começam a brilhar mais forte, uma por uma. Uma trilha. Muito cuidadosamente, hesitantemente, junto minha voz à de Caru e começo a ver diante de nós um caminho prata reluzente, no meio da escuridão. Uma neblina sobe ao nosso redor, uma chuva de areia fina, e nos esconde da luz da lua. Avançamos em meio à noite.

Mas olho para baixo, por cima do barco, na direção do mundo, e por um instante, me perco. Imagino Jason vendo meu barco a remo abrindo caminho por um céu escuro e movimentado. Imagino como adoraria isso. Parte de mim é atraída pela superfície da Terra, enquanto outra parte sente falta de Dai. Sinto um pouco mais de dor com cada avanço de meu barco. *Parceiro*.

Meu peito parece oco sem Milekt, mas a canção de Caru conseguiu entrar nele também. Sinto algo sacudindo dentro do meu coração; não um ser vivo, mas uma vontade. De cantar com Caru. De juntar minha voz à dele. Sua voz é forte demais...

Mas não.

Ele terá uma escolha.

— Vá — digo a ele. — Está livre. Vá. Voe!

Caru ergue-se de meu braço.

— Vá — canto. — Você pertence a si mesmo.

Caru olha para mim, com os olhos ferozes, as asas abertas, deixando visível seu peito vermelho. Não há nada o prendendo. Ele paira por um instante, acima do barco, e então voa para o alto.

Voa, um risco preto e vermelho de movimento e silêncio, cobrindo as estrelas conforme se afasta.

Eu o escuto cantar uma nota alegre, e, em seguida, ele se foi. Meus olhos estão cheios de lágrimas, mas coloco os remos de volta para fora e começo a virar o barco de volta para meu navio. De volta para... Não sei o quê. Miro nas luzes distantes do *Amina Pennarum*, cerro os dentes e começo a remar contra o vento.

Ouço um barulho estranho. Levanto a cabeça rapidamente. Um barulho de cordas batendo em madeira, e então uma onda de corpos descendo com habilidade delas, o impacto de botas no fundo de meu barco.

Seis deles, todos de preto, todos de capacetes, todos mudos. Estão parados no meu barco. Muitos contra quem lutar se ao menos eu soubesse lutar contra eles.

Ah, meu Deus. Ah, meu deus, ah, meu Deus. Só podem ser uma coisa. *Sopros*.

AH, NÃO. Aza, Aza, Aza, você cometeu um erro grave.

Me inclino para a beirada do barco. Um deles olha para mim e, muito lentamente, balança a cabeça. Roupas pretas. Não consigo ver seus rostos. Grandes e musculosos. Um grupo de monstros silenciosos, aterrorizantes e totalmente cobertos.

É disso que todos têm falado desde que subi a bordo. Olhos bulbosos e refletivos, rostos que são uma massa de tubos e tecido, cobertos de preto, quase invisíveis contra o céu. Monstros, insetos com corpos humanos, como nada que jamais vi, nada que jamais imaginei.

merdamerdamerda

Escuto uma voz no meu ouvido, confusa e distorcida, áspera, soprando contra meu rosto.

— Aza Ray Quel — gorjeia a voz, borbulhante; um oceano partido, como alguém falando do meio de ruído branco.

Um dos Sopros segura meus braços, e outro, minhas pernas, como se eu fosse

forte o bastante para realmente lutar contra eles. Talvez seja. Não sei o quão forte sou. Não sei contra o que estou lutando.

— Aza Ray — repete a voz, uma voz que me lembra alguma coisa, mas estão por todo o barco, essas coisas vestidas de preto, prendendo meus braços e me segurando. Grito quando forçam uma mordaça sobre minha boca. Alguém coloca um capuz na minha cabeça, e não vejo mais nada depois disso.

Sou uma prisioneira. Dos Sopros.

Sou tirada de meu barco e presa a cordas. Sou levada embora, pendurada, pelo espaço.

CAPÍTULO 24

{AZA}

Não estou no Amina Pennarum. Consigo sentir, pela falta de balanço, o tremendo espaço que este navio está ocupando no céu. O cheiro é diferente também: metal frio, em vez de penas e gravetos.

Meu coração parece estar queimando, assim como as narinas e os pulmões. Meus ossos parecem galhos. É como se estivesse de novo na Terra. Talvez seja a mordaça. Faço um teste, inspirando. Não. Inspiro com dificuldade.

Meu peito é um espaço vazio no meio do navio. Sem Milekt e sem Caru. Posso sentir o metal frio do anel de Caru no meu polegar, apesar de não ter certeza de como foi parar ali. Não me lembro de colocá-lo.

Sopros estão andando à minha volta, circulando sem parar com suas botas.

Um dos monstros arranca meu capuz, puxando meu pescoço para trás, arrancando fios de cabelo. Protesto, mas ainda estou amordaçada.

Através das lágrimas, vejo um porão de paredes arredondadas de metal. Claro e escuro ao mesmo tempo, como se fosse iluminado por lâmpadas fluorescentes. Não vejo uma dessas há muito tempo. E olhando para cima, percebo que não as estou vendo agora também. Há um estranho e frio raio cinzento pelo teto, preso entre as paredes, que se move da mesma forma que um raio normal, um tentáculo de fogo, para em seguida tornar-se escuro novamente.

Um submarino. É essa a sensação. Um espaço de metal cheio de Sopros. Respiro e engasgo, com os pulmões apertados e a garganta se fechando. Eles vão me matar. Sei disso. Tenho mais certeza disso do que jamais tive sobre qualquer outra coisa.

Um dos Sopros tira o capacete, e percebo que é uma espécie de capacete de mergulho. Me preparo para o que está embaixo dele...

E...

E...

Ela olha para mim com puro ódio.

Cabelos negros compridos e torcidos. Pele clara e macia. Olhos claros, em um tom pálido de azul, não da cor do céu. Corpo magro, mas menos do que o meu. É feita de músculos.

AZA RAY.

ESTÁ.

NA MINHA FRENTE.

Ela é eu. Ah, meu deus, sou eu. O eu que eu era. O eu que não sou mais.

Atiro as costas com força na cadeira à qual estou amarrada, e alguém a segura, me forçando a voltar para o lugar. Não consigo falar. Ainda estou com a mordaça, mas cravo os dentes nela.

Não consigo entender o que estou vendo. Será que é algum tipo de mágica magoniana? Estão tentando me confundir? Será que é algum tipo de... espelho?

Então percebo. Não, sei o que ela é. Sei exatamente o que é.

Sei QUEM ela é.

Esta é Heyward Boyle. A bebê que foi levada de meus pais pelos Sopros. Essa é a garota cuja vida assumi. Esta é a garota cuja vida vivi durante quinze anos.

Ah, meu Deus.

Ela tem uma tatuagem no pulso, um redemoinho de vento estilizado, e percebo que já o vi em algum lugar antes. Nem todos os redemoinhos são ruins. Alguns levam sementes novas até um solo fértil. Alguns movimentam navios pelo céu. Os Sopros são os tipos de redemoinhos que matam.

Tudo se torna claro agora, numa onda de revelações; as coisas que ouvia sendo sussurradas. Os Sopros são assassinos e agentes especiais. Os Sopros são mercenários.

Os Sopros são humanos criados em Magônia.

— Aza Ray Quel — começa, e sua voz não está mais abafada pelo equipamento de oxigênio. Estica e flexiona os braços, dando um passo na minha direção. Sacudo-me em minha cadeira. Outros Sopros tiram os capacetes, e seus olhos parecem mortos, assim como os dos tubarões-relâmpago. Os músculos são aparentes, e os corpos são retesados.

São humanos, mas com uma aparência errada. Parecem maus agora. Sinto-me pequena e magoniana. Sinto-me como...

Baixo os olhos para minha pele azul, o corpo índigo, e sinto meu cabelo retorcido.

Não me sinto assim desde que estava na Terra.

Alienígena. Me sinto como um alienígena.

Heyward me estuda.

— A *renegada*. Para onde estava indo? — sibila.

Um homem ruivo aparece de súbito na minha frente, e o reconheço. Oh, Deus, definitivamente o reconheço. O paramédico que me levou na ambulância, o cara que me cortou. Ele era um Sopro. Foi ele quem Zal enviou.

Parece mais amedrontador sem o capacete, com o zíper aberto até a cintura. Noto uma tatuagem no peito, um vento de furacão, levando uma árvore até o oceano. É como se os Sopros usassem insígnias extra em suas peles.

— Comandante — diz o homem, e Heyward se vira para ele.

Ela é a comandante? Temos a mesma idade.

— Confirme — ordena. — É esta a garota que buscou dos afogados e levou até o navio da capitã Quel?

— A própria. Entreguei-a à capitã Quel a bordo do *Amina Pennarum*. Pela minha avaliação, Quel pretende usar a canção de sua filha em direta oposição aos comandos de Magônia.

Minha mordaça é arrancada, quase levando meus lábios com ela, e balbucio, cuspindo e engasgando, ainda sem conseguir respirar.

Heyward me ergue da cadeira sem esforço algum e me sacode com intensidade o suficiente para fazer meus ossos chacoalharem. Ela é incrivelmente forte. Sou pequenina comparada a ela.

— O que é isso? — consigo perguntar, entre engasgos.

Seu uniforme é coberto de insígnias bordadas. Posso ter roubado sua vida, mas ela definitivamente construiu uma nova. Minha cabeça está rodando, e minhas mãos tremem.

— Os rumores sobre a capitã Quel eram verdadeiros — continua o Sopro ruivo. — Parece que voltou a suas antigas ambições.

Não consigo fazer outra coisa que não seja tossir. Minha respiração está tão rasa que possivelmente vá enfim morrer neste porão.

— A capitã Quel falou sobre Spitsbergen? — pergunta para mim.

Tenho um acesso interminável de tosse. Não vou contar nada a ela.

— Ou em sementes? Plantas? Ela falou, posso vê-lo escrito na sua testa. O mesmo plano, então.

— É nossa opinião, baseada nos mapas a bordo do *Amina Pennarum*, que a capitã Quel planeja usar a canção de Aza para abrir o cofre — confirma o Sopro de cabelos ruivos.

— Era o que o afogado achava também, a julgar por suas anotações sobre a trajetória. Mais do que isso — conta Heyward. — A capitã Quel planeja dividir o mundo.

Estou desmaiando. Suas palavras começam a se embolar, e fico olhando para seu rosto. MEU rosto. Posso sentir minha força indo embora, saindo de mim, como algo se desenrolando.

— Leve-a para cima. Está sufocando.

O Sopro me leva por um corredor selado até o navio principal.

Chegando ao convés, consigo respirar novamente, e, depois de mais um acesso de tosse, o alivio é tão grande que não consigo acreditar que pude

esquecer como era não conseguir respirar direito.

Inspiro cautelosamente, olhando em volta o mais discretamente possível. O navio é cinzento como uma nuvem de tempestade, cheio de Sopros uniformizados, tornados anônimos pelos capacetes. O de Heyward tem a parte do rosto transparente. Ainda posso ver sua expressão.

As velas são feitas de zumbido e movimento. Não é de se admirar que eu não os tenha visto se aproximando. Uma é feita de mariposas pretas gigantes, com asas lentas e delicadas, mas milhares e milhares delas. A outra é de vespas. Outra de beija-flores pretos, todos trabalhando como um exército para erguer este navio até o céu. A vela-morcego do *Amina Pennarum* é uma só entidade, confiável. Se for morta, o navio afunda; mas esta vela poderia abandonar o navio em mil direções. Olho para a carranca. Um peixe-remo. Há um nome inclinado, pintado num dos mastros: *Regalecus*.

Os Sopros, com seus capacetes, têm estranhos tubos que os ajudam a respirar. É isso que dá medo a seus inimigos.

Pelo Sopro, praguejam. Todos em Magônia têm medo deles.

Para quem passou a vida toda dependendo de diversos tipos de equipamentos de oxigênio, como eu, aqueles tubos não parecem tão estranhos assim. Observo o cabo saindo de trás dos uniformes e se ligando a alguma coisa em suas costas. Não são tanques de oxigênio normais. É algo muito pequeno e portátil.

Heyward crava os dedos no meu pescoço.

— Vai nos ser útil, Aza. Vai servir a seu povo. Estamos aqui, em nome de Maganwetar, para nos certificarmos disso.

Meu coração se enche de Dai, com a imagem de sua família, morta. Com a imagem dele, uma criança, roubando comida do porão de um navio.

— O que a capital sabe sobre seu povo? — desafio.

Ela sorri com sarcasmo.

— Se deixa levar tão facilmente assim, Aza Ray? Um momento atrás, era humana. Agora, fala como uma magoniana. Vocês discutiram sobre Magônia depois de assistirem a filmagem da lula. Com quem mais conversou depois

daquilo? Para quem contou?

Sinto um frio na espinha.

— Como sabe sobre a lula?

A filmagem da lula gigante era segredo. Apenas Jason e eu sabíamos a respeito daquilo.

Heyward me olha firmemente por um instante e, em seguida, sorri.

— Entendo por que gosta dele — comenta.

— O que quer dizer com isso?

Ela me olha, avaliando-me.

— Ele me contou tudo. E, agora, você vai contar também. Com quem mais da Terra falou sobre Magônia? Quais partes do plano da capitã Quel já estão em andamento?

— Não vou te contar nada — cuspo.

— Seu garoto me deu isso — revela, calmamente, me entregando um pedaço de papel. Desdobro-o.

Está carbonizado nas beiradas, mas ainda é legível. *Eu { } você mais do que [[[{{{(( ))}}}]]].*

Não consigo falar nada.

Não consigo...

— Onde conseguiu isso?

— Ele pegou de seu corpo, quando você morreu. Mas não estava morta. Ou melhor, eu não estava. Ele me deu.

Sinto meu sangue ferver.

— Bem, talvez não o tenha me *dado* — continua. — Talvez eu o tenha tomado dele. Da mesma maneira que ele o tomou de você.

Meus dedos das mãos e dos pés ficam dormentes, e sinto-me tonta e desesperada e...

Morto? Não, ele não pode...

Ele...

Eu a encaro, este monstro, e perco o controle de minha voz.

— NÃO! — grito, sentindo a nota abafada contra minha boca, e da escuridão acima de mim vem um grito agudo em resposta.

Milekt aparece no céu, como um espinho dourado zarpando pelos ares, gritando de raiva por minha desobediência. Ele pousa no meu peito e canto a nota mais alta e mais aguda e mais selvagem que jamais cantei. Raiva e tristeza e incredulidade...

NÃO.

Uma nuvem de morcegos aparece do meio da noite à nossa volta, trazendo pedaços de escuridão para o navio. Eles os soltam sobre os Sopros, bloqueando sua visão mais eficientemente do que se estivessem os vendando.

NÃO.

— ABORDAR! — grita Dai do invisível, e vejo cair um enorme tecido de camuflagem estampado de estrelas, revelando o *Amina Pennarum*.

Dai lança-se até o cordame bem acima de mim, rodopiando em uma corda. Svilken e ele estão cantando incrivelmente rápido. Há uma poderosa ventania tornando-se mais forte, e as baleias-tempestade estão nos orbitando, parecendo prontas para cantar um furacão. Dai está gritando na minha direção, e agora; agora eu começo a cantar.

Jason. Jason. JASON.

É aquela canção, uma canção de luto que se lança contra o Sopro, arrancando seus tubos. O Sopro cai, com a mão no peito, e cordas rodando ao seu redor.

Um estrondo, um estrondo alto, e o *Regalecus*

EsTrEmEcE

E começa a tombar, com a metade de uma das velas já destruída.

Vejo Jik atingir um Sopro, com mais força do que teria imaginado, ainda do navio de Zal, mas lutando por mim. Estou gritando alto, essa canção emergindo como um rugido de minha garganta. Porque. Não posso. Não vou deixar que isso seja verdade.

Canto para que os beija-flores se soltem da vela oficial do navio. Eles voam

céu afora, velozes como dardos negros.

Minha canção fica ainda mais alta, com Dai a amplificando, e uma vespa se solta da outra vela do *Regalecus*. Em seguida, mais uma. Um enxame começa a rodar na escuridão. O navio dá uma guinada fortíssima, e sentimos seu enorme peso se ajustando.

Heyward ergue o queixo, inala seu oxigênio e começa a avançar para me atingir no convés.

NÃO.

Em vez disso, avanço contra ela com toda a força. Todas as lembranças. Toda a raiva. Tudo.

JASON.

Abro a boca, e Milekt e Dai se juntam a mim. Areia se forma no espaço entre Heyward e eu. Canto para que o ar se torne sólido e cheio.

— Sufoque — canto, e penso em seus pulmões, penso nela engasgando da mesma forma que engasguei a vida toda, sufocando com apenas ar.

Consigo derrubá-la, mas não se deixa vencer tão fácil. Avança novamente com uma faca em cada mão, tentando atingir meu peito para cortá-lo, para tirar Milekt de dentro dele. Está tentando matar meu canwr.

Canto com mais intensidade, com mais profundidade. Sinto coisas se despedaçando no navio: capacetes de Sopros e pedaços do cordame do navio.

A faca de Heyward rasga meu braço.

Tudo que tenho é minha voz, e ela a empurra, a retorce e a comprime.

Por toda parte, minha tripulação e Zal lutam contra Sopros.

Heyward está ferida. Range os dentes, exalando força de vontade, e se atira contra mim novamente.

Urro um grito estridente, e o sinto vibrando minhas cordas vocais, sinto meu canwr comigo, e Heyward na minha frente, e um som, um som estrondoso.

— **JASON** — grito.

Posso ouvir o que estou fazendo, gritando ao céu e lhe dizendo para vir até

mim. Dizendo-lhe para se esvaziar para mim.

O ar estala. Há flashes de luz por toda nossa volta, o céu se abre, e continuo fazendo aquele barulho alto e doce e mortal.

Eu o sinto nos dedos, na língua, nos dentes; o começo do fogo.

Estou criando uma tempestade agora, transformando o ar nela, transformando partes de nossos corpos nela.

E cantamos.

É uma canção da morte, e não tenho certeza de por quem. Se é por Jason, ou por Heyward, ou pelo universo inteiro.

Dentro de meu peito, Milekt se revira, rejeitando aquela canção, e eu arfo, engasgando, tentando respirar.

Naquela pausa, todos os Sopros pulam do navio, cobrindo-se de sombras.

Heyward é a última a ir, a abandonar o navio. Ela grita de fúria, lançando na minha direção um olhar feito de gelo, e então mergulha da prancha.

Eles somem em meio à noite antes que possamos segui-los.

Minha canção é interrompida por lágrimas. Não posso. Não posso.

Jason.

Desmorono. Canto, e não sei o que estou cantando agora, mas é apenas tristeza, e depois de um minuto, tudo o que consigo fazer é chorar de soluçar.

Minha tripulação saqueia o *Regalecus*, pendurado no céu agora por uma única vela. Eles abrem armários, procurando pelos cofres e pegando mantimentos.

Estou com Dai, caminhando como se estivesse dormindo. Não paro de pensar na palavra *lula*. Não paro de pensar em *carbonizado*. Não paro de pensar em *morto*.

Morto. Morto?

Sinto uma espécie de vazio. Não vou chorar de novo na frente de Dai. Não vou chorar em momento algum.

Se começar a chorar, nunca mais vou parar.

Dai puxa a cortina de uma das escotilhas, e levo um susto ao ver o cômodo

aceso, cinzento e lancinante.

— Sinto muito — diz em voz baixa.

— Pelo quê?

— Por seu amigo.

Ele olha para mim com uma expressão tensa no rosto, com a boca apertada firmemente.

— Sei que o amava.

— Eu...

— Sei como é isso — interrompe. — Sei como é perder alguém que ama.

Fecho os olhos por um instante e fico no escuro. Fico ali por um tempo.

— O que estava fazendo? — pergunta, finalmente.

— Quando?

— Quando fugiu com o pássaro-coração de Zal.

— Nada — digo debilmente. — Cometi um erro.

— Você soltou o falcão.

— É.

Dai assente.

— Mesmo que tenha traído Zal há muito tempo, ele não lembrava disso. É melhor que o tenha libertado. Não tinha canção, não tinha utilidade. Deveria ter sido libertado.

Dai abre um armário no canto do cômodo, e vejo um pedaço de algo pálido, algo feito de carne. Um corpo?

Ah, Deus, e se for...

— São apenas peles — explica Dai. — Iguais à que você tinha. Mas são realmente impressionantes. Versões novas. Maganwetar deve estar planejando descer com elas agora. É bom saber disso.

Passa os dedos por elas. Cada uma está guardada em seu próprio saco. Estremeço. Dai pega minha mão. Aquilo não me faz nenhum bem. Ele tira uma das peles do armário.

É menos que um corpo. Achatada, vazia, quase uma peça de roupa. Ela é

pálida e triste, e seu rosto tem uma expressão pacífica. Uma boneca-mulher em tamanho real, pendurada dentro de um saco transparente, contida por um zíper. Seus cabelos são compridos e loiros. A pele é clara, e os olhos estão fechados. Os lábios estão ligeiramente abertos.

— Como funcionam? — pergunto a Dai, tentando me distrair de tudo.

Ele vira a pele por dentro de sua capa, me mostrando. Há uma abertura na coluna.

— Você toca nelas, e elas o envolvem. Cobrem sua pele, seus órgãos. A que você usava lá embaixo a deixava indistinguível de um afogado, apesar da expectativa de se degradar em mais ou menos um mês. Não sei como durou tanto tempo.

Tudo o que quero fazer é me aninhar de volta em minha velha pele, meu eu humano tão familiar, o corpo sobre o qual sabia tudo, por mais cheio de falhas e secretamente magoniano que fosse. Mas ele se foi. Sou essa coisa que emergiu dele, um tipo de fênix miserável.

Estico a mão para abrir o zíper de outro corpo: há todo tipo deles, masculinos e femininos, e de todas as idades. Dai pega o saco que envolve o que estou segurando e o tira de minhas mãos.

— Quer entrar nela? — avisa ele. — Toque-a, e ela toca em você.

De dentro de um dos sacos, uma pele abre os olhos e olha para nós.

Dou um ganido e um passo para trás. A garota nos olhando tem pele morena, de cabelos trançados. Uma garota da minha idade.

Dai estremece, e então apoia algumas peles em cima de seus ombros.

— Está vazia. As peles têm apenas reflexos.

Estamos pegando um tesouro, me dou conta. Provas de nossa vitória sobre o navio dos Sopros. Certamente somos piratas agora se já não éramos antes.

A pele me observa enquanto a carrego até sairmos do quarto.

Nós as colocamos no *Amina Pennarum*, com mantimentos e tudo mais que conseguimos pegar.

Milekt e eu cantamos em voz baixa para que as últimas vespas-vela se soltem.

Elas saem em espiral na direção do sol. Está amanhecendo, e abaixo de nós há o oceano, ondas brancas e um navio de Sopros morto, caindo pelo céu, caindo no mar.

Ele vai se dissolver rapidamente. É o que acontece, ou assim me disseram. Na água, os destroços que sobram de muitos dos navios magonianos ficam perdidos, escondidos, quase invisíveis.

Se mergulhasse, acho que nunca saberia. Navio de céu ou de mar, são apenas naufrágios. E há tantos deles no fundo do oceano.

— Acabou — sussurra Zal, apenas para mim. Posso sentir a raiva em seu tom de voz, mas outras coisas também. — Caru se foi. Isso já está feito. Está perdoada por isso. Ele não era meu para começar; não se me traiu por Ley. — Ela fala com esforço. — Mas esta foi sua última revolta. Combinado? Acabou.

Meu cérebro está embaralhado pela dor, abalado pelo luto.

— Chega de mentiras — continua Zal. — Estamos juntas, você e eu, contra Maganwetar. — Ela ajeita uma mecha de cabelo para trás da minha orelha e sussurra gentilmente: — Nenhuma criança jamais foi tão desejada.

Mesmo diante daquela demonstração, não sinto nada. Estou vazia por dentro.

Ela sorri para mim.

— Você é amada, Aza. Muito amada.

Amada. Por Zal. Isso não me traz nenhum conforto. Mas estou de volta a bordo do *Amina Pennarum*.

Maganwetar contratou o Sopro que matou Jason.

E, sendo assim, estou em guerra.

CAPÍTULO 25

{AZA}

O sol nasce a estibordo; um branco e frágil nascer do sol, com estrelas ainda visíveis acima do cordame do navio, e o sol nascendo não acima das montanhas ou do horizonte, mas, sim, acima desse interminável gelo. Dentro do meu peito, Milekt canta a própria canção, e continuo triste tentando aceitar o que já sabia desde o início: que nunca verei Jason novamente, nunca mais segurarei sua mão. Vejo-o na minha mente por um segundo, quase não olhando para mim, muito concentrado, como ficava quando queria alguma coisa. Eu sabia tudo sobre ele: cada detalhe, cada momento. Mas, agora, não sei mais nada.

Achava que seria eu quem partiria.

Achei que eu é quem iria embora.

Mas agora...

Depois de um instante, canto em voz baixa com Milekt. Fazemos um pequeno redemoinho de areia branca da umidade do ar. Ele sibila enquanto gira, para então o deixarmos cair, como neve de areia.

O mundo de gelo abaixo de nós brilha como uma casca de ovo. Estamos perto de nosso destino. Perto de nossa missão.

É para isso que nasci. Não resta mais nada para mim.

Ainda não me encaixo. Meu coração está metade na Terra, metade nas

nuvens. Ainda sou diferente de todo mundo. Ainda não existe um lugar ao qual pertenço.

Há tantas coisas terrivelmente erradas com o mundo lá embaixo; a forma com que rios mudam de cor, de azul para verde para marrom, a maneira com que a fumaça afeta as baleias-tempestade e as deixa doentes, e o modo com que Magônia passa fome, enquanto a Terra se alimenta.

Penso em como a capital acumula o pouco que colhemos, deixa que magonianos, como os irmãos de Dai, morram de fome e manda mercenários atrás de inocentes na Terra...

Shh, Aza. Shh. Não pense nisso.

A única solução é recomeçar do zero. Abandonar velhos hábitos. Mudar tudo.

Estou prestes a salvar não apenas minha vida, mas também as de toda Magônia. E, agora, tenho mais motivos do que nunca.

Uma baleia-tempestade de algum outro grupo está ao meu lado, diligentemente fazendo neve, e olha para mim antes de, assustada por nossa velocidade, avançar como um torpedo para a frente, silvando e assoviando com urgência de volta para nós, informando-nos que não podemos navegar nessa velocidade.

— Causador de neve! — assovia a criatura. — Céu-lar! Cante e fuja, cante e voe! Revolte as águas, remexa na chuva! Navio pare.

Outras se juntam à canção, e, por um instante, estamos cercados, em todas as direções, por uma família inteira delas: filhotes e mães e filhos, todos cantando furiosamente para nós: *navio pare*, *navio pare*, formando nuvens de vento e derramando-as sobre o Mar do Norte. Estão cantando uma tempestade de neve.

Não prestamos atenção nelas.

Respiro fundo, ignorando toda a dor.

Do convés do *Amina Pennarum,* olho para baixo, através do gelo, e, aparentemente, por hora, sou dona disso. Deste mar. Deste céu. Filha da Capitã. Escuto um pássaro chamando de algum lugar, um demorado e lamurioso grito.

Poderia chorar, mas, se o fizesse, seriam lágrimas azuis e pretas, congeladas.

Flocos de gelo.

Penso em Caru. Talvez já esteja abrigado agora, em algum navio seguindo ao sul; ou talvez esteja voando sozinho, cantando sua própria canção. Está livre, ele se foi. Invejo-o.

Fitas de chuva passam por meu rosto, como longos riscos, e peixes-pássaros prateados pulam na espuma do navio, espirrando pingentes de gelo para cima e para baixo.

Pouso a palma da mão no meio do peito, tentando manter meu coração a salvo. Ele dói.

Barcos menores se desprendem das laterais do navio e erguem-se ao nosso lado.

Vejo tripulantes remando em meio à neblina enquanto avançamos pelas nuvens e para a beirada do céu, onde a lua está mudando de cor e a noite começa a cair.

O convés está coberto de gelo, e estou congelando, mas não consigo me forçar a descer. Dai está sentado ao meu lado. Estático.

Sinto-me estranha. Meu coração. Saudades. Sinto saudades.

Estendo a mão e seguro a de Dai, então olho para nossos dedos entrelaçados. Canto uma nota suave, e ele a ecoa, em voz baixa, reforçando-a gentilmente. Formamos uma pequena nuvem, e ele faz chover uma tempestade em miniatura. Olha para mim e sopra a nuvem para longe, e, juntos, assistimos enquanto ela se afasta, passando pela balaustrada do convés. Ele também nasceu para isso. Também não há mais nada para ele depois daqui.

Lá embaixo, vejo blocos de gelo colidindo uns contra os outros. Vejo o oceano, negro, entre as superfícies brancas.

Escuto mais um grito de tristeza, vindo de algum outro lugar.

Caru?

Não. Meu canwr está no meu peito. Você fica com o canwr que lhe é designado, não o que escolhe. Milekt é meu. Estamos ligados. É permanente. Penso no que acontece quando não é, e não quero aquilo para nenhum de nós

dois.

Zal está andando de um lado para o outro no convés, cantarolando. Toda a tripulação está alerta; de prontidão, sedentos.

Estamos parando nosso navio acima de uma velha mina numa montanha de arenito, feita com tudo que é preciso para manter as sementes do mundo a salvo. A própria localização é sua segurança. A montanha é sua proteção.

É este o cofre sobre qual o Sopro falou.

Lá embaixo, há uma enormidade de sementes, centenas de milhares, seladas contra a umidade, em fileiras e mais fileiras de prateleiras, quase como uma biblioteca. Há backups de quase todas as plantas comestíveis da Terra. Arroz, sementes de maçã, brócolis e qualquer outra coisa que se possa imaginar. Há nozes congeladas e, descendo por aquela velha mina, todo tipo de recipientes cheios de salvação.

Aparentemente, existem plantas aéreas aqui também. Ou, pelo menos, Zal jura que sim.

O cofre é como a Arca ao contrário: plantas em vez de animais; sob pedra, em vez de sobre a água. Não é uma zona militar. Não há armas nem soldados. O que há ali para proteger as sementes são quilômetros e mais quilômetros de rocha.

E sou a garota que consegue transformar essas rochas em água com sua canção. Sou eu que posso trazer as sementes aqui para cima.

Pergunto-me por um instante o que vai acontecer quando as rochas derreterem. Zal prometera mais uma vez que seria simples. Mas o que vale a palavra de Zal?

Não posso pensar nisso. Sou eu que mando em mim mesma, não importa o que Zal possa querer ou não. Vou pegar as plantas, e é só isso.

Sinto Milekt cantando de novo, uma canção de ninar. *Lealdade*.

Questiono-me sobre onde estaria Jik. Não a vejo desde que batalhamos com os Sopros. Não sei o que queria que eu fizesse com Caru, nem se o que fiz foi correto. Pergunto-me se estaria zangada comigo.

Olho para baixo novamente. O gelo está rachando, e, entre as banquisas, vejo

algo nadando. Um urso polar.

O respingo do Mar de Barents cai no nosso convés, e há cristas espumosas na beirada das rochas na fronteira com Svalbard. Sei que existe uma cidadezinha perto dali, e também um pequeno aeroporto, mas no caminho que fizemos, não apareceu nada abaixo de nós além de montes de gelo. Agora, há apenas neve e mar.

Faz bastante tempo que não fico tão perto do solo. Quanto tempo exatamente, Aza? Parece uma eternidade. Não pertenço mais aqui embaixo. Embora, na verdade, jamais tenha pertencido.

Na Terra, nunca estava no controle de nada, nem mesmo de meu próprio corpo. Mas, aqui, sou importante. Aqui, sou a única capaz de fazer *isso*, essa coisa difícil; o que vai salvar meu povo.

E preciso fazê-la agora. Imagino as plantas aéreas nos céus de Magônia mais uma vez, campos e campos delas. Ninguém mais passando fome. Ninguém morrendo.

Nossos peitos estão chiando, os de todos nós que não somos Rostrae. Não podemos ficar em baixa altitude assim por muito tempo. Meus pulmões estão se contraindo e tremendo, e, dentro deles, tudo parece frio e apertado. Essa parte tudo bem. É de se esperar. Não estou usando capacete. Preciso cantar, mas para conseguir cantar, preciso poder respirar. Tenho uma garrafa de ar magoniano. Posso puxar ar dela se precisar.

O morcego-vela me dedica uma canção que, se fosse humana, não conseguiria escutar. Não há outros morcegos aqui. É frio demais para eles. Aqui há raposas do ártico e ursos polares. Mas o morcego-vela não é barulhento enquanto trabalha. Penso em quando Zal me contou que era apenas um animal. Não é. Ele me conforta com seu canto, acalma minha alma.

A noite fica um pouco mais escura, porém lá embaixo há apenas neve e gelo, numa espécie de tom reluzente de cinza.

Zal está ao meu lado, olhando-me atentamente.

— Está em dúvida?

— Não — respondo. — Sei o que tenho que fazer.

Bem na hora, Milekt emite um som do meu peito.

Pronto pronto pronto, canta, e suas garras estão em meu pulmão, agarrando-me, e o bico está me cutucando.

Pronta, canto com Milekt. Fecho o zíper do uniforme, visto o capuz, ando até o convés e paro em frente à balaustrada. Respiro fundo, e não é apenas o ar dos afogados que me faz ofegar. Uma comprida abertura cinzenta aparece bem no meio do gelo permanente, como uma farpa no meio da colina. Aquela é a entrada do repositório.

Milekt começa a cantar as primeiras notas da canção que temos praticado desde a morte de Ley. Uma canção antiga, algo que magonianos cantavam centenas de anos antes.

Quando recuperarmos estas plantas, o céu estará cheio de plantações de epífitas. Magônia será autossuficiente. Poderemos deixar as plantações terráqueas em paz, e a capital perderá o poder de privar seu povo.

A canção é cheia de esperança, de verde e de primavera.

Colheremos as nuvens quando as tivermos de volta. Nenhum outro navio vai passar fome novamente. E as outras coisas que estão erradas? Podem ser consertadas. A fome causa guerras. A abundância acaba com elas.

Folha verde, canta Milekt. *Flores do céu*.

Junto-me a ele, discretamente, a princípio, como um batedor de carteiras testando sua técnica. Dai também vai cantar, mas essa parte é delicada demais. Não queremos forçar demais o gelo.

Canto um pouco mais forte para a rocha abaixo de nós e para os metais da entrada da construção escondida. Por longos segundos, nada acontece. Então, escuto um gemido alto. Algo na Terra está se movendo.

(Maganwetar está vindo, interrompe uma voz na minha cabeça. *Descumprimos todas as leis. Estamos descumprindo ainda mais delas agora. Não existe maneira de não sermos encontrados.)*

Afasto aquele pensamento e me concentro, e o ar começa a brilhar com um

gelo cintilante. Dai está abrindo a boca; ainda em silêncio, porém pronto, com Svilken em seu peito.

Estendo o braço e seguro sua mão, e ele aperta meus dedos. Canto para que uma parte do ar se transforme numa camada de gelo.

A atmosfera está reluzindo, brilhante e afiada como uma faca, e quebro o gelo com a voz até que caia no chão.

Olho para Zal. Seu rosto está iluminado de ansiedade, mantendo os olhos fixos apenas na destruição que provoco.

Canto uma nota aguda com Milekt, um som penetrante, e escuto um grito lá debaixo, uma guinada súbita de pedra. Assisto o solo se partir do ponto em que deixei cair o gelo. Uma fenda na neve, bem do lado de fora do repositório. A água sobe dela, derretida e deslocada, transformada de pedra em líquido.

Ofego por um momento, ficando tonta. Dai me segura com mais força. Milekt zumbe no meu peito, e vejo Jik: está atrás da capitã, olhando fixamente para mim. Todo mundo está. As penas de seus ombros estão eriçadas.

— Abra a rocha! — exclama Zal, exultante.

Inspiro da garrafa e, em seguida, canto mais. Sinto a voz de Dai antes mesmo de ouvi-la. Ele junta sua nota quieta à minha canção, e as coisas começam a se mover abaixo de nós.

A mutação se alastra com mais rapidez do que consigo acompanhar. A neve das colinas derrete, e a grande abertura de rocha acima do repositório não é mais de pedra; não, é uma coluna de água cristalina e nova, que contemos com as vozes.

Zal manobra o navio para que fique bem acima dela; posso ver através das centenas de metros do que era, um instante atrás, uma montanha. Agora, é um grande e profundo poço, com a rocha afundando cada vez mais, até subitamente sumir. A água quer transbordar.

Sim, a água quer inundar, mas a impeço, segurando-a no lugar com a canção. Sinto Dai ficando tenso com o esforço de manter imóvel um mundo em movimento.

Através das profundezas e redemoinhos, vemos uma sala.

Prateleiras e prateleiras e prateleiras, armários cheios de sementes. O cofre.

A água quer avançar. Quer se derramar bem nos corredores que alcançamos, mas consigo mantê-la onde está. Dai e eu cantamos mais algumas notas, e o escoadouro fica ainda mais largo. Agora, toda a superfície da ilha está se agitando.

A tripulação está arfando, assistindo fixamente à força deste poder. A colina está se transformando num lago. Dentro de meu peito, Milekt está frenético com o esforço, debatendo-se contra mim.

A água quer cair mais do que tenho força para contê-la, então canto o frio e transformo acres de água da colina em gelo. Através dele, cristalino como vidro, podemos ver até o fundo do repositório.

Sala após sala, câmara após câmara de armários, subitamente acesos. *Quais sementes vamos pegar? Quais plantas vamos levar? Há muitas.*

Os melhores cantores da tripulação estão dando início a suas próprias notas agora, e posso ver armários se abrindo, recipientes de sementes voando para as salas, subindo como se estivessem sendo levados pelo vento; cada um deles embalado à prova d'água. As pessoas que construíram este cofre as prepararam para o caso de inundação.

— Estibordo! — grita Zal, e o navio se move, com nossos Rostrae rebocando-o pelo céu.

Olho para cima e vejo Jik, com as garras cravadas numa corda. Ela ainda está me olhando, mas mudou para sua forma completa de pássaro.

— Agora, Aza — ordena Zal para mim.

Canto para formar um buraco no gelo, não muito diferente de um que uma foca usaria para levantar a cabeça e respirar.

Os melhores pescadores e caçadores do *Amina Pennarum* se debruçam sobre a lateral do navio. Puxam a polia do outro lado do convés — a mais forte delas, que usamos para subir gado vivo — para sua posição.

— Agora! — exclama Zal, e a grande e pesada massa de ganchos e laços

mergulha no buraco que acabo de fazer.

As rodas da polia giram, e sua pinça mergulha no buraco de água em direção ao interior da colina, em busca das sementes.

Espero que alcance a sala que estamos vendo, pegue o que conseguir e suba de volta, para repetir esse movimento de pesca enquanto conseguimos conter a colina. Mas Zal ordena:

— Vá mais para o fundo.

Milekt coordena nossas notas. Canta estridentemente, e eu canto com Dai e Svilken. Há salas mais profundas, debaixo do cofre principal. Gaguejo por um instante, sentindo-me confusa, e um grande pedaço de gelo transforma-se em pedra de novo por um segundo. Estabilizo minha canção o mais rápido possível.

Há luzes naquele depósito, muito mais profundas do que deveria haver, salas de fileiras hidropônicas nas profundezas das montanhas. Salas de testes com plantas lutando para existir.

Canto controladamente, com precisão, mas sinto como se houvesse alguma coisa errada comigo. É a mesma sensação de quando Dai e eu por acidente cantamos juntos aquela onda, sem controle.

Posso senti-lo atrás de mim, sentir suas notas guiando minha canção, mas elas parecem mais fortes do que deveriam. As minhas soam retesadas e agudas.

No fundo do complexo, no mais baixo daqueles andares clandestinos, por trás de portas trancadas vigiadas por câmeras agora rachando com o frio, há salas de sementes e plantas secretas. Há um andar inteiro delas. Mal consigo enxergá-las.

Não esperava isso. Uma câmara cheia de raízes bebês se movendo em vasos. Raízes de mandrágoras. Um cordeiro vegetal. Abóboras alimentadas por gotas de sangue. Isso tudo e mais.

ALI. O que estou procurando: as epífitas magonianas. As plantas do mito. São tão reais quanto Magônia.

Os afogados as esconderam.

A voz vacila mais uma vez, mas Milekt, Svilken e Dai estão ali, cantando para mim, cantando com força para dentro de mim e me forçando a não parar.

As plantas estão flutuando. Flutuam como algas. Suas folhas são compridas e prateadas. As raízes são torcidas. Estão enraizadas — em nada.

Plantações perdidas de Magônia, ainda crescendo em pleno ar. São tão bonitas que mal consigo acreditar no que estou vendo.

O gancho mergulha diretamente nas salas das plantações dos afogados. A tripulação se move rapidamente, girando o gancho. Ele oscila em meio à sala de plantas aéreas, girando como se preso num redemoinho, e pega uma, duas, mais delas com suas presas.

— Tragam-nas para cima — grita Zal.

A tripulação puxa a corda da polia, e ela começa a subir, erguendo as plantas, que se sacodem até se soltarem do ar ao qual estavam presas. Começam a subir em meio ao cofre.

Só precisamos de uma certa quantidade para começar uma plantação. Isso vai mudar tudo.

Está quase acabando. Conseguimos as epífitas. Podemos pegá-las e partir. Não me dou conta de como estava com medo até a sensação de alívio começar a tomar conta de mim.

Está feito, penso. Consegui. Ainda estou cantando, mas menos do que antes.

Olho para Zal em busca de permissão para terminar, mas não está olhando na minha direção.

— Agora — diz ela a Dai. — Está na hora.

Há uma certa fome e raiva em seu tom de voz que me faz congelar.

De repente, sinto alguma coisa estranha no ar. Um zumbido ao longe, uma espécie de som. Levanto a cabeça para olhar em volta, mas não vejo nada, apenas neblina e nuvens. Baleias-tempestade.

O que está acontecendo?

Posso decifrar a expressão no rosto de Dai. Ele dá um passo para longe de mim, mas ainda sinto seu calor, o conforto dele ao meu lado. Em seguida, ele e Svilken juntam sua canção inteiramente à minha, no volume máximo. Nossa canção se inflama, derramando-se de mim.

É como se um alarme tivesse sido disparado. A necessidade de cantar é esmagadora. É a única coisa que existe.

As notas de Dai explodem contra mim. É demais. Muito mais do que sou capaz de lidar. Não tenho controle. Tento silenciar minhas cordas vocais.

Não consigo, descubro. Não consigo.

Há um poder transbordando de mim, mas me sinto impotente. Estou sendo usada como uma ferramenta pelas mãos de outra pessoa.

Grito, e o grito é minha canção. As notas de Dai estão na minha garganta e rugindo nos meus ouvidos. Em um só instante, a canção muda.

E o que eles — o que *nós* estamos cantando é *Enchente*.

Este não era o plano. O plano era pegar as sementes. As plantas. Mas as ilhas começam a se partir em pedaços. A água do mar avança.

O gelo glacial colide contra a margem da ilha. A entrada do repositório treme com força. O gelo que fiz das pedras da colina está se despedaçando, transformando-se em água e começando a jorrar.

Zal para atrás de mim.

— Teremos nossa vingança, Aza Ray, sobre todos que nos prejudicaram, e sobre todos que a machucaram. Afogue-os. Livre a Terra deles. Quando a inundação recuar, começaremos de novo com a verdadeira Magônia.

Pisco os olhos, mas não consigo parar. Minha boca continua aberta, e a voz voa para fora dela, como se eu fosse Caru; como se cada nota tivesse asas.

É isso que Zal quer, percebo. O que quisera desde o começo.

Abaixo de nós, a ilha de pedra está se transformando num oceano.

Enchente, canta Milekt agora, me traindo, agindo contra mim, e Dai canta gravemente com ele, em harmonia, focando as notas que Milekt canta em minha melodia sibilante.

Os corredores abaixo estão tremendo e derretendo, e, subitamente, de um deles, sai uma fileira de humanos uniformizados. Soldados correndo de algum lugar da construção, como formiguinhas, e o gancho do *Amina Pennarum* está elevando-se da água que criei a partir da antiga terra firme.

Não. Não era para ter pessoas aqui.

Desabitado, Zal havia me dito. Não era para isso acontecer...

A colina está sacudindo. Toda Spitsbergen está tentando virar água. Vejo homens correndo, e tento parar, mas a canção de Dai não deixa.

— Continue — ordena Zal a ele, e Dai parece tão aterrorizado quanto me sinto, mas continua cantando.

Enchente, grita Milekt, esse pequeno demônio de penas amarelas, e grito a canção com ele, impotente. *Afogue*.

Zal está me usando. Assim como Ley advertiu, e como Jik também o fizera. Sou tão escrava dela quanto os Rostrae. Enganei a mim mesma achando que era especial. Não tenho escolha.

Faço cálculos freneticamente, rapidamente. Algumas toneladas de matéria é tudo o que vai tomar. Uma ilha aqui, uma montanha ali, o nível dos mares vai subir, e a Terra será inundada.

A canção de Dai está dentro de mim, batendo junto ao meu coração, dentro de meus próprios pulmões, meu próprio corpo. Tento dizer não a ele, tento apelar para ele com o olhar.

Posso notar seu medo, mas ele é leal a Zal. Tinha me avisado que faria qualquer coisa que ela mandasse. Não sabia que era disso que estava falando.

Um novo som se mistura à nossa canção. Primeiro, um zumbido, mas rapidamente se torna um rugido ensurdecedor.

Descendo das nuvens, posso ver: algo enorme se movimentando pelo céu, cercado pelo vento. É tão grande que não consigo enxergá-lo na sua totalidade. Um redemoinho. Ah, Deus. Ah, meu Deus. Vejo nuvens rodopiando, com cordas pendendo delas.

Maganwetar.

Zal ladra:

— Subam as plantas imediatamente! A postos!

A polia roda para trás, e o restante da tripulação começa a enrolar cordas e correntes.

Do nada, estamos cercados pela cidade capital e suas fronteiras retorcidas. E ainda estou cantando com Milekt dentro do peito...

As epífitas estão subindo e...

Estou me perdendo. A canção está me cantando. Estou embriagada dela, e uma parte de mim diz que não me importo mais.

Vou afogar a todos, todos nós, cantar até que minha garganta arrebente, abrir o céu com minha canção, cantar até que tudo vire um abismo...

Outro ser humano sai correndo do repositório, lutando contra o vento e gritando em meio à escuridão. Está nevando e chovendo granizo, e estou encarando essa pessoa nessa pequena ilha de gelo, uma pequena pessoa vista de cima.

Estamos talvez a 6 metros de altura, pairando em meio à nossa canção, erguendo as plantas de volta; e o mundo está se transformando em água, e lágrimas estão caindo de meus olhos, de raiva e impotência e tristeza e desespero.

Ele está agitando os braços.

Não consigo vê-lo direito através da neblina e da enchente. Uma pessoa. Um afogado.

— Termine isso! — berra Zal. — Afogue-os!

Vejo o mundo que Zal quer. Um mar feito da terra. Um vislumbre de um navio num enorme mar, e um pássaro acima de tudo, um pássaro como Caru. E depois, mais nada. Vislumbro a inundação subindo e cobrindo o mundo todo. O mar cheio de corpos. Afogados.

Alguém grita de perto de mim. Alguém acima de nosso navio grita mais alto.

Uma âncora cai no nosso convés, vinda da gigantesca cidade acima de nós.

Flechas cortam o ar.

Durante todo esse tempo, Dai está cantando "Não pare", e estou cantando "*ENCHENTE*", enquanto o *Amina Pennarum* começa a tombar.

Lá embaixo, a enchente está subindo na direção da pessoa no chão. Ela se mexe, e a neblina se afasta dela, daquela uma pessoa, daquele afogado, com o rosto subitamente visível, e...

Uma lula gigante numa tela iluminada.
Um jacaré na minha festa de aniversário.
Um casaco para o hospital.
Juntos nos degraus da minha porta da frente.
JASON.

CAPÍTULO 26

{JASON}

Estou bem embaixo dela. Posso vê-la. Posso ver tudo, pelo menos de alguns em alguns segundos. É como uma conexão de internet que fica falhando.

Vejo um navio. Mais do que um navio. Vejo uma coisa tão louca lá no alto, tão alta no céu, bem acima de onde está o navio.

Tem uma cidade nas nuvens.

Em sua maior parte, escondida, algo enorme e pesado, com prédios com topos em espiral, e o vento os rodeando.

Estou vivo. Não achei que estaria. O raio me atingiu, deixando-me com três queimaduras: uma em cada mão, e outra no meio das costas.

Quando abri os olhos, o coveiro estava debruçado sobre mim, dizendo: "Meu filho, você foi atingido. Preciso reanimar seu coração?"

"Acho que meu coração está batendo, obrigado", respondi.

E então meu coração parou.

Ele fez massagem cardíaca em mim.

Fiquei no hospital a semana seguinte inteira. Fiquei basicamente inconsciente durante quatro dias, com todo mundo surtando ao meu redor. Quando finalmente acordei, meu corpo doía como se tivesse levado uma surra de uma gangue de gigantes, e tinha longas queimaduras vermelhas descendo pelos braços

e pernas. Mas estava assustadoramente bem. Na verdade, me senti melhor do que jamais me sentira antes.

Relâmpago magoniano. Sei lá. Posso ver *coisas* agora, sem precisar de uma luneta.

O Sr. Grimm foi uma das primeiras pessoas a me visitar, perguntando sobre o raio, perguntando qual foi a sensação; mas não sabia o que contar a ele, então descrevi tudo. Ele ficou pálido. Me senti meio mal por ele. Provavelmente, pareci um maluco. Acho que supôs que eu estava delirando.

O bilhete que a não Aza me entregou, o que eu dera a Aza real, havia sumido.

Então, sabia para onde ela ia. E sabia para onde Aza iria.

Consequentemente, sabia para onde *eu* também estaria indo.

Aquilo me fez sair da cama, mesmo que tenha caído assim que meus pés tocaram o chão. Mas não havia versão alguma da minha vida na qual não daria um jeito de chegar em Svalbard.

Não queira saber como cheguei aqui, quanto custou nem como estou enormemente em apuros agora. Deixei um bilhete para Carol e Eve. Nunca irão me perdoar, exceto que me amam, então vão.

Escrevi que voltaria e que não precisavam se preocupar. Vou precisar explicar isso pelo resto da minha vida. Mas ei! Às vezes, você não tempo de explicar algumas coisas no momento em que estão acontecendo.

O fato de ter chegado aqui antes dela foi um milagre.

Documentos falsificados. Computador hackeado. Alegações de privilégios consulares. Pedi favores. Adquiri dívidas que vou passar o resto da minha vida pagando, e sou oficialmente o maior mala de todo o lado negro da internet neste momento, mas valeu a pena. Estou aqui. E ela também.

Posso vê-la ali, a cada poucos segundos: um vislumbre dela num traje de mergulho e capuz, no convés.

Aza não se parece consigo mesma, mas posso ouvir sua voz misturada à outras. Seria difícil não ouvir. Todo o resto são pássaros.

Há pássaros gritando por toda parte, mas, quando pisco, posso ver que não

são realmente pássaros, nada disso. Não mesmo.

Coisas meio pássaros, meio humanas. Algum tipo de híbrido.

Estou me forçando a não começar a sequência do *pi*, porque não posso. Preciso estar *aqui*.

Posso vê-la cercada por pessoas que não entendo — *"Aconteceu alguma coisa acima das nuvens que o homem até hoje jamais soube explicar"* —, e lá no céu, acima dela, está a cidade, baixando cordas na direção de seu navio. Ela está bem no meio de tudo.

Aza, Aza, Aza...!

Estou correndo de meu esconderijo para o espaço aberto, porque, caso me veja, não pode...

Ela pode. Continua cantando, e, à minha volta, tudo está trincando e se partindo. O mundo todo está se despedaçando.

É algum tipo de terremoto, algum tipo de desastre natural, e, de alguma forma, aquilo é causado pelo que está cantando. Sinto suas notas cravejando o gelo ao meu redor.

Há água jorrando de rochas onde não deveria haver, e um gancho subindo bem do meu lado, atravessando o chão, preso ao navio dela. Está fazendo nem sei quantos graus negativos. Seria irônico, meu cérebro me informa, congelar até a morte, logo depois de quase ser frito.

Grito seu nome. Ela não responde. Grito mais alto, mas agora o céu está repleto de navios, e algum tipo insano de batalha começa a acontecer.

Balas de canhão, flechas.

Eu vejo e, então, não vejo.

Pisco. Céu azul.

Pisco. Navio de batalha.

Pisco. Nuvens.

Pisco. Cidade de nuvem.

Pisco. Tubarões aéreos e baleias voadoras.

Agito os braços.

— AZA! — grito, e a água já está chegando aos meus tornozelos.

Olho para ela lá no alto e grito seu nome mais uma vez, e a vejo parada lá, congelada, olhando para baixo na minha direção, ainda cantando.

Não sei de nada. Não consigo compreender nada.

Exceto que Aza está aqui, e está viva. *Eu* talvez não permaneça vivo por muito mais tempo, mas talvez isso seja OK desde que... a primeira parte.

— AZA!

Estou chorando, mas minhas lágrimas estão congelando e não sei mais o que diabos estou fazendo aqui, porque ela está lá em cima, e eu estou aqui embaixo, e estou sem qualquer tipo de plano B.

—

3,14159265358979323846264338327950288419716939937510582097494459230781

— grito como se fosse mágica, como se *pi* fosse o bastante para trazê-la aqui para baixo.

O mais rápido que consigo, grito aqueles números, os números básicos, agitando os braços freneticamente, e então, subitamente, ela para.

Ela me vê. Sinto aquilo acontecer. A ilha inteira treme. E algo vem voando rapidamente do céu acima dela.

CAPÍTULO 27

{AZA}

NÃO!! Cubro minha boca com as mãos, fechando-a à força, e Milekt está gritando dentro de meu pulmão.

É Jason! É JASON.

Vivo, vivo, vivo!

Cada nota que entoo faz o mar subir mais. Cada segundo que canto são dois séculos de mudanças climáticas. Interrompo minha canção.

Mas

Eu

Não

Estou

P

A

R

A

N

D

O

NÃO.

O mar está subindo

e a canção

está transbordando de mim.

POR QUE NÃO CONSIGO PARAR?!

Olho para Dai. Ele me olha de volta, e não demonstra pena. Zal e ele estão me fazendo dissolver o mundo, e não vou permitir. Não vou cantar para que o mundo seja inundado. Não vou perder Jason mais uma vez.

Mas estou cantando com mais intensidade que nunca.

Estou olhando para Jason lá embaixo. Vou afogá-lo. Vou afogar a todos, e Dai está a meu lado, ampliando minha voz, e Zal está gritando para mim, e Milekt está dentro do meu peito quando tudo...

Para.

Do ar acima de mim, vem um grito como o que só ouvi vindo de uma coisa antes; uma ópera avariada, uma doçura tão alta e brilhante que dói, discordante e feroz; desolação e amor entrelaçados numa canção.

CARU.

Ele vem descendo, com penas pretas e asas vermelhas. Não pousa: Caru paira no ar ao meu lado, e há luta por toda minha volta, navios e flechas e eu...

— CANTE — grita Caru. — CANTE AGORA.

Inspiro profundamente da garrafa de ar magoniano e bato com força no meu próprio peito.

— Não vai fazer isso! — protesta Milekt. — Ela é minha!

Caru urra de volta para Milekt:

— Ela nunca foi sua!

Abro a portinha em meu peito, eu a abro para expor o pulmão nu ao frio, e lá está o espinho amarelo-vivo dentro dele, gritando esganiçadamente para mim.

— Este é meu ninho! — silva Milekt, e em seguida tenta me forçar à voltar a cantar a inundação, mas não consegue, porque agora vejo Caru.

Caru, que é leal. Caru, que não é de ninguém.

— Ela escolhe — canta. — Eu escolho.

Caru, pássaro-coração, escolhe a mim.

Ele se ergue da sombra do navio onde tem voado, ficando quieto a despeito de sua própria natureza.

Agarro o pequenino corpo dourado de Milekt, com seu bico aberto gritando.

— Traidora! — berra, e o faço sair de meu peito, onde havia cravado suas garras.

Arranco-o, então fecho a porta. O pássaro amarelo me olha fixamente, com os olhos refletindo como tinta.

— TRAIDORA!

Mas não sou eu a traidora.

Lanço-o no ar, e ele fica ali, em choque e com raiva.

Caru estava ali o tempo todo. Ouvi partes de sua canção. Está aqui para cantar comigo.

Agora, sei disso: ele ficou aqui por mim.

— Ela afogaria a Terra — guincha Caru. — Mataria a todos. Mataria o mundo. Afogaria as plantações e as árvores.

Caru enfia o bico na minha mão e cutuca o anel em meu dedo. Zal está tentando agarrá-lo, mas ele desvia, olha para trás e guincha para ela também. Ao nosso redor, magonianos e Rostrae gritam, morrendo. Há Sopros descendo do alto.

Svilken saiu do peito de Dai e está mergulhando em investida contra o falcão. Zal está mirando alguma coisa em Caru, e consigo ver o que é. Ela vai atirar nele com seu arco e flecha.

Olho para Jason, aquela pequena silhueta contra o gelo. Posso escutá-lo ainda gritando, escutar sua voz, e sei o que está dizendo. Conheço aquele número. É infinito.

Como {(( ))}. Não tem fim.

Eu me conheço.

Sei o que fazer.

Abro a porta em meu peito de novo e coloco o anel de Caru no espaço vazio.

Escuto Milekt dar um grito horrível. Ele estremece e cai no convés aos meus pés. Uno-me a Caru.

Pássaro-coração.

Canto.

Separados, mas juntos. Por escolha, a dele e a minha. Escolhemos um ao outro.

Há um grande tremor, e tudo começa a mudar. Caru olha para mim, e eu para ele.

Somos mais fortes juntos, sei disso; mais do que qualquer outra coisa. Mais ferozes do que tudo. Ele é as duas coisas, Terra e Magônia, e eu também.

Caru dá um salto pelo ar, com aqueles enormes olhos amarelos e as asas abertas. Sobe e paira no vento acima de mim, mantendo as asas esticadas para os lados. Seu bico se abre, e ele guincha uma coisa que muda o céu à nossa volta. Abro a boca e acompanho a voz dele com a minha, e nossas notas se entrelaçam.

Sinto o céu inteiro reagir. Não é como era como Milekt, ou até mesmo com Dai. Caru e eu: nós dois somos uma coisa só. A voz de Caru sai de minha boca, e a minha da dele.

Caru e eu cantamos ondas de certeza. Estrelas se acendem no céu com nosso som e caem arqueadas em ambos os lados. Minha voz está ficando mais forte, assim como a de Caru. Um sonar agudo, cantando, cantando, cantando.

O mundo está sendo inundado. Fiz isso por Zal. Desfaço-o por mim.

Tudo está transbordando, a água bate contra o cofre, e Caru canta com minha voz, mudando-a de volta, forçando-me de volta para mim mesma e tornando-me capaz de cantar minha própria canção.

Descantamos a enchente. Caru e eu retornamos toda a água a seu estado natural, transformando-a de volta em rocha.

— Para cima! Puxem o barco para cima! — Zal está gritando comandos para nossos Rostrae, mas eles a estão ignorando.

Vejo Jik. Suas límpidas asas azuis estão visíveis, e seu rosto é metade humano. Ela tem uma altura entre a média das duas espécies. Está cantando conosco, e, enquanto assisto, as correntes ao redor de suas garras e tornozelos se

despedaçam. Ela mesma está fazendo aquilo. É sua própria canção, ampliada, quebrando seja lá qual for o feitiço que controlava a tripulação, destruindo alguma coisa. *Operando de dentro.*

Vejo Wedda a seu lado. Wedda, que sempre foi leal a Zal, empoleirada num mastro. Ela também abre as asas. Vejo suas correntes soltarem-se sozinhas e caírem no convés, reluzindo.

Olho para o morcego-vela e vejo as asas fechadas em solidariedade. Ele não vai erguer o navio por Zal. Não vai salvá-la.

Remontamos a Terra.

Instantes atrás, Spitsbergen era só água. Ela treme, como se fosse de vergonha, e volta a ser pedra de novo. As ondas erguem-se e congelam-se em formas terrenas; a água fica opaca; a ilha fica sólida.

Agora, o gancho com as epífitas está apenas alguns metros debaixo da superfície. E se desse as plantas a Zal? Consertaria um antigo erro entre a Terra e Magônia.

Mas minha canção com Caru não é controlável. A Terra está se fechando, e, enquanto penso naquilo, ela se lacra acima das plantas, prendendo-as em meio à rocha: as plantas aéreas e os últimos centímetros de corda do *Amina Pennarum*.

A corda ligada a nossa polia fica subitamente presa ao chão de Svalbard. As urgentes ondas barulhentas não estão mais içando plantações. Em vez disso, estão puxando o navio para baixo, na direção da superfície da Terra.

Damos um solavanco com força. A tripulação grita e cambaleia. A frenética voz de Dai para quando escorrega pelo convés. O navio muda de direção, dá um tranco e cai, e a tripulação está tentando cortar a corda, mas é tarde demais, perdemos o controle. Estou segurando-me ao navio, mas não tenho medo.

Nossa canção é forte o bastante para que Caru e eu possamos voar se precisarmos. Sequer preciso tentar. Sei que é verdade.

Agora, faço o que uma parte minha sempre soube que devia ter feito. Este não é um navio escravo, não mais. Os Rostrae estão livres. Eles mesmos se libertaram, mas o morcego-vela ainda está preso.

Uso minha canção com Caru para cortar os fios que prendem o morcego-vela do *Amina Pennarum* à embarcação. Liberto-o. Ele canta uma nota aguda para mim, *vagalume*, e parte em seguida, com as asas se estendendo contra o vento.

Observo a tripulação de Rostrae se transformar por completo, subitamente enchendo o céu de penas. Wedda, uma coruja novamente, exibindo uma envergadura impressionante. Jik, azul vibrante, subindo. Beija-flores. A águia.

Em seguida, solto os canwr escravos, e o céu fica cheio de dourado com todos os irmãos e alunos de Milekt voando do navio como partículas do sol.

Voar, gorjeiam.

Magonianos caem do céu no meio do mar. Arfam e tremem, e a água leva parte da tripulação.

Damos uma guinada para baixo, e, finalmente, com uma pancada barulhenta na água e um choque como o de um terremoto, o *Amina Pennarum* cai no oceano. No oceano de verdade, não o céu no qual temos navegado. Naufragamos na costa de Spitsbergen.

CAPÍTULO 28

{AZA}

Demoro um segundo para me recompor após o impacto. Estou cercada de pedaços de madeira. Magonianos estão ofegando e gritando, engasgando e chorando com o ar pesado da Terra. Sequer olho para eles, apenas levanto-me com rapidez.

Preciso achar Jason.

Debruço-me acima da balaustrada e salto alguns metros até uma rocha. Tomo ar magoniano de minha garrafa.

Zal desembarca atrás de mim e, em seguida, para na minha frente sobre o gelo: uma mulher furiosa, uma mãe aos berros, essa guerreira, minha capitã. Contudo, aqui embaixo não é tão forte quanto eu. Estou acostumada com a Terra. Sei como caminhar aqui. Sei como sobreviver com menos do que preciso.

O jogo mudou. Não sou mais a filha subserviente. Não sou a mesma garota que subiu a bordo do *Amina Pennarum*, assustada e frágil.

Zal tenta atingir meu rosto, tentando pegar minha garrafa para si mesma. Eu a empurro, e ela cai de costas.

Milekt voa na minha direção e paira a meu lado, gritando de raiva, enquanto Sopros descem de Maganwetar até o *Amina Pennarum* e capturam Zal.

Zal grita e revida, mas não tem poder sobre eles. Ela não tem canção. Está se

esforçando para respirar, mas não desiste fácil. Canto para que suas armas se paralisem.

Espero até que tentem me capturar também. Não permitirei.

Canto uma curta nota de advertência, e Caru a ecoa.

O Sopro na minha frente ergue uma das mãos. Não é Heyward. Este é um Sopro que jamais vi antes. Encara-me por um tempo, então se volta para Zal. Não vão me levar. Não sei por quê, mas não vão.

A nota que cantei com Caru fica ecoando pelo ar, e à toda minha volta, tudo está imóvel. Proteção. Força.

Em um segundo, ele se vai, levando Zal para o navio de comando magoniano. Zal se balança no ar, de cabeça para baixo, debatendo-se como uma baleia encalhada, sufocando com o ar. Assim como o fazem, um a um, todos da sua tripulação.

— Traidora — grita Zal, enquanto é erguida.

Dai é puxado logo em seguida, inconsciente por causa da queda. Meu coração fica apertado, e meus olhos se enchem de lágrimas, vendo-o todo amarrado. Ainda estamos ligados, nosso laço não se partiu. Nem um pouco. Apesar de não termos escolhido um ao outro, fomos feitos para cantar juntos, não importa o que aconteça.

Não acho que este seja o fim de Dai e eu.

Não acho que seja tão sortuda assim.

Vejo Milekt pousar nele enquanto sobe, como um dardo de ouro em seu ombro, abandonado por mim. Dai agora tem dois pássaros, um em cada ombro, um para cada pulmão. Milekt chilreia enlouquecido, olhando para mim enquanto sobe.

— Cortou o laço — grita.

Sinto uma culpa terrível e torturante. Dei fim à nossa ligação. Precisei fazê-lo.

Esqueça, Aza. Nada disso importa mais.

Corro pela neve, através da paisagem inclinada.

Empurro a porta de entrada do repositório com Caru atrás de mim, e está

escuro, ainda sem ninguém. Onde está? Foi embora? Como poderia?

Não. Escuto passos. Ele tropeça em alguma coisa e grunhe.

— Ai.

O mais singelo som e me faz recobrar os sentidos.

Não estou pronta para isso. Não sou a Aza que ele conhecia. Eu pareço...

Eu pareço um...

Sinto o estômago se revirando. Minhas pernas ficam dormentes, a língua se embola na boca, todo meu corpo entra em colapso e arde com essa sensação louca de estar caindo de um lugar tão alto que não tem fim. Sinto tudo cair — cometa meteoro paraquedas sem asas — nele.

— Aza — diz Jason, e sinto-o andando em minha direção. — Sei que está aí.

Sou magoniana. Ele é humano. Não há nenhuma versão aceitável disso. Não posso ficar na Terra. Não posso deixá-lo me ver. Não desse jeito.

— Saia dessa ilha — advirto, mesmo que isso faça meu coração se partir. — Saia daqui.

— Aza Ray, sabe como foi difícil chegar aqui? Estou descumprindo leis de talvez cinco países diferentes. Você quase me matou. *Eles* quase me mataram. E os noruegueses acham que sou um estudante curioso e ligeiramente burro numa viagem a Longyearbyen.

Estou sorrindo por dentro do capuz, porque isso é clássico de Jason. Ele está vivo. Ele é real. Mas eu não sou mais Aza. Não faço ideia de quem seja.

— E para chegar a Longyearbyen, basicamente precisei subornar Deus.

Há um silêncio.

— O aeroporto fica a menos de um quilômetro de distância — continua. — Se suas roupas forem quentes o suficiente, podemos ir a pé. Tinha uma barraca comigo, mas acho que ela afundou. Onde a água... você sabe. Estava.

Não respondo nada.

— Volte para casa comigo — sussurra. — Está um gelo aqui. Seja lá o que esteja fazendo, não precisa fazer sozinha.

Caru canta em nossa voz, essa aterrorizante voz-grito, essa voz de não-há-

nada-dentro-de-meu-coração, e transformamos o chão em água por um instante, porque estamos com medo, admito, admito. Jason arregala os olhos e tropeça, mergulha o pé na água e, então, se recupera.

Não posso ficar com ele, não posso ficar com ele. Caru canta um som agudo horrível, um grito de desespero e agonia, e Jason cobre as orelhas de dor. Caru continua cantando com minha boca.

Jason está tossindo, mas levanta o olhar novamente, e agora vejo seu rosto. A ruga entre suas sobrancelhas está agora mais profunda do que antes. Ele remexe o bolso e saca tampões de ouvidos.

— Idiota — diz. — Realmente acha que vou embora sem você? Acha mesmo que vou voltar ao meu colapso nervoso? A recitar *pi* durante três semanas? A falar durante o sono?

Ele endireita as costas, molhado até as coxas da água que, após escorrer dele, se torna concreta novamente. Não parece estar nem aí.

Caru aumenta a voz, *Saia saia saia vá vá vá afogado*, mas para em seguida, porque não consigo parar de chorar.

Jason está na minha frente. Algumas coisas mudaram nele. Assim como algumas coisas mudaram em mim.

Não não não. Ele é humano. Fico lembrando a mim mesma de que eu não sou. Mas, ah, meu Deus, ah, meu Deus, meu coração. Meu coração é como o de um humano.

— Vai ter que me matar se quiser que eu vá embora — avisa Jason. — Não vou deixar você aqui.

— Achei que já tinha morrido — confesso.

Ele não diz nada por um minuto.

— Então estamos quites — afirma, por fim, e, em seguida, sua voz falha com um soluço apenas ligeiramente abafado.

Saio de trás da pilastra. Completamente coberta. Estou usando as roupas que tive que usar para cumprir a missão de Zal. Um uniforme todo fechado para me manter a salvo de oxigênio em excesso. Roupas de emergência de guerra. Apenas

meus olhos estão visíveis.

Ninguém além de mim conseguiria perceber que está com medo. Ninguém além de mim jamais viu Jason Kerwin chorar.

— Não vou a lugar algum — insiste. — Pode continuar tentando me fazer partir, mas não vai funcionar. Vim buscar você. Não vou embora sem você.

— *Aza se foi* — cantarolo.

Jason me olha calmamente, então dá um passo na minha direção.

— Palhaçada — responde.

Dou um passo para trás.

Ele avança um passo. Recuo um passo.

De novo.

Parede de rocha atrás de mim.

Mas.

Vou deixá-lo.

Mas.

Ele estende a mão, e, como se não fosse nada, como se nem percebesse que isso é uma questão, encosta-a no capuz de meu uniforme e abre o zíper, tirando a cobertura de meu rosto.

Meu cabelo é revelado em meio ao ar gelado. Ele se torce e se mexe na direção de Jason, como se estivesse tentando morder suas mãos. Minha pele arde de eletricidade, como faíscas de uma tempestade; oxigênio demais.

Não consigo respirar assim por muito mais tempo.

Estou aqui, na frente dele: magoniana.

Jason nem se abala.

Tento mais uma vez. Este corpo, esta pessoa, esta pele, este rosto, estes olhos vermelhos e dourados, a verdadeira e bizarra versão da garota que um dia conheceu. Ele está olhando para mim, para meu louco cabelo de Medusa, para os dedos demasiadamente longos e tudo diferente do que era, e devo parecer horrorosa para ele.

— Entendeu agora? Não sou a Aza — bufo sem fôlego. — Não sou quem

pensa que sou.

E então Jason Kerwin dá mais um rápido passo a frente e...

Está me beijando.

Estou nos seus braços. Seus lábios humanos. Minha boca magoniana. E o clima daquilo tudo, uma tempestade estourando cada vez mais forte, um vasto e quente pedaço de sol e de sensação de pertencimento vindo do céu. Estou brilhando daquilo; sua pele, as pontas de meus dedos, seu queixo e...

Ele se afasta um pouco de mim, e paramos de nos beijar por um instante.

— Aza Ray — diz—, você é incapaz de me assustar.

Ele me respira, e eu o respiro, e, quando expiramos, o ar congela entre nós dois e cai. Neve.

Estou trêmula e sinto-me estúpida, e, por um segundo penso que não vou saber o que fazer, mas então, sei.

Tomo seu rosto nas mãos e o beijo até que *ele* não consiga mais respirar. Mantenho os olhos abertos. Ele também. Não olhamos um para o outro há tempo demais. Tipo, há nossas vidas inteiras.

De verdade, agora.

Sem mais parênteses. Sem mais colchetes.

Posso ouvir novos sons vindos lá de fora. Máquinas, aviões, helicópteros. Seja lá o que fizemos, as pessoas estão prestes a saber de tudo.

— Está tudo bem. Me planejei para algo assim.

Olho para Jason, e lembro-me de como, mesmo que saiba como ele é, sempre o subestimo. Ele sorri para mim.

Cambaleio pelo casco tombado do *Amina Pennarum*, cantando por camuflagem o tempo todo. Sei que não tenho muito tempo. Nunca vão deixar estes restos ficarem aqui.

Corro o mais rápido que posso por corredores que um dia conheci, por redes emboladas e cordas torcidas, e encontro as peles que Dai pegou do navio dos Sopros. Está escuro e cheio de fumaça ali, e escuto um chiado vindo de não muito longe, um cheiro forte de ozônio, mas, mesmo assim, tiro meu uniforme e

pego a pele mais próxima.

Abro o zíper da capa. Aproximo minha mão da pele quente, macia e frágil, e a toco. Sinto-a me tocar. Ela se envolve à minha volta, apertando, esmagando, moldando-se a mim, derretendo em mim, e dentro de meu corpo, sinto a vibração de Caru, questionando, do lado de fora do navio.

— Tudo bem — canto. — Calma.

E o sinto cantar de volta. Sinto em vez de escutar.

A pele se fecha, lisa, perfeita e nova, e visto minhas roupas de volta por cima dela e corro, corro com toda a força enquanto o navio colide ao meu redor.

Lanço-me por uma escotilha rumo ao gelo. Olho para o alto, mas Maganwetar não está mais lá. Os navios se foram. O céu e o solo estão livres de tudo, exceto por baleias-tempestades e objetos humanos, aviões na distância e carros atravessando a ilha. As pessoas estão chegando, correndo pela paisagem congelada.

Casualmente, vestida em meu uniforme magoniano, respirando com um pouco mais de facilidade com esses pulmões emprestados, eu e Jason caminhamos para longe do repositório.

Nos afastamos como dois adolescentes americanos numa excursão que viram algo que não deveriam ter visto, mas apenas meio que vimos, policial, porque saímos de fininho para fazer pegação.

CAPÍTULO 29

{JASON}

Preciso dizer umas mentiras e baboseiras seriamente épicas, e é aqui que ter um pouquinho de dinheiro vem a calhar, porque no final consigo nos enfiar num avião de volta para casa. Passaporte falso para ela. Eu disse épico, não disse? Sim. Heroico.

Ainda não estou totalmente recuperado do raio, e me sinto enjoado durante o voo todo. É estranho e aterrorizante estar num avião agora, depois disso tudo. Não sei se Aza pensa assim. Está tão exausta que está dormindo há nove horas. Posso ouvir um chiado familiar e entrecortado em sua respiração, mas é muito melhor do que tem direito a ser.

A pele que está usando agora é mais forte, uma nova versão da que tinha antes. Ela tem um pouco de tempo, espero, antes das coisas começarem a falhar.

A pele. Penso nisso. Não faz sentido. Aza tentou me explicar, mas finalmente desistiu depois de dizer que era uma combinação de camuflagem com traje de mergulho. Pedi para que parasse, porque não estava fazendo sentido algum, e ela respondeu: *Está bem, Jason. É mágica. Não posso ajudá-lo. Também não entendo.*

Lembro-me daquela noite em que Aza e eu assistimos à lula gigante; a criatura que também parecia fato e fantasia, realidade e imaginação. Naquele dia, éramos descomplicados. Isto é, não éramos, mas relativamente éramos, comparados a

hoje. Até mesmo aquilo é algo que nunca mais vamos ter.

Não estou obcecando.

OK, tudo bem, estou obcecando.

Obcecando como em: isso não vai dar certo, isso não pode dar certo, o que vai acontecer conosco?

Como em, talvez ela não seja mais quem era, talvez eu não seja mais quem era, talvez nada disso esteja certo.

Como em, talvez ela morra de novo. Talvez seja pior da próxima vez, exceto que desta próxima vez vai estar realmente morta.

Obcecado. Preocupado. Ataque de pânico reprimido por respiração controlada e um comprimido e uma pequena, pequena dose de *pi*. Shh. Aza está dormindo e não percebe, e eu estou no banheiro do avião, tentando não desmoronar agora, depois de todas essas semanas que consegui passar ferventemente *não* desmoronando.

Isso é completamente insano. Foi amor à primeira vista. E agora ela está aqui comigo, e estou aqui com ela, e o céu inteiro está cheio de gente furiosa que quer vê-la morta.

E ela vai ficar aqui embaixo? Pode fazer isso?

Não importa. Não consigo imaginar um universo no qual eu tente deixar de amá-la. E se um dia ela me olhar e disser: quero voltar lá para cima?

E se eu for uma âncora, um empecilho, a prendendo a rochas?

Isso não é mais somente Jason e Aza. Não sou mais eu correndo contra a morte para salvá-la. Somos nós dois correndo contra o impossível.

Penso nas minhas mães. Penso em como houve um momento em que pensaram que nunca poderiam ficar juntas. Suas famílias em pânico. Duas mulheres? Nenhum homem? E ficaram juntas assim mesmo. Minha certidão de nascimento tem o nome das duas, e fizeram nem-sei-o-quê para conseguir isso.

Foram corajosas. Não posso ser menos corajoso do que elas foram.

Mas até mesmo Eve teria medo do que vimos em Svalbard. E talvez da garota a meu lado.

No começo do voo, vi uma formação de gansos passando por nosso avião, indo na direção contrária, e Aza também os viu, então encostou o rosto na janela.

— Está bem?

— Estou.

Sua mão também estava contra o vidro, como se os estivesse cumprimentando. O ar pareceu arenoso. Depois de um instante, os gansos passaram pelo avião, e ela relaxou.

— O que acabou de acontecer?

— Não tenho certeza do que estavam fazendo — respondeu, olhando para mim em seguida com uma expressão meio envergonhada neste novo rosto com o qual ainda estou me acostumando. — Achei que poderiam estar vindo atrás de nós.

— Explique — pedi.

— Estamos passando por perto de um navio magoniano. Os gansos estavam em formação ao redor do casco. Não sei como conseguimos sair de lá. Não sei como nos deixaram ir.

Fico olhando para ela. Também não sei. Conversamos sobre tudo. Heyward. O navio no ar. Esse Dai, seu *parceiro*.

Ela explicou. Não foi uma explicação legal, ouvindo-a descrever como se sentia atraída como um ímã por ele. Comparamos dados sobre tudo o que aconteceu no último mês e meio, e, ainda assim, ficaram lacunas.

Não há nada nos noticiários sobre o que acabou de acontecer no repositório. Tenho pesquisado durante todo o voo. Sobre a invasão no cofre de sementes, o enorme terremoto: nada.

O que significa que, por baixo dos panos, *todo mundo* está surtando. Isso só pode ter resultado num incidente internacional.

Certifico-me de que Aza está dormindo, e então pego o cartão de visita que me deram antes da decolagem em Longyearbyen.

Ela estava no banheiro. Um cara veio até mim, de terno preto e óculos escuros, uma palavra, um cartão, e sumiu. Toda hora quase conto a ela, mas

desisto, sobre o agente que disse apenas “Obrigado”.

Agora, fico imaginando há quanto tempo o FBI está me seguindo. Chego sempre à conclusão de que Aza não precisa saber. Talvez, ninguém precise saber.

Se fosse eles, não me contrataria. Sei mais do que devia. Acho que se estivesse no lugar deles, mandaria me matarem.

Olho mais uma vez para Aza, dormindo ao meu lado. Escuto sua respiração. Estamos voltando para casa, mas quem sabe quanto tempo vamos conseguir ficar lá.

Nesta pele, Aza parece uma nova pessoa. Mas não é. Ela ainda é cem por cento Aza. Exemplo: quando entramos no avião, ela me olhou e disse:

— O que está olhando?

— Você — respondi.

— Não vá se acostumando. Acho que essa pele vai se desintegrar. Vai ser lindo. Vou parecer um cadáver em decomposição, e então vamos ver se ainda vai querer segurar a minha mão.

O que não é verdade. Ela vai ficar cada vez mais azul, e vai ter cada vez mais dificuldade em respirar, e, com o tempo, o que aconteceu antes vai acontecer de novo. E ainda vou querer segurar sua mão. Estamos apenas cruzando os dedos para que essa versão seja melhor do que a que tinha antes.

Ela tem cabelos pretos presos numa trança, e a pele escura. O corpo é igual, pois a pele encolhe para servir, mas, tirando as mudanças mais óbvias, considerando que sei que ela é Aza, parece-se com Aza, a meu ver.

A mesma boca grande. Os mesmos olhos incríveis e estranhos. A voz é a voz de Aza. Suas palavras são as palavras de Aza.

Se lhe desse um pedaço de papel e uma tesoura, ela recortaria o formato do Empire State em três minutos. Se lhe perguntasse o que achava de qualquer coisa, ela imediatamente teria uma opinião, independentemente de estar incrivelmente errada ou não; nunca hesitaria em me dizer o que pensa. Ela sempre foi assim. Ainda é.

— Por quanto tempo dormi?

— O voo inteiro.

— Ainda estou viva?

— É claro que está.

— Porque parece um sonho, estar voltando para cá.

— Vamos fazer isso dar certo.

Queria acreditar em mim mesmo. Fui o Rei da Certeza durante todo o tempo em que a conheci, mas estava fingindo a respeito de um monte de coisas. Estou fingindo agora mesmo. Não sei de nada. Sinto-me quebrado e confuso, com medo e convencido de que estou prestes a vê-la sendo fuzilada pela segurança do aeroporto.

Aza me beija antes de sairmos do avião, tão intensamente que tenho certeza de que todo mundo na aeronave fica vermelho, e eu também fico. Isso não me impede de pegá-la no colo e carregá-la até o aeroporto, passando pelo limiar que separa este país no ar e nossa casa.

Todos riem, todos à nossa volta. Acham que somos fofos. Talvez nos achem um pouco melosos demais.

As pessoas realmente, incrivelmente, acham que somos dois adolescentes normais, apaixonados. E, por um momento, somos mesmo.

CAPÍTULO 30

{AZA}

Estou esperando encontrar um buraco onde ficava minha casa. Minha família, extinta. Todos extintos. Ou então, cercados pela polícia, por Sopros, por alguém esperando que eu apareça para me capturar e me prender, num navio ou numa cela, dá no mesmo. Meu bairro me parece estranho. Não há céu ao nosso redor. Nem neve. Nem gelo. O solo é estável.

Viro a esquina na direção de meu endereço, esperando retaliação. Maganwetar sabe de onde vim. Zal sabe para onde estou indo. Fatalmente, tem alguém à minha caça.

Exceto por aquele Sopro, deliberadamente me deixando ir. Devia estar cumprindo ordens de alguém. De quem? Me faz pensar se talvez, *talvez*, tenhamos algum tempo. Se os governantes de Magônia me querem aqui embaixo por algum motivo. Não sei. Não consigo entender.

Não sou o que deveria ser. Sou ilegal. Alienígena. Em todos os sentidos da palavra. Minha mãe é uma assassina, uma criminosa, e provavelmente está presa em Magônia. Talvez eu também seja uma assassina e criminosa. Fico pensando sobre meu pai. Sequer tenho um? Ninguém nunca me falou. Como é que nunca perguntei?

Minha rua está quieta, mas não quieta demais. Há alguns pássaros, mas

nenhum deles está falando. Tudo que estão fazendo é cantar.

O céu está claro. O sol brilha. Não há nada lá no alto sugerindo que alguém saiba que estou aqui. Poderia quase (se fosse louca) esquecer Magônia.

Nem mesmo uma brisa. Está frio, mas não tanto quanto em Svalbard.

E ali — ali está minha casa. Na minha frente, de verdade. Porta da frente amarela. Carro azul na garagem. Uma lateral amassada.

É o amassado que me faz começar a chorar. Talvez nada disso tenha acontecido. Talvez esteja apenas voltando de um dia na escola, saindo do carro de Jason, provavelmente um pouco sem ar. Normal. Exceto pelo fato de que Jason está a meu lado, segurando minha mão, e isso nunca teria acontecido antes disso tudo. Não havia uma versão oficial de Jason e eu antes.

Há um rasgo na gola de sua camisa, e ele tem um risco de sujeira no rosto. Tenho vontade de rir, porque um risquinho? Depois de tudo? Apenas um risco?

O mundo não acabou, entretanto, e aqui estamos.

Olho para Jason. Posso sentir seus dedos apertando os meus. Posso sentir seu coração batendo pela pulsação de seu polegar.

— O que acha? — pergunta, como se já não soubesse.

— Meus pais estão em casa — respondo.

— Está pronta?

— Nem um pouco.

— Talvez devêssemos entrar pela garagem.

— Talvez devêssemos entrar voando — sugiro, o que quase me faz soluçar. Motivos óbvios. Vieram perdas com isso. Grandes.

Não tenho um plano. Para qual outro lugar do mundo eu iria que não minha casa? Casa. Casa, não. Casa.

Dou meia volta e começo a andar na direção oposta. Não. Não posso ver meus pais, não assim. Olhe para mim. Não sou eu...

— Já ouviu falar — diz Jason, com a voz tão tensa quanto a minha, falando aceleradamente; um sinal definitivo de ansiedade mal disfarçada — sobre o Efeito Granzfeld?

— Não — respondo.

Estou ouvindo, mas não parando de andar. Não vai me seduzir com factoides. Aperto o passo.

— É o cérebro aumentando o ruído neural para procurar a falta de sinais. Por exemplo, se você olha para um céu límpido e azul sem contexto, começa a alucinar. Fique olhando fixamente para a neve por tempo demais e começará a enxergar cidades.

— Não é isso que Magônia é — interrompo, irritada por poder sugerir remotamente uma coisa dessas depois de tudo o que vimos.

— Estudiosos de Pitágoras costumavam entrar em cavernas escuras e ficar nelas para provocar esse efeito. Sabedoria vinda do nada. Astronautas relatam ver a mesma coisa. Assim como exploradores do Ártico.

Sinto seus dedos entrelaçando nos meus. Ele não para de falar enquanto caminha. Não vai deixar que me safe dessa.

— Prisioneiros em solitárias. Existe um termo para essa versão: cinema dos detentos. Cores nas margens da noite, figuras e formas. Algumas pessoas pensam que as pinturas nas cavernas de Lascaux foram feitas no escuro, alguém pintando o que estava vendo quando não havia nada mais para ver. Mãos, dedos mergulhados em pigmento, pintando no breu absoluto, pintando visões. Você só as via se ficasse lá dentro por tempo suficiente, olhando fixamente.

Encaro Jason. Ele também me encara agora.

— Ninguém sabe o real motivo do cérebro ter essas visões. Ele quer ver alguma coisa. Todas essas coisas lindas vieram do nada. Assim como você. Seu país no céu é a coisa mais linda que já vi. Acredito em você. Eu vi. Vejo ainda, pedaços dele.

Jason aponta para cima. Há um pequeno barquinho navegando, atravessando rapidamente o céu.

— Até mesmo pessoas que nunca viram um milagre podem acreditar em milagres, Aza. Mesmo pessoas que nunca viram a luz, pessoas que foram mantidas no escuro, pessoas que ficaram cegas. Mesmo essas pessoas podem

imaginar coisas fantásticas. Acredito em você. Sua família também vai acreditar.

— Mas eu não sou eu mesma — digo a ele.

— Você É você. — Fazemos uma pausa. — Além disso, Aza, também estou com medo.

— Está? — Isso faz com que me sinta estranhamente melhor.

— Sim. Mas pelo menos não estamos com medo um do outro.

Olho de novo para ele.

— Tem certeza?

Ele hesita por um pouco de tempo demais.

— Não. Isto é, eu não sou totalmente não assustador. Talvez você tenha medo de mim.

Sorrio para ele.

— Tenho muito, muito medo de você.

Voltamos a caminhar até minha casa.

Penso no dia do qual não me lembro, o dia em que cheguei aqui quinze anos antes, recém-nascida e uma ninguém, colocada numa cama que não era minha, num corpo que não era meu, com a intenção de morrer, e sobrevivendo por causa das pessoas que me mantiveram a salvo sem nem saber quem eu era. Que trabalharam tanto para manter algo quebrado funcionando. Que me amaram.

Penso em minha mãe, aparentemente indo até meu quarto com uma seringa cheia de seu soro, ou foi o que Jason me contou, e o que ela tinha na hora? Medo e nenhuma pista do que estava acontecendo. Achava que eu era humana. Achava que eu estava morrendo de uma coisa que ninguém compreendia. Então, ensinou a si mesma a entender. Inventou um remédio para mim, o aplicou na minha corrente sanguínea e esperou. Quando ninguém mais pôde me ajudar, ela me deu tudo o que tinha.

Por causa dela, estou aqui.

Posso sentir meu peito estremecendo.

Estar em casa é melhor que respirar, digo a mim mesma.

Toco a campainha. E estão vindo pelo corredor. Posso ouvi-los, meu pai,

passos, de sapatos, mesmo que não devesse estar, e minha mãe murmurando para ele.

Jason está meio que se balançando no mesmo lugar, como se pudesse estar prestes a sair correndo, como se fossemos um tipo diferente de casal a caminho do baile de formatura.

De repente, penso que nada de ruim pode acontecer novamente, o que não é inteligente, Aza, nada inteligente, mas não ligo.

A porta se abre.

São meus pais.

Preciso me conter para não assustá-los chorando, uma estranha caindo em prantos. Mas, sem dúvida alguma, faço algum tipo de barulho. E eles {???} e eu {&,&,&}, e eles me olham como se não me conhecessem, o que faz sentido, mas parece errado como tudo de errado que já existiu no mundo então digo:

— Mãe?

Ela não me reconhece. Estou completamente diferente. Sabia que isso ia acontecer, mas não estou pronta para isso. Dói.

— O quê? — pergunta. — O que foi que disse?

— Nada.

Percebo que estou pronta para recuar e sair correndo daqui, como uma covarde. Ninguém vai me reconhecer aqui. Nem meus pais. Ninguém.

Começo a gaguejar e a balbuciar, e Jason dá um passo para a frente.

— Oi, pessoal — começa. — Isso vai parecer estranho, mas me escutem.

— Oi, Jason — responde minha mãe. — Está tudo bem? Não parece muito bem. Quer que eu ligue para Carol? Soube o que aconteceu.

— Um relâmpago. Não recomendo. Estou, na maior parte, bem.

Sinto uma palpitação no peito. Caru, acima de mim, está numa árvore abrindo suas asas. Escuto uma canção dentro de mim: ele está cantando para me confortar.

— Jason — diz meu pai, e posso perceber que está tentando sorrir, mas está ao mesmo tempo surpreso ao ver Jason com alguém que não seja eu. — Quem é

esta?

— Esta é...

Levanto uma das mãos para ajeitar o cabelo. Não me pareço com quem era antes. Eles não têm como saber.

— Oi — consigo dizer, sussurrando. — É bom ver vocês.

Eli desce correndo as escadas atrás de meus pais e freia subitamente.

— Opa — exclama. — Ouvi sua voz e, por um segundo, eu... — Ela me olha mais de perto, então franze o cenho. Confusa. — Jason?

Meus pais agora estão me olhando atentamente. É a voz. Esqueci. É a mesma voz. Minha voz pertence a mim.

— Quem é você? — insiste meu pai. — Não acho que...

— Eu não sei eu não sei eu não sei — diz minha mãe, com a voz ficando cada vez mais alta.

— Isso não tem graça — diz meu pai.

— Não — acalma-os Jason. — Não estou tentando fazer graça. Ela precisa mostrar uma coisa a vocês, está bem?

Minha mãe me olha fixamente. Meu pai está chorando. Quase não consigo suportar.

Jason me dá um pedaço de papel e uma caneta.

— Está bem? — pergunta. — É isso que vai fazer. Sabe o que tem que fazer.

— Esta é uma lista com pedidos de desculpas — começo, apenas um pouco mais alto do que o estritamente necessário.

Apoio o papel na parede e começo a escrever. Sei na letra de quem estou escrevendo. Ela não mudou. Há todas essas coisas que não mudam, nunca, não importa o que aconteça.

— Sinto muito — continuo. — Por não saber o que vocês eram. Todas as vezes em que fizemos coisas normais. Todas as vezes em que entraram no meu quarto quando estava com medo e me disseram que me amavam.

— Espere — pede minha mãe. — O que é isso? Jason? Isso não é nada legal...

— Sinto muito — continuo para meu pai — por fazer você ir tantas vezes à

minha escola para me buscar na diretoria. Sinto muito por não agradecer quando segurava os dedos de meus pés nas vezes em que eu fazia ressonância magnética, afirmando que não estava com medo. Eu estava com medo. Você me fez sentir menos medo. Disse que iria lutar com o Garibaldo por mim.

A expressão no rosto do meu pai é de alguém em ruínas. Ele solta um soluço engasgado.

— Sinto muito por você ser tão ruim em cambalhotas e ter machucado a coluna tentando provar que era melhor.

Ele resfolega subitamente e me olha, o rosto mudando.

— Sinto muito ter morrido quando estava comigo, e por não ter conseguido evitar que eu morresse. Não foi culpa sua. Posso explicar.

Olho para Eli.

— Sinto muito por...

— Pare — pede ela, e me olha penetrantemente. — Não precisa. Posso ver você aí dentro, Aza.

— Nunca sequer entreguei uma lista de Eu Te Amo de verdade para você — consigo dizer, porque estou quase chorando a essa altura. — Muito menos uma lista de desculpas de verdade. Coloquei um monte de besteiras na sua lista, e nada das coisas que importavam.

Eli olha para mim.

— Além disso, você me subestimou — fala, e em seguida sorri um sorriso típico de Eli. — Eu percebo tudo.

— Do que estão falando?

Minha mãe. Eu a observo. Seu rabo de cavalo loiro-acinzentado. Seu rosto. Os olhos brilhando, enlouquecidos.

— Sinto muito — digo. — Por não ver você. Não sabia quanta sorte eu tinha. Você trabalhava até tarde, e eu dormia até tarde. Nunca nos víamos. Eu sacaneava seus ratos de guerra. Disse que nada do que fazia adiantava. Reclamava. Bati o carro na garagem duas vezes e fingi que tinha sido você com sua bicicleta. A última coisa que me disse foi ao telefone, quando eu estava na

ambulância, e falou que estava tudo bem se eu precisasse ir.

Os cantos de sua boca tremem.

Como se pode provar que não está morta? Como se prova que está viva, quando toda a sua família a viu morta? Como se prova até mesmo que é humana, depois de tudo isso, depois de tudo que aconteceu, e de tudo que provavelmente ainda vai acontecer? Não sei como se prova isso. Só sei que é preciso ter fé nas pessoas.

Minha família me rodeia. Há um momento de não saber, de não amar e de não ligar.

Então, minha irmã estica os braços. Meu pai faz o mesmo. E, finalmente, minha mãe. Posso ouvir Caru chiando da árvore em frente à porta de casa. Estendo minhas mãos para eles e me atiro nos seus braços. Jason fica de fora por um instante, e, em seguida, o puxo para junto de nós, e ficamos assim

( )

tipo [[[[[[[[[[ ]]]]]]]]]]

tipo

C A S A

A S

S A

A S A C

Dure o que durar.

Eles virão atrás de mim. Zal não morreu. Magônia não acabou. E Dai; há a questão com Dai. Há Heyward e os Sopros. Há todo um mundo de encrenca lá fora.

Mas, neste momento, Jason, eu e minha família estamos nos abraçando, todos nós nesta casa.

Seja lá quanto tempo me resta? Aceito-o. Sinto meu estranho e belo pássaro em meu peito, e o mundo sem enchentes ao meu redor.

Aza Ray, humana e não humana, magoniana e não magoniana, Aza Ray cuja história é feita de hospitais, e cujo futuro é mais interessante que seu passado.

Aza Ray, nascida no céu. Aza Ray, que ama um menino da Terra.

Se tiver que voar, ele vai voar comigo. Se tiver que navegar, ele estará no meu navio. Entrelaço meus dedos com os de Jason. Seguro sua mão com força.

Inspiro. Expiro.

AGRADECIMENTOS

A Magônia retratada neste livro é, na sua maior parte, invenção minha, mas a base histórica é precisa. No departamento de fonte e inspiração, preciso agradecer enfaticamente Miceal Ross, autor do ótimo trabalho sobre âncoras amarrando a Terra, o céu e o mar uns aos outros *Anchors in the Three Decker World*, que foi onde vi Magônia ser mencionada pela primeira vez. A pesquisa que Jason e Aza fazem sobre *Os anais de Ulster* etc. é real. Há muito mais material por aí também, incluindo as passagens escritas por Jacob Grimm e outras pelo folclorista do século XIX Charles Leland, muitas vezes lidando com bruxaria, com o tempo e plantações. Daí para este livro foi um pequeno passo.

Minha gratidão à minha agente na Gernert Company, Stephanie Cabot, assim como a Ellen Goodson, Will Roberts, Seth Fishman e Sarah Burnes por mais conselhos e ideias. Sally Willcox da CAA, por suas anotações e viagens intrépidas.

Na HarperCollins, minha editora, Kristen Pettit, por ver a totalidade do céu magoniano na primeira versão de olhos arregalados do manuscrito, e por insistir em mais tubarões-tempestade e batalhas maiores. Sou tremendamente grata por *Magônia* ter ido parar em suas mãos. Elizabeth Lynch, assistente de edição, por mais observações inteligentes e toda a espetacular equipe da Harper: Susan Katz, Kate Morgan Jackson, Jen Klonsky, Alexei Esikoff, Veronica Ambose, Charles Annis, Alison Klapthor, Barb Fitzsimmons, Christina Colangelo, Elizabeth Ward, Gina Rizzo, Alison Donalty e Craig Shields pela linda arte da capa.

Também da Harper, Rosemary Brosnan, com quem trabalhei em *Unnatural Creatures*, minha primeira experiência na editora. Em outros lugares do mundo editorial, a excelente Kathy Dawson, que me deu um feedback adiantado e generoso, e melhorou muito este livro.

As primeiras leitoras Kat Howard e Molly Headley, cujas sugestões tornaram os monstros melhores, e as canções, mais fortes. John Joseph Adams, Sarah Alden, Libba Bray, Mark Bemesderfer, Nathan Dunbar, Kelley Eskridge & Nicola Griffith, Neil Gaiman, Barry Goldblatt, Liz Gorinsky, Mark Headley & Meghan Koch, Adriane Headley, Ben Loory, Sarah McCarry, Francesca Myman, Sxip Shirey, Jared Shurin, Nova Ren Suma, Michael Damian Thomas, Lynne Thomas & Christie Yant pelo entusiasmo, torcida e empatia de mundo literário, que definitivamente me mantiveram escrevendo este livro mesmo enquanto eu rangia os dentes. Meus queridos Zay Amsbury, Jess Benko & Kate Czajkowski, pelas aclamações, risadas e por salvar a minha vida tarde da noite, muitas das quais entraram nesta história. Timothy & Kira Don, por me deixarem morar na sua casa e escutar seu jardim de pássaros. Patrick Farrell, por me ajudar a passar por tempestades com graciosidade e conforto. Meus filhos, Sarah Schenkkan e Joshua Schenkkan, que não tiveram esse livro escrito para eles quando eram pequenos, mas que definitivamente me ensinaram como escrevê-lo. Meu querido amigo e companheiro viajante Matthew Power, que morreu quando eu estava terminando este livro, e cujo espírito aventureiro está nele todo. Sinto falta de toda sua imensidão.

Finamente, China Miéville, que nunca me deixa agradecê-lo, e sem cuja imaginação, intelecto e pura genialidade, grandes partes deste livro não existiriam. Ele foi mais generoso comigo do que possivelmente posso retribuir nesta vida, rabiscando edições, anotações e sugestões brilhantes em cada esboço desde as primeiras páginas até a décima enlouquecida versão, avaliando falhas no enredo e as analisando em ferozes planilhas, trazendo-me tesouros de esquisitices dos próprios cofres, enviando-me bestiários obscuros, dissertações sobre aves canoras, e lindas canetas-tinteiro feitas para canhotos. Ele sempre me

faz sentir tão sortuda em estar viva e escrevendo a seu lado que mal consigo suportar.

Sou mais do que sortuda em ter companheiros de bordo tão extraordinários.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Magônia

Site da autora:
http://www.mariadahvanaheadley.com/

Wikipédia da autora:
https://en.wikipedia.org/wiki/Maria_Dahvana_Headley

Twitter da autora:
https://twitter.com/mariadahvana

Goodreads da autora:
http://www.goodreads.com/author/show/144323.Maria_Dahvana_Headley

Goodreads do livro:
http://www.goodreads.com/book/show/21393526-magonia

Skoob da autora:
https://www.skoob.com.br/autor/9016-maria-dahvana-headley

Skoob do livro:
https://www.skoob.com.br/magonia-595210ed596519.html